



**LUIZ ERNESTO GUIMARÃES**

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:  
RELIGIÃO E POLÍTICA NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA - PR**

MARÍLIA  
2017

LUIZ ERNESTO GUIMARÃES

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:  
RELIGIÃO E POLÍTICA NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA - PR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga

MARÍLIA  
2017

Guimarães, Luiz Ernesto.

G963t Teologia da Libertação e Renovação Carismática Católica: religião e política na arquidiocese de Londrina - PR / Luiz Ernesto Guimarães. – Marília, 2017.  
218 f. ; 30 cm.

Orientador: Antônio Mendes da Costa Braga.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

Bibliografia: f. 209-216

1. Religião e política – Londrina (PR). 2. Renovação Carismática Católica. 3. Teologia da libertação. I. Título.

CDD 261.7

LUIZ ERNESTO GUIMARÃES

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:  
RELIGIÃO E POLÍTICA NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA - PR**

Tese para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.

BANCA EXAMINADORA

Coorientador: \_\_\_\_\_  
Andreas Hofbauer, doutor em Antropologia Social – Unesp-Marília

2ª Examinadora: \_\_\_\_\_  
Christina de Rezende Rubim, doutora em Ciências Sociais – Unesp-Marília

3º Examinador: \_\_\_\_\_  
Paulo Eduardo Teixeira, doutor em História Econômica – Unesp-Marília

4ª Examinadora: \_\_\_\_\_  
Brenda Maribel Carranza Dávila, doutora em Ciências Sociais – PUC-Campinas

5º Examinador: \_\_\_\_\_  
Fabio Lanza, doutor em Ciências Sociais – UEL

Marília, 07 de março de 2017.

*Ao sr. Homero,  
que nos deixou precocemente  
após lutar bravamente contra o câncer.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Claude Lepine (*in memoriam*) por ter aceitado orientar este trabalho de doutorado. Infelizmente, não tive a oportunidade de lhe conhecer pessoalmente.

Ao professor Dr. Antônio Braga, que prontamente aceitou a orientação após o falecimento da professora Claude Lepine. Agradeço sua disponibilidade e ajuda nesses anos de pesquisa.

Ao professor Dr. Andreas Hofbauer, que se dispôs a ajudar na coorientação deste trabalho, diante da viagem do meu orientador para a realização do Pós-Doutorado no exterior, no último ano da pesquisa.

À Carol, minha esposa, pela compreensão e apoio durante esses anos de estudo que exigiu muito tempo, além das ausências por motivo das constantes viagens. Chegar a esse momento deve-se em muito sua ajuda.

Ao professor Dr. Fabio Lanza, meu orientador na graduação e no mestrado na UEL, cujo incentivo foi fundamental. Enxergou caminhos que eu não vi. À sua esposa, professora Dra. Líria Bettiol, que também participou desse processo, desde a graduação.

Aos meus pais e minha irmã, que mesmo de longe sempre me incentivaram nos estudos.

Ao Carlos Eduardo Machado que me ajudou em procedimentos administrativos quando não podia estar em Marília, além da acolhida em seu apartamento quando precisei.

Ao James Feitosa, por me apresentar o *campus* e alguns servidores dos quais teria contato durante o doutorado.

Aos servidores(as) da pós-graduação pela orientação em questões administrativas.

Aos membros da banca de qualificação, prof. Dr. Andreas Hofbauer e prof. Dr. Paulo Eduardo Teixeira, que contribuíram significativamente para a conclusão deste trabalho.

Aos padres Altair e Dirceu, que me receberam prontamente, concedendo esclarecimentos e entrevista gravada. À Jéssica, Anderson e Jocimar, lideranças da Renovação Carismática, por contribuírem com o desenvolvimento deste trabalho e pela acolhida nos grupos de oração Anjos da Paz e Caminhando com Maria. Aos leigos, que prefiro não identificar para não esquecer nenhum, foram solícitos e hospitaleiros durante o trabalho de campo.

Aos professores do departamento de Ciências Sociais da UEL que sempre me apoiaram. Tive a oportunidade de aprofundar a reflexão sobre certos aspectos da pesquisa com alguns deles.

Ao Marcelo, amigo de longa data. Em momento de indecisão na época do vestibular, há mais de dez anos, ajudou na escolha acertada pelo curso de Ciências Sociais.

## RESUMO

Este trabalho analisa a relação entre religião e política na Arquidiocese de Londrina – PR, especialmente em dois setores do catolicismo que vêm recebendo visibilidade significativa nas últimas décadas: a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Teologia da Libertação. Considerados antagônicos por muitos pesquisadores, o presente estudo analisa como a esfera política se manifesta em alguns eventos desenvolvidos no interior desses segmentos, bem como, a compreensão por membros do clero e também dos fieis sobre o tema. A contribuição de Victor Turner sobre os rituais permite observar como em momentos diferenciados da vida religiosa alguns aspectos do cotidiano se apresentam – a política em especial. A abordagem da prática de Sherry Ortner também é parte do referencial teórico-metodológico deste trabalho, ao fazer a mediação entre agência e estrutura nos atores pesquisados. Com esse objetivo, são destacados os seguintes eventos: a romaria da terra, a missa afro, a celebração Zumbi dos Palmares e dois grupos de oração da Renovação Carismática: o Anjos da Paz e o Caminhando com Maria. Dentre as dezenas de paróquias que compõem a Arquidiocese de Londrina, o trabalho de campo foi realizado principalmente na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, que possui atividades sob o viés desses dois segmentos católicos. A pesquisa também analisa a presença da religião na Câmara Municipal de Londrina ao destacar dois vereadores: Douglas Carvalho Pereira (PTB), carismático, e Lenir de Assis (PT), alinhada à Teologia da Libertação. Dessa forma, é possível perceber como a adesão religiosa possibilita posicionamentos distintos nesse importante espaço político da cidade. Adoto a observação participante como técnica de pesquisa, realizando entrevistas com roteiro semiestruturado e transcritas posteriormente. Conversas informais, pesquisa em documentos e sítios oficiais, jornais locais e redes sociais da Internet também foram importantes fontes no processo de levantamento de dados. Conclui-se que nos eventos organizados a partir desses dois setores católicos há participação estrita de fieis ligados ao seu próprio grupo, embora haja a tentativa do arcebispo na participação conjunta por meio das Santas Missões Populares, projeto de sua própria autoria. Se a participação nas missas e programações oficiais do calendário católico na paróquia há a presença de fieis desses dois segmentos, nos eventos promovidos por cada um deles há evidente separação, sendo a política um importante elemento que explica tal distanciamento. Ambos a expressam em seus ritos, porém, de formas distintas, como demonstra a presente pesquisa.

Palavras-chave: Religião e política; Catolicismos; Londrina-PR; Rituais.

## ABSTRACT

This work analyzes the relationship between religion and politics in the Archdiocese of Londrina - PR, especially in two sectors of Catholicism that have received significant visibility in recent decades: Catholic Charismatic Renewal (CCR) and Liberation Theology. Considered as antagonistic by many researchers, the present study analyzes how the political sphere manifests itself in some events developed within these segments, as well as, the understanding by members of the clergy and also of the faithful on the subject. Victor Turner's contribution to the rituals allows us to observe how in different moments of the religious life some aspects of daily life present themselves - politics in particular. Sherry Ortner's approach to practice is also part of the theoretical-methodological framework of this paper, when mediating between agency and structure in the actors surveyed. To this end, the following events are highlighted: the earthly pilgrimage, the Afro Mass, the Zumbi of Palmares celebration and two prayer groups of the Charismatic Renewal: the Angels of Peace and the Walking with Mary. Among the dozens of parishes that comprise the Archdiocese of Londrina, the fieldwork was carried out mainly in the parish of Nossa Senhora dos Migrantes, which has activities under the bias of these two Catholic segments. The research also analyzes the presence of religion in the City Hall of Londrina by highlighting two city councilors: Douglas Carvalho Pereira (PTB), charismatic, and Lenir de Assis (PT), aligned with Liberation Theology. In this way, it is possible to perceive how religious adherence allows different positions in this important political space of the city. I adopt participant observation as a research technique, conducting interviews with semi-structured script and transcribed later. Informal conversations, research on official documents and websites, local newspapers and Internet social networks were also important sources in the data collection process. It is concluded that in the events organized from these two Catholic sectors there is a strict participation of faithful linked to their own group, although there is the archbishop's attempt at joint participation through the Holy People's Missions, a project of his own. If participation in Masses and official schedules of the Catholic calendar in the parish is attended by faithful of these two segments, in the events promoted by each of them there is evident separation, being the policy an important element that explains such detachment. Both express it in their rites, however, in different ways, as the present research demonstrates.

Keywords: Religion and politics; Catholicisms; Londrina-PR; Rituals.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da Arquidiocese de Londrina .....	24
Foto 1: Romaria da terra do Paraná – Congonhinhas-PR (2014) .....	55
Foto 2: Romaria da terra do Paraná – Timbó Grande-SC (2015).....	77
Foto 3: Grupo de oração da RCC – Caminhando com Maria (2015).....	101
Foto 4: Grupo de oração da RCC – Caminhando com Maria (2015) .....	102
Foto 5: Missa afro – paróquia Nossa Senhora dos Migrantes (2016).....	145
Foto 6: Missa afro – paróquia Nossa Senhora dos Migrantes (2016) .....	148
Foto 7: Missa afro – paróquia Nossa Senhora dos Migrantes (2016) .....	150

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA</b> .....	22
1.1. A Arquidiocese de Londrina.....	25
1.2. A paróquia Nossa Senhora dos Migrantes .....	31
1.3. A área pastoral ou Rede de Comunidades Madre Leônia .....	34
<b>2. A ROMARIA DA TERRA: UMA POLÍTICA DEVOÇÃO?</b> .....	42
2.1. A romaria da terra e a CPT.....	43
2.2. As romarias da terra do Paraná .....	47
2.3. A 28ª romaria da terra do Paraná.....	52
2.3.1. Os santos da romaria.....	60
2.3.2. Romaria da terra: lugar sagrado? .....	62
2.3.3. A partilha.....	65
2.3.4. A festa .....	68
2.4. A 23ª romaria da terra e da água de Santa Catarina.....	70
2.4.1. Religião contestada .....	71
<b>3. A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA</b> ..	83
3.1. O grupo Anjos da Paz .....	88
3.1.1. Os símbolos nos grupos carismáticos .....	95
3.1.2. O envolvimento sociopolítico.....	96
3.1.3. Lavando a bandeira do Brasil.....	101
3.2. O grupo de oração Caminhando com Maria .....	103
3.2.1. A novena “Em busca de justiça” e a Campanha da Fraternidade de 2015.....	108
3.2.2. Fé na política.....	113
3.3. Renovação Carismática: antiestrutura do catolicismo?.....	117
<b>4. A QUESTÃO RACIAL NO CATOLICISMO LONDRINENSE</b> .....	128
4.1. A Igreja Católica e o negro.....	129
4.2. O negro em Londrina .....	135
4.3. A missa afro .....	145
4.4. A celebração Zumbi dos Palmares .....	159
<b>5. PERFORMANCE NA CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA</b> .....	176
5.1. Douglas Carvalho Pereira – Tio Douglas .....	178

5.2. Lenir de Assis.....	181
5.3. A audiência pública – Campanha da Fraternidade de 2015 .....	182
5.4. O Plano Municipal de Educação e a questão de gênero .....	185
5.4.1. O Projeto de Lei 75/2015 .....	186
5.4.2. O dia 15 de junho: início do debate.....	187
5.4.3. A Sessão do dia 16 de junho.....	192
5.4.4. As reuniões na Câmara Municipal como rituais performáticos.....	199
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>203</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>209</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>217</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa no âmbito da Arquidiocese de Londrina a maneira como a esfera política é percebida e desenvolvida por fieis pertencentes a dois importantes setores do catolicismo: a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica – RCC. Diante da diversidade de segmentos existentes no interior da Igreja Católica, eles podem ser considerados os mais expressivos no contexto brasileiro das últimas décadas. Isso se revela nas pesquisas produzidas no campo das ciências humanas e sociais em que há uma expressiva produção sobre o tema. Demonstra, assim, sua relevância não apenas no interior da Igreja Católica, maior religião<sup>1</sup> do país, mas também na produção científica.

Nessas pesquisas há diversos olhares sobre esses grupos católicos, como a questão institucional, práticas religiosas, trânsito religioso, sociabilidade, mercado religioso, identidade, mídia e outros. No entanto, a dimensão política talvez seja um dos elementos que mais tem recebido atenção, resultando em compreensões distintas. A politização de fieis ligados à Teologia da Libertação tem sido destacada em vários trabalhos (MACEDO, 1986; PRANDI, 1992; CARRANZA, 1998b). Em sentido oposto, os carismáticos têm sido caracterizados como pessoas alheias à política<sup>2</sup> (MONTERO, 1994; OLIVEIRA, 1978; PRANDI, 1992; 1998). No entanto, há na literatura das ciências sociais relatos em que as fronteiras entre ambos os grupos não são essencialmente fixas, sendo a própria prática política suscetível a diversas interpretações dos atores, podendo contribuir para o distanciamento entre esses setores, mas também em alguns casos proporcionar a aproximação entre ambos (THEIJE, 2002; MARTINS, 2004).

No caso da política partidária, pesquisas recentes têm demonstrado o interesse de grupos carismáticos nesse setor, resultando no empenho em conquistar cadeiras no legislativo em todo o país (PROCÓPIO, 2014; REIS, 2016). Dessa maneira, assuntos de ordem privada são reforçados na esfera pública, ao defender alguns valores da Igreja

---

<sup>1</sup> Compartilho da noção de religião elaborada por Émile Durkeim: “quando certo número de coisas sagradas mantêm entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui religião” (DURKHEIM, 1989, p. 72). Isso não significa haver homogeneidade entre os crentes por meio de uma única forma de crença e rito. Há, ao contrário, certa autonomia por parte dos fieis, embora compartilhem da mesma religião.

<sup>2</sup> No processo de pesquisa de campo era frequente ouvir afirmações sobre o distanciamento dos carismáticos em relação à política: “eles só querem saber de orar”, ouvi de um fiel ligado à Teologia da Libertação.

Católica. A oposição à legalização do aborto<sup>3</sup> tem sido um dos principais esforços percebidos ultimamente (REIS, 2016). Já no discurso sociopolítico de fieis ligados à Teologia da Libertação demonstra certa aproximação aos partidos de esquerda (PROCÓPIO, 2014), entrando em conflito, muitas vezes, com interesses da Igreja Católica.

Diante da complexa relação entre religião e política presente nesses dois setores do catolicismo, pergunta-se: até que ponto essas concepções se confirmam? Esses grupos estão em lados opostos em relação à prática política? A política é um elemento que contribui para o distanciamento desses movimentos no interior do catolicismo? Existem aspectos convergentes entre eles?

Para responder a essas questões este trabalho busca compreender, a partir das práticas religiosas desenvolvidas por fieis desses dois segmentos católicos, como a participação política se apresenta em seu cotidiano.

No catolicismo brasileiro, a Teologia da Libertação e Renovação Carismática fazem parte de dois polos opostos, grosso modo associados à esquerda e direita respectivamente (PRANDI, 1998; VALLE, 2004). Esses dois segmentos têm recebido relevante destaque no campo católico a ponto de um dos principais teólogos do Brasil e América Latina declarar que “as duas correntes mais dinâmicas da Igreja hoje são a RCC e a Teologia da Libertação” (BOFF, 2000, p. 49).

É importante observar que ambos os segmentos se inspiram no Concílio Vaticano II (1962-1965), sendo resultado desse *aggiornamento*<sup>4</sup> da década de 1960, conforme explicita Reginaldo Prandi:

No Brasil e em outros países do Terceiro Mundo, a Igreja Católica acabou concebendo dois irmãos, antagônicos, que não poderiam conviver facilmente no mesmo espaço – as comunidades eclesiais de base da Teologia da Libertação e o movimento carismático -, cada um reivindicando a paternidade do Concílio Vaticano II só para si, ambos

---

<sup>3</sup> Em sua tese de doutorado, Andrea Damacena Martins destaca algumas semelhanças no posicionamento sobre o aborto entre católicos da libertação e carismáticos, seguindo o entendimento da Igreja Católica. “Os discursos que mais aproximam de uma orientação moderna, reconhecendo o direito de escolha do indivíduo, estão entre os católicos ligados ao catolicismo da libertação. Mas mesmo dentro desse universo religioso, a concordância com a prática do aborto não representa maioria” (MARTINS, 2004, p. 168). A imagem polarizada desses dois grupos é, portanto, desfeita.

<sup>4</sup> O termo italiano *aggiornamento* significa atualização. Nesse sentido, a Igreja propunha com o Concílio Vaticano II maior aproximação da religião católica com as questões presentes na sociedade moderna, adaptando-se às novas demandas dos fieis (CARRANZA, 1998). Mas é no ano de 1968, na Conferência de Medellín, que a Teologia da Libertação obteve sua formulação a partir dos problemas sociais presentes na América Latina.

buscando a legitimidade de ser filhos da grande reforma da Igreja no século XX (PRANDI, 1998, p. 30).

Além da identificação com o Concílio Vaticano II, os dois segmentos possuem o ideal de reforma da Igreja Católica, a partir de suas convicções sociorreligiosas. A proposta da RCC, bem como das derivações da Teologia da Libertação, vai para além de “movimentos” abrigados dentro da Igreja; ao contrário, o intuito é o de estabelecer um “novo jeito de ser Igreja” (SOUZA, 2000; MARIZ, 2003).

Ao contrário da Renovação Carismática, a Teologia da Libertação não possui em sua história uma organização sistematizada e estruturada hierarquicamente, com secretarias ao redor do mundo, sobretudo em Roma. É um movimento que abriga clérigos e leigos, sem, no entanto, denotar esferas de poder em relação uns aos outros, ao menos em um sentido burocrático. O leigo, na verdade, passou a ocupar um lugar que até então não era visto no catolicismo.

Em sentido oposto ao da RCC, a apresentação de seu carisma<sup>5</sup>, de modo sumário, não se institucionalizou, ou seja, não desenvolveu mecanismos com fins de estabelecer alguma forma de rotinização, permitindo sua permanência institucional<sup>6</sup>. O que se percebe são algumas pastorais, lideranças religiosas e leigos que desenvolvem práticas religiosas pautadas nas discussões estabelecidas pela Teologia da Libertação. Assim, o que se entende por Teologia da Libertação não obteve nos quadros da Igreja Católica desdobramentos em formas de burocratização. No entanto, isso pode ser percebido em algumas pastorais que desenvolveram ações a partir de pressupostos da Teologia da Libertação.

Nesse sentido, podemos destacar a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Comissão Indigenista Missionária (CIMI), a Pastoral da Juventude (PJ), a Pastoral Afro, além das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), embora esta última apesar de expressiva disseminação na América Latina, não obteve um grau de burocratização razoável. Houve, ao contrário, em diversas dioceses a cooptação desses grupos, transformando-os em Grupos Bíblicos de Reflexão (GBR). Nesse caso, a sua burocratização culminou com a

---

<sup>5</sup> Carisma é uma categoria nativa, que demonstra uma forma de expressar e viver a religiosidade católica. Assim, cada congregação, ordem, movimento possui seu próprio carisma. Há, dessa forma, o estabelecimento de distinção entre cada organização católica.

<sup>6</sup> Max Weber (1999) afirma que se não houver a burocratização do carisma em um grupo religioso, logo resultará em seu desaparecimento. Assim, a presença do carisma – força desreguladora – será passageira, se não houver o processo de rotinização.

perda de seu carisma inicial. Desse modo, as discussões políticas, participação em movimentos sociais e até mesmo em partidos políticos de esquerda, foram suprimidas nessas dioceses, resultando em práticas de cunho estritamente religioso, como leitura da Bíblia, cânticos e orações.

Embora não haja nesses organismos católicos vínculos diretos entre si, mesmo porque seu objeto de alcance possui certa especificidade, há um fio condutor que permeia tais movimentos e pastorais: a busca por mudanças sociais, principal característica encontrada nas propostas da Teologia da Libertação.

Alan Touraine (1989) vê nesse movimento do catolicismo latino-americano como um processo de desenvolvimento dessa instituição religiosa, em resposta aos problemas sociais das últimas décadas do século XX. Para o sociólogo francês, esse processo ganhou maior fôlego a partir do Concílio Vaticano II e, principalmente, com as conferências episcopais latino-americanas, primeiro em Medellín, 1968 e depois em Puebla, no ano de 1979. Para Touraine, a Igreja Católica “não defende mais incondicionalmente a propriedade privada e, sobretudo, abandona uma separação cômoda demais entre o religioso e o secular que lhe permitia manter-se à distância dos grandes problemas sociais” (TOURAINÉ, 1989, p. 122). Este sociólogo destaca o apoio dado à reforma agrária, especialmente no Equador e no Brasil. Neste último caso, houve forte aproximação de lideranças da Igreja com o MST, vindo a desvincular-se gradativamente.

Pela dimensão da Arquidiocese de Londrina o estudo concentrou-se em uma paróquia, por ser “a menor unidade organizacional da Igreja Católica, e dentro de suas fronteiras encontramos diversos representantes da instituição eclesiástica e muitas formas de organização leiga” (THEIJE, 2002, p. 29). Assim, parte significativa do trabalho foi desenvolvida no contexto da paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, limite entre as cidades de Cambé e Londrina, por haver grupos ligados a esses dois setores do catolicismo. No entanto, outras paróquias também são mencionadas neste trabalho, contribuindo para o cumprimento do objetivo proposto.

As formulações de práticas religiosas por lideranças e leigos desses dois grupos católicos, percebidos sob a forma de rituais, são fundamentais para pensar as diferenças e/ou aproximações em relação à política. Afinal, “os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989, p. 72). Assim, ao observar as experiências dos fieis em torno do

sagrado é possível apreender manifestações do profano<sup>7</sup>. O trabalho de campo junto a fiéis pertencentes a esses grupos distintos do catolicismo tornou possível o desenvolvimento desta pesquisa em que a política é o elemento central que perpassa ambos os movimentos.

Dessa maneira, o objetivo é dar prosseguimento a outros estudos já desenvolvidos sob essas vertentes católicas. Ao analisar o lugar que a política ocupa nesses dois grupos, permitirá melhor entendimento sobre possíveis aproximações e/ou distanciamentos entre eles, além da compreensão que esses atores possuem sobre as mudanças sociais e suas possibilidades de ação.

Foram muitas as abordagens realizadas no processo desta pesquisa. Estive em contato com diversos grupos, em várias ocasiões: participei de missas, celebrações, festas, comemorações, comunidades de base, grupos de oração, romarias, encontros de formação, treinamento de lideranças, além de algumas sessões na Câmara Municipal de Londrina, onde o viés religioso também se apresenta.

Realizei, também, análise em documentos oficiais da Arquidiocese de Londrina, da CNBB e do Vaticano, bem como informativos de algumas paróquias, especialmente da Nossa Senhora dos Migrantes, e da capela Santa Helena. Nesse sentido, Tim May afirma que “os documentos lidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais” (MAY, 2004, p. 205). Jornais locais, *sites* da internet e redes sociais também foram importantes fontes de informação do campo pesquisado.

A observação participante foi uma importante técnica de pesquisa utilizada como cumprimento dos objetivos deste trabalho. Conforme destaca Oracy Nogueira, a observação participante faz referência “à situação criada pelo investigador que, para poder observar certos aspectos da cultura e da organização social sob uma perspectiva

---

<sup>7</sup> A distinção entre sagrado e profano é o maior exemplo de categorias opostas uma a outra, segundo Durkheim (1989), superando a oposição entre o bem e o mal. Para o autor, “sagrado e profano foram sempre e por toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais não há nada comum” (DURKHEIM, 1989, p. 70). Todavia, esses dois mundos não estão totalmente imunes a interferências mútuas, como é o caso do monaquismo, em que se busca por meio da reclusão a negação do mundo secular e, conseqüentemente, a passagem para a esfera do sagrado. Observa ainda o autor que a relação entre sagrado e profano, além de ser algo delicado, exige certos cuidados no processo de transição, afetando de alguma maneira suas características iniciais: “os dois gêneros não podem se aproximar e conservar ao mesmo tempo sua natureza própria” (DURKHEIM, 1989, p. 72). A oposição que esses conceitos se encontram e as possíveis aproximações são úteis neste trabalho, pois ajudam a analisar melhor como o campo da política – em tese visto como profano – é percebido por fiéis desses dois segmentos católicos.

mais vantajosa para a pesquisa, premeditadamente assume uma posição e um papel no grupo a ser investigado” (NOGUEIRA, 1973, p. 92).

Realizei entrevistas com alguns fieis selecionados intencionalmente, conforme a necessidade de levantamento de dados que impunha o processo de investigação. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente. Conversas informais com diversos atores também contribuíram para a elaboração deste estudo. Alguns informantes foram extremamente valiosos, não apenas esclarecendo algumas dúvidas, ao explicar questões que não compreendia, como também por tornar possível o acesso a determinados locais e eventos.

O caderno de campo foi ferramenta indispensável no processo de investigação. Em algumas ocasiões, entretanto, a sua utilização poderia criar situações de constrangimento, afinal, com o passar do tempo alguns fieis tornaram-se amigos. Nesses casos, optei por fazer as anotações em momentos posteriores, sem, contudo, trazer prejuízo para esta pesquisa.

Durante os dois anos de pesquisa estive presente na 28<sup>a</sup> Romaria da Terra do Paraná em 2014 e na 23<sup>a</sup> Romaria da Terra de Santa Catarina em 2015. Participei também das celebrações Zumbi dos Palmares, em 2014 e 2015 e da celebração das águas em 2015. Acompanhei a missa afro realizada na paróquia dos Migrantes em 2015 e 2016. Estive presente em reuniões do grupo de oração Anjos da Paz, realizado na paróquia dos Migrantes. Para ampliar a análise sobre a RCC no contexto da Arquidiocese, participei também do maior grupo de oração da região: o Caminhando com Maria.

Além desses movimentos, celebrações e romarias, é também abordada a atuação de dois vereadores na Câmara Municipal de Londrina: Lenir de Assis (PT) e Tio Douglas (PTB). Embora ambos sejam católicos, este faz parte do grupo de oração Caminhando com Maria, da RCC, enquanto aquela possui ligação com as CEBs e a Teologia da Libertação. Por ser a Câmara Municipal um espaço privilegiado de debates políticos na cidade, a análise desses vereadores e sua pertença religiosa também é relevante nesta pesquisa sobre religião e política.

É importante destacar o contexto político do país nesses anos de estudo, o que favoreceu no processo de levantamento de dados e compreensão da temática. Durante o processo de pesquisa, entre 2014 e 2016, houve forte efervescência social e política no Brasil. As manifestações de junho de 2013, ano anterior ao início deste trabalho,

demonstrou a insatisfação de muitos brasileiros com a política no país, embora tenha se demonstrado algo multifacetado, por não estar ligado a partidos ou movimentos sociais organizados. A vitória apertada de Dilma Rousseff em 2014, sobre o candidato Aécio Neves (PSDB), em segundo turno, fez com que o senador mineiro levantasse diversas dúvidas sobre a legitimidade do pleito, chegando a pedir recontagem dos votos. Junto a isso, investigações da operação da Polícia Federal intitulada Lava Jato avançaram especialmente sobre lideranças petistas, contribuindo para desencadear diversos movimentos conservadores<sup>8</sup> favoráveis ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, o que veio a se confirmar no final de agosto de 2016, após votação no Senado.

Embora o *impeachment* esteja previsto na Constituição brasileira, o afastamento da presidente Dilma Rousseff ocorreu sem atender a dispositivos legais, vindo a ser um golpe de Estado. Diferente do que ocorreu em 1964, por meio dos militares e apoio de parte da sociedade civil, este teve como agente parte da mídia, do judiciário e de vários parlamentares, especialmente do PSDB, PMDB e DEM. Alguns setores da economia também foram responsáveis pelo golpe, em especial a FIESP, representando o empresariado. Seu escritório na Av. Paulista tornou-se um dos pontos de encontro de milhares de manifestantes, pertencentes essencialmente à classe média.

Houve, assim, o acirramento de posições nas mais variadas esferas da sociedade: pessoas contrárias ou favoráveis ao afastamento da presidente eleita em 2014, chegando a ocorrer casos de violência física e/ou simbólica em algumas cidades. Isso também repercutiu nos dois setores do catolicismo analisados neste trabalho.

A análise de alguns eventos a partir da teoria dos rituais permite a compreensão de elementos constitutivos da vida social, presentes nas diversas práticas religiosas observadas no trabalho etnográfico. “É quando se percebe que rituais e certos eventos etnográficos ampliam, acentuam, sublinham o que é comum em uma sociedade ou um grupo, trazendo, como consequência, o fato de que o instrumental analítico utilizado para o exame de rituais mostra, aí, sua serventia plena” (PEIRANO, 2006, p. 11). Ou seja, a partir dos eventos estudados neste trabalho é possível compreender como os atores evidenciam suas pertencas religiosas, além de questões presentes na vida cotidiana, que remetem ao campo da política.

---

<sup>8</sup> Os movimentos que mais se destacaram foram o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Pra Rua e Revoltados on-line.

Conforme destaca Mariza Peirano (2003), o estudo dos rituais enquanto eventos especiais e não cotidianos, revela a compreensão dos fieis sobre sua vida diária, seus problemas e tensões, que não se restringem à esfera religiosa apenas. Ou seja, “o que se encontra no ritual também está presente no dia a dia” (PEIRANO, 2003, p. 8).

Para a antropóloga brasileira os rituais “são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (PEIRANO, 2003, p. 8). Assim, o estudo desses rituais selecionados no contexto da Arquidiocese de Londrina, ligados à RCC ou à Teologia da Libertação, possibilita a compreensão do aspecto político presente nesses dois expressivos setores do catolicismo na atualidade.

O estudo dos rituais, além de revelar a estrutura religiosa do catolicismo na qual os fieis estão inseridos, é possível também perceber em suas ações maneiras de compreender a organização hierárquica da Igreja Católica, sem, contudo, ausentar-se de participar ativamente do processo de formulação desses rituais que, em última instância, revelam sua compreensão de mundo.

As análises sobre os rituais de Victor Turner, antropólogo britânico, permite situar os eventos analisados neste trabalho a partir da estrutura católica. Os conceitos de liminaridade e *communitas* permitem a análise de situações “fora das ou nas periferias da vida cotidiana” (TURNER, 2008, p. 42, 43). Ao ampliar as abordagens da antropologia estrutural-funcionalista que se concentra na harmonia e integração social, Turner lança o olhar sobre a antiestrutura por meio desses dois conceitos, inserindo os conflitos e tensões em sua análise, ressaltando o caráter dinâmico da vida social.

Soma-se a isso as contribuições de Sherry Ortner (2007; 2011) sobre a abordagem da prática, ao ampliar o debate sobre a dualidade entre estrutura e agência<sup>9</sup>. Nota-se não apenas a influência das estruturas eclesiais no cotidiano dos fieis, mas também a formulação e participação em eventos que nem sempre são disponibilizados pela Igreja oficial, como as missas. O conceito de agência, segundo a antropóloga estadunidense, busca “explicar o(s) vínculo(s) estabelecido(s) entre ação humana, por um lado, e alguma entidade global que poderíamos chamar de ‘sistema’, por outro”

---

<sup>9</sup> A abordagem da prática, como forma de superar a oposição entre estrutura e agência, recebeu contribuição de alguns autores, em especial Pierre Bourdieu, Marshal Sahlins e Anthony Giddens. “Cada um, a seu modo, conceitualizou as articulações entre as práticas de atores sociais ‘na vida concreta’ e as grandes ‘estruturas’ e ‘sistemas’ que exercem coerção sobre essas práticas e que, ao mesmo tempo e em última instância, podem ser transformadas por elas” (ORTNER, 2007, p. 20).

(ORTNER, 2011, p. 444). Sem se esquecer da estrutura que influencia as ações dos atores sociais, como o funcionalismo – marca da antropologia social britânica – Sherry Ortner também destaca a importância das ações dos indivíduos, suas subjetividades, negociando seus interesses próprios com aqueles vigentes na estrutura social, resultando muitas vezes em relações de poder.

Marjo de Theije compreende a abordagem da prática da seguinte maneira: “não é uma teoria no sentido estrito do termo. Tampouco oferece um modelo bem definido para se sobrepor à realidade e responder a todas as questões. É antes um conjunto de ferramentas analíticas com que se pode olhar o mundo” (THEIJE, 2002, p. 33). Dessa forma, a religião católica percebida enquanto sistema, ou estrutura, é interpelada pelas ações dos fiéis que dela fazem parte, sobretudo a adesão a determinados rituais, resultando em processos de escolhas carregados de valores e motivações.

No primeiro capítulo apresento o local onde a pesquisa foi desenvolvida, entre os anos de 2014 e 2016: a paróquia Nossa Senhora dos Migrantes e a área pastoral, pertencente à paróquia. Alguns atores<sup>10</sup> também são retratados, sobretudo o padre Altair, pároco da Migrantes, e o padre Dirceu, vigário paroquial<sup>11</sup>, responsável pela área pastoral, também chamada de Rede de Comunidades Madre Leônia. Ambos se alinham no viés da Teologia da Libertação, tornando-os responsáveis, juntamente com alguns leigos, pela formulação de alguns eventos estudados neste trabalho. Não obstante ao perfil desses padres considerados progressistas, há um grupo carismático nessa paróquia denominado Anjos da Paz, cujas reuniões diferem dos eventos elaborados por esses sacerdotes. Com o intuito de compreender a RCC na Arquidiocese, foi também realizado estudos no maior grupo de oração da cidade, o Caminhando com Maria, na paróquia Sagrados Corações, região central de Londrina.

No capítulo dois estudo a romaria da terra, organizada pela Comissão Pastoral da Terra, um dos organismos católicos onde há o desenvolvimento de ações no âmbito da reforma agrária, dos povos indígenas e quilombolas, da defesa da agricultura familiar, da conservação do meio ambiente etc. Desenvolvi pesquisa de campo na 28ª Romaria da

---

<sup>10</sup> Procuo manter o anonimato dos atores pesquisados, seja no uso de entrevistas ou conversas informais. No entanto, há casos em que isso não foi possível pela função ocupada na Arquidiocese de Londrina. Mesmo optando pelo uso de nomes fictícios suas identidades não seriam preservadas. Assim, mediante autorização, os nomes citados são todos verídicos.

<sup>11</sup> Na Igreja Católica o padre é o principal responsável por uma paróquia, enquanto o vigário paroquial exerce função de auxílio, de acordo com as designações do pároco.

Terra do Paraná, em 2014; e na 23<sup>a</sup> Romaria da Terra de Santa Catarina, em 2015, onde houve a presença de fiéis da paróquia dos Migrantes.

No terceiro capítulo analiso a presença da Renovação Carismática Católica na Arquidiocese. A pesquisa foi concentrada especialmente em dois grupos de oração: o grupo Anjos da Paz, da paróquia dos Migrantes, e o grupo Caminhando com Maria, da paróquia Sagrados Corações, região central de Londrina. É abordada a forma como a RCC vem se inserindo no campo da política nos últimos anos, bem como a compreensão sobre a mudança social nesse grupo católico.

No capítulo quatro é abordada a questão racial em dois eventos realizados na paróquia dos Migrantes: a missa afro e a celebração Zumbi dos Palmares. Embora cada um a seu modo, ambos buscam a partir de elementos das religiões afro-brasileiras, a elaboração de uma reflexão sobre o negro no Brasil, resultando no combate ao racismo e à discriminação.

Por fim, no último capítulo, com o mesmo objetivo de refletir sobre religião e política, a análise se concentra na Câmara Municipal de Londrina. É observado como a pertença religiosa contribui para o desenvolvimento de discursos e posicionamentos na Casa<sup>12</sup>. Dois vereadores da legislatura 2012 – 2016 foram selecionados por possuírem adesão aos dois movimentos investigados. Tio Douglas (PTB), ligado à RCC, e Lenir de Assis (PT), alinhada ao viés da Teologia da Libertação. As sessões que receberam o debate sobre o Plano Municipal de Educação (PME) foram as que mais contribuíram para perceber como religião e política se relacionam nesses dois segmentos católicos.

---

<sup>12</sup> É frequente os vereadores denominar a Câmara Municipal como *casa*, sendo, portanto, uma categoria nativa. Tatiane dos Santos Duarte (2012) em sua pesquisa sobre a bancada evangélica – Frente Parlamentar Evangélica – faz também essa observação. Em seu estudo, o termo *casa*, utilizado por políticos em Brasília, poderia se referir tanto à Câmara dos Deputados como também ao Congresso Nacional.

## **1. APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA**

Este capítulo tem como objetivo a apresentação do campo onde a pesquisa foi realizada: a Arquidiocese Católica Apostólica Romana de Londrina, Paraná, Brasil, entre os anos 2014 e 2016. Levando em conta este recorte de tempo e espaço, procura-se mostrar como alguns fieis católicos orientam suas ações em seu cotidiano a partir da adesão religiosa. Aborda-se especificamente dois setores do catolicismo londrinense: o da Teologia da Libertação e o da Renovação Carismática Católica.

O objetivo é evidenciar como o aspecto político é compreendido por fieis que ocupam lugares diferentes do catolicismo, mas que ao mesmo tempo vivenciam problemas sociais e econômicos semelhantes, no âmbito da igreja, do bairro, da cidade ou mesmo do país. A partir desse campo de pesquisa busca-se analisar a seguinte questão: tais movimentos estão diametralmente em lados opostos ou há situações que possibilite algum tipo de aproximação entre eles?

Enquanto a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática são movimentos considerados antagônicos, Marjo de Theije (2002) em sua pesquisa sobre o catolicismo liberacionista em Garanhuns - PE constatou a existência de vínculos entre fieis ligados aos setores progressistas com os carismáticos, percebendo que em alguns momentos chegaram a compartilhar as mesmas ações, inclusive políticas, a favor da comunidade na qual estavam inseridos.

No início deste trabalho havia a hipótese de encontrar fronteiras fixas entre ambos os grupos ou até mesmo conflitos. No entanto, em uma das primeiras idas a campo em um treinamento da Pastoral da Juventude, um jovem seminarista comentou: “eu gosto de participar dos dois: tanto da Renovação quanto da Teologia da Libertação”. Embora tal posicionamento não represente a todos fieis, é possível perceber inicialmente que a oposição entre esses setores católicos não são muito fixas, podendo haver situações de complementaridade. Sendo assim, não se faz necessário pertencer a um ou a outro grupo exclusivamente: pode participar de ambos, sem problema algum. Ou seja, Teologia da Libertação e Renovação Carismática não se excluem, mas se complementam, analisando o posicionamento desse jovem. Há outros atores religiosos que também corroboram nesse sentido. Certa ocasião, uma mulher envolvida há bastante tempo nas CEBs, confessou: “vejo até que foi necessário a Renovação ter surgido; a Igreja estava realmente precisando disso”.

Há também quem veja a Renovação como um organismo em processo de transição: “Eles ainda supervalorizam muito a dimensão intereclesial, sacramental e pouco a da realidade, mas parte primeiro do mundo da fé e eles não conseguem fazer essa ponte para o social embora eu percebo que alguns líderes já deram esse passo”<sup>13</sup>. Assim, continuou um padre progressista: “quando muitos deles amadurecem eles vão perceber que já não é o lugar deles a Renovação Carismática; a visão de igreja é outra e conseqüentemente vão migrar para as pastorais sociais, uma ação mais transformadora da igreja”<sup>14</sup>. Assim, para o pároco da Nossa Senhora dos Migrantes, a RCC possui sua importância ao atrair o indivíduo, muitas vezes alheios à religião católica, e, a partir de certo momento em que o fiel “amadurece”, passa a fazer parte de outros organismos e pastorais que desenvolvam ações mais significativas no aspecto sociopolítico. A Renovação tem, dessa maneira, sua relevância na paróquia por ser um meio de lançar aos quadros da Teologia da Libertação novos fieis que, de outra forma, dificilmente se associariam.

Já algumas situações demonstram certo conflito entre os dois setores do catolicismo. Sobre um grupo de oração carismático, alguns fieis compararam essas reuniões a cultos pentecostais: “Se você passar em frente à igreja no domingo à tarde, vai imaginar que é uma igreja pentecostal”, criticou um fiel. Já outro, declarou: “Eu não considero a Renovação Carismática um grupo cristão”. A partir desses posicionamentos pode-se compreender a ausência de carismáticos em eventos sob o viés da Teologia da Libertação e vice versa. Nota-se assim, diante da existência de práticas religiosas distintas, a reflexão dos fieis ao conduzir suas escolhas, como: em qual pastoral participar, em qual festa ir, em qual grupo se associar.

Demonstra-se grande o cuidado em se integrar nas estruturas da RCC no âmbito do decanato, a primeira instância após a paróquia. Embora afirmem inserir-se nas atividades cotidianas da paróquia, há o dever de participar das programações da Renovação: “Se a gente não aparecer nos encontros do decanato, eles percebem que não estamos participando e nos cortam da RCC. Eles são bem rigorosos”, explicou um líder. Isso também contribui para a ocorrência de distanciamentos: “eles [RCC] tem sua agenda própria”, afirmou um padre.

---

<sup>13</sup> Entrevista 27052015 – folha 5.

<sup>14</sup> Entrevista 27052015 – folha 5.

As críticas mútuas se estendem. No caso da celebração Zumbi dos Palmares, por exemplo, exclamou um participante: “os carismáticos dizem que isso aqui é macumba!”. Uma integrante da Pastoral Afro reclamou: “quando fazemos a missa afro, o bairro fica o mês inteiro criticando o evento”. Para um agente de pastoral da Migrantes, “há muitos negros que não se identificam e acabam não participando”, lamentou.

Uma líder de um grupo de oração da RCC expressou sua opinião sobre esse setor da Igreja: “eu particularmente não faço uma ligação muito com a Teologia da Libertação. Eu vejo assim, que a Teologia da Libertação teve uma linha dentro da Igreja, a Teologia da Libertação teve alguns precursores, mas eu particularmente não gosto. Eu prefiro não misturar muito nem falar daquilo que não vivo”<sup>15</sup>.

Já na Rede de Comunidades Madre Leônia, o fato de não haver grupos da Renovação Carismática é demonstrado certo orgulho por parte de algumas pessoas: “Lá [na Rede de Comunidades] não temos Renovação Carismática. Lá ela não pega!”. O fato do padre Dirceu desenvolver práticas religiosas mais voltadas à Teologia da Libertação, leigos que porventura queiram desenvolver atividades diferentes das adotadas pelo padre acabam se sentindo desencorajados. O sacerdote não proíbe a existência de grupos da RCC. No entanto, por não participar de atividades desse segmento, deixa a cargo do leigo essa responsabilidade, que, de certa forma, acaba por não levar adiante a ideia. No caso da matriz, o grupo Anjos da Paz se reúne todos os domingos. Entretanto, não há nenhum envolvimento maior com a comunidade, como é o caso da missa afro, onde o próprio padre Altair celebra, incentivando os fieis a participar. Esses fieis carismáticos acabam desenvolvendo mais vínculos com grupos de outras paróquias do que na própria paróquia dos Migrantes.

Há também quem desconheça o “outro”. Uma líder de um importante grupo de oração da Arquidiocese, ao falar sobre a Teologia da Libertação, declarou: “Não conheço. Eu estudei pouco sobre isso. Pra falar verdade eu li, mas, se eu for te responder certinho agora eu não vou lembrar. Eu estudei há doze anos atrás e depois não tive mais contato”<sup>16</sup>.

Percebe-se, portanto, que a relação entre católicos carismáticos e da libertação na Arquidiocese de Londrina não é unívoca; ao contrário, há uma forma plural na relação entre ambos, podendo ser de complementaridade, transição, oposição crítica ou até

---

<sup>15</sup> Entrevista 13062015 – folha 3.

<sup>16</sup> Entrevista 23012015 – folha 4.

mesmo de desconhecimento alheio. Essa diversidade encontrada na adesão religiosa será analisada nos capítulos seguintes, especialmente seu reflexo na esfera política. Antes disso, o campo onde ocorreu a pesquisa será apresentado.

### **1.1. A Arquidiocese de Londrina**

A Igreja Católica está presente oficialmente em Londrina desde 1934, ano em que a cidade foi elevada a município; já a sua fundação ocorreu alguns anos antes, em 1929 (ARIAS NETO, 1995). A Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), uma empresa privada do ramo imobiliário, oriunda da Inglaterra, foi responsável pelo processo de venda em pequenos lotes na região, mesmo período da fundação da cidade, juntamente com a chegada de vários trabalhadores oriundos especialmente de São Paulo e Minas Gerais, para atuar nas lavouras de café, seu principal atrativo na época. Devido a importância do cultivo desse produto e sua rentabilidade, ele veio a ser chamado de “ouro verde”<sup>17</sup>.

A Igreja Católica acompanhou a cidade em seu rápido processo de crescimento. Em proporções menores do que ocorreu em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, Londrina também experimentou o êxodo rural, abrigando um contingente de pessoas em um curto período de tempo. Em 1944 Londrina possuía cerca de 21.000 habitantes; sete anos depois, em 1951, já havia mais de 42.000, apresentando, assim, crescimento de 100% (ARIAS NETO, 1995). A Igreja, ao procurar atender essa nova demanda, acabou passando por um processo de expansão. “Com o contínuo crescimento da cidade, em 1º de fevereiro de 1956, o Papa Pio XII emitiu a Bula “*Latíssimas Partire*”, que criava a Diocese de Londrina. No mesmo ano, em 16 de novembro, foi nomeado o primeiro bispo de Londrina, na pessoa do Padre Geraldo Fernandes, religioso Claretiano”<sup>18</sup>.

Quinze anos mais tarde, em março de 1971, a diocese transformou-se em arquidiocese, com cerimônia realizada na principal paróquia, Sagrado Coração de Jesus, também conhecida como “Catedral de Londrina”, localizada na região central, um dos cartões postais da cidade hoje.

---

<sup>17</sup> O principal teatro de Londrina, localizado na Av. Paraná, popularmente conhecida como “calçadão”, importante ponto comercial no centro da cidade, recebeu o nome de “Cine Teatro Ouro Verde”, inaugurado em 1952. Atualmente está em processo de reforma, devido a um incêndio de grandes proporções ocorrido em fevereiro de 2012.

<sup>18</sup> Informativo Coração de Jesus. Catedral Metropolitana de Londrina. Ano 20, nº 235, Março/2014, p. 4.

## ARQUIDIOCESE DE LONDRINA



Figura 1: *Grupos Bíblicos de Reflexão e Dia da Palavra 2015*. Londrina, 2015, p. 4.

A Arquidiocese de Londrina é composta atualmente, de acordo com os dados disponíveis em seu *site*<sup>19</sup>, por 81 paróquias, distribuídas entre Londrina e outras quinze cidades da região metropolitana, a saber: Alvorada do Sul, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Centenário do Sul, Florestópolis, Ibiporã, Jaguapitã, Lupionópolis, Miraselva, Porecatu, Prado Ferreira, Primeiro de Maio, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana. A maioria das paróquias estão concentradas em Londrina, sendo que as demais cidades contam, geralmente, com uma paróquia cada. Apenas Cambé, com seis paróquias e Rolândia com cinco, se destacam das demais, até porque são cidades com maior número de habitantes em relação às outras.

<sup>19</sup> [www.arquidioceselondrina.com.br](http://www.arquidioceselondrina.com.br). Acesso em: 07 jan. 2016.

De acordo com dados da prefeitura de Londrina, a Região Metropolitana de Londrina (RML) em 2014 possuía pouco mais de um milhão de habitantes<sup>20</sup>, sendo assim, uma importante região do norte paranaense.

A Arquidiocese de Londrina é organizada geograficamente por decanatos, uma espécie de microrregião, onde as paróquias são agrupadas e estão sob a liderança do arcebispo catarinense dom Orlando Brandes<sup>21</sup>. Transferido da diocese de Joinville, tomou posse em julho de 2006, sendo o quarto bispo a presidir a Arquidiocese, composta atualmente por meio dos decanatos: Centro, Leste, Oeste, Norte, Sul, Cambé, Ibiporã, Porecatu, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana.

Para a administração dessas paróquias e o trabalho religioso, a Arquidiocese abriga 75 sacerdotes pertencentes ao clero secular e 74 ao clero religioso<sup>22</sup>, sendo esses últimos ligados a ordens religiosas, como: Capuchinhos, Carmelitas Descalços, Claretianos, Jesuítas, Josefinos de Murialdo, Palotinos, Redentoristas, Xaverianos, entre outros.

Além dos padres diocesanos e religiosos, a Arquidiocese conta hoje com 57 diáconos permanentes, cuja função é administrar determinados serviços, especialmente em situações onde haja a ausência do pároco. Há também as Congregações Femininas com a participação de aproximadamente 450 religiosas, cujos serviços estão associados ao assessoramento de pastorais, assistência a trabalhos comunitários, entre outros, sendo um elemento importante de liderança em uma paróquia, mas sempre sob a orientação do pároco, uma figura masculina.

Além de dom Orlando<sup>23</sup>, a Arquidiocese possui dois bispos eméritos residindo na cidade: dom Geraldo Majella Agnelo (1982 - 1991) e dom Albano Cavallin (1992 - 2006)<sup>24</sup>. Ambos possuem uma vida ativa nas celebrações e atividades religiosas da

---

<sup>20</sup> [www.londrina.pr.gov.br](http://www.londrina.pr.gov.br). Acesso em: 10 ago. 2015. Segundo o site, a estimativa do IBGE para essa região em 2014 era de 1.067.214 habitantes.

<sup>21</sup> Em novembro de 2016, já no final desta pesquisa, dom Orlando Brandes foi nomeado pelo papa Francisco para assumir a Arquidiocese de Aparecida, no interior de São Paulo, cujo prestígio é significativo no Brasil. Tal reconhecimento sinaliza a possibilidade de tornar-se cardeal no futuro. A posse foi definida para o dia 21 de janeiro de 2017.

<sup>22</sup> Clero secular é o grupo formado por padres ligados à diocese. Já o clero religioso é formado por sacerdotes oriundos de congregações religiosas.

<sup>23</sup> Os bispos que antecederam dom Orlando Brandes na Arquidiocese de Londrina são: dom Geraldo Fernandes Bijos (1956-1982, ano em que faleceu); dom Geraldo Majella Agnelo (1982-1991); dom Albano Bortoletto Cavallin (1992-2006).

<sup>24</sup> Dom Albano faleceu aos 86 anos de idade durante uma cirurgia cardíaca no dia 1 de fevereiro de 2017, período posterior à conclusão desta pesquisa.

região, acompanhando o arcebispo em diversos momentos. No entanto, os bispos eméritos possuem autonomia em relação a dom Orlando. Isso será percebido posteriormente no apoio de Cavallin à RCC, ao participar de alguns eventos carismáticos.

Na história da Arquidiocese de Londrina, é importante observar que os quatro bispos que atuaram até aqui, nenhum deles possuiu vínculos com os dois movimentos analisados nesta pesquisa: a Teologia da Libertação ou a Renovação Carismática Católica<sup>25</sup>. Assim, o desenvolvimento desses setores do catolicismo contou com a colaboração de leigos, religiosos e padres, jamais alcançando o principal cargo oficial de uma diocese: o bispo. Portanto, se não houve apoio direto da principal liderança da Arquidiocese, também não houve restrição no processo de desenvolvimento de tais segmentos nessa região. Importante destacar a figura de dom Albano. Embora não possua vínculos diretos com a Renovação Carismática, ele constantemente participa de eventos carismáticos em Londrina e no Brasil, demonstrando certa empatia com esse setor do catolicismo. Junto a isso, em uma de suas pregações, demonstrou certa crítica à Teologia da Libertação.

O bispo atual, dom Orlando, demonstra neutralidade em relação a ambos seguimentos, não chegando a proibir nenhum deles. Antes, possui uma postura mais voltada para assuntos da estrutura eclesial, elaborando projetos que objetivam o fortalecimento e crescimento da Igreja Católica na cidade. Exemplo disso é seu empenho na promoção das Santas Missões Populares, projeto que tem recebido maior atenção nos últimos anos, envolvendo todas as paróquias, pastorais, membros do clero e leigos, com objetivo de revitalizar a instituição.

No âmbito da Teologia da Libertação na história da Arquidiocese, se não houve restrições diretas por parte do episcopado londrinense, ocorreram situações que revelaram preocupações com o desenvolvimento desse setor do catolicismo, que potencialmente proporciona ações de cunho político. Um caso emblemático ocorreu na zona norte de Londrina na década de 1980. Essa região possui sua formação ligada ao crescimento repentino da cidade a partir da década de 1940, devido a forte atração da cafeicultura. Assim, sem estrutura de habitação urbana adequada para o recebimento de

---

<sup>25</sup> No caso de dom Albano Cavallin, embora demonstre apoio à RCC ao participar de alguns encontros, durante o tempo em que foi arcebispo em Londrina não concedeu apoio estrito ao movimento, nem também foi contrário a ele.

tantas pessoas em um curto período de tempo, foi criado na zona norte de Londrina alguns conjuntos habitacionais, que passaram a ser denominados “Cinco Conjuntos”<sup>26</sup>.

Esses conjuntos habitacionais foram criados, portanto, para receber esse novo contingente de habitantes na cidade. A infraestrutura no início, no entanto, era precária. Havia problemas como a falta de energia elétrica e saneamento, além de contar com um sistema de transporte público de baixa qualidade.

Alguns padres que trabalhavam na região passaram a desenvolver na comunidade formas de conscientização política, bem como movimentos de contestação àqueles problemas sociais. O prefeito da cidade foi duramente criticado e os entornos do prédio da prefeitura recebeu diversos protestos desses moradores. Houve até mesmo a realização de uma “vigília”, em que foi montado um acampamento durante toda uma noite em frente ao prédio da prefeitura.

Diante dessa situação no Cinco Conjuntos, resultando em diversas manifestações por causa da precariedade dos transportes públicos, chegando a ponto de haver intervenção policial<sup>27</sup>, alguns padres que lideravam tais movimentos não demoraram a receber transferência para outras cidades. Curiosamente, essas paróquias receberam novos padres alinhados na perspectiva da Renovação Carismática. Essas mudanças ajudam a compreender o arrefecimento da Teologia da Libertação na Arquidiocese atualmente, embora não seja o único fator.

Ainda hoje há determinados esforços por parte de alguns agentes de pastorais, leigos e padres, com objetivo de reaver algumas conquistas no campo da Teologia da Libertação, mas se percebe certas dificuldades. É o próprio caso da retomada das Comunidades Eclesiais de Base, que já contou com momentos expressivos em algumas paróquias, principalmente na década de 1980, experimentando certo declínio posteriormente.

Diferente do que ocorreu em outras dioceses, como é o caso de Olinda e Recife, em Pernambuco, sob a liderança de dom Hélder Câmara, um dos principais nomes da Teologia da Libertação no país. Esse bispo participou ativamente no processo de

---

<sup>26</sup> Atualmente nessa região existem vários bairros, além de ser a maior região em termos populacionais da cidade de Londrina, contando com grandes avenidas, vários tipos de comércio, bancos, hipermercados, além do autódromo e do maior estádio de futebol da cidade, o Estádio do Café, onde é sediada a maioria dos jogos do Londrina Esporte Clube, principal time de futebol da cidade.

<sup>27</sup> Para melhor aprofundamento, ver: COLITO, Maria Clementina Espiler. “As duas realidades presentes em um movimento social popular: o movimento reivindicatório do transporte coletivo de Londrina/PR”. Dissertação de Mestrado em Serviço Social, 1987.

desenvolvimento das CEBs em sua Arquidiocese na década de 1970, em plena ditadura militar, sob a metodologia “ver, julgar e agir”, herdada a Ação Católica dos anos 1950, também sob sua liderança. Por meio de uma coordenação eclesial democrática, como aponta Kenneth Serbin (2009), o arcebispo envolveu leigos, padres e agentes de pastorais na condução arquidiocesana, contribuindo dessa maneira para o desenvolvimento e expansão das CEBs.

Em Londrina, como os bispos que presidiram a diocese não possuíam vínculo direto com nenhum desses dois setores do catolicismo, a formulação de práticas ligadas à Teologia da Libertação ou à Renovação Carismática está diretamente associada à ação de padres, religiosos e leigos, hierarquicamente em posições subalternas na Arquidiocese, o que não impediu o desenvolvimento desses setores na região.

Visto a Arquidiocese de Londrina constituir uma organização religiosa com significativa extensão territorial e quantitativa, a presente pesquisa foi desenvolvida especialmente a partir da seleção de algumas paróquias, sacerdotes, religiosos e leigos, sem se esquecer de seu vínculo arquidiocesano, seu principal elemento aglutinador e estruturante local.

Já no âmbito da RCC, embora haja certo distanciamento por parte desses padres em relação ao movimento carismático, a presença de um grupo de oração na paróquia dos Migrantes constitui um importante aspecto nesta pesquisa. Além de não receberem apoio do clero local, o grupo Anjos da Paz também não possui respaldo em âmbito arquidiocesano, resultando em uma organização relativamente autônoma em relação a essas duas importantes esferas de poder: a paróquia e a arquidiocese.

A desregulamentação religiosa, como entende Andrea Damacena Martins (2004), pode ser evidenciada nas práticas dos fieis carismáticos onde a ruptura com os rituais oficiais é desenvolvida por esses atores. Não obstante a isso, legitimam os santos oficiais, a hierarquia e os interesses da Igreja Católica, servindo de reforço aos interesses da Arquidiocese.

## 1.2. A paróquia Nossa Senhora dos Migrantes

Tendo em vista a paróquia como “um cenário privilegiado não só por sua qualidade de apresentar o cotidiano da igreja particular<sup>28</sup> quanto por sua inegável posição como instituição específica da igreja particular” (MEDINA; OLIVEIRA, 1973, p. 42, 43), selecionei entre as diversas paróquias que compõe a Arquidiocese de Londrina, a paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, também citada neste trabalho apenas como Migrantes.

Ela está situada no bairro Jardim Novo Bandeirantes, na cidade de Cambé, divisa com a região oeste de Londrina. Esse bairro é cortado pela rodovia estadual PR-445, importante via que faz ligação entre Londrina e o interior paulista (como Assis e Marília), por um lado, e saída para Curitiba, capital paranaense, no sentido oposto. Embora o bairro seja atravessado por essa importante rodovia, ambos os lados pertencem à mesma paróquia. A maneira como essa rodovia foi ampliada recentemente pelo governo estadual, contou com importante participação de alguns fieis dessa paróquia, como será retratado mais adiante.

A paróquia dos Migrantes, fundada em 1981, é presidida atualmente pelo padre Altair Manieri desde 2010, sendo esta sua segunda passagem por lá como pároco. A primeira ocorreu entre 1993 e 1995.

O templo está localizado a duas quadras da rodovia PR-445 e, portanto, há um fluxo intenso de veículos, inclusive caminhões e ônibus, tanto durante o dia quanto a noite. Porém, ao entrar no bairro, percebe-se maior tranquilidade no trânsito. Em algumas ruas há pequenos comércios como: padarias, bares, sorveterias, lanchonetes, mercearias, mecânicas de automóveis etc. Por ser um bairro popular antigo, as casas são simples em sua maioria; percebe-se, no entanto, alguns imóveis que foram reformados pelos seus proprietários, provavelmente nos últimos anos em que o setor imobiliário estava em efervescência no país, por meio de crédito financeiro facilitado junto ao Governo Federal<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> O termo “Igreja Particular” é utilizado pela Igreja Católica para se referir às Igrejas em contextos sociais específico. Por exemplo, a Arquidiocese de Londrina é uma Igreja Particular. Já “Igreja Universal” refere-se à Igreja Católica como um todo, incluindo todos os católicos e dioceses, e tem sua sede na Santa Sé, Cidade do Vaticano, localizada dentro da cidade de Roma, Itália.

<sup>29</sup> O programa habitacional Minha Casa Minha Vida, por exemplo, possibilita financiamento não somente para aquisição ou construção de imóveis, mas também para a reforma dos mais antigos.

A paróquia Nossa Senhora dos Migrantes foi o local da primeira experiência sacerdotal do padre Altair, que é natural de Rolândia, 25 quilômetros distante de Londrina. Depois, passou por outras paróquias, todas situadas nas regiões periféricas de Londrina, o que demonstra uma opção por um contexto específico, marcado pelas desigualdades sociais<sup>30</sup>.

Além de Teologia e Filosofia, o padre Altair também cursou Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina (UEL), e mestrado em Teologia pela Universidade Lateranense, em Roma - Itália. Além de atuar como pároco, é também professor da PUC-PR, *campus* Londrina, não muito distante da paróquia dos Migrantes. Atuou também por dois anos na Paraíba, onde conviveu com algumas dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino em seu cotidiano, sendo esse um período importante em sua formação, segundo afirma.

Pertence a essa paróquia uma extensa região. Além do Jardim Novo Bandeirantes, há outros bairros como: Jardim Maracanã, Silvino, Olímpico, Conjunto Habitacional João Turquino e Avelino Vieira. Assim, o vigário paroquial, padre Dirceu Fumagalli, foi designado para atuar nas comunidades existentes nesses bairros, denominada de Área Pastoral. Na mesma paróquia, portanto, atuam dois sacerdotes que se identificam com as propostas da Teologia da Libertação, como observa o padre Altair: “somos formados na mesma base, na mesma massa, né? Temos as mesmas perspectivas, a mesma compreensão eclesiológica, a mesma visão de igreja. Não é uma igreja piramidal, nem hierarquizada, nem sacramentalista”<sup>31</sup>.

Continua o padre Altair a respeito do padre Dirceu:

somos igreja onde o protagonismo dos leigos seja a base aonde a formação da comunidade, a consciência social e política caminhe junto com a consciência religiosa, então essa visão eclesiológica, esse modelo de igreja, esse modelo de padre como animador da comunidade a gente tem em comum e isso ajuda e facilita muito o trabalho<sup>32</sup>.

Embora o padre Altair afirme tal semelhança entre ambos, veremos que suas proposições, embora amparadas no discurso da Teologia da Libertação, recebem formulações distintas.

---

<sup>30</sup> “Eu sempre gostei de trabalhar em região de periferia, com os desafios da periferia, das paróquias de periferia...”. Entrevista 27052015 - folha 1.

<sup>31</sup> Entrevista 27052015 – folha 3.

<sup>32</sup> Entrevista 27052015 – folha 3.

Em uma Arquidiocese onde existe um número pequeno de padres ligados à Teologia da Libertação<sup>33</sup>, a paróquia dos Migrantes se destaca na atualidade pela presença de um pároco e um vigário paroquial sob esse mesmo viés católico. Além disso, o fato do padre Dirceu também ter passagem como pároco na Migrantes (1988 - 1993), faz com que a trajetória da paróquia esteja diretamente associado às suas biografias<sup>34</sup>. A história da paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, portanto, se associa em grande parte à atuação e liderança desses dois padres, embora nem todos os demais tenham assumido esse mesmo viés católico.

Alguns motivos foram preponderantes na escolha desta paróquia: o primeiro está relacionado ao seu processo histórico. A paróquia dos Migrantes foi uma das referências nas experiências das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na década de 1980. Alguns padres que por lá passaram deixaram a contribuição a partir dessa ótica da Teologia da Libertação. Havia também um grupo de jovens com significativa inserção em movimentos ligados a essa corrente católica, como a romaria da terra e Pastoral da Juventude. A paróquia, assim, abrigou escritórios desses movimentos por um bom tempo. Hoje, muitos desses jovens, tornaram-se adultos e, por diversos fatores, se mudaram para outros bairros ou cidades, dispersando essas organizações mais progressistas dentro da Igreja Católica. Junto a isso, alguns padres que passaram pela paróquia não receberam com a mesma disposição esses segmentos, resultando em seu arrefecimento em época posterior<sup>35</sup>.

Um segundo elemento que motivou a escolha dessa paróquia diz respeito ao fato de abrigar um pároco e um vigário, ambos ligados à Teologia da Libertação, fato raro na Arquidiocese de Londrina. Assim, no contexto dessa paróquia alguns eventos se tornam relevantes nesta pesquisa, em especial a romaria da terra, a missa afro e a celebração Zumbi dos Palmares. Não obstante a evidência de eventos pautados nas reflexões da Teologia da Libertação, há também um grupo de oração da RCC, o Anjos da Paz, inserido nesse mesmo espaço religioso. Dessa forma, nessa mesma paróquia é possível encontrar

---

<sup>33</sup> Além dos padres Altair e Dirceu, existem mais uns dois ou três padres que também se identificam com o viés da Teologia da Libertação na Arquidiocese.

<sup>34</sup> Há alguns fieis que lembram, com certo saudosismo, das décadas passadas onde o trabalho das CEBs era referência. Há alguns que ainda tentam contribuir para que esse modelo de catolicismo não se perca. Há um grupo de CEBs, dessa época, ainda em funcionamento hoje, formado por cerca de dez homens, que se encontram semanalmente, alternando entre suas próprias casas o local de encontro. Utilizam o livro dos Grupos Bíblicos de Reflexão (GBR), mas se identificam enquanto CEBs.

<sup>35</sup> Percebe uma tentativa do clero nessa paróquia que retomar algumas atividades desenvolvida nos anos anteriores.

atores religiosos pertencentes a setores diversos do catolicismo, a saber: a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática, ambas objeto deste trabalho.

### **1.3. A área pastoral ou Rede de Comunidades Madre Leônia**

Há na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes um extenso território chamado de “área pastoral”, que busca atender os fieis que residem em bairros mais distantes da igreja matriz em seu cotidiano religioso. Assim, essa região é composta por sete capelas, sendo cinco urbanas e duas rurais. Esse conjunto de capelas localizadas em bairros relativamente próximos recebe a denominação de Rede de Comunidades Madre Leônia<sup>36</sup>.

A escolha desse nome ocorreu em uma Assembleia Geral da Área Pastoral no final de 2014, onde havia a presença de lideranças das sete comunidades. Os nomes foram apresentados pelos próprios grupos presentes: Nossa Senhora do Guadalupe, Anjo da Paz, João Paulo II, Peregrinos do Senhor e Madre Leônia. Colocados em votação, o nome de Madre Leônia obteve a maioria dos votos, passando a ser denominada dessa forma: Rede de Comunidades Madre Leônia<sup>37</sup>.

A definição do nome da Rede de Comunidades demonstra a maneira como decisões são tomadas entre clero e leigos, evidenciando a participação dos fieis nos processos de escolha. Em outra ocasião, após uma missa em uma das capelas da área pastoral, o CPC foi reunido para decidir sobre a ampliação do espaço físico: “Nós padres vamos embora, mas vocês permanecerão aqui”, disse o padre Dirceu na missa durante a parte dos avisos. Em outra ocasião, conversando com o mesmo padre, revelou: “certa vez não pudemos realizar um evento agendado e eles [os fieis] vieram reclamar. Tivemos que fazer em outra data”. A participação do leigo nas decisões do cotidiano da comunidade, um das marcas da Teologia da Libertação, como visto em Kenneth Serbin (2009) sobre dom Hélder Câmara, revela-se na Rede de Comunidades Madre Leônia.

---

<sup>36</sup> Madre Leônia Milito foi uma religiosa claretiana, nascida em Sapri, Itália, que chegou ao Brasil em 1954, primeiramente em Matão-SP. Posteriormente veio para Londrina em 1958. Vítima de um acidente automobilístico na BR-369, entre Londrina e Cambé, faleceu em 1980. No local do acidente há um santuário em sua homenagem hoje. O seu nome também foi dado a uma importante avenida da cidade, onde está sediada a congregação religiosa Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, sendo Madre Leônia uma de suas fundadoras, juntamente com dom Geraldo Fernandes, bispo da arquidiocese na ocasião, também claretiano. Maiores informações, ver: [www.missionariasclaretianas.com.br](http://www.missionariasclaretianas.com.br). Acesso em: 07 jan. 2016.

<sup>37</sup> Rede de Comunidades Madre Leônia. Planejamento 2015 – Área Pastoral.

Nem mesmo o padre Dirceu escapa às críticas dos paroquianos. Na ata da 3ª Assembleia Geral demonstra os espaços de autonomia dos leigos: “Foi avaliado, que o Padre e as irmãs poderiam melhorar o acompanhamento das comunidades, tendo um dia de confissão nas comunidades, visitar os grupos de reflexão e as turmas de catequese”<sup>38</sup>. Embora os motivos da crítica estejam mais no nível institucional, da oferta de serviços religiosos referentes ao catolicismo oficial, como confissão e catequese, demonstra mesmo assim, como a participação e autonomia leiga no cotidiano dessas capelas são desenvolvidas.

Assim, enquanto o padre Altair é o responsável pela igreja matriz da Nossa Senhora dos Migrantes, o padre Dirceu, vigário paroquial, fica sob a responsabilidade das sete capelas da área pastoral. As comunidades que compõem a Rede de Comunidades são: Bom Jesus, São Silvestre, Santa Helena, Santo Antônio, Santo Domingos, Santa Mariana e Campos Verdes. Dessas, acompanhei especialmente a capela Santa Helena, localizada no bairro Jardim Maracanã, distante aproximadamente três quilômetros da igreja matriz.

Embora haja um pequeno escritório nas dependências da capela Santa Helena, o padre Dirceu divide os serviços religiosos igualmente entre todas as comunidades, buscando evitar, segundo ele, que haja qualquer tipo de pensamento entre os fieis de que alguma capela seja a principal, ou a sede, entre as demais. Mesmo residindo a duas quadras da capela Santa Helena, busca distribuir igualmente as missas, programações especiais e as festas entre as sete comunidades.

Entre o Jardim Novo Bandeirantes, bairro onde está localizada a igreja matriz da paróquia, e os bairros que fazem parte da Área Pastoral, há certa distinção no aspecto socioeconômico. Essa região onde atua o padre Dirceu, por exemplo, os padrões das casas são inferiores às do Jardim Novo Bandeirantes; estão mais distantes da rodovia e, portanto, das vias de ligação ao centro de Londrina ou Cambé. São regiões onde há também maior índice de pobreza e violência. Esse estigma, que afeta profundamente os moradores da região, vem sido questionado pelo padre Dirceu. Em uma de suas homilias na capela Santa Helena, questionou: “será que o nosso bairro é tudo isso que falam por aí? Será que aqui só tem violência? Será que não tem coisas boas na nossa região?”.

Há também, um grande número de fieis que vão de automóvel para as missas na Migrantes, enquanto, nas capelas da área pastoral, o número é menor. Isso, não apenas

---

<sup>38</sup> Rede de Comunidades Madre Leônia. Planejamento 2015 – Área Pastoral.

porque a quantidade de fieis é menor que na paróquia dos Migrantes, mas porque muitos moram nas proximidades e se deslocam a pé para as missas ou celebrações. Dessa forma, essas capelas conseguem diminuir a distância entre a oferta dos serviços religiosos e os fieis que vivem nesses bairros periféricos da região oeste de Londrina, divisa com Cambé, marcados por diversas desigualdades sociais e que teriam dificuldades em se deslocar para a igreja matriz.

Na Rede de Comunidades Madre Leônia não há grupos da Renovação Carismática atualmente. Na única capela onde havia grupos carismáticos, com a maneira de trabalho do padre Dirceu, acabou se desfazendo. Segundo ele, não por determinação, mas pela constatação dos próprios participantes de que não havia como conciliar as duas formas de trabalho. Ainda assim, alguns “resquícios” são percebidos, como as músicas cantadas durante as missas, típicas da RCC, o que também o padre não faz questão de proibir. A Área Pastoral difere, portanto, da igreja matriz, onde há um grupo de oração da RCC, denominado Anjos da Paz.

O padre Dirceu, nascido no interior do Paraná, região de Maringá, é proveniente de uma família camponesa católica. Desde cedo já possuía significativo envolvimento nas atividades da Igreja, o que contribuiu para posterior entrada ao sacerdócio. Atualmente é vigário paroquial na Nossa Senhora dos Migrantes, da qual também já foi pároco antes do padre Altair, em um período cuja presença das CEBs nessa região era forte, sob os cuidados de um padre italiano, que antecedeu o padre Dirceu. Além do trabalho desenvolvido na área pastoral, possui vínculo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT), no estado do Paraná. Assim, coordena anualmente a romaria da terra do Paraná há mais de vinte anos. Conta com a ajuda de Isabel, agente de pastoral, desde 1993<sup>39</sup>.

Ainda no processo de elaboração do projeto de pesquisa, levantando informações do campo, em conversa com um importante líder da Arquidiocese, fui logo advertido: “o padre Dirceu é muito radical”<sup>40</sup>. Ainda não o conhecia nessa época, o que foi acontecer

---

<sup>39</sup> Isabel foi também coordenadora nacional da CPT entre 1999 e 2006.

<sup>40</sup> Sobre o fato de ser considerado radical, o padre Dirceu explicou: “Não me considero radical. Eu sempre estive presente em algumas necessidades, por exemplo, em todo debate de lutas de oposição sindical. Em algum período o pessoal me identificou dessa forma. Mas quando fala radical acho que o pessoal me identificava no início muito mais num radical partidário do que pastoral. Porque o pastoral, queira ou não queira, a gente sempre teve que levar um pouco da dinâmica do decanto, da Arquidiocese, ela é mais lenta, né? No partido você conseguia acelerar mais alguns processos da formação, nas leituras, das intervenções, né, nas participações, nas decisões das greves, né, então enquanto agente político eu acho que as pessoas me identificaram, por ser padre, estar dentro dessa militância, então naquele período que tina esses conceitos de conservadores, radicais, direita, esquerda, então as pessoas me identificavam um pouco nessa linha de esquerda”. Entrevista 26012016 – folha 2.

algum tempo depois. O termo “radical” pode ser explicado pela forma como o aspecto sociopolítico é inserido na vida religiosa desse sacerdote. Certo leigo conversando sobre o padre Dirceu, afirmou: “ele é referência na Teologia da Libertação em Londrina. Viaja e deixa a comunidade caminhando com as próprias pernas”. Já uma paroquiana da capela Santa Helena, admiradora de seu trabalho, exclamou satisfeita: “o padre Dirceu chegou aqui na capela e tudo mudou. Nem parece vigário; ele é padre mesmo”.

Percebe-se em suas homilias a forma como relaciona religião com o aspecto político. Nas missas que acompanhei, falou-se sobre a influência da mídia, eleição para conselheiro tutelar na cidade, afastamento de Dilma Rousseff, meio ambiente, desigualdade social etc. No entanto, nota-se que a mensagem não chega a todos com a finalidade esperada. O próprio padre afirmou: “muitos não entendem o que estamos dizendo. Mas, se alguns captarem a mensagem, já está bom”. Quando o tema é Teologia da Libertação, nem todos conhecem. Fica mais restrito ao clero e de algumas lideranças leigas. Mas, certas vivências desenvolvidas pelos fieis, a participação em determinados eventos, demonstra certo conhecimento prático das propostas desse segmento católico.

Além das missas, há algumas atividades cuja presença do aspecto político é evidenciado: a romaria da terra, o Grito dos Excluídos<sup>41</sup>, Celebração Zumbi dos Palmares, Celebração das Águas<sup>42</sup> etc. Dos fieis que participam desses eventos, boa parcela são paroquianos ou ex-paroquianos de comunidades das quais o padre Dirceu já atuou e que continuam a se identificar com os temas presentes nesses eventos, como: a preservação do meio ambiente, as relações de trabalho, o problema da terra, as populações indígenas e quilombolas, a igualdade racial etc. Portanto, o desenvolvimento dessas práticas religiosas associam-se com esses elementos políticos, o que demonstra a presença da Teologia da Libertação nessa forma dos fieis desenvolverem suas práticas religiosas.

O padre Dirceu também atuou como coordenador da CPT nacional entre 2006 e 2011 em Goiânia. Além de estudar Teologia e Filosofia, ambas em Curitiba, cursou o mestrado na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, na área

---

<sup>41</sup> O Grito dos Excluídos é um evento anual realizado em várias cidades brasileiras no período da semana da pátria, cujo encerramento é o dia 7 de setembro, dia da Independência. Aberto a movimentos sociais, fieis de qualquer religião, sindicatos etc. Denuncia as injustiças e desigualdades sociais, tornando um espaço de protesto de grupos oprimidos e subalternizados.

<sup>42</sup> Evento organizado pelo padre Dirceu anualmente. Há a alternância do lugar de realização, mas, sempre próximo a margem de algum rio da região de Londrina onde é feita a celebração, cuja reflexão concentra sobre o cuidado e preservação dos rios e matas ciliares, o uso consciente da água e os danos da poluição ambiental.

de liturgia, abordando a romaria da terra no Paraná, pastoral da qual faz parte<sup>43</sup>. Nesse período de estudos na capital paulista, também atuou junto à Central Única dos Trabalhadores (CUT)<sup>44</sup>, desenvolvendo, portanto, trabalhos paralelos entre religião e política. Dinâmico, chegou a ser pároco em Londrina e viajar a São Paulo toda semana para o mestrado e o trabalho junto à CUT.

A opção por estudar liturgia no mestrado de certa forma foi uma decisão política no contexto da Arquidiocese de Londrina, onde encontrou certas dificuldades: “em 1999 eu já estava com dez anos de ministério, e a situação interna aqui para mim não estava muito favorável em relação ao bispo no período, enfim...”<sup>45</sup>. Assim, optou por fazer o mestrado em liturgia que, segundo o padre, lhe possibilitaria maior consolidação interna na Arquidiocese<sup>46</sup>. Esse fato reflete algumas dificuldades encontradas pelo padre Dirceu em desenvolver seu trabalho ligado à Teologia da Libertação em uma Arquidiocese onde poucas pessoas do clero seguem essa tendência. Assim, fazer o mestrado em liturgia demonstra uma forma de lidar com essas tensões dentro desse espaço católico sem ser submetido a possíveis sanções do bispo na época. Importante destacar que, nessa mesma cidade no período da ditadura militar, alguns padres alinhados aos setores progressistas da Igreja foram transferidos para outros estados brasileiros como consequência a esse tipo de posicionamento. A opção por estudar liturgia demonstra, portanto, uma forma de garantir sua permanência na Arquidiocese, o que de fato se efetivou.

Outro elemento importante que possibilita compreender o papel da política em sua biografia é a filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde o final da década de 1980. Sua participação na política partidária intensificou-se ao receber em 2002 o convite do prefeito de Londrina na época, Nedson Micheleti (PT), para assumir a Secretaria do Meio Ambiente, o que consentiu, desenvolvendo essa função na prefeitura

---

<sup>43</sup> O título da dissertação é “Romaria da Terra: uma liturgia de motivação mobilizadora”. Foi defendida no ano de 2002.

<sup>44</sup> A CUT, fundada em 1983, é a maior central sindical do Brasil e América Latina, contando com mais de três mil entidades afiliadas atualmente. Contou com a contribuição do PT no seu início. Para maiores informações, ver: [www.cut.org.br](http://www.cut.org.br). Acesso em: 29 out. 2016.

<sup>45</sup> Entrevista 26012016 – folha 3.

<sup>46</sup> “Para me consolidar mais internamente na igreja, eu pedi pra fazer liturgia. Coisa que todo mundo ficou meio escandalizado: por que eu vou fazer liturgia? Deveria muito mais numa linha pastoral, ou até bíblica, mas preferi liturgia porque me consolidaria internamente. Eu não tinha outras fragilidades, mas internamente na igreja poderia me fragilizar por causa desses conflitos e conceitos que foram construídos” (Entrevista 26012016 – folha 3).

por dois anos<sup>47</sup>. Frente a problemas enfrentados pelo executivo municipal petista em relação a setores da Igreja Católica na cidade, o padre Dirceu se dispôs, segundo ele, a fazer a mediação nessa “relação conflituosa” entre prefeitura e Igreja Católica.

Na fase de estudos como requisito para se ordenar presbítero da Igreja Católica, estudante de Teologia e Filosofia em Curitiba na década de 1980, o padre Dirceu participou das pastorais Universitária e Operária<sup>48</sup>. É, sobretudo, no contexto da Pastoral Operária que o padre Dirceu experimentou um dos momentos mais significativos de sua trajetória, resultado de tal posicionamento político-religioso, ainda quando era seminarista. Após a participação em um dos movimentos organizados por esta pastoral, ficou detido por uma noite na delegacia<sup>49</sup>. Tal ato simbólico confirma sua escolha por um segmento do catolicismo considerado mais radical (STEIL, 2004; SOFIATI, 2013), juntando-se a tantos outros líderes católicos que também experimentaram situações semelhantes, ou até piores, como resultado desse viés religioso de contestação ao *status quo* no Brasil e também América Latina<sup>50</sup>.

A atenção à educação popular também está inserida na trajetória do padre Dirceu, ao participar ativamente da Associação de Projetos de Educação do Assalariado Rural Temporário (APEART)<sup>51</sup>, sendo inclusive um de seus fundadores, e por duas vezes,

---

<sup>47</sup> “Na metade do mandato do Nedson já tinha ruídos, essas dificuldades da relação interna da gestão com a igreja, porque, claro, a gestão já percebia que ela não estava conseguindo responder às expectativas populares, das igrejas, e assim por diante. E aí teve troca de secretário e o Nedson me chamou numa conversa colocando essa questão ambiental, meio que uma consulta sobre quem poderia indicar próximo da Igreja para aproximar a gestão e diálogo com a Igreja. Eu fiz algumas indicações, mas aí não rolou. Aí ele me convidou [risos], não sei de onde ele tirou esse negócio não, e eu não tinha nenhum acúmulo da questão do debate ambiental, mas eu entendi que politicamente era importante o meu aceite. Depois de algumas negociações internas eu aceitei o desafio, que era um grande desafio pra mim. Então por uns seis meses eu conciliei as coisas: a paróquia, a Secretaria e a CUT, e o mestrado que eu não tinha concluído ainda [risos]” (Entrevista 26012016 – folha 3).

<sup>48</sup> “Militei um pouco na Pastoral Universitária, que tinha uma boa capacidade de leitura de conflito de classe e eu também me aproximei um pouco da Pastoral Operária, que tinha uma reflexão e inserção muito boa no início das greves gerais, na produção desse material de conscientização, de cartilhas, de panfletos, de mobilização da greve” (Entrevista 26012016 – folha 1).

<sup>49</sup> “... eu cheguei a participar desses pequenos movimentos, levantava de madrugada para panfletar na porta e fábrica, cheguei a ser detido em uma das mobilizações de pichação; não fomos presos propriamente dito, mas ficamos uma noite lá na delegacia, em 84” (Entrevista 26012016 – folha 1).

<sup>50</sup> É o caso de lideranças religiosas que foram detidas durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Na obra “Brasil: nunca mais” há diversos relatos sobre essas pessoas, inclusive algumas formas de tortura empregadas pelos militares.

<sup>51</sup> Esse projeto foi formulado inicialmente em 1993 pela CPT com o nome Projeto PEART (Projeto de Educação do Assalariado Rural Temporário), com intuito de aproximar comunidades católicas dos boias-frias, buscando formas de representa-los, bem como buscando métodos de defesa desses trabalhadores. Em 1994, com a morte de um dos líderes do MST no Paraná, o Teixeira, caso emblemático das lutas no campo, na época sob o governo de Roberto Requião (PMDB), atualmente senador da República pelo mesmo partido, foi criado a APEART. Com essa mudança, além do projeto com os boias-frias que já estava em curso, outros foram sendo desenvolvidos ao longo de aproximadamente uma década, a saber: projeto

o presidente da Associação. Por meio de parceria com as prefeituras, o projeto tinha como objetivo dar suporte aos trabalhadores rurais temporários – os boias-frias – em várias cidades paranaenses. Viajou por mais de cem municípios<sup>52</sup>, assessorando e oferecendo treinamento a esses trabalhadores do campo, integrando-os, juntamente com suas demandas, às comunidades católicas locais. Nesse trabalho de treinamento chegou a ter cerca de quatro mil educandos participando do projeto. Assim, segundo o pároco, foi sua inserção nesse contexto da educação popular que o projetou politicamente no Paraná.

Ao analisar sua trajetória de vida, o padre Dirceu reconhece alguns elementos fundamentais que contribuíram para definir seu viés religioso ligado à Teologia da Libertação:

eu tive uma base da educação popular que eu bebi muito na APEART, um referencial teológico-pastoral que eu bebi muito da CPT e um referencial político que eu bebi muito do partido [PT]. E por outro lado que me sustentou bastante nisso também, que foi uma leitura bíblico-teológica que foi as Comunidades Eclesiais de Base, principalmente do CEBI (Centro Bíblico Ecumênico). Então acho que esse quadripé é que eu bebi e que me sustentou um pouco nessa minha linha pastoral<sup>53</sup>.

A abordagem desses atores religiosos se faz necessária no estudo de rituais católicos alinhados ao viés da Teologia da Libertação em Londrina. O padre Altair e o padre Dirceu, cada um a seu modo, contribuem com o desenvolvimento de alguns eventos católicos onde há forte predominância de aspectos políticos, como será visto na romaria da terra, na missa afro e na celebração Zumbi dos Palmares.

Em uma Arquidiocese onde há poucos sacerdotes que adotam o viés da Teologia da Libertação, bem como da Renovação Carismática, a elaboração de rituais por setores católicos que não são hegemônicos na Arquidiocese contribui para a compreensão da maneira como ambos setores do catolicismo compreendem a política. Afinal, nos rituais é possível abstrair elementos importantes da vida cotidiana, nem sempre presentes nos momentos mais corriqueiros, como as missas semanais. Ao sair de sua rotina, os atores

---

de educação dos atingidos por barragens; projeto de educação com os posseiros; projeto de educação indígena; projeto de educação com as profissionais do sexo; projeto com as crianças e adolescentes em situação de risco; projeto de educação de jovens para a universidade, sendo este o primeiro cursinho de jovens da periferia em preparação para o vestibular.

<sup>52</sup> O Paraná possui atualmente 399 municípios. Assim, o padre Dirceu percorreu cerca de ¼ das cidades paranaenses por meio da APEART.

<sup>53</sup> Entrevista 21052016 – folha 1.

religiosos – na figura do clero e dos leigos – expressam suas subjetividades, ideologias e compreensão de mundo, fazendo com que a esfera política possa ser apreendida.

Junto ao conceito de ritual, proposto por Victor Turner (1974; 2005; 2008) a ideia de agência, analisada por Sherry Ortner (2011) também possibilita compreender a relação entre religião e política nesta pesquisa. De acordo com a antropóloga, a teoria da prática busca “explicar os vínculos estabelecidos entre a ação humana, por um lado, e alguma entidade global que poderíamos chamar de ‘o sistema’, por outro” (ORTNER, 2011, p. 444). Analisar, portanto, os rituais ligados a setores “progressistas” ou “conservadores” da Igreja Católica permite perceber, por meio dos agentes que organizam e participam desses eventos, como essas ações são desenvolvidas a partir de estruturas encontradas nessa instituição religiosa.

## **2. A ROMARIA DA TERRA: UMA POLÍTICA DEVOÇÃO?**

Este capítulo analisa duas edições da romaria da terra do Paraná realizadas nos anos de 2014 e 2015: a primeira, nomeada 28ª Romaria da Terra, ocorreu em Congonhinhas - PR; a segunda, 23ª Romaria da Terra e das Águas, em Timbó Grande - SC. Embora esta última tenha ocorrido no interior catarinense, lideranças do Paraná participaram em sua organização, como o padre Dirceu e a agente de pastoral Isabel. Esta romaria de 2015 recebeu significativa atenção por parte dos fieis, pois se tratou da memória do centenário da Guerra do Contestado. Assim, a escolha pela cidade de Timbó Grande, uma das cidades envolvidas nesse conflito, aglutinou romeiros dos três estados do sul do Brasil, além de São Paulo. Essa romaria da terra analisada em Santa Catarina, portanto, foi realizada conjuntamente pelas CPTs desses quatro estados brasileiros.

Nas palavras de Carlos Steil, os estudos das romarias são importantes “para a compreensão das transformações que vêm ocorrendo no contexto social e religioso, na medida em que oferecem um amplo repertório linguístico de signos, símbolos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização” (STEIL, 1996, p. 59).

Por ser a romaria uma devoção antiga no cristianismo (SANCHIS, 2006), bem como em outras religiões como judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo, confucionismo, taoísmo e xintoísmo (TURNER, 2008), será analisado neste capítulo como essa prática é apropriada pela Comissão Pastoral da Terra – CPT – a partir da década de 1970 com a formulação da Romaria da Terra, espalhando-se rapidamente por vários estados brasileiros. O sagrado ganha contornos políticos, com diversas críticas relacionadas ao uso da terra, da água e sobre o meio ambiente, no contexto do modelo de desenvolvimento capitalista no Brasil, onde o rural é interpelado cada vez mais pelo viés urbano.

A diversidade encontrada no catolicismo diante da presença de identidades locais, como percebe Danièle Hervieu-Léger (2005), que torna difícil a possibilidade da homogeneização dessa religião, acaba sendo legitimada pelo Vaticano como maneira de não pulverização da mesma, levando a aceitação de formulações que nem sempre estão de acordo com os interesses hierárquicos da Igreja Católica. Isso acaba contribuindo para o surgimento de diversas interpretações e práticas religiosas, dentro da mesma instituição. É o que se percebe no caso da romaria da terra, e de forma mais ampla em

diversos setores do catolicismo que são herdeiros das propostas da Teologia da Libertação. Outrora combatidos com maior vigor pela Santa Sé, atualmente possuem certa autonomia, na hipótese da manutenção quantitativa de fieis nos quadros institucionais. Assim, se não há apoio explícito ao evento por parte das principais lideranças eclesiais no Brasil, também não há o impedimento de sua realização, conforme verificado na Arquidiocese de Londrina, *locus* do presente estudo.

Na tentativa de compreender esse evento religioso, foi feita pesquisa de campo, com observação *in loco*, além de conversas informais com os romeiros. No entanto, segundo observa Clifford Geertz, “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias” (GEERTZ, 2014, p. 16 – grifos do autor). Nesse sentido, não se pretende estudar o fenômeno específico de Congonhinhas ou de Timbó Grande, mas, através dessas duas romarias, perceber o significado desses eventos, relacionando-os a compreensão por parte do fiel em sua vida cotidiana e seus desafios sociais e políticos.

## **2.1. A romaria da terra e a CPT**

A romaria da terra é organizada pela Comissão Pastoral da Terra, uma das pastorais sociais da Igreja Católica no Brasil e, portanto, sua abordagem neste estudo se faz relevante, diante da proposta desta pesquisa de verificar a interligação entre religião e política na atualidade.

Abordando o início do seu processo de sistematização, constata-se que o “surgimento da CPT ocorreu de forma oficializada em 1975, durante a XIV Assembleia Geral da CNBB” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 19). A sua formulação está relacionada ao contexto social e político em que se encontrava a América Latina, bem como ao desenvolvimento de uma perspectiva religiosa, a Teologia da Libertação, que percebeu e criticou uma série de problemas sociais no continente como a pobreza, o desemprego, a carestia, o latifúndio etc. Esse posicionamento foi objeto de muitas críticas e reações, muitas vezes à própria instituição católica, resultando no silenciamento de vários atores religiosos por parte do Vaticano, como foi o caso de Leonardo Boff, ocorrido em 1985<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé desde 1981, foi o responsável pelo processo que culminou com o silenciamento de Leonardo Boff em 1985, devido à publicação do livro

Outro fato abordado pela Teologia da Libertação e pela qual se voltou muitos de seus adeptos<sup>55</sup> foi a oposição à instauração de ditaduras militares ocorrida em alguns países da região entre as décadas de 1960 a 1980, como o Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina e o próprio Brasil, sendo esse último entre 1964 e 1985. Tal posicionamento custou caro a muitos religiosos, que foram duramente perseguidos, presos e até mesmo assassinados pela repressão militar. Há um caso suspeito de um padre oriundo da região de Londrina que morreu em São Paulo nesse período. A versão oficial trata de um acidente automobilístico; já familiares e alguns padres mais antigos da Arquidiocese de Londrina suspeitam de assassinato por parte dos militares.

A emergência deste setor na Igreja Católica, muitas vezes denominado de “progressistas” está associado a alguns eventos que, de alguma maneira, contribuíram para a sua sistematização posterior. O primeiro ocorreu em 1891 com a edição da encíclica *Rerum Novarum*, pelo papa Leão XIII, abordando problemas sociais enfrentados pelos operários europeus, no contexto do capitalismo industrial. No entanto, “mesmo defendendo o direito dos operários se organizarem em sindicatos, Leão XIII propõe uma doutrina social baseada na ideia de se confiar na ‘bondade dos ricos e na paciência dos pobres’” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 19).

Um segundo elemento ocorreu em 1962, com a convocação do Concílio Vaticano II pelo papa João XXIII. Buscando aproximar a Igreja Católica dos problemas sociais da época e estabelecendo um papel de contestação política, gerou o que é chamado de *aggiornamento*: “o processo de abertura e inserção [da Igreja] no mundo” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 20).

Na América Latina algumas interpretações do Concílio Vaticano II foram discutidas e elaboradas nas Conferências do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) em Medellín, 1968 e Puebla, 1979.

Sua expressão ideológica sistematizada é a Teologia da Libertação e sua experiência referencial, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Sua visibilidade social está associada ao papel que a Igreja Católica

---

*Igreja: carisma e poder*, cujas críticas recaiam na própria Igreja Católica. Ratzinger deixou este cargo em 2005, ano em que foi eleito papa – Bento XVI – até 2013, quando renunciou ao cargo de pontífice da Igreja Católica, sendo sucedido pelo atual papa Francisco.

<sup>55</sup> Nesse sentido destaca-se a figura de dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo metropolitano de São Paulo entre 1970 e 1998, quando renunciou por limite de idade. Juntamente com o pastor presbiteriano Jaime Wright, foi organizado um extenso relatório de presos e desaparecidos políticos, bem como a descrição de várias torturas sofridas por vários jornalistas, religiosos, intelectuais, estudantes etc., que ficou intitulado *Brasil: nunca mais*.

desempenhou no apoio e articulação dos movimentos sociais de contestação do regime militar, no contexto político dos anos de 1970 e 1980 (STEIL, 2004, p. 21).

Nesse contexto da Teologia da Libertação no Brasil e América Latina é que são formuladas várias pastorais sociais, entre elas, a Comissão Pastoral da Terra. “Dentro de seu trabalho na questão agrária, opta preferencialmente por trabalhar com boias-frias, sem-terra e pequenos proprietários, valorizando dentro de sua estrutura funcional a participação dos leigos” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 25).

De acordo com Júlio César Adam, a CPT surge como “*serviço* da Igreja, e está voltada para a organização dos posseiros expulsos de suas terras, colocando-se a disposição para lhes dar assessoria e formação pastoral-teológica, metodológica, política e social” (ADAM, 2002, p. 54). Ainda para este autor, a formulação da CPT consistia na “articulação pela busca de um contrapoder de baixo, diante do poder das oligarquias da terra e dos militares de cima, e, ao mesmo tempo, na motivação das Igrejas para o problema da terra nas respectivas regiões” (ADAM, 2002, p. 54).

Dessa forma, a CPT Nacional, estrutura que se desenvolveu a partir da questão da terra no Brasil, será representada em vários estados a partir de cada contexto. Ou seja, as proposições da CPT Nacional possui um caráter geral, levantando dados e formulando práticas que englobam os problemas do campo no país, enquanto nos estados, tais propostas ganharam formulações próprias, focando em aspectos específicos regionais, sem deixar de lado a crítica às mais diversas situações de desigualdades e violências geradas em relação à terra.

As diversas CPTs regionais possuem desde o início uma relação de abertura em relação a outras religiões, sob o viés do ecumenismo. Incluem em seu trabalho além de outras Igrejas, “outras formas de religiosidades e, inclusive, organizações não ligadas a Igrejas, enfrentando toda sorte de crises e conflitos com as hierarquias eclesiais” (ADAM, 2002, p. 55). Além disso, segundo Adam (2002), o trabalho da CPT é dirigido essencialmente por agentes de pastoral, ou seja, lideranças leigas, embora também conte com o auxílio de pessoas do clero como assessores e, portanto, representantes de parte da hierarquia católica.

A CPT do Paraná teve seu início no final da década de 1970, seguindo as diretrizes estabelecidas pela CPT Nacional, a partir das decisões tomadas em suas assembleias. “Ela somente se difere nas suas ações, pois essas são decididas nas especificidades das

lutas pelas terras locais” (VALCARENGHI, 2013, p. 56). Sua primeira sede foi na cidade de Entre Rios, região oeste paranaense, mudando-se posteriormente para Curitiba. A secretaria da CPT-PR está sediada em Londrina desde abril de 2015<sup>56</sup>. O padre Dirceu é o seu coordenador desde 2006, juntamente com Isabel, agente de pastoral, ambos residentes em Londrina. Dessa maneira, essa cidade norte paranaense tem ocupado um lugar de destaque na condução da CPT no estado nos últimos anos.

De acordo com Alexandre Valcarenghi, a CPT iniciou sua ação pastoral no Paraná “no contexto da expansão do capital no campo e da modernização da agricultura e, principalmente, com a luta dos camponeses atingidos pelas águas da usina Itaipu” (VALCARENGHI, 2013, p. 57). Para esse autor, as décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela tentativa do capital de ocupar espaços na região oeste do Paraná, “tentando reagrupar a estrutura fundiária e as relações sociais e econômicas do campo. O capital agroindustrial tentava submeter a agricultura a sua lógica, entrando em confronto com o modo de vida e de produção dos camponeses da região” (VALCARENGHI, 2013, p. 57).

O surgimento da romaria da terra está associada a essa vertente religiosa, sendo organizada pela CPT, como observado até aqui, em um período de efervescência sócio-política. A partir dos problemas relacionados ao campo como resultado das contradições do capitalismo, sem perder de vista diversas consequências para a vida urbana<sup>57</sup>, romeiros expressam sua espiritualidade a partir desse contexto. Nesse sentido, Carlos Steil compara o catolicismo romanizado com o catolicismo libertador: “... se o catolicismo romanizado buscava deslocar o sagrado do espaço geográfico para a instituição [...], o catolicismo da libertação procura desloca-lo da instituição para a sociedade, dos mediadores clericais para os mediadores políticos” (STEIL, 2004, p. 21), influenciando, portanto, diretamente as formas de manifestações religiosas por parte dos fiéis católicos. No caso delimitado nesta pesquisa foi possível observar isto entre alguns romeiros que viajaram a Congonhinhas e a Timbó Grande.

Sobre a questão administrativa, cada estado possui autonomia para a realização da romaria da terra local. No Paraná, por exemplo, a CPT é coordenada pelo padre

---

<sup>56</sup> Toda documentação histórica foi entregue ao Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade Estadual de Londrina, em processo de higienização e sistematização.

<sup>57</sup> O êxodo rural é um exemplo do resultado dos problemas ocorridos no campo. Com as dificuldades encontradas pelos trabalhadores rurais, muitos encontram como saída a migração para as grandes cidades, criando o esvaziamento do campo e, ao mesmo tempo, o crescimento desordenado das cidades. Tal prática resulta, muitas vezes, no surgimento de dificuldades ainda maiores das vividas no campo para aqueles que se arriscam nessa decisão. Os problemas vividos no campo, portanto, podem desencadear situações que corroboram em sua continuidade no meio urbano.

Dirceu, como já destacado anteriormente, é vigário paroquial na Nossa Senhora dos Migrantes e por Isabel Diniz, agente de pastoral, sendo essas duas lideranças também responsáveis pela organização da 28ª Romaria da Terra do Paraná. Na Romaria do Contestado, em Timbó Grande, além deles, estiveram também envolvidas outras lideranças dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e especialmente Santa Catarina.

## 2.2. As romarias da terra no Paraná

A primeira romaria do Paraná ocorreu em 1985, cujo lema foi *Do Senhor é a terra e tudo que nela existe*. Foi realizada em Guaíra, região oeste do estado, “em um espaço que se encontrava em conflito por causa da perda das terras por alagamento pela barragem de Itaipu” (VALCARENGHI, 2013, p. 83). Assim, o lema escolhido “vem no intuito de criticar a apropriação privada da terra que, desta forma, não cumpre sua função social e gera pobreza e miséria” (VALCARENGHI, 2013, p. 83). Desde então, anualmente essas romarias são realizadas em cidades e contextos diferentes<sup>58</sup>.

Embora um movimento religioso cuja participação leiga se demonstra muito importante, a presença de pessoas do clero contribuiu para o seu desenvolvimento. Dom Ladislau Biernaski<sup>59</sup>, bispo auxiliar de Curitiba e que também possuiu ligação com a CPT como vice-presidente, é um exemplo. Em uma religião estruturada rigidamente a partir de elementos hierárquicos, a crítica de um bispo a um movimento pode significar o seu desmantelamento. Em alguns documentos da CPT analisados relatam a presença do bispo nessas romarias<sup>60</sup>.

Dom Tomás Balduino<sup>61</sup>, um dos fundadores da CPT e seu presidente por alguns anos, também esteve presente na 15ª romaria, em Curitiba. A participação desses bispos nessas romarias legitima e reforça sua presença dentro do universo católico. Por ser uma romaria que difere em grande parte das demais, a participação de lideranças

---

<sup>58</sup> O quadro com data, local e tema de todas as romarias da terra do Paraná pode ser encontrado no Apêndice, nas páginas 212 e 213.

<sup>59</sup> D. Ladislau Biernask, sacerdote vicentino e bispo católico brasileiro, viveu entre 1937 e 2012. Foi bispo auxiliar de Curitiba, região que nasceu e atuou enquanto sacerdote. Foi presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra de 2009 a 2012, quando faleceu.

<sup>60</sup> Os números 125 e 160 do *Boletim da Comissão Pastoral da Terra* relatam a participação de dom Ladislau na 9ª e 15ª Romaria da Terra nos anos de 1994 (Pinhão) e 2000 (Curitiba), respectivamente.

<sup>61</sup> D. Tomás Balduino, frade dominicano, viveu entre 1922 e 2014. Foi bispo emérito de Goiás e fundador da Comissão Pastoral da Terra. Em nota de falecimento emitida pela CPT é denominado de “o bispo da reforma agrária e dos indígenas”. [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br). Acesso em: 28 nov. 2016.

importantes da hierarquia católica concede prestígio a um tipo de ritual cuja expressão é pequena.

Percebe-se certo caráter ecumênico nessas romarias do Paraná, desde o início, como demonstra Adam (2002). Por ser o sul região onde o luteranismo possui forte presença, documentos da CPT narram a presença de religiosos ligados ao protestantismo histórico, como é o caso do pastor luterano Edgard Ravache, presente em algumas edições, recebendo menção juntamente com os bispos Ladislau Biernaski e Tomás Balduino. Nesse sentido, influenciada pela Teologia da Libertação, que se caracteriza pela defesa do ecumenismo, as romarias da terra tornam-se um espaço de diálogo social e inter-religioso, evidenciando que os problemas sociais afetam a todos, independente da pertença religiosa. Assim, o seu enfrentamento diz respeito a qualquer pessoa, não apenas aos católicos. Além do mais, juntar forças com lideranças de outras religiões contribui para o fortalecimento do movimento, que enfrenta certa oposição dentro do próprio catolicismo.

A primeira romaria da terra do Paraná, ocorrida em Guaíra, tem um significado importante na contestação a respeito do uso da terra. Nesse caso, a região foi palco do conflito entre a Itaipu e os posseiros, em que a CPT tentou fazer a mediação (VALCARENGHI, 2013). O lema adotado, *Do Senhor é a terra e tudo que nela existe*, ajudou a estabelecer a crítica a partir de um pressuposto religioso, utilizando um versículo bíblico<sup>62</sup>. Para Alexandre Valcarenghi, o lema teve o “intuito de criticar a apropriação privada da terra que, desta forma, não cumpre sua função social e gera pobreza e miséria” (VALCARENGHI, 2013, p. 83). Assim, desde a primeira romaria em 1985 já é possível perceber certo aspecto contestatório aos problemas do campo no estado do Paraná.

As romarias da terra do Paraná exerceram um papel relevante nesse estado onde o contexto agrário é um dos mais conflituos e violentos do Brasil, de acordo com Júlio César Adam (2012). Segundo esse autor, o Paraná foi ocupado durante séculos essencialmente por índios e pequenos agricultores. A partir da década de 1850 ocorre a chegada de imigrantes europeus, também para trabalhar na agricultura. “Somente a partir do século XX começa um processo de modernização capitalista do campo e uma recolonização do estado nestes moldes, através do governo federal, estadual e investidores estrangeiros” (ADAM, 2012, p. 53). Seus primeiros moradores não foram

---

<sup>62</sup> Salmo 24:1.

considerados nesse processo de modernização do estado, ainda nos dias de hoje, resultando em um espaço marcado por diversos conflitos.

Dos estados que formam a região sul do Brasil, o Paraná se destaca em relação a luta pela terra. Dados estatísticos sobre a violência contra a ocupação e a posse, elaborados pelo boletim da CPT, demonstra que em 2015, Santa Catarina contou com seis casos, Rio Grande do Sul 22 e o Paraná somou 31 casos. Embora haja números mais expressivos, como 120 no Maranhão, o maior do país, seguido de 99 na Bahia e no Pará, entre os estados do sul o Paraná possui o maior índice. Além disso, está próximo de estados como São Paulo, 41, e Goiás, com 37 casos<sup>63</sup>.

Embora mantendo um tom crítico desde o seu início, as romarias no Paraná também receberam um caráter mais formal: “Tivemos uma fase inicial onde tínhamos um certo estilo, um rito, uma ritualidade muito mais católica, mesmo que a CPT sempre foi ecumênica”<sup>64</sup>, afirma o padre Dirceu. Assim, é a partir de sua quinta ou sexta edição é que passará a ter maior abertura, “mais política, mais celebrativa na realidade, e poucos discursos políticos, mas a própria celebração tentava expressar um pensamento, por assim dizer, uma postura política”<sup>65</sup>.

Dessa maneira, a crítica estabelecida nas romarias do Paraná recebe já nas primeiras edições um tom de contestação às questões relacionadas à terra, mas não no sentido discursivo apenas, da homilia tradicional do catolicismo, mas por meio das encenações, teatralidades, performances. A crítica é feita por intermédio de símbolos, músicas, poesias, vivências coletivas etc. Assim, o viés hierárquico católico é reformulado, envolvendo além do clero, a participação de diversos leigos na construção performática ao longo das romarias no Paraná. As homilias de lideranças do clero cedem espaço às encenações de jovens leigos. O discurso dá lugar à prática de performance, onde o fazer é também dizer (PEIRANO, 2002).

Assim é narrado um momento da 15ª Romaria em Curitiba: “uma carroça com barris de vinho e um grupo de italianos dançando a tarantella e a umbrella e levando a Bíblia, foram o símbolo da Romaria, em memória a todos os imigrantes que fundaram a cidade de Curitiba”. Continua o articulista no boletim da CPT: “Seguidos de um grupo de

---

<sup>63</sup> *Conflitos no Campo* – Brasil 2015. Goiânia: CPT Nacional, 2015. p. 99.

<sup>64</sup> Entrevista 26012016 - folha 5.

<sup>65</sup> Entrevista 26012016 - folha 5.

negros dançando capoeira e de índios do Paraná, todos fizeram uma grande festa das etnias e cultivaram a terra espalhada sobre o palco da 15ª Romaria da Terra”<sup>66</sup>.

Embora as edições das romarias estejam voltadas basicamente para críticas ligadas ao problema da terra, alguns temas também ganham evidência em suas elaborações. No caso da 15ª romaria o etnocentrismo, baseado a partir da construção de diferenças étnicas, foi criticado. Assim, Curitiba – e o Paraná – deixou de ser pensada apenas sob a imagem do imigrante europeu branco. As figuras do negro e do índio também foram consideradas e valorizadas, contribuindo dessa forma para o enfrentamento ao preconceito recebido por pessoas desses grupos. Junto a isso, inserir o índio e o negro na encenação é uma forma de resgatar a memória desses povos que precederam cronologicamente aos imigrantes europeus.

A utilização das encenações também marcou a 9ª Romaria, em Pinhão: “um trem feito de papelão, percorreu a multidão lembrando as oito Romarias anteriores. Em frente a Matriz, foi plantada uma cruz de cedro com casca, para rebrotar, símbolo do profeta João Maria que depois da Guerra do Contestado esteve na região”. Continua o texto do boletim: “A cruz tem um sentido místico ligado à formação dos faxinais. Ela era colocada junto a um olho d’água, onde a comunidade batizava as crianças”<sup>67</sup>.

Essas encenações tentam transmitir a realidade que muitos trabalhadores do campo vivem sob opressão de grandes indústrias: “os posseiros fizeram uma encenação mostrando a sua luta contra a madeireira Zattar que, na década de 50, grilou 60 mil hectares de terras do município, e usando a violência vem tentando expulsá-los da terra”<sup>68</sup>. Além da expulsão de posses centenárias da região de Pinhão, as madeiras que ali chegaram também contribuíram para a devastação das últimas grandes reservas de araucárias<sup>69</sup> do Paraná (VALCARENGHI, 2013).

A mensagem religiosa é também política, como demonstra o coordenador da CPT na época da 9ª Romaria: “em paz, com tranquilidade e muita alegria, a Romaria mostrou que os posseiros do Pinhão não estão sós. A resistência que eles vêm mantendo há

---

<sup>66</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XXI, nº 160, ago./set./out. 2000. p. 9.

<sup>67</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XIX, nº 125, out./nov. 1994. p. 13.

<sup>68</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XIX, nº 125, out./nov. 1994. p. 13.

<sup>69</sup> A araucária é uma árvore típica da região sul do Brasil, embora também esteja presente em regiões do sudeste em menor proporção. Tornou-se símbolo do estado do Paraná. É também o nome de uma cidade que faz parte da Região Metropolitana de Curitiba.

décadas contra a violência desencadeada pela madeireira Zattar, tem o apoio de muita gente”<sup>70</sup>.

Se uma das marcas da Teologia da Libertação é a “opção preferencial pelos pobres”, a partir das conferências episcopais latino-americanas das décadas de 1960 e 1970, em Medellín e Puebla, as romarias seguem essa tendência no Paraná. Na romaria em Pinhão “estiveram presentes as vítimas da violência – atingidos pelas barragens, posseiros, sem terra, boias frias e dona Lúcia, a viúva de Diniz Bento da Silva, o Teixeirinha, executado pela Polícia Militar em 8 de março de 1993”<sup>71</sup>.

Outros segmentos do catolicismo também demonstram interesse nas romarias da terra do Paraná. A Pastoral da Juventude é um exemplo. Com forte representação nas duas romarias das quais realizei pesquisa de campo em 2014 e 2015, a PJ aparece em documentos históricos da CPT em 2000, na romaria realizada na cidade de Curitiba: “Durante a festa dos pequenos realizada na Pedreira, foram lembradas as cinco palavras da Consulta Popular (Democracia, Sustentabilidade, Solidariedade, Desenvolvimento e Soberania), que inspiraram a construção de uma grande bandeira do Brasil formada pelos jovens da Pastoral da Juventude”<sup>72</sup>.

Além das encenações, cantos e orações, peculiares à representação do campo e seus dilemas enfrentados pelos trabalhadores, outro símbolo que contribui para concretizar a mensagem dessas romarias aos fieis presentes também estão ligados à terra: “ao final da celebração, uma bênção final lembrou que cada um dos romeiros era uma pedra na construção do mundo novo: uma pedra foi a lembrança da 15ª Romaria da Terra do Paraná”<sup>73</sup>.

Embora atualmente presente em todas as regiões do Brasil, a romaria da terra teve sua origem na região sul, assim como o MST, no período da ditadura militar (1964-1985), “relacionada diretamente à então nascente Teologia da Libertação e direcionada contra a injustiça social no campo. Ela surgiu em apoio aos chamados povos da terra, ou seja, índios, posseiros, pequenos agricultores, sem-terra, assalariados rurais e atingidos por barragens” (ADAM, 2002, p. 53).

Segundo o mesmo autor, “esta nova forma de prática litúrgica foi, já desde seu início, uma mistura de elementos das romarias tradicionais, passeatas de protestos e

---

<sup>70</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XIX, nº 125, out./nov. 1994. p. 13.

<sup>71</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XIX, nº 125, out./nov. 1994. p. 13.

<sup>72</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XXI, nº 160, ago./set./out. 2000. p. 9.

<sup>73</sup> *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*. Ano XXI, nº 160, ago./set./out. 2000. p. 9.

novas formas de espiritualidade em torno das comunidades de base, todas marcadas, mais ou menos, pela união de dois polos: a fé e a política” (ADAM, 2002, p. 53).

Embora venha passando por um momento de diminuição da participação de fieis, a romaria da terra é atualmente uma expressão relevante que persiste em um modelo de religiosidade formulado sob o viés da Teologia da Libertação. A seguir, o trabalho etnográfico nas romarias de 2014 e 2015 ajudará a compreender melhor essa prática religiosa no contexto da Arquidiocese de Londrina.

### **2.3. A 28ª Romaria da Terra do Paraná**

No dia 17 de agosto de 2014 foi realizada a 28ª Romaria da Terra, em um domingo de muito sol, embora perto do meio dia houvesse breve chuva. O local escolhido nesse ano foi o município de Congonhinhas, pertencente à diocese de Cornélio Procópio. Essa cidade está localizada no “norte pioneiro paranaense, distante 48 quilômetros de Cornélio Procópio, 100 quilômetros de Londrina e 356 quilômetros de Curitiba. A cidade surgiu como um povoado na década de 1920 e foi elevada à condição de município em 1945”<sup>74</sup>. Segundo dados do IBGE, a cidade conta atualmente com pouco mais de 8.600 habitantes. Desses, aproximadamente 56% vivem na área urbana e 44% na zona rural.

O evento teve como tema: *Às sombras dos eucaliptos choramos as saudades dos tempos de fartura – Salmo 136*. Nele foi abordado o problema da plantação de pinus e eucalipto no Paraná e no Brasil. A monocultura dessas árvores tem provocado uma série de danos ao meio ambiente e para a agricultura camponesa, além do desemprego no campo. Essa prática tem aumentado bastante na região de Congonhinhas e, devido a esse motivo, os organizadores da romaria optaram em realiza-la nessa cidade, embora o problema socioambiental apresentado também esteja presente em outras regiões do estado.

No documento oficial, distribuído aos romeiros, destaca que a plantação dessas árvores “abastecem principalmente as indústrias de papel e celulose, fábricas de móveis e de produtos de madeira, além de siderúrgicas que necessitam de carvão vegetal para produção de ferro-gusa, componente na fabricação do aço”<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> 28ª Romaria da Terra do Paraná, 2014, p. 3.

<sup>75</sup> 28ª Romaria da Terra do Paraná, 2014, p. 4.

Em decorrência do processo da monocultura dessas árvores, foi detectado pelos organizadores da romaria e captado em seus discursos ao longo do evento algumas questões, como: a) impactos ambientais: desequilíbrio das águas, sendo uma planta que consome muita água e a perda da biodiversidade e b) impactos sociais: diminuição na geração de empregos, provocando o esvaziamento do campo, além do trabalho escravo, violação e desrespeito aos direitos dos trabalhadores.

Assim, verifica-se na romaria da terra, similaridades com a pastoral que a formula, a CPT, conforme apontam Jorge Villalobos e Geovanio Rossato: “Poderíamos definir a ‘largos passos’ a CPT como um movimento político-religioso. Um amálgama entre política e religião, que encontra suas diretrizes básicas e sua justificativa teórica na Teologia da Libertação e na realidade brasileira” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 26). Dessa forma, é possível perceber neste estudo como a interligação entre religião e política permite a vivência e formulação de uma religiosidade popular em época que se destaca o catolicismo carismático (STEIL, 2004), segmento religioso que desde a década de 1990 vêm ganhando forte visibilidade social no Brasil.

A romaria da terra pode ser percebida enquanto um ritual que se sobressai entre as práticas religiosas cotidianas. Não apenas por ser realizada uma vez ao ano, mas pelo deslocamento do fiel de seu espaço mais comum e rotineiro: a paróquia. Junto a isso, o contato com pessoas de diferentes localidades, outras lideranças, liturgia e ritos específicos, também contribuem para pensar a romaria enquanto rito. As contribuições de Victor Turner sobre os rituais, portanto, são importantes nesta análise.

Nesse intuito, acompanhei alguns fieis desde a sua saída em caravana de Londrina, passando o dia em Congonhinhas, até o seu retorno, já no final da tarde daquele domingo. Dentre alguns ônibus que partiram com romeiros londrinenses, acompanhei ao longo desse dia de observação, fieis pertencentes à capela Santa Helena, sob a responsabilidade do padre Dirceu, que viajou alguns dias antes com o objetivo de organizar os últimos detalhes da romaria. No entanto, o trajeto da viagem a partir de caravanas organizadas por paróquias/capelas é apenas uma forma desses romeiros se deslocarem ao local estabelecido.

Outro elemento importante percebido na forma de participação da romaria é a organização por meio de pastorais. A Pastoral da Juventude, por exemplo, foi o grupo mais expressivo numericamente nesse evento. Há, portanto, certo grau de autonomia por parte dos fieis na maneira como se organizam para a participação na romaria da

terra: a partir do contexto paroquial, que é geográfico; por meio de pastorais ou grupos específicos, reunindo pessoas de paróquias distintas; ou mesmo individualmente, como é o caso de famílias que viajaram em seus próprios automóveis, sendo às vezes os únicos representantes de sua paróquia ou pastoral.

Na caravana que viajei com romeiros da capela Santa Helena, o ônibus fretado pela própria comunidade partiu repleto de fieis logo cedo, às 06:20 da manhã. A maioria já havia participado de edições anteriores da romaria da terra, demonstrando que a comunidade estava articulada na participação de eventos como esse, que une religião e problemas sociais contemporâneos. Alguns romeiros relataram ter participado de outras programações nesse mesmo ano, como por exemplo, no dia do trabalhador, realizado na cidade de Porecatu, distante 95 quilômetros de Londrina, onde foi abordado problemas relacionados ao trabalho no campo. Esse grupo de fieis, portanto, demonstrou possuir o costume de participar de eventos religiosos com abordagens sociopolíticas. Isso também demonstra a influência do clero, embora a figura do leigo ganhe proeminência na Teologia da Libertação. Por ser o padre Dirceu líder da CPT e organizador de eventos cujas abordagens são feitas a partir de questões sociais, sua comunidade demonstrou seguir características semelhantes, como as percebidas em seu engajamento nessa romaria da terra.

Havia no ônibus a presença de jovens e adultos, de ambos os sexos, todos moradores da região do Jardim Maracanã, bairro periférico de Londrina, próximo à divisa com a cidade de Cambé, onde está localizada a capela Santa Helena. Alguns pais levaram seus filhos pequenos para a romaria. Com muita oração e cânticos por parte dos fieis, o ônibus partiu de Londrina sob a euforia de todos, o que foi se perdendo durante a breve viagem.

Ao chegar à entrada de Congonhinhas, juntamente com outras caravanas e carros particulares que vinham de outras regiões, todos foram recebidos com muita festa por jovens que já estavam posicionados estrategicamente na entrada da cidade, dando boas vindas aos romeiros que chegavam. Além de algumas instruções, entregaram também um livreto com a letra de várias músicas que seriam cantadas durante o evento, preso a um cordão, em que o romeiro poderia pendurar em seu pescoço, se assim desejasse.

Após estacionar, descemos do ônibus, andamos por umas três quadras já no centro da pequena cidade e logo nos deparamos com uma multidão de fieis em frente à igreja matriz de Congonhinhas, onde havia várias mesas fartas com café, leite e pão

caseiro. Enquanto isso, a poucos metros dali, um trio elétrico com alguns jovens tocando e cantando músicas religiosas e sertanejas embalava o início da concentração dos fieis. Havia também nesse momento de recepção, muita conversa, sorrisos e muita alegria, antecedendo a abertura oficial da romaria da terra em Congonhinhas.

Houve a presença de aproximadamente quatro mil romeiros provenientes de várias partes do Paraná, além de outros estados, como Rio Grande do Sul e São Paulo. Por trás de um objetivo comum, que era a crítica à monocultura do eucalipto e pinus e suas consequências desastrosas para o meio ambiente e, conseqüentemente, para a sociedade em geral, rural e urbana, muitos fieis exibiam bandeiras, faixas e camisetas que demonstravam seus vínculos a determinados movimentos sociais e grupos religiosos, evidenciando por meio desses objetos, ligação entre setores do catolicismo e aspectos sociopolíticos.

Não era difícil encontrar romeiros com camisetas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT). Havia também fieis com bandeiras do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Lideranças políticas e candidatos ao legislativo pelo PT da região norte do Paraná estavam presentes no evento, assim como do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), sendo esse último em menor quantidade.

Por ser 2014 ano eleitoral, a presença de candidatos diante de um público expressivo não deixa de ter a sua importância nessa época decisiva para aspirantes a um mandato político, ou mesmo o seu renovo, no caso daqueles eleitos anteriormente. Afinal, se a máxima usada no pentecostalismo é “evangélico vota em evangélico”<sup>76</sup>, porque não “católico vota em católico”? Campanha política propriamente não foi realizada, no sentido de conquistar novos eleitores. No entanto, poderia haver o sentido de reafirmação de posições políticas diante de um público já conhecido. Havia, no entanto, distribuição de santinhos, por meio de conversas informais, apresentando suas propostas. Recebi pessoalmente de um candidato a deputado estadual pelo PCdoB, ligado ao MST, encarte com sua breve biografia e propostas políticas<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Rafael Gonçalves destaca que a partir de meados da década de 1980 os evangélicos no Brasil, que até então se demonstravam alheios à participação política, passaram a adotar estratégias para entrar no campo da política partidária. “A mobilização de eleitores fieis evangélicos a partir deste período contou com o lema ‘irmão vota em irmão’” (GONÇALVES, 2015, p. 328).

<sup>77</sup> Suas propostas giravam em torno da reforma agrária, economia solidária, direitos animais, demarcação de terras indígenas, superação das discriminações de raça, gênero e religião etc.

O espaço sagrado estava, portanto, repleto de elementos profanos, o que não pareceu ser motivo de estranhamento para nenhum participante presente na romaria. Esses símbolos políticos, ao contrário, se somavam a diversas pastorais e grupos religiosos como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), Pastoral da Juventude (PJ) etc. A romaria da terra enquanto evento religioso aglutina, assim, elementos considerados profanos, que não são objetos de culto em si mesmos, como os movimentos sociais e partidos políticos. A oposição entre sagrado e profano ou religião e política, perderam nesse evento seus lugares tradicionais de embates e oposição, redefinindo uma nova configuração entre os romeiros.

Isso também foi demonstrado com a presença de pessoas cujo vínculo religioso é bem fragmentado, mas que, por outro lado, desenvolve intensas participações em movimentos sociais ligados a causas trabalhistas, de gênero e etnia. Pessoas que dificilmente assistiriam a uma missa nos moldes do catolicismo oficial, mas que viajaram a Congonhinhas para participar da romaria da terra. Percebe-se, assim, que o sagrado não era, em última instância, o único elemento a atrair a presença de pessoas de vários lugares a esse evento. O aspecto político e, portanto, profano, também possuía seu próprio destaque, levando muitas pessoas àquele lugar, talvez mais pelo último fator do que ao do primeiro.

Deu-se início à programação, com os romeiros concentrados na praça, em frente à igreja matriz, bem próximo onde estavam servindo o café no início da manhã. Sob forte sol, os romeiros foram se acomodando, cada um à sua maneira, ao redor da praça. Muitas músicas foram tocadas do caminhão de som, acompanhadas pelos fieis, além de orações, leituras e algumas falas, todas relacionadas ao tema da romaria da terra de 2014. O novo bispo de Cornélio Procópio esteve presente, na companhia de seu antecessor.

Havia no evento diversos elementos simbólicos. Em um dos momentos principais, foi erguida uma rústica cruz feita com madeira de eucalipto. Junto a ela, surgiu o inesperado para um pesquisador pela primeira vez nesse evento: uma enxada<sup>78</sup> “crucificada”. Sendo a cruz com Cristo crucificado, um dos símbolos que permeiam o imaginário cristão católico, presente em igrejas, automóveis e até mesmo em espaços

---

<sup>78</sup> De acordo com o dicionário de português Michaelis, um dos significados de enxada é: “utensílio de ferro e aço, com que se cava a terra, amassa cal etc.”. Outro significado possível é: “ganha-pão, ofício, profissão”. Assim, o seu emprego tanto no sentido real quanto no figurado são importantes e estão presentes nesse ato dos romeiros em Congonhinhas.

públicos<sup>79</sup>, tal ato rompe com todo esse significado histórico religioso e insere uma discussão política, ligada ao tema da romaria, que é o plantio do eucalipto e suas consequências desastrosas para o meio ambiente e para o homem. O fato de Cristo não estar no centro da cruz e em seu lugar uma enxada, usada como símbolo do trabalhador rural, demonstra a analogia entre a morte de Cristo e a “morte” do trabalhador no campo decorrente do agronegócio, em uma perspectiva mais ampla, e o plantio de eucalipto/pinus, em um sentido mais específico neste evento.



Foto 1: A cruz sendo erguida com a enxada ao centro na 28ª romaria da terra. Disponível em [www.avenidaparana.blogspot.com](http://www.avenidaparana.blogspot.com). Acesso em: 10 jun. 2016.

Por cerca de trinta minutos a cruz de eucalipto ficou erguida, admirada pelos fieis que estavam em volta; muitos aproveitaram para registrar o momento por meio de fotografias com o aparelho celular. Enquanto isso, alguns jovens apresentaram uma encenação com trajes camponeses, carregando faixas, que denunciavam o trabalho escravo, a erosão do solo, a perda da biodiversidade, a deterioração da paisagem, doenças, o extermínio de animais e plantas, a concentração da terra, a destruição das nascentes de água, a expulsão dos camponeses e povos tradicionais (indígenas e

---

<sup>79</sup> Tal símbolo está presente em diversas repartições públicas no Brasil. Sendo o Estado laico, esse aspecto tem provocado profundos debates na academia e na sociedade civil organizada, sobre valores religiosos e laicos no país.

quilombolas) etc. Tudo isso era acompanhado de perto pelo padre Dirceu, que dispensou a batina, misturando-se entre os romeiros com seu boné amarelo, protegendo-o do forte sol.

Se a batina representa a posição do sacerdote na hierarquia católica, conferindo legitimidade à administração dos sacramentos diante do leigo que ocupa um papel inverso nessa relação, portanto, passivo, a dispensa da batina por um sacerdote, coordenador da CPT-Paraná e, portanto, um dos principais organizadores do evento, demonstra uma mensagem importante nesse rito católico: o elemento sagrado não se restringe ao clero, sob a ideia de objeto de manipulação por parte de um corpo de especialistas (BOURDIEU, 2007). Em última instância, dispensar a batina representa a inserção do leigo como sujeito da experiência profanada do sagrado. Em outras palavras, o aspecto divino do evento se manifestava sob um viés horizontal, onde clero e laicato possuíam participação conjunta.

Há aqui um elemento de antiestrutura, conforme propõe Victor Turner (1974; 2008): Cristo substituído pela enxada, ou, em última instância, pelo trabalhador. Se a Igreja Católica se estrutura a partir da figura de Cristo<sup>80</sup>, o camponês passou a ocupar lugar de destaque, justamente por ter um dos seus principais instrumentos de trabalho “pendurado” em uma tosca cruz de eucalipto. De fato, o trabalhador e seus dilemas modernos foram as figuras mais evidenciadas nesse dia, não ocorrendo o mesmo com o principal personagem do cristianismo.

Ao abordar o conceito de estrutura, Turner se refere “à estrutura social tal como a maioria dos antropólogos americanos e britânicos definiu o termo, ou seja, um arranjo mais ou menos peculiar de instituições mutuamente dependentes e a organização institucional de posições sociais e/ou atores que elas implicam” (TURNER, 2008, p. 253).

Dessa forma, ao conceituar antiestrutura, Turner ressalta que “o prefixo ‘anti’ é usado apenas estrategicamente e não implica uma negatividade radical. [...] Portanto, quando falo de antiestrutura, quero dizer algo positivo, um centro gerador” (TURNER, 2008, p. 254). Ou seja, observar elementos da antiestrutura, torna-se uma possibilidade importante para se compreender a própria estrutura.

Alguns conceitos de Victor Turner contribuem nessa análise da romaria. Afirma o antropólogo britânico que “as peregrinações são fenômenos liminares” (TURNER, 2008, p. 156). Essas entidades, segundo o autor, não se situam nem aqui nem lá (TURNER,

---

<sup>80</sup> “... sobre esta pedra edificarei a *minha igreja*” (Evangelho segundo Mateus, 16:18 - grifos meus).

1974) ou no original em inglês: *betwixt and between*<sup>81</sup>. Não se enquadram nas propostas de religiosidade do catolicismo oficial, hierarquizado, cujos papéis se encontram previamente estabelecidos, sem possibilidade de alternância, ainda que o leigo tenha seu lugar de participação nesse modelo religioso; no entanto, seu poder de decisão normalmente é reduzido, ao contrário do que ocorre com o clero.

Por outro lado, essas romarias não podem ser definidas e pensadas enquanto passeata de protesto, o que para Adam (2002) seria uma forma superficial de analisar o evento. Ainda que o MST tenha sua origem a partir do diálogo com o catolicismo de libertação, a romaria da terra possui junto a esse caráter contestatório, o viés religioso. Para Júlio César Adam, existe uma relação entre uma passeata de protesto e a romaria, mas “esta relação é bem mais complexa do que parece e está diretamente relacionada à forma de luta pela terra, na qual ‘vida, religião e política’ estão intimamente relacionadas” (ADAM, 2002, p. 60).

Assim, a romaria da terra por não ser uma missa, nem uma passeata de protesto ligada a um movimento social específico, pode ser percebida como o que Victor Turner (1974) denomina de *betwixt and between*. Isso possibilita compreender o fato de pessoas com faixas e camisetas do MST, PT, PCdoB, CUT, ao lado de outras trajando camisetas com nomes de paróquias, versículos bíblicos, imagens de santos e nomes de algumas pastorais, participarem do mesmo evento. A romaria da terra demonstra, assim, um momento de transição entre o político e o religioso, ou vice versa.

Tal aspecto de transitoriedade entre o político e o religioso, reflete na percepção de Adam sobre a romaria da terra: “no horizonte dos participantes de uma romaria não está um projeto sociopolítico claramente definido, mas sim uma forma de viver na terra que vai se definindo, ao longo de um processo: um modelo rural alternativo à agricultura capitalista-globalizada” (ADAM, 2002, p. 56).

Dessa forma, as alternativas “têm muito mais a ver com experiências concretas nas organizações do campo do que com uma pura ideologia política no vácuo das ideologias. Um modelo de sociedade encontra-se, sem dúvida, como pano de fundo do sonho, mas este pano de fundo surge das vivências e experiências – boas e ruins – no cotidiano da luta” (ADAM, 2002, p. 56).

---

<sup>81</sup> Na nota do tradutor da obra *Floresta de símbolos* (2005) destaca que por não haver uma tradução equivalente na língua portuguesa, optou-se por manter o termo original: *betwixt and between*. A nota cita exemplos de possíveis traduções: “aquém e além dos pontos fixos”, “entre dois mundos” e “entre e entrementes”.

Prossegue o autor:

está claro para os participantes da romaria que o modelo social-econômico atual não lhes serve. Elementos místicos-utópicos pertencem também a este pano de fundo, assim como uma clara teologia da terra, ambos ricamente ritualizados nas romarias da terra: a terra pertence ao Deus-Criador e a concentração de terra não faz parte da sua vontade (ADAM, 2002, p. 56, 57).

Se no campo político não há elaborações mais aprofundadas de um projeto gerado a partir de um consenso, como revela Adam (2002), no plano religioso tal ocorrência também se repete: isso porque o sagrado não é colocado como elemento transformador do aspecto terreno, como ocorre essa formulação no pentecostalismo brasileiro. No máximo ocorre a solidariedade e a identificação com a causa dos pobres, ou pequenos agricultores, sem, contudo, haver alguma forma de intervenção concreta do sagrado sobre os problemas denunciados pelos romeiros a partir de suas experiências no meio rural.

A participação dos fieis na romaria da terra ganha forma daquilo que Adam (2002) denomina de *política mística*. Diferente da política de confronto, como percebido nas ações do MST, por exemplo, a política mística possui natureza simbólica, “e tem a ver com o trabalho na terra, relação com a natureza, fé no Deus da Terra e da Vida” (ADAM, 2002, p. 60). Assim, não se assemelha às vivências do MST – embora haja sempre a participação de alguns de seus membros na romaria da terra – nem a um evento essencialmente religioso tradicional do catolicismo, como as missas e até mesmo outras formas de romaria. Como as “entidades liminares não se situam aqui nem lá” (TURNER, 1974, p. 117), religião e política na romaria da terra ganham contorno tênue.

### 2.3.1. Os santos da romaria

De acordo com Pierre Sanchis (2006), existe a figura do mediador pela qual as romarias são construídas: o santo. Na romaria da terra não houve esse elemento enquanto destaque e alvo da peregrinação dos fieis, tornando-a singular nesse sentido em relação às demais romarias. Mesmo a imagem de nossa Senhora tendo sido carregada por fieis em um momento da celebração, não demonstrou ser o elemento central do evento. De fato, não houve a figura de nenhum santo reverenciado entre os fieis que ocupasse a figura de “mediador”, como observa Sanchis. O camponês e seus

dilemas foram o elemento central da romaria. As músicas, homilias, encenações, poemas etc. eram todos relacionados ao homem do campo, anônimo, trabalhador. Isto sem nenhum reconhecimento oficial do Vaticano, bem como o pouco interesse do poder público a seu favor, processo esse histórico no país, afinal, o problema da terra vem de longa data.

No Brasil, um exemplo de romaria que possui ligação com a figura de um santo se encontra no estado do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte, onde viveu o Padre Cícero (1844 - 1934), santo popular da região nordeste. Essas romarias se estruturam a partir da figura desse santo, atraindo multidões de devotos a essa região, oriundos de várias partes do país (BRAGA, 2014).

Já em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, a romaria é realizada em torno de uma gruta onde se encontra uma Cruz de Cristo Morto, local da devoção ao Bom Jesus, com milhares de peregrinos que se deslocam até lá todos os anos (STEIL, 1996). Outro exemplo muito conhecido é o das romarias à Aparecida do Norte, estado de São Paulo, cuja devoção à Nossa Senhora e à imagem sagrada que lá se encontra ocorre durante o ano todo, sendo a maior devoção católica brasileira.

Todas essas romarias têm em comum o deslocamento para um local específico, como se lá tivesse se manifestado uma hierofania (ELIADE, 1992), que motivaria os romeiros todos os anos a se voltarem para aquele lugar onde se encontra o “santo” (SANCHIS, 2006), uma “reliquia” (BROWN, 1981).

A romaria da terra, ao contrário, ainda que ocorra todos os anos, o seu local de encontro é diversificado. Não é só, portanto, o peregrino que se desloca, mas a própria localidade onde se dará a chegada da devoção movimenta-se anualmente, produzindo uma dinâmica distinta, um tipo específico de peregrinação no qual o movimento que caracteriza a romaria não é aquele que segue os modelos mais tradicionais onde o romeiro todos os anos retorna ao mesmo lugar, tomado por sagrado.

O movimento de sair do seu local de origem, ir até o lugar onde se dá a celebração que é o ápice da romaria enquanto evento religioso e o retorno para casa não envolve, portanto, a busca de um contato com um santo que está em um lugar fixo. Envolve o próprio peregrinar e o contato com mensagens que são mais que discursos, mas uma discursividade que dá sentido à vida, às lutas da vida. É como se o sentido da experiência estivesse no próprio peregrino, no seu movimento, no que ele faz, no como ele faz, do que propriamente em algo que ele busca e que já está lá.

Mesmo o camponês ganhando centralidade na romaria da terra, dois bispos católicos foram homenageados, por se engajarem em causas populares durante seu sacerdócio: dom Tomás Balduino e dom Ladislau Biernask. O “dom” foi trocado pelo “são”; bispos transformarem-se em santos, sem passar pelo crivo da Santa Sé, tornando-se: “são Tomás” e “são Ladislau”. Demonstrou-se assim que lideranças do passado, com interesses e engajamento semelhantes, serviam como inspiração e ajuda espiritual desses romeiros. Ao escolher tais nomes, descartavam outros, estabelecendo assim, identidade ao grupo bem como o modelo de fé adotada, que não minimiza a esfera política, como ocorre em outros setores do catolicismo, bem como de outras religiões.

Se a figura do santo, tradicionalmente reconhecido na Igreja Católica está associada à efetuação e comprovação de milagres, ocorrendo todo um processo burocrático de reconhecimento junto ao Vaticano, na romaria da terra percebe-se um quadro diferente. O reconhecimento e homenagem a dom Tomás e dom Ladislau não estão ligados à realização de milagres, mas à dedicação e engajamento em questões sociais e políticas, em favor das camadas populares.

A estrutura do catolicismo é confrontada nesse momento, estabelecendo o que Turner chama de antiestrutura. Se a hierarquia da Igreja determina quem são os santos, na romaria da terra estratos menos importantes da instituição podem se ocupar de tal tarefa, sobretudo, segundo critérios e preferências próprios. Os leigos tornam-se participantes desse processo de escolha dos seus próprios santos, a partir de suas experiências e ideologias específicas, em um período determinado.

O reconhecimento e devoção dos seus “santos”, portanto, não pode deixar de estar presente nos atores religiosos que compartilharam das mesmas vivências e práticas religiosas, associadas ao viés político, como foi percebido nos romeiros de Congonhinhas.

### 2.3.2. Romaria da terra: lugar sagrado?

Outro fator importante encontrado nessa romaria, colocando-a em uma situação singular em relação às demais, está associado ao espaço. No caso de Juazeiro do Norte, conforme demonstra Antônio Braga (2014), há um local chamado Horto onde ocorrem as peregrinações por parte dos devotos do Padre Cícero que chegam ao Ceará. Segundo o antropólogo, essas romarias vêm ocorrendo “ano após ano, desde o final do século XIX.

Atravessaram o século XX e continuam nos dias de hoje como um dos fenômenos mais importantes da religiosidade popular brasileira” (BRAGA, 2014, p. 198).

Ao definir o peregrino utilizando o *The Oxford English Dictionary*, Victor Turner destaca ser “aquele que viaja para um lugar sagrado num ato de devoção religiosa” (TURNER, 2008, p. 161). Já no *The Jewish Encyclopedia*, o antropólogo britânico destaca a seguinte definição para peregrinação: “uma viagem feita a um templo ou local sagrado para cumprir um voto ou para obter algum tipo de benção divina” (TURNER, 2008, p. 161).

Assim, no caso de Juazeiro do Norte, as romarias têm lugar fixo, alvo de peregrinações constantes dos fieis, associada diretamente ao Padre Cícero. A espiritualidade está relacionada, além do santo – Padre Cícero – ao lugar. Não há a possibilidade de alternância do espaço nessa prática religiosa. O local permanecerá sempre o mesmo, continuamente. Ao desfazer o lugar, desfaz-se a peregrinação. É aí onde o fiel vive sua experiência religiosa. Não é possível pensar a devoção ao Padre Cícero, senão em Juazeiro do Norte.

No caso da romaria da terra, o lugar ganha um significado diferente. Ele é importante não por causa de sua historicidade ou de experiências religiosas que devotos foram acumulando no decorrer do tempo. Primeiramente, a romaria da terra ocorre em cidades diferentes a cada ano. Ou seja, não há um espaço definido enquanto lugar sagrado. A terra e o seu significado para o camponês, como meio de trabalho e sustento, é que se torna sagrado; é o local onde se cultiva, onde desenvolve laços familiares, onde se trabalha, onde se vive, onde se diverte. A terra, nesse sentido, está relacionada com a água<sup>82</sup>, com o alimento, com a natureza, com a vida. Essa forma de espiritualidade associa-se aos elementos da natureza, e, por conseguinte, o viés político se manifesta, no sentido de promover harmonia entre aspectos religiosos e terrenos e, em última instância, entre sagrado e profano.

Tendo em vista os constantes conflitos no campo, onde os pequenos agricultores buscam romper com a lógica de mercado que afeta a agricultura familiar, bem como o meio ambiente, por meio das grandes plantações sob o viés da monocultura e que

---

<sup>82</sup> Em alguns lugares o nome utilizado passou a ser Romaria da Terra e das Águas, como em São Paulo, Bahia, Maranhão e Goiás. Segundo Antônio Almeida (2005) a temática da água ganhou proeminência a partir da década de 1990, embora já tenha recebido certa atenção anterior. A CPT tem feito denúncias sobre o desperdício da água, contaminação, mercantilização etc.

resulta no processo de exportação de *commodities*<sup>83</sup>, o sagrado ganha contornos em relação à luta pela terra. Isso envolve a permanência em locais historicamente habitados; a produção diversificada de alimentos, que significa saúde para o indivíduo; geração de emprego no campo e a conseqüente permanência do trabalhador, evitando o êxodo rural; a preservação do solo e meio ambiente. Assim, a percepção do sagrado é interpretada pelo fiel como parte constitutiva de seu cotidiano.

Assim, Congonhinhas, local onde ocorreu a romaria da terra de 2014, não foi percebida pelos fieis como local sagrado em si, mas o meio que proporcionou o desenvolvimento de sua espiritualidade, na companhia de vários fieis, sendo a maioria desconhecidos. A concepção de sagrado foi revestida pelo elemento político, refletido e contextualizado a partir de problemas sociais contemporâneos, podendo ser combatidos politicamente pelo aspecto religioso, que assume um papel de “protagonismo” na história, segundo este termo comumente utilizado pelos próprios atores sociais<sup>84</sup>.

Dessa maneira, a espiritualidade dos romeiros era desenvolvida por meio de elementos que demonstravam o cotidiano da vida no campo. No livreto distribuído na chegada a todos participantes, havia músicas clássicas como *O Cio da terra*<sup>85</sup> e *Saudades da minha terra*<sup>86</sup>. Também havia músicas em que as questões do campo eram interpeladas por elementos sagrados: “Nas horas de Deus amém! Que a colheita seja boa, que ninguém mais vage à toa, Nas horas de Deus, amém!”<sup>87</sup>. Uma música das mais cantadas, dizia: “A terra é sagrada, feita por Nosso Senhor. Ele fez e deu ao homem e também nos ensinou. Que é nela que vivemos e a ela abençoou. É tão linda a natureza. É

---

<sup>83</sup> No inglês, *commodities* significa mercadoria. São, portanto, mercadorias produzidas em larga escala para atender o mercado internacional, sem passar pelo processo industrial, sendo assim, matéria-prima, com pouco valor agregado. O Brasil é um grande exportador de *commodities*, em que se destaca: a soja, o café, o suco de laranja, o minério de ferro e o alumínio.

<sup>84</sup> Na realização da pesquisa de campo, era frequente ouvir muitos católicos, especialmente ligados à Teologia da Libertação, utilizarem o termo “protagonismo”, no sentido de uma ação conduzida por eles próprios, em oposição à ideia do fiel expectador, que apenas vai à missa nos finais de semana.

<sup>85</sup> “Debulhar o trigo / recolher cada bago de trigo / forjar do trigo o milagre do pão / e se fartar de pão. / Decepar a cana / recolher a garapa da cana/ roubar da cana a doçura do mel / se lambuzar de mel. / Afagar a terra / conhecer os desejos da terra / cio da terra propícia estação / de fecundar o chão” (28ª Romaria da Terra, 2014, p. 33). A autoria dessa música é de Milton Nascimento e Chico Buarque (1977). Foi interpretada por vários cantores, como: Pena Branca e Xavantinho, Sérgio Reis, Omara Portuondo e Maria Betânia, entre outros.

<sup>86</sup> “De que me adianta viver na cidade / Se a felicidade não me acompanhar / Adeus, paulistinha do meu coração / Lá pro meu sertão quero voltar / Ver a madrugada, quando a passarada / Fazendo alvorada começa a cantar / Com satisfação arreio o burrão / Cortando o estradão saio a galopar...”. (28ª Romaria da Terra do Paraná, 2014, p. 28). Composição atribuída a Gérson Coutinho da Silva e Pascoal Todarelli. No entanto, há dúvidas sobre tal autoria, sendo também atribuída a Estêvão Protomartir de Brito Guerra, no final do século XIX. Foi interpretada por Sérgio Reis, Chitãozinho e Xororó, Daniel, entre outros.

<sup>87</sup> 28ª Romaria da Terra, 2014, p. 9.

obra do Criador. Deus deu a inspiração, o homem fez a plantação, e foi assim que começou”<sup>88</sup>.

Enquanto uma das partes constitutivas da romaria, as músicas revelaram o aspecto sagrado da devoção, juntamente com aspectos críticos: “agronegócio veio destruir tudo que Deus criou / a terra produtiva, de repente se acabou / Monocultivo não leva comida na mesa de ninguém / só traz desigualdades, (o)ambiente faz refém... / Os alimentos puros e saudáveis – que bom! Vamos comer / É n(a)agroecologi(a,a)alternativa de viver!”<sup>89</sup>.

Além das críticas sóciopolíticas e dos elementos religiosos presentes nas músicas, havia também o sentido da festa. Enquanto no caminhão de som os ritmos eram desenvolvidos, alguns romeiros em volta do caminhão arriscavam alguns passos, outros mais tímidos apenas cantavam. Já outros, apenas observaram e riam diante daquele momento de diversão. Desenvolveu-se, portanto, um espaço de devoção, reflexão, luta e festa.

### 2.3.3. A partilha

A partilha é outro importante momento da romaria da terra. Por três vezes isso ocorreu: logo na chegada, com café da manhã, em frente à igreja matriz de Congonhinhas; na hora do almoço, quando havíamos acabado de chegar a um extenso campo reservado para as atividades da tarde; e quase no final do evento, onde havia muitas frutas e bolos. Esse alimento compartilhado entre os presentes foi levado pelos próprios romeiros de suas casas, paróquias ou comunidades. Era possível comer de todo tipo de alimento que desejasse, independente do que tivesse levado. Mesmo quem não pode contribuir, seja por qual motivo, participou das refeições. Sentiam-se felizes em comer com outros romeiros. Os que levaram algum tipo de comida, faziam questão de que outros pudessem experimentar, tornando um espaço de troca.

Antônio Braga (2013), a partir da dinâmica da *dádiva* de Marcel Mauss, estudou os fluxos migratórios de moradores do Piauí à procura de trabalho em São Paulo. Após certo período na capital paulista, o regresso ao nordeste é marcado por uma refeição especial, na presença de familiares, marcada pela noção de “fartura”. Fartura, afirma o

---

<sup>88</sup> 28ª Romaria da Terra, 2014, p. 39.

<sup>89</sup> 28ª Romaria da Terra, 2014, p. anexa, autoria de Jadir Bonacina.

antropólogo, não é sinônimo de excesso. “Entre aqueles que estão ali presentes, o que está em questão não é aquilo que excede, mas aquilo que se celebra e aquilo que não falta” (BRAGA, 2013, p. 321).

Essa refeição da qual Braga aborda não diz respeito apenas à união familiar, celebrando o regresso de um parente que estava distante. A fartura também está associada aos valores compartilhados pelo grupo, sempre havendo espaço para mais um (BRAGA, 2013).

Em Congonhinhas, na romaria da terra, em diversos momentos em que houve a partilha, desde o início até o seu encerramento, demonstrou-se um espaço de acolhimento de todos os romeiros presentes, sendo a maior parte proveniente de outras cidades. Além disso, tornou-se um espaço onde os valores difundidos no evento podiam ser compartilhados por todos. Semelhante ao fluxo migratório entre Piauí e São Paulo, “isto ocorre porque a fartura projeta-se em direção ao sentimento de abundância (de tal forma que sempre cabe mais um) e sustenta-se num sentimento de solidariedade que se dá [...] entre aqueles que têm pouco” (BRAGA, 2013, p. 321).

O romeiro que participa do café da manhã, logo na chegada, oferecido pela organização do evento, na hora do almoço em que as pessoas se juntam em grupos, geralmente da mesma caravana, deseja retribuir, oferecendo aos mais próximos parte da comida que trouxe de casa, estabelecendo ou reforçando vínculos sociais.

Marcos Lanna destaca que “a dádiva é um ato simultaneamente espontâneo e obrigatório” (LANNA, 2000, p. 176). Nesse mesmo sentido, Antônio Braga observa: “Mauss mostra que nas dinâmicas sociais marcadas pelo princípio da dádiva, onde se estabelecem alianças, não existe o dar e o receber sem a obrigatoriedade do retribuir” (BRAGA, 2013, p. 322). Marcos Lanna afirma haver certa alienabilidade no ato da troca: “ao dar, dou sempre algo de mim mesmo. Ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador. Ele deixa, ainda que momentaneamente, de ser um outro; a dádiva aproxima-os, torna-os semelhantes” (LANNA, 2000, p. 176). Dessa forma, a individualidade presente na sociedade burguesa e no pensamento liberal é rompida, destaca Lanna (2000).

A partilha, portanto, aproxima os romeiros dos objetivos propostos no evento, cuja crítica recaiu sobre os danos causados pelo plantio de eucalipto e pinus, sob a lógica de produção capitalista. Além disso, um problema presente especialmente no campo, esse momento fomentou a construção de práticas coletivas, pois, ao dar, o romeiro se

colocava no lugar do outro. Nesse caso, atingia a todos igualmente, seja do campo ou da cidade.

Analisando a romaria enquanto um ritual, esse também é um momento que se aproxima da compreensão de Turner sobre *communitas*, que são laços antiestruturais, “uma vez que são indiferenciados, igualitários, diretos, não-rationais (embora não irracionais) [...]. Estrutura é o que mantêm as pessoas separadas, define suas diferenças e limita suas ações, incluído a estrutura social no sentido da antropologia britânica” (TURNER, 2008, p. 41). Para o autor, *communitas* também é parte do processo de liminaridade, de transição, onde não há a definição de papéis. Enfim, um ideal de igualdade. “Há, portanto, um processo de idealização das relações horizontais que são fortalecidas nas romarias” (STEIL, 1996, p. 64).

Assim, compartilhar o alimento coletivamente é, em última instância, contribuir para permanência na romaria. Busca-se também uma não distinção entre clero/leigo que ordena as práticas religiosas, embora ainda fosse possível perceber alguns desses sinais na romaria. Padres e romeiros leigos compartilhavam a mesma comida, sem estabelecimentos de papéis sociais. É certo que havia alguns que não abriram mão da batina especial, usadas normalmente em ocasiões solenes, ainda que sob o forte calor. O valor do ritual, assim, se confirma mais pelo ideal a ser perseguido do que propriamente pelos seus resultados concretos. Assim, a partilha foi o momento em que a multidão de romeiros podia estreitar os laços de relacionamento, tornando-se iguais, ainda que momentaneamente.

Em romarias mais longas, como a realizada no santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, estudada por Carlos Steil, quando os romeiros que viajam até lá passam em média de três dias na cidade, observa o antropólogo que “durante este tempo partilham entre si os alimentos que são cozidos em fogões a lenha, improvisados na beira da estrada, nos acampamentos e nas rancharias” (STEIL, 1996, p. 69).

Sob uma perspectiva menos abrangente, por iniciar e encerrar em um mesmo dia, na romaria em Congonhinas constatou-se a oportunidade do fiel experimentar um tempo de troca, de vivência coletiva dos sentimentos proporcionados no decorrer do dia.

Sobretudo, a partilha trouxe também o significado da importância de preservação e luta pela terra, responsável pela produção do alimento, indispensável para a existência

do homem. Preservar a terra, bem como a agricultura familiar e a diversidade do plantio é garantir, assim, a própria vida.

#### 2.3.4. A festa

Nessa romaria revelou-se também um espaço de festa, especialmente na última partilha, perto do encerramento da romaria. Celso Vianna Menezes (2009), em sua análise sobre a romaria da terra, destaca a irrupção de um momento entre os romeiros: som alto, danças, conversas e muita alegria, ganha contornos de uma festa. A linha tênue que separa sagrado e profano torna-se difícil de ser distinguida. Segundo o antropólogo, embora o termo romaria “remeta à peregrinação à Roma e, depois, por derivação, a outras peregrinações religiosas a lugares santos, há muito que ele é usado para outros tipos de peregrinações, profanas muitas” (MENEZES, 2009, p. 72).

Ainda, no estudo da Festa do Divino no século XIX, realizada por Valéria Macedo, a presença de aspectos sagrados e profanos era nítida nos rituais católicos: “no tempo da festa, homens reverenciam a Deus, celebram a sua glória, mas fazem também tudo aquilo que a natureza ascética da divindade não pode gozar: os prazeres carnis e sensoriais, o comer e o beber, o tocar e o dançar, o chorar e o rir; enfim, na festa se celebra também a glória da humanidade” (MACEDO apud MENEZES, 2009, p. 72).

Contribuindo para essa perspectiva no momento da partilha, havia também um carro de som, que serviu em um primeiro momento para a celebração e reza, passou a ser usado para apresentações musicais, com canções populares sertanejas, além de declamações de poesias, mais voltadas à terra que ao céu, mais aos homens que a Deus. A arte popular<sup>90</sup>, como forma de resistência e denúncia de mazelas sociais, ganhou, portanto, contornos específicos no ritual, atraindo a atenção da maioria dos romeiros. Assim, o momento de descontração obteve maior interesse e participação dos romeiros, ainda que durante a romaria tenha sido utilizada várias atividades, como as encenações no período da manhã.

---

<sup>90</sup> Autores da Escola de Frankfurt, em especial Adorno e Horkheimer, ao abordar o conceito de Indústria Cultural, percebem a arte a partir da produção massificada, no sentido econômico, sob a lógica do mercado. No entanto, ela também pode ser símbolo de resistência e contestação ao *status quo*, cujo enfrentamento ao Estado se faz de forma contundente. O aspecto político é ressaltado em detrimento do econômico. Além disso, pessoas anônimas, com pouco reconhecimento, se tornam os próprios produtores desse tipo de arte.

Ao término da romaria, pouco antes das 16 horas, várias mudas de café foram distribuídas aos fieis, grão conhecido e utilizado como bebida popular. Outro elemento rico de significado, relacionado ao campo, bem como à cidade. Importante ressaltar que, ultimamente, setores do cristianismo, especialmente as igrejas neopentecostais, têm utilizado diversos objetos que, uma vez sob a posse dos fieis, desencadeiam poderes místicos de caráter curador/libertador, tais como: bombons, sabonetes, copos de água, flores, pulseiras, canetas etc. A utilização desses elementos pelo crente possui o poder de transformar situações adversas, levando-o à experimentação do “milagre divino” nas mais diversas esferas da vida privada<sup>91</sup>.

A muda de café entregue nessa romaria da terra não havia nenhum efeito curativo ou transformador. Não havia nenhum elemento místico nela que pudesse levar os romeiros a experimentar algum tipo de milagre. Era apenas uma planta cujo produto é consumido popularmente. Além disso, estava estabelecida a crítica à monocultura do eucalipto e pinus, em detrimento da diminuição da agricultura familiar, em que o café figura entre diversos tipos de cultivo, como: mandioca, feijão, milho, arroz, trigo etc<sup>92</sup>. Assim, a muda de café entregue aos romeiros possuía um significado mais ligado ao aspecto político que propriamente religioso, confirmando a abordagem de Pierre Sanchis (2006) sobre a romaria da terra, como evento que mobilizou peregrinos em busca de mudanças sociais.

---

<sup>91</sup> Ricardo Mariano ao analisar a Teologia da Prosperidade (TP), mensagem principal veiculada nas igrejas neopentecostais (por exemplo: Igreja Universal, Igreja Mundial, Igreja da Graça, Igreja Renascer), afirma que “com promessas de que o mundo seria *lócus* da felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas, a Teologia da Prosperidade veio coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias denominações pentecostais e interesses mundanos das sociedades capitalistas” (MARIANO, 1996, p. 28). O uso de símbolos tais como: bombons, canetas, copo de água, fotos e pertences de familiares, sabonetes, rosas, etc. tornam-se instrumentos de obtenção de tais milagres divinos na vida do ser humano. A permanência de infortúnios e mazelas tais como a doença, pobreza, desemprego, vícios etc., são resultantes da falta de fé do homem, conforme aponta Mariano (1996). Já o contrário, aqueles que estimulam a sua fé por meio desses símbolos sagrados administrados no âmbito da igreja institucionalizada, confere ao fiel a certeza de superação de seus problemas materiais.

<sup>92</sup> Na pecuária se destaca a produção de leite, além da criação de suínos, bovinos e aves. Segundo dados do Portal Brasil de 2015, a agricultura familiar produz cerca de 70% dos alimentos consumidos em todo o país, embora tenha dificuldades na comercialização. O Portal destaca a produção de alguns grupos de alimentos: mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%). Para maiores informações, ver: [www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro](http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro). Acesso em: 29 nov. 2016.

## 2.4. A 23ª Romaria da Terra e da Água de Santa Catarina ou Romaria do Centenário do Contestado

No ano seguinte, setembro de 2015, na cidade de Timbó Grande, região norte de Santa Catarina, foi celebrada a 23ª Romaria da Terra e das Águas de Santa Catarina ou simplesmente Romaria do Centenário do Contestado. Nesse evento havia um diferencial em relação à romaria do ano anterior: além do Paraná, a organização contou também com lideranças da CPT dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, que compõem as quatro regionais Sul da CNBB. A celebração conjunta dos quatro estados se deu em memória dos cem anos da Guerra do Contestado, ocorrida entre 1912 e 1916, na divisa entre Santa Catarina e Paraná<sup>93</sup>.

O Contestado foi uma disputa por delimitação territorial entre os estados de Santa Catarina e Paraná cujo início ocorreu em meados do século XIX, vindo a encerrar somente em 1916. Estava em disputa aproximadamente 22.000 km<sup>2</sup> quadrados de terras (MACHADO, 2011), denominado de “chão Contestado”<sup>94</sup>. O roteiro da celebração proposta no documento distribuído entre os romeiros, com viés pedagógico, ressalta alguns aspectos importantes dessa guerra:

O Contestado foi uma guerra travada entre caboclos e caboclas do Norte de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná contra os coronéis, grandes empresas e o governo federal, que em nome do desenvolvimento, implantavam de São Paulo ao Rio Grande do Sul, uma Estrada de Ferro, que ocupou uma faixa de terra de 30 Km de largura, como parte do pagamento. Tudo com o financiamento e tutela dos Governos Estadual e Federal. Financiadas, pelo mesmo projeto, foram implantadas grandes madeireiras, que exploravam e expulsavam as famílias de suas posses, com violência. Esses empreendimentos ignoravam a presença de famílias e comunidades que há século ocupavam aquelas terras<sup>95</sup>.

Na parte da celebração impressa, no mesmo livreto, há mais detalhes do conflito:

A guerra durou mais de quatro anos e estima-se que aproximadamente 20 mil foram mortos. Foi usada a mais sofisticada tecnologia de guerra da época, onde pela primeira vez, na América Latina, foi usado avião e 80% do exército brasileiro foi envolvido no embate contra os pobres

---

<sup>93</sup> Katiúscia Maria Lazarin destaca que 1912 – 1916 é uma periodização oficial. Apesar de terras limítrofes entre os estados do Paraná e Santa Catarina (Planalto Norte, Vale do Rio do Peixe e o Meio Oeste Catarinense) estarem sendo disputadas judicialmente, a Guerra do Contestado não ocorreu entre forças militares desses estados, mas foi um “movimento social, através do qual a população sertaneja da região rebelou-se contra a ordem vigente, no interior de um complexo contexto político, econômico e social” (LAZARIN, 2004, p. 151).

<sup>94</sup> Romaria do Centenário do Contestado, 2015. No livreto oferecido aos romeiros constava 48.000 km<sup>2</sup> o total da área em disputa, portanto, mais que o dobro descrito por Paulo Pinheiro Machado (2011).

<sup>95</sup> Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 40.

caboclos, caboclas e os que ficaram desempregados com o término da construção da estrada de ferro<sup>96</sup>.

A 455 quilômetros da capital Florianópolis, Timbó Grande é uma pacata cidade com cerca de 9.800 habitantes, segundo dados do IBGE de 2010. A região foi primeiramente habitada por índios das etnias Caingangues e Xoklengs. Com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, especialmente italianos, poloneses, ucranianos e alemães, essas etnias praticamente não se encontram mais na região. Sua fundação como município ocorreu em janeiro de 1990. Antes disso, foi uma vila de Curitibanos, posteriormente passando a ser um distrito de Santa Cecília.

Uma placa na entrada de Santa Maria, principal alvo dos ataques, denuncia o resultado do conflito:

Este local, emoldurado/ pela natureza, serviu de / cenário para a batalha final / da guerra sertaneja do / Contestado. Aqui terminou / a maior luta / dos brasileiros / pela própria terra. / Em 4 de abril de 1915 / as tropas do exército / lideradas pelo capitão / Tertuliano Potyguara e pelo / coronel Raul d'Estillac Leal, / empreenderam um grande cerco / que batizou o lugar de vale da morte. / Mais de mil sertanejos / foram mortos, entre eles / mulheres e crianças; / cinco mil casas / e 11 igrejas / foram destruídas<sup>97</sup>.

A história da cidade é marcada, principalmente, por ser um dos últimos redutos derrotados pelo exército brasileiro na páscoa de 1915, vindo a receber o nome “vale da morte”.

#### 2.4.1. Religião Contestada

A Guerra do Contestado possuiu uma conexão muito próxima com a religiosidade popular católica naquele período. Santos e monges desenvolveram atuações relevantes, normalmente mais desejadas que a do clero oficial, representados de forma geral por freis jesuítas, que atuavam na região de forma passageira, enquanto os monges viviam naquela localidade. “Era enorme, porém, a amplitude do campo de trabalho, e essa condição, associada à dispersão demográfica dos fieis, não permitia aos frades senão um

---

<sup>96</sup> Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 40.

<sup>97</sup> Timbó Grande, o último reduto. [www.desacato.info](http://www.desacato.info). Nilson Cesar Fraga. Acesso em: 15 jan. 2016.

máximo de duas visitas por ano a cada um dos núcleos populacionais” (MONTEIRO, 2011, p. 99).

A isso, quase resultou em um total desconhecimento dessas populações sertanejas sobre os sacramentos oficiais católicos, como a confissão e a comunhão, conforme demonstra Duglas Teixeira Monteiro (2011). Nessas lacunas não preenchidas pelo catolicismo oficial, destacou-se o que o autor denominou de “catolicismo rústico”, sob a liderança de alguns monges. Essa religiosidade popular “proporciona respostas e explicações para os fenômenos da natureza, da sociedade e do sobrenatural, bem como segurança diante das incertezas da vida cotidiana” (MONTEIRO, 2011, p. 96).

Além da distribuição de “remédios”, rezas e batismos, os monges possuíam uma mensagem milenarista, apocalíptica, sob uma perspectiva de que os problemas sociopolíticos que viviam seriam vencidos, emergindo assim um novo tempo, de paz e abundância. Esse caráter messiânico presente na ação de monges foi responsável pelo recrutamento e engajamento de vários sertanejos na “guerra santa”, sob a liderança de São Sebastião e seu exército encantado. O papel desenvolvido pela religião local e o conflito armado, pode ser melhor compreendido, quando Duglas Teixeira Monteiro alega, sobre o catolicismo rústico do Contestado, que “apresenta também o que poderia ser qualificado como uma impregnação religiosa da vida cotidiana” (MONTEIRO, 2011, p. 95).

Assim, com a obtenção da expressiva devoção dos caboclos, tornou-se possível o desenrolar de lutas armadas, tendo o exército utilizado de armamentos mais modernos na época contra os redutos dos camponeses, envolvendo homens e mulheres, confiantes de que um novo milênio se aproximava.

Nesse contexto é que a romaria da terra de 2015 foi realizada em Timbó Grande, região do Contestado. A pesquisa de campo nesse evento permitiu dar prosseguimento nos estudos propostos neste trabalho, além de aprofundar as análises sobre a romaria da terra organizada no ano anterior, em Congonhinhas.

Embarquei no ônibus fretado por paroquianos da Nossa Senhora dos Migrantes. Nele, também havia aproximadamente dez romeiros de Jataizinho, cidade vizinha, guiados por uma religiosa claretiana, muito animada. Da Rede de Comunidades Madre Leônia foram mais dois ônibus, que saíram no dia anterior, aproveitando o momento para realização de turismo religioso. Saímos no sábado a noite, por volta das 21:30 horas, com previsão de chegada para as 8 horas da manhã.

No entanto, ao invés de Timbó Grande, região norte, fomos guiados a Timbó, próxima a Blumenau, 240 quilômetros de distância do lugar programado, atrasando a viagem. Chegamos ao local do evento apenas na hora do almoço, perdendo assim, todo o período de atividades da manhã. Embora fosse uma época de muito frio na região, o sol quente logo nos obrigou a retirar os agasalhos. Um local de muitos encontros, de pessoas que há tempo não se viam, bem como de formar novas amizades.

Além da presença de leigos dos quatro estados, havia também religiosas e membros do clero, inclusive o bispo de Roncador, diocese anfitriã. Romeiros de todas as idades circulavam no local de concentração, um grande e alto campo, que dava vista para uma boa parte da cidade, de um lado, e de outro, cercado por grandes montanhas. “Um local de batalha, onde muitos caboclos morreram na luta pela terra”, dizia com pesar uma agente de pastoral, lembrando a história daquele lugar.

Se aquele espaço foi denominado “vale da morte”, um século depois parecia ter ganhado um novo significado: “vale da vida”, ou mesmo “vale da resistência”. Afinal, há ainda hoje populações sertanejas na luta pela terra naquela região. Na esfera religiosa, a CPT tem sido o órgão mais próximo desse debate. Anualmente é publicado o caderno *Conflitos no Campo Brasil*, com dados sobre a violência no campo, ameaças de morte, assassinatos, prisões etc. O trabalho escravo também é abordado nesse documento<sup>98</sup>.

Em meados de 1986 a CPT de Santa Catarina já havia organizado uma romaria da terra, a primeira do estado, em Taquaruçu, região oeste. Uma cruz de cedro de quatro metros era carregada pelos romeiros, cujos objetivos eram expostos resumidamente: “celebrar a caminhada de luta e de fé do homem do campo e da cidade; celebrar a luta dos caboclos do Contestado; celebrar e demonstrar a força da organização; conhecer a situação do homem do campo” (FLORES apud MENEZES, 2009, p. 60, 61).

A região do Contestado tornou-se um elemento capaz de manter na memória dos fieis todo o processo que culminou com o assassinato de milhares de caboclos e, além disso, a possibilidade de atualizar problemas do passado nos dias atuais, levando o romeiro que ali está à ação. Mudou-se o espaço e o tempo, porém, permanecem alguns objetivos parecidos. Os romeiros ali presentes demonstram compreender os símbolos presentes nesse ritual católico.

---

<sup>98</sup> A publicação de *Conflitos no campo* iniciou em 1985 e pode ser acessada no site da CPT: [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br). Alguns cientistas sociais figuram entre os diversos autores dos textos desse boletim.

Nilson Fraga e Vanessa Ludka (2012) afirmam que na região contestada vive ainda hoje uma parcela significativa da população em situações de pobreza e miséria. Afirmam ainda que a região do Contestado é um

Nordeste brasileiro, na sua porção mais pobre, encravado numa pseudo-europa brasileira, com níveis de pobreza muito equivalentes. As cidades onde ocorreram os mais violentos conflitos e combates entre militares e caboclos apresentam índices de desenvolvimento semelhantes aos dos grotões nordestinos – seriam os grotões de miserabilidade planaltino catarinense e paranaense (FRAGA; LUDKA, 2012, p. 12).

De um grupo de CEBs da paróquia dos Migrantes, com média de dez participantes semanalmente, estavam presentes a metade: homens já de meia idade e acostumados a participar desses rituais católicos. Apesar da longa viagem, do frio que se transformou em calor durante o dia, das longas caminhadas a pé entre subidas e descidas, de ficar em pé por quase todo o dia, demonstravam estar bem. Sempre próximos, aproveitavam o momento para uma conversa. Entre uma pausa e outra, ouviam os discursos proferidos ao microfone.

Em relação às demais romarias da terra do Paraná, um deles constatou: “o número [de romeiros] diminuiu bastante”. A romaria de 1986, a segunda realizada no estado, na cidade de Laranjeiras do Sul, contou com a participação de aproximadamente vinte mil fieis segundo a imprensa (MENEZES, 2009); já em 2015 não chegou a cinco mil. Em conversa com o grupo, atribuíram o fato à diminuição das CEBs, bem como da própria Teologia da Libertação. Como resultado, eventos como a romaria da terra vêm perdendo a adesão dos fieis. Apesar da constatação da diminuição não só dos romeiros, mas da própria Teologia da Libertação, se demonstravam firmes e desejosos de seguir nesse viés religioso.

Os leigos presentes faziam questão de mostrar a qual grupo ou movimento pertenciam. Assim, havia muitos romeiros portando bandeiras da PJMJ, MST, PJ, CEBs, Movimento dos pequenos agricultores, PJ Rural, CPT, UNE, CUT. Havia também críticas a assuntos atuais, como por exemplo, uma faixa com a frase “Chega de violência e extermínio de jovens”. Uma bandeira *Wiphala* também era agitada entre alguns integrantes da PJ. Com sete cores, que vão se intercalando em pequenos quadrados, um jovem de Curitiba, estudante de engenharia, explicou: “simboliza a união dos povos”<sup>99</sup>.

---

<sup>99</sup> A conversa informal com o jovem foi mais extensa, da qual procurei sintetizar sua principal ideia.

A maior parte desses movimentos foi representada por fieis também presentes na romaria do ano anterior. No entanto, não percebi bandeiras de partidos políticos, como o PT e PCdoB, que eram exibidas em 2014, na cidade de Congonhinhas. O fato de 2015 não ser um ano eleitoral, talvez explique a ausência de lideranças de partidos políticos, ou pelo menos a presença de objetos característicos, como as bandeiras e camisetas. Outro fator pode ser a forte crítica que o governo federal, da presidente Dilma Rousseff (PT), vem sofrendo nos últimos tempos e 2015 houve forte demonstração disso, especialmente com a aprovação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, além de duas grandes passeatas em março e agosto, com significativo contingente de manifestantes nas ruas das principais capitais do país, bem como em grandes cidades interioranas, como é o caso de Londrina.

O desgaste político aliado à baixa popularidade da presidente Dilma, portanto, pode ter contribuído para a ausência de representantes de alguns partidos da esquerda brasileira aliados ao governo federal. No próprio ônibus durante a viagem, em alguns momentos, um ou dois romeiros faziam brincadeiras com críticas ao governo Dilma, reproduções das notícias dos telejornais e também das redes sociais, sem devido aprofundamento. Havia, portanto, uma gama de significados, inclusive nos aspectos políticos, dos romeiros ali presentes.

Se o sentido dos organizadores da romaria estava vinculado às lutas no campo, já de alguns romeiros, nem tanto. Quando foi noticiado no ônibus que estávamos em Timbó, e não em Timbó Grande, uma romeira, sem se preocupar com o atraso ao local da romaria que se sucederia, exclamou: “o que importa é que a gente tá passeando. Melhor do que ficar em casa”. Já outro tentou confortar os mais exaltados: “talvez se fossemos pelo caminho certo poderia ter acontecido alguma coisa. Pelo menos estamos indo”. Do turismo religioso ao determinismo sagrado, havia diversas interpretações e sentidos na viagem a Timbó Grande.

Além de católicos, ampla maioria dos presentes no evento, havia também espíritas e outras religiões cristãs, provavelmente protestantes, conforme foi anunciado pela agente de pastoral ao microfone, em agradecimento à presença no ritual. Embora muitos fieis defendam o ecumenismo hoje, mesmo não possuindo vínculo com esse setor mais radical do catolicismo, o concebem num sentido mais restrito, dentro do próprio universo cristão. Na Teologia da Libertação, no entanto, o ecumenismo possui uma abrangência para além do cristianismo, como visto nessa romaria.

Em um determinado momento da celebração, dom Paulo Evaristo Arns foi homenageado pelos organizadores. No mesmo dia da romaria, 13 de setembro, o ex-arcebispo de São Paulo completava 92 anos de idade. Dom Paulo é um dos ícones da Teologia da Libertação no Brasil. Sua atuação destacou-se no período da ditadura militar (1964 - 1985), quando adotou um posicionamento contrário ao regime, especialmente a partir de 1968 com o AI-5, período em que houve uma acentuação do uso da violência física contra qualquer pessoa que fosse denominada “subversiva” pelos militares. Junto a isso, abriu as portas de paróquias em São Paulo para abrigar reuniões de trabalhadores que não tinham outro lugar para se encontrar por causa da perseguição militar. Paulo Evaristo Arns não é um santo nos termos do catolicismo oficial, mas sua história de vida, especialmente a partir do momento em que assumiu posição crítica aos militares, tornou-se referência, juntando-se aos caboclos que também se colocaram em uma situação de enfrentamento ao exército brasileiro cem anos atrás naquela região onde o ritual estava sendo realizado.

Lideranças dessa romaria juntaram a dom Paulo outros dois importantes personagens da Guerra do Contestado: João Maria e Maria Rosa. João Maria, personagem misterioso, foi um importante monge resultante da união de três pessoas com mesmo nome, com atuações muito próximas, por meio de aconselhamentos e uso de ervas para cura de doenças. Já Maria Rosa, foi uma jovem que já aos 15 anos de idade liderava um grupo de aproximadamente seis mil homens na Guerra do Contestado. Montada em um cavalo branco, também vestida de branco, com flores no cabelo e fuzil. Morreu em março de 1915 às margens do rio Caçador, diante da tropa do capitão Tertuliano Potyguara, cujo contingente ultrapassava a 700 homens.

Diante da farta comida que seria compartilhada entre os romeiros, foi rezado pela agente de pastoral: “profeta João Maria, abençoa os alimentos”. Em outro momento, cantaram uma música, cujo personagem principal era Maria Rosa.

No livreto de cânticos distribuídos aos romeiros, com mais de 60 músicas, algumas escritas por fieis da própria região, era demonstrada a importância desses personagens do Contestado. Em uma delas, com título *Maria Rosa*, percebe-se isso:

Maria Rosa entrou na guerra  
Na terra do Contestado  
Levando flores no cabelo  
Comandou o povo armado.  
Levando flores no cabelo, no vestido e no fuzil

Maria Rosa foi mistério da bravura juvenil.  
**/: Salve a virgem dessa guerra Santa**  
**Em usa história o passado se levanta.:/**  
Caraguatá o seu reduto  
Arma o povo de facão  
Pra vingar Taquaruçu  
Em nome de São Sebastião  
A guerrilheira adolescente  
Transformou-se em heroína  
Tal como Anita Garibaldi  
Honrou Santa Catarina<sup>100</sup>.

No livreto com canções também homenageava João Maria, por exemplo, com a música *Lá vem João Maria*:

O pai véio João Maria  
Não qué pôso nem esmola  
Afasta a agonia  
Batiza, benze e consola.  
Lá vem João Maria, a bença, a bença  
Lá vem João Maria, a bença, a bença  
O sol preparou o dia  
Nem mesmo pediu licença  
Lá vem João Maria, a bença, a bença  
Lá vem João Maria, a bença, a bença  
O povo corre pra estrada, pra ver João Maria que vem  
Lenda veio antes dele, pelo atalho da crença  
Lá vem João Maria, a bença, a bença  
Lá vem João Maria, a bença, a bença<sup>101</sup>.

Além de João Maria e Maria Rosa, o livreto também continha músicas sobre José Maria. Em uma delas, apresenta-o como santo: *São José Maria*.

São José Maria recóie nosso irmão  
Vivido na agonia e morto na afrição  
São José Maria  
Estende a tua mão  
E enche de alegria  
O afrito coração  
São José Maria  
Recebe o teu sordado  
E trás de volta um dia  
No exército encantado<sup>102</sup>.

Como na romaria anterior, em Congonhinhas, os santos escolhidos pelos organizadores não são Nossa Senhora, Santo Antônio ou São Benedito, entre tantos

<sup>100</sup> Romaria do Centenário do Contestado, p. 45, [música de Vicente Telles].

<sup>101</sup> Romaria do Centenário do Contestado, p. 40, [música de Romário Borelli].

<sup>102</sup> Romaria do Centenário do Contestado, p. 43, [música de Romário Borelli].

outros legitimados pela Santa Sé. Aqui, os santos não precisam estar mortos, como dom Paulo, ou passar pelo processo burocrático de canonização. Os santos são aqueles que se identificam com os objetivos propostos pela CPT na organização da romaria da terra. Assim, no caso de Timbó Grande, santos são aqueles que “entram na guerra”, “comanda o povo armado”, “arma o povo de facção”, “vinga o oprimido”, “batiza, benze e consola [nas lacunas institucionais]”, “recolhe o irmão aflito”.

Sendo os santos os personagens que “lutam”, o local da romaria simbolicamente era visto como o palco dessa luta, afinal, a Guerra do Contestado se desenrolou em um espaço muito mais amplo do que aquele ocupado no ritual. Pisar no “chão Contestado” era entrar em contato com as causas dos sertanejos do passado, levando os romeiros à reflexão e ação no contexto atual. Assumir essas lutas, pela vida e pela terra, era um ato sagrado.

Junto ao grupo de CEBs da paróquia dos Migrantes, um deles expos sua experiência ali: “estamos aqui em luta pela vida, pela plantação sem agrotóxico”. Assim, santos e homens comungavam da mesma ação: a busca pelas mudanças sociais. Sagrado e profano deixam suas especificidades e se unem em um mesmo objetivo, conforme a canção do livreto da romaria: “Eu sinto a presença de *Deus é na luta, é na luta!*”<sup>103</sup>.

Naquele domingo de sol, percebia-se que não era um dia comum para aquela pacata cidade. Em uma avenida, na entrada de Timbó Grande, a fila de ônibus estacionados demonstrava isso. Parados dos dois lados, os ônibus responsáveis pelo transporte dos romeiros das mais variadas regiões aguardavam o fim da romaria. Do alto da cidade podia se avistar a imensa fila formada por esses veículos. Já os carros estavam estacionados nas ruas transversais, ou, por ser menores, haviam sido deixados mais próximos do local onde se realizou o evento.

Oportunidade para movimentar o pequeno comércio da cidade. Lanchonetes, padarias, sorveterias e bares, recebiam a todo instante, novos clientes a procura de salgados, doces, sorvetes, refrigerantes. Até mesmo uma loja de roupas estava aberta, no final da tarde daquele domingo, quando retornávamos para casa. No entanto, não atraiu tanto a atenção dos romeiros quanto os demais estabelecimentos do ramo alimentício.

No campo onde os romeiros estavam concentrados no período da tarde, havia também várias barracas com biscoitos fritos, pão com linguiça, suco natural de uva, frutas, camisetas, livros/revistas etc. Alguns de graça, outros comercializados. Em um

---

<sup>103</sup> Romaria do Centenário do Contestado, p. 36, [música de João Bento – grifos nossos].

primeiro momento demonstrava ser uma forma de turismo religioso, e até poderia ser. Mesmo os produtos oferecidos livremente aos romeiros, era uma maneira de divulgação da agricultura familiar, duramente afetada pelo agronegócio na atualidade. Era um espaço, portanto, também de luta; não armada, como no Contestado, mas simbólica. A apresentação desses produtos oriundos da agricultura familiar, inclusive do MST, era, em última instância, a demonstração de resistência e continuidade desse modelo produtivo, responsável por grande parte da alimentação dos brasileiros, além da geração de empregos no campo bem como a permanência desses trabalhadores na zona rural, evitando sua fuga para as grandes cidades.

Havia também vendedores ambulantes, alguns poucos, com pulseiras, correntes e outras lembranças artesanais, como forma de obter sustento naquele evento de grande proporção.

No período da tarde, houve diversas apresentações culturais, com músicas típicas da região. Violões e sanfonas eram instrumentos comuns nesse momento. Declamação de poesias também foram feitas, como também na romaria em Congonhinhas. Dessa vez, no entanto, os temas giravam em torno da Guerra do Contestado, do sofrimento do povo e das lutas nos dias de hoje relacionadas à terra. Enquanto isso, no vasto campo onde estávamos, muitos conversavam, comiam, procuravam uma sombra para descansar, tiravam fotos, ou até mesmo tentavam dormir os mais exaustos, afinal, logo enfrentariam a estrada novamente.

O evento encerrou-se com uma missa. No mesmo palco utilizado para diversos momentos da romaria, foi o local onde foi realizada a celebração. Reunidos todos os padres dos quatro estados, inclusive o bispo de Caçador, deu-se início à tradicional cerimônia católica, embora voltada para a romaria da terra e o Contestado. Os discursos proferidos pelos sacerdotes na missa, diversificavam, demonstrando com isso que entre o clero os sentidos dados ao evento e outros elementos do catolicismo não são unívocos. Um padre falou sobre a importância dos Grupos Bíblicos de Reflexão, enquanto outro defendia a importância política das CEBs e seu resgate nos dias atuais, como forma de transformação social.



Foto 2: Romeiros em Timbó Grande-SC, no período da tarde. (Celso Vianna Bezerra de Menezes).

O padre Dirceu, nesse momento da missa, preferiu não fazer parte dela. Optou em ficar junto aos romeiros, cumprimentando um ou outro que passava por ele, afinal, por já ter trabalhado em algumas paróquias na Arquidiocese de Londrina, tornou-se conhecido de muitos fieis. Conversava com quem há tempo não encontrava. Demonstrou certa discordância à celebração da missa no final da romaria. Explicou que, por estar em parceria com outros três estados, além do Paraná, e sendo sediada em Santa Catarina, houve a necessidade de se fazer algumas concessões. A favor de uma prática religiosa mais simples e informal, preferia não haver a celebração da missa, da qual poderia ter participado na condição de sacerdote, juntando-se a tantos outros naquela ocasião. Tem preferência pelo uso de encenações, teatros e peças, frequentemente utilizados nos eventos em que organiza, normalmente ligados à Teologia da Libertação. O conceito de *communitas*, de Victor Turner (1974; 2008), associado ao de antiestrutura, permite compreender essa ação de recusa como forma de valorizar outro tipo de prática religiosa que não tivesse no catolicismo oficial o seu principal elemento estruturante.

No final da romaria, antes das cinco horas da tarde, foi entregue um pequeno saquinho com um pouco de terra dentro, simbolizando a “sacralidade” do lugar, do chão Contestado, palco de tantas lutas e histórias. Assim, a multidão seguiu por uns vinte

minutos por chão de cascalho, até chegar às ruas asfaltadas de Timbó Grande, dirigindo-se aos ônibus ou carros particulares, retornando para suas cidades de origem.

Muitos curiosos que não haviam participado do evento, estavam nas varandas de suas casas, olhando o movimento de romeiros que passava por ali. Nesse momento, também foi possível perceber uma quantidade de jovens reunidos em bares, se divertindo, alheios ao que ocorria na cidade. Assim, enquanto a romaria da terra atraiu fieis de lugares tão distantes, ao mesmo tempo demonstrou não oferecer nenhum estímulo a outros que viviam em Timbó Grande e que parecia nem saber do que se tratava.

Esse ritual demonstra dessa forma a ocupação de um lugar peculiar no catolicismo brasileiro, extremamente diversificado, em que os atores fazem suas opções mediante interesses próprios. Diante das várias possibilidades de romarias realizadas no país, participar de uma romaria da terra demonstra certo alinhamento com vertentes mais progressistas dessa religião, sob o viés da Teologia da Libertação, embora não seja possível fazer tal generalização a todos os presentes, como foi discutido anteriormente. Encerrado o ritual, cujo tempo possui um caráter diferenciado segundo Victor Turner, é hora de retornar à vida cotidiana.

Uma das características de uma romaria, além da devoção a um santo, é a busca por milagres, graças, pagamento de promessas, ou mesmo uma forma de agradecimento, como Carlos Steil (1996) e Antônio Braga (2014) demonstram em seus estudos. Victor Turner (2008) também destaca esses elementos em suas pesquisas sobre peregrinação. Na romaria da terra os participantes adotam perspectiva diferente dessas abordadas por esses autores. A contemplação da natureza, a conversa com outros romeiros, a reflexão sobre o tema abordado, o período da caminhada e até mesmo a própria descontração ocupam o objetivo de estar nessa romaria.

A presença do aspecto político no evento contribui de maneira a tornar a esfera sagrada mais próxima do contexto cotidiano dos fieis, ou seja, as questões coletivas ganham proeminência em relação às individuais. Sobre a romaria da terra, o documento oficial diz: “É uma celebração religiosa que procura criar uma identidade camponesa, caracterizada por uma valorização da mística e dirigida numa perspectiva profética e de libertação”. Ainda, segundo o mesmo documento, a romaria se caracteriza “por ser um espaço privilegiado em que fé e vida se mesclam profundamente e onde o clamor do povo sofrido do campo, por terra, água, trabalho, justiça e reconhecimento, se faz

ouvir”<sup>104</sup>. A romaria da terra, assim, pode ser percebida na atualidade como uma das principais elaborações de prática religiosa associada à Teologia da Libertação no catolicismo brasileiro, embora receba diferentes interpretações.

---

<sup>104</sup> Romaria do Centenário do Contestado, 2015, p. 34.

### 3. A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA NA ARQUIDIOCESE DE LONDRINA

Este capítulo analisa a presença da RCC na Arquidiocese de Londrina. Diante da forte presença carismática na região, selecionei dois grupos, a saber: o grupo Anjos da Paz, localizado na paróquia dos Migrantes, do padre Altair, e o grupo Caminhando com Maria, da paróquia dos Sagrados Corações. Posteriormente, após o período de desenvolvimento da pesquisa de campo, esse grupo de oração mudou-se para outra paróquia da cidade<sup>105</sup>.

A escolha do primeiro grupo carismático dá-se pelo fato de estar inserido na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, contexto em que há organismos e pastorais alinhados à Teologia da Libertação, analisados também nesta pesquisa. Assim, foi possível observar como os fieis carismáticos e da libertação interagem dentro do mesmo contexto paroquial.

Já a escolha do segundo grupo, Caminhando com Maria, está relacionada ao fato de ser o maior grupo de oração da Arquidiocese de Londrina, com cerca de 1.500 fieis reunidos semanalmente. Embora pertencendo a outro contexto paroquial, sua expressiva visibilidade em decorrência da atração de um grande número de pessoas faz com que a sua análise no âmbito da Arquidiocese seja relevante para este trabalho, ao buscar compreender a relação entre religião e política. No entanto, antes de analisar esses dois grupos carismáticos, será observado o processo de formulação da RCC.

A definição que a Renovação Carismática Católica faz de si mesma diz respeito a um movimento espiritual, conduzido pelo Espírito Santo, com um fim específico: o de renovar a vida da Igreja. Uma vez satisfeita tal tarefa, não haverá mais a necessidade de sua continuidade (OLIVEIRA, 1978).

A RCC tem sua origem nos Estados Unidos, em 1967, pouco mais de um ano após o Concílio Vaticano II, em um contexto de acadêmicos ligados à Universidade Duquesne, em Pittsburgh. Isso se deu pelo fato de algumas pessoas estarem insatisfeitas com a

---

<sup>105</sup> Na época da pesquisa o padre César Braga era o pároco na Sagrados Corações, além de coordenar o curso de Teologia da PUC-PR, *campus* Londrina. Em Janeiro de 2016 assumiu a secretaria executiva do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) em Bogotá – Colômbia. No mesmo período de sua saída, o grupo de oração também mudou para outra paróquia, alegando maior espaço para os fieis, além de amplo estacionamento. No entanto, um vídeo disponibilizado por uma das principais líderes do grupo nas redes sociais revela algum tipo de desentendimento com o novo padre: “olha o que eu encontrei: portas abertas! Fomos muito bem recebidos pelo diácono na noite de hoje, também passamos por um momento de discernimento onde três sacerdotes nos orientaram, oraram conosco e depois de ouvir o Senhor nós decidimos acolher vocês, meus irmãos, nessa nova casa”.

rotina da vida acadêmica, bem como a sua vida espiritual, além do fato de que o movimento pentecostal estava em forte expansão naquele momento, proporcionando certa influência nesse grupo (BOFF, 2000). No final dessa década, “pairava no campo religioso a nebulosa dos ‘born again’ (renascidos) que tinham em comum a experiência de um segundo nascimento no Espírito Santo” (CARRANZA, 1998a, p. 21). Hoje ainda, essa continua sendo uma de suas principais características, assim também como nas igrejas evangélicas pentecostais: o novo nascimento no Espírito Santo. Com isso, não apenas o indivíduo passa por um processo de renovação espiritual, mas a própria instituição.

Pouco tempo após seu início, a Renovação obteve apoio das mais altas hierarquias da Igreja Católica, a começar pelo Vaticano: “Em maio de 1975, por ocasião de seu III Congresso Internacional, recebeu o apoio do Papa Paulo VI, e desde então sua aceitação em diversos países do mundo tornou-se ainda maior” (OLIVEIRA, 1978, p. 19). A aprovação do Magistério, para Clodovis Boff (2000) é algo que não se pode desprezar na análise de um movimento católico. Referindo-se à RCC, Clodovis atesta que a aprovação “chegou cedo, foi maciça e partiu das mais altas esferas” (BOFF, 2000, p. 39).

Clodovis afirma ainda que a aprovação dos papas Paulo VI e João Paulo II foram estabelecidas quase sem críticas, embora haja algumas reservas. Assim, constata o teólogo que “treze anos após seu surgimento (até 1979) já se podiam recolher 3 volumes de documentos do magistério, todos fundamentalmente favoráveis ao movimento” (BOFF, 2000, p. 39).

O papa Paulo VI, por exemplo, em 1973, já na I Conferência Internacional da Renovação declarou ser “obra misteriosa do Espírito”. Dois anos mais tarde, em 1975, a define como “sinal autêntico da ação do Espírito Santo” (BOFF, 2000, p. 39, 40).

Ainda de acordo com Clodovis Boff, em relação à expansão da Renovação Carismática, em 1981 durante o IV Congresso Internacional de Dirigentes, já com uma representação de 94 países, o papa João Paulo II declarou que a RCC representava “uma ‘chance para a Igreja e para o mundo’ e que seu desenvolvimento ‘justificava as esperanças’ que tinha suscitado na Igreja. Pede inclusive que aos sacerdotes que tenham para com ela uma ‘atitude positiva’” (BOFF, 2000, p. 40).

No contexto brasileiro, o documento da CNBB nº 53, *Orientações Pastorais sobre a RCC*, elaborado no ano de 1994, demonstra, segundo Boff (2000) uma aprovação expressiva, com algumas ressalvas. No parágrafo 49, por exemplo, solicita que “evite-se

alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé” (CNBB, 2013, p. 25).

No parágrafo seguinte, número 50, incentiva o compromisso com a criação de uma sociedade justa e solidária, combatendo o pecado pessoal e social: “Recomenda-se, pois, que membros dos grupos de oração sejam animados a assumir projetos de promoção humana e social, especialmente dos pobres e marginalizados” (CNBB, 2013, p. 25).

A opção preferencial pelos pobres, marca da Conferência de Medellín em 1968, recebe uma ressignificação nesse documento, no parágrafo 51: “A *evangélica opção preferencial pelos pobres é um dom do Espírito Santo à Igreja*, que é também concedido, como carisma especial, a alguns grupos de cristãos leigos, a certas famílias religiosas e a muitos fieis” (CNBB, 2013, p. 25 – grifo nosso).

O documento também incentiva, no parágrafo 52, o diálogo entre o fiel e a vida cotidiana, secular: “A falta de coerência entre a fé que se professa e a vida cotidiana é uma das várias causas que geram pobreza em nosso País. Os cristãos nem sempre souberam encontrar na fé a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis pela organização social, econômica e política de nosso povo” (CNBB, 2013, p. 26).

Além desses assuntos, parece trazer maior preocupação aos bispos brasileiros temas como o “batismo no Espírito Santo”, “dons e carismas”, “dom da cura”, “falar em línguas”, “dom da profecia” e o “exorcismo”. Segundo o documento, esses temas “necessitam de maior aprofundamento teológico, diálogo eclesial e orientação pastoral” (CNBB, 2013, p. 26).

Sobre a cura divina, por exemplo, solicita que “não se adote qualquer atitude que possa resvalar para um espírito milagreiro e mágico, estranho à prática da Igreja Católica” (CNBB, 2013, p. 28). O falar em línguas, ou seja, a glossolalia, também recebe ponderação: “... não se incentive a chamada oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete” (CNBB, 2013, p. 29).

O documento também traz observações sobre o dom da profecia: “Haja grande discernimento quanto ao dom da profecia, eliminando qualquer dependência mágica e até supersticiosa” (CNBB, 2013, p. 29). E sobre o exorcismo, pede-se que não seja exercido por conta própria, respeitando o Código de Direito Canônico. Embora essas ressalvas feitas no Documento nº 53 da CNBB possuam um importante significado no

catolicismo, muitas práticas são rotineiros nos grupos de oração da RCC. Nos grupos pesquisados, a glossolalia, cura divina e profecias, são os mais recorrentes.

A expansão vertiginosa da Renovação, presente hoje em diversos países, alcançando várias paróquias e dioceses, organizando-se autonomamente e trazendo um considerável número de fieis para dentro dos quadros da Igreja Católica, tem despertado o interesse de muitos pesquisadores. Alguns a percebem como um fenômeno religioso que veio pra ficar (BOFF, 2000; VALLE, 2004). Enquanto igrejas protestantes (tradicionais) têm experimentado certo declínio, assim como o catolicismo tradicional, a Renovação apresenta-se em um sentido oposto, de franco crescimento. As missas do padre Marcelo Rossi<sup>106</sup>, por exemplo, um dos primeiros movimentos expressivos da RCC demonstra isso. Há também outros eventos que agregam número expressivo de fieis, como o Hallel, Deus Conosco etc. Em todos eles, existe a presença marcante de muita música, orações e pregações de padres renomados, ligados à RCC e emissoras de TV como Rede Vida e Canção Nova. A RCC também se destaca pelo uso dos meios de comunicação de massa, o que tem contribuído para sua disseminação.

A Renovação Carismática conta em sua estrutura com a significativa participação dos leigos. Nesse sentido, há certo paralelismo com a Teologia da Libertação, especialmente sua principal elaboração, as CEBs, cuja participação leiga foi fundamental em seu processo de formação e expansão, principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

É comum nos encontros da RCC, especialmente nos grupos de oração, cujos encontros são semanais, a direção ser exclusivamente do laicato. Os cânticos, as orações, as pregações, são todas elas realizadas pelos leigos, dispensando a frequente presença do clero, como é o caso da missa, e em especial, a ministração dos sacramentos; nesse caso, por exemplo, a eucaristia constitui o elemento central de qualquer missa, sempre sob a direção e cuidados do clero.

No entanto, se a organização cotidiana da RCC é composta essencialmente por leigos, por outro lado, existe a evidência de uma rígida estrutura clerical, conforme destaca Pedro Ribeiro de Oliveira (1978). Em um encontro regional que este sociólogo acompanhou, percebeu como os sacerdotes recebem destaque: enquanto os membros do movimento estavam na plateia, o palco era ocupado por bispos, padres e algumas

---

<sup>106</sup> Importante observar que as missas dominicais do padre Marcelo Rossi iniciam as 6:40 horas. Apesar de ser um horário atípico de domingo, essas missas reúnem milhares fieis semanalmente, no Santuário Mãe de Deus, na capital paulista.

lideranças, levando-o a afirmar que “a estrutura clerical da Igreja Católica mantém-se também na RC” (OLIVEIRA, 1978, p. 73).

Se em momentos em que clero e leigos se unem o primeiro grupo se destaca, quando se separam, o leigo assume uma posição mais autônoma nas práticas religiosas, ganhando maior destaque, além de determinado capital religioso, utilizando as contribuições de Bourdieu<sup>107</sup>, sendo conferido ao líder carismático legitimidade na administração do serviço sagrado. Dessa forma, o leigo ao gozar de certa autonomia, vem contribuindo para o crescimento do movimento da Renovação Carismática.

Qualquer católico que tenha a vivência dos postulados da Igreja e frequente um grupo de oração pode se inserir nos serviços de um grupo local, ganhando o nome de “servo”. Os servos, portanto, são fieis que se identificam com a RCC e que deliberadamente se prontificam a ajudar o movimento, primeiramente no âmbito local, podendo vir a galgar esferas superiores nos vários níveis organizativos no decorrer do tempo.

A Renovação dispõe de quinze ministérios<sup>108</sup> e um servo normalmente se ocupará em um ou mais, podendo com o passar do tempo haver um trânsito entre esses ministérios. Uma pessoa que inicia, por exemplo, no ministério da música, pode vir a mudar, no futuro, para o ministério de pregação. Ou seja, o servo, além de se identificar e participar da RCC, também assume compromissos que são distribuídos de acordo com o ministério que deseja trabalhar. Em caso de haver grupos cujo número de servos seja pequeno, é comum encontrar servos participando em mais de um ministério.

Além do serviço prestado ao grupo local, existe a contribuição mensal para subsidiar os gastos com administração, escritórios e pessoal. Diferente da missa, onde existe o momento para o depósito de ofertas, nos grupos de oração da RCC isso não ocorre. Fica a cargo dos servos a tarefa de colaborar financeiramente para a manutenção desse movimento carismático.

---

<sup>107</sup> A partir da ideia de capital simbólico, Pierre Bourdieu considera vários outros tipos de capital, como econômico, cultural, escolar, social etc. Para o sociólogo francês, o capital simbólico é “percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas no campo considerado, isto é, uma estrutura de distribuição do capital no campo considerado” (BOUDIEU, 2011, p. 149).

<sup>108</sup> Os ministérios são áreas específicas de atuação da RCC, como: música, família, cura e libertação, crianças, intercessão, pregação, fé e política, entre outros.

### 3.1. O grupo Anjos da Paz

Os grupos de oração possuem um papel central na prática religiosa da Renovação Carismática Católica. Ou seja, participar da RCC é estar engajado em algum grupo de oração. É nesse ambiente que o fiel usufrui dos dons do Espírito Santo ou desenvolve tais dons<sup>109</sup>; no caso dos servos, ocupando posições de liderança em relação aos demais. A glossolalia, os dons de cura, as profecias, o discernimento, o renovo espiritual, enfim, todos os elementos que caracterizam a religiosidade carismática são vividos essencialmente no contexto dos grupos de oração. Dificilmente será encontrado um fiel católico que se diz pertencente à RCC sem participar de algum grupo de oração, ainda que este não seja assíduo.

Para Flávio Sofiati, “os grupos de oração são o campo próprio do movimento carismático” (SOFIATI, 2011, p. 220). Nesse mesmo sentido, Cecília Mariz afirma que “na base do movimento encontra-se a sua estrutura mais simples e básica formada pela rede de grupos de oração. Esses grupos constituem as células do movimento e a sua estrutura mais flexível. Todo participante da RCC está envolvido em um grupo de oração” (MARIZ, 2003, p. 179).

Na pesquisa de campo que envolve este trabalho na Arquidiocese de Londrina, foi possível perceber como os fieis demonstram a importância do grupo em suas vidas. Sem estabelecer uma análise desses dados no momento, basta, por hora, observar testemunhos de lideranças de grupos de oração de várias partes do país, relatados na revista oficial da Renovação Carismática:

“O GO já faz parte da minha vida, é mesmo constitutivo da minha caminhada. [...] Para mim, o Grupo de Oração é o espaço onde readquiro forças para prosseguir perseverando” (Onazir).

“Na minha caminhada, o Grupo de Oração é uma base sólida, pois foi a partir da minha participação nas reuniões que fui resgatado por Jesus para uma nova vida. [...] Eu creio que o maior tesouro da RCC é o Grupo de Oração” (Mário).

“O grupo de Oração é, junto com os sacramentos, o motor que me move a estar na presença de Deus. É nele que eu me abasteço e aprendo a ser mais Igreja através da oração e da presença dos irmãos. Sou tão apaixonada por Grupo de Oração que participo de três!” (Elza).

---

<sup>109</sup> Dons, enquanto categoria nativa, representa a capacitação divina cujo objetivo é a realização de uma determinada tarefa em relação a outros.

“A vivência no grupo de oração alimenta a minha oração pessoal, sustenta a minha espiritualidade e oportuniza que eu coloque os meus dons a serviço da comunidade” (João Paulo).

“O Grupo de Oração foi instrumento para que o resgate de Deus acontecesse em mim. Minha vida era marcada por vícios e pela depressão. Dentro de um grupo de oração eu encontrei Jesus e comecei a aprender o valor dos sacramentos e da minha família” (José Carlos)<sup>110</sup>.

Renovo espiritual, abastecimento, abandono do vício, prática dos dons, vida nova, envolvimento religioso, entre outros, podem ser percebidos nesses cinco testemunhos mencionados acima. Todos eles estão no contexto da vivência nos grupos de oração. De forma geral, o renovo que seus participantes expressam sentir está diretamente ligado ao termo “*Renovação Carismática*”; ou seja, a maneira como os fieis são afetados pela vivência de práticas religiosas oferecidas pelo movimento estão de acordo com o esperado pelo movimento.

Porém, para Reginaldo Prandi (1998), além disso, os grupos de oração possibilitam a complementação dos sacramentos normalmente encontrados na missa. Nesse caso, existe a possibilidade de se abrir certa concorrência entre a missa e os grupos de oração, embora o discurso de lideranças da RCC seja de conciliação, valorizando e incentivando a participação na missa semanal. Na prática, no entanto, percebe-se em alguns fieis a existência de uma escolha, muitas vezes pendendo para os grupos de oração em detrimento da missa.

Prandi destaca outro elemento que difere da missa: o caráter emocional presente nos grupos de oração. Sobre esses últimos, declara o cientista social: são “verdadeiras cerimônias da euforia, semanais, com duração de duas a três horas, são marcados por uma intensa carga emocional, que se torna cada vez mais forte no encaminhamento da reunião” (PRANDI, 1998, p. 61). Se o tempo da missa é em média uma hora, com pouco espaço para a manifestação das emoções por parte dos fieis, nos grupos de oração esse fato se inverte, o que ajuda a explicar a permanência de um número significativo de fieis, ainda que o tempo de duração seja maior que nas missas.

Os grupos de oração são compreendidos por Flávio Sofiati (2011) como “anzol” que atrai os novos adeptos. Junto a eles, há também a influência das comunidades de vida, especialmente a Canção Nova, através dos meios de comunicação, que também têm

---

<sup>110</sup> Renovação. Ano 12, número 70, set./out. 2011. p. 14. Para obter o acesso na íntegra dos testemunhos sobre os grupos de oração, ver: [www.rccbrasil.org.br/revista](http://www.rccbrasil.org.br/revista). Acesso em: 04 dez. 2015.

contribuído significativamente nesse sentido. A música e as orações, bem como os testemunhos que são compartilhados resultantes das intensas orações, é outra dimensão desse atrativo. No caso da música, ou louvor, normalmente se utiliza diversos instrumentos como guitarra, bateria, teclado e contrabaixo, produzindo certa empolgação ao público presente.

A música está presente do início ao fim desses encontros. Muitas vezes, enquanto está sendo feito o momento da pregação, o tecladista toca algumas músicas suaves, causando certa comoção entre os fieis. O ritmo varia de acordo com a condução do encontro: no início, músicas mais ritmadas e alegres; depois músicas mais reflexivas, que fala sobre milagres, poder de Deus, restauração, perdão, amor e fé; no final, músicas mais ritmadas voltam a ser tocadas, enquanto as pessoas se despedem ou simplesmente saem do templo em direção a seus carros/casas<sup>111</sup>. Nesse ponto, as músicas tocadas nos grupos de oração diferem essencialmente das entoadas nas missas, confirmando sua atração, especialmente pelos mais jovens.

A despeito de haver na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, bem como na Rede de Comunidades Madre Leônia algumas pastorais e atividades alinhadas na perspectiva da Teologia da Libertação, há também a presença da Renovação Carismática, especialmente na igreja matriz. Há 16 anos o grupo de oração Anjos da Paz foi iniciado e conta atualmente com participação média de cinquenta pessoas, todos os domingos à tarde, sendo a maioria composta por jovens e adolescentes. Há alguns adultos que também participam, normalmente, antigos líderes desse grupo de oração e que ainda mantêm seu vínculo, embora não mais exercendo papel de liderança.

Os membros desse grupo de oração carismático são em sua maioria da própria igreja matriz, no Jd. Novo Bandeirantes, embora haja também alguns da área pastoral, do padre Dirceu. Dessa maneira, as pessoas ali estão dentro do mesmo contexto paroquial, além do social e econômico dessa região, pois vivem nesse bairro ou em sua circunvizinhança, região periférica, marcada pelo contexto das desigualdades sociais.

A participação das missas, bem como das programações da paróquia, por esses carismáticos, demonstra ser um elemento de unificação de interesses entre o clero e o grupo de oração Anjos da Paz. Embora alinhado na perspectiva da Teologia da

---

<sup>111</sup> Em grupos de oração muito grandes, como o Caminhando com Maria, na paróquia Sagrados Corações, poucos se conhecem. Ao final, as pessoas entram nas filas formadas para saída em direção ao átrio da igreja, e depois, ganhar as ruas e avenidas em direção às suas casas. Em grupos de oração menores, há um momento ainda de conversa entre os fieis após o encerramento.

Libertação, o padre Altair não faz objeção às atividades desse grupo carismático. Percebe-se, no entanto, o desejo por parte do pároco de ter o movimento dentro dos quadros institucionais: “O padre conta que já teve dificuldades no passado com grupos da Renovação por não apoiarem os trabalhos da paróquia”, afirmou um jovem. “Mas nós fazemos questão de participar e apoiar todas as atividades da paróquia”, continuou.

Segundo o jovem líder, o padre respeita muito a Renovação e os ouve. “Nas reuniões do CPP, quando a RCC levanta a mão, o padre dá voz, porque nós trabalhamos na paróquia”, explicou exitoso. “No [feriado] *Corpus Christ*, por exemplo, chegamos de madrugada e ajudamos a pintar as ruas”.

Quando há atividades agendadas na mesma dada na paróquia dos Migrantes e no decanato da Renovação<sup>112</sup>, há um esforço para participar de ambas: “nós dividimos o grupo: a metade participa da programação na paróquia e a outra do setor da RCC. Assim marcamos presença nos dois lugares simultaneamente”.

Essa preocupação em envolver-se com as atividades da paróquia, sobretudo a missa, foi expressa ao final de um encontro do grupo Anjos da Paz na Migrantes. O coordenador fez o seguinte lembrete: “grupo de oração é bom demais...” e depois os participantes em uníssono continuaram em alta voz: “mas não substitui a missa!”. De fato, foi possível ver alguns jovens do grupo de oração na missa das 19:30 horas, juntando-se aos demais paroquianos da Migrantes. Já outros optam por participar da principal missa dominical, na parte da manhã, retornando à tarde para o grupo de oração.

Mesmo permitindo a presença da RCC na paróquia, o padre Altair percebe algumas dificuldades em seu crescimento diante de sua dinâmica pastoral:

Não é um grupo muito grande se a gente for pensar no tamanho dessa comunidade. Mas porque não é um grupo tão grande como em outras paróquias que reúne multidões? Porque aqui na paróquia a gente propõe um outro modelo de igreja: Pastoral da Juventude, pastorais sociais, a gente faz um outro trabalho paralelo que dá espaço para que os fieis da paróquia percebam que existe outra forma de ser igreja, outro modo de atuar na comunidade, que não só louvando e rezando, mas atuando nas dimensões sociais. Talvez por isso o grupo se mantém num pequeno número<sup>113</sup>.

---

<sup>112</sup> O decanato é uma micro-região, formada por grupos de oração de algumas paróquias da mesma região. É comum haver reuniões e encontros carismáticos envolvendo todos os grupos do decanato.

<sup>113</sup> Entrevista 27052015 - folha 7.

A pesquisa de campo realizada junto ao grupo de oração Anjos da Paz permitiu compreender a dinâmica desse movimento carismático em um contexto paroquial onde o padre Altair não demonstra muita afinidade a esse setor do catolicismo, embora também não dificulte suas ações no contexto da igreja matriz.

Na primeira reunião do grupo Anjos da Paz, em seu retorno das atividades de 2016<sup>114</sup>, cheguei alguns minutos antes do início. Havia não mais que dez jovens ensaiando algumas músicas, próprias da Renovação. Dessas, algumas emprestadas das igrejas evangélicas, o que também confirma tal aproximação entre ambos movimentos. Com o volume alto, as pessoas que já haviam chegado pareciam gostar do ambiente. Logo na entrada do salão, que fica ao lado do templo principal da Migrantes, fui muito bem acolhido por duas jovens bem animadas, recebendo também uma lembrança do grupo, com intuito de retornar mais vezes. As músicas que estavam sendo ensaiadas e a receptividade lembrava, de fato, o modelo evangélico pentecostal.

Sobre tal aproximação, Maria das Dores Campos Machado afirma que “o emocionalismo, o misticismo, o proselitismo religioso, a leitura literal da Bíblia, a ênfase na igualdade espiritual, a busca de santificação” (MACHADO, 1996, p. 2) são elementos que vêm experimentando certa expansão tanto na vertente católica quanto nas evangélicas.

Procurei um lugar para me assentar. Optei por ficar no fundo do salão, na última fileira de cadeiras, onde podia visualizar não somente as pessoas à minha frente, mas tudo que ocorria ali.

Ao iniciar, enquanto o líder rezava a Ave Maria, uma mulher entrou com sua imagem colocando-a na frente do salão. “Mãezinha, fica conosco”, dizia um dos líderes. Em comparação aos cultos evangélicos, esse talvez seja o fato que mais destoa: o culto à Maria. No mais, há vários elementos semelhantes: orações, músicas e até mesmo a entonação da voz durante as pregações. Estabelece, assim, uma performance que os aproximam mais dos pastores pentecostais que aos padres do catolicismo tradicional.

A glossolalia é outro elemento que frequentemente faz parte do rito carismático. Se a ênfase na pessoa do Espírito Santo é uma de suas principais marcas<sup>115</sup>, falar em

---

<sup>114</sup> Há nos grupos carismáticos um intervalo para descanso, normalmente entre o final de um ano e início do outro, ou seja, nos meses de dezembro e janeiro, diferente das missas que possuem programação o ano inteiro.

<sup>115</sup> A ênfase da RCC ao Espírito Santo levanta a discussão sobre interpretações da trindade. O padre Altair ressalta: “É um olhar, uma espécie de exacerbação de espiritualismo voltado para a figura do Espírito Santo, enquanto me parece que as outras pessoas da trindade ficam de lado...” (Entrevista 27052015 –

línguas torna-se uma importante evidência de tal manifestação, unindo o elemento sagrado ao humano. Ao contrário do momento das músicas, com pulos, gesticulações e muito entusiasmo, a glossolalia leva à contrição do fiel. Cabisbaixos, cada um tem seu momento de devoção. Alguns chegam até mesmo ao choro nesse instante. Embora seja iniciado normalmente pelo líder, ou mesmo o dirigente das músicas, a glossolalia também afeta os demais, no decorrer das reuniões. Em certos momentos há uma quantidade expressiva de pessoas falando em línguas simultaneamente, tornando o ápice desses encontros carismáticos.

A família<sup>116</sup> é um dos assuntos mais abordados nesses encontros. Em um dos momentos de oração, pedia o líder: “estenda a mão para a direção de sua casa e abençoe seu lar”. A transformação individual é também estendida ao âmbito familiar: “eu acredito que Deus pode transformar todas as realidades, como Deus transformou minha vida, minha casa, minha família, então... nossa missão é levar esse evangelho que transforma, né?”<sup>117</sup>, disse certa vez o coordenador do Anjos da Paz.

Ao apresentar seu testemunho, um líder relatou a perda de um dos pais, resultado de desarmonia familiar. Em um caso extremo como esse experimentado pelo jovem em que não há mais possibilidades de transformação, no convívio religioso ainda era possível encontrar saída: “Deus está me dando a chance de conduzir minha família hoje de uma forma diferente da qual vivi”.

Em uma reunião no domingo de carnaval, esta festa popular foi criticada como algo que destrói a família, assim como as drogas, as novelas, o álcool e a prostituição. Preservar a família tradicional torna-se, portanto, um dos pilares da doutrina

---

folha 5). O padre Dirceu segue o mesmo pensamento: “existe o cristianismo, o central é Jesus Cristo, o ressuscitado; e existe o pentecostalismo, que a centralidade é o Espírito Santo, não é Jesus Cristo, o Ressuscitado. Então essa é uma religião, pra mim é trinitária, mas para nós, Pai, Filho e Espírito Santo central é Jesus. Pra eles, o Espírito Santo” (Entrevista 26012016 – folha 8).

<sup>116</sup> Axel Honneth em sua obra *O direito da liberdade* (São Paulo: Martins Fontes, 2015) distingue a família tradicional da família democrática. A primeira é composta pelo pai, mãe e filho. Nesse modelo há um papel fixo para a mulher: o cuidado dos filhos e do lar, por meio do trabalho doméstico, tornando-se dependente do marido. Este é responsável pelo trabalho fora de casa e, portanto, remunerado. Já o modelo democrático pode ser formado por casal heterossexual ou homossexual, podendo ter filhos adotados. Prevalece nesse modelo o espírito de parceria e solidariedade. “No modelo democrático familiar, a mulher, em decorrência da sua luta por reconhecimento reivindicando direitos e deveres iguais aos do homem, saiu de um patamar marginalizado para uma plataforma de visibilidade e respaldo [jurídico]” (LIMA, Francisco J. G. A família como uma realização da eticidade democrática. *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 463-481, jul./set. 2016). Na RCC o termo família está associado ao que Honneth (2015) denomina de família tradicional e Lima (2016) de família burguesa.

<sup>117</sup> Entrevista 07022016 – folha 3.

carismática. Tal missão é evidenciada no campo político, como visto nas ações do vereador Tio Douglas, no capítulo 5.

Nesse sentido, há um ministério da RCC voltado especialmente para as famílias: “O *Ministério para as Famílias* é o serviço, dentro do Grupo de Oração da Renovação Carismática Católica, responsável pela evangelização, acompanhamento e formação das famílias”<sup>118</sup>. Baseia-se no parágrafo 116 do Documento de Aparecida:

Bendizemos a Deus por haver criado o ser humano, homem e mulher, ainda que hoje se queira confundir esta verdade: “Criou Deus os seres humanos à sua imagem; à imagem de Deus os criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Pertence à natureza humana que o homem e a mulher busquem um no outro sua reciprocidade e complementaridade<sup>119</sup>.

Mesmo não existindo esse ministério para as famílias no Anjos da Paz, por falta de estrutura humana, nas músicas, mensagens e orações, a família é sempre retratada como uma das prioridades nesse grupo carismático, da qual todo esforço deve ser feito para a sua preservação, inclusive no campo político.

A família como um dos elementos centrais da atuação da RCC, portanto, é resultado de sua compreensão desse conceito. Segundo Machado, durante a história a família “tem sido um dos principais espaços de transmissão das religiões, fornecendo o contexto moral básico para a socialização de seus valores. Por isso as religiões costumam assumir a moral familiar como base da ordem social mais ampla, e adotam a família como símbolo de estabilidade moral e social” (MACHADO, 1996, p. 35).

Sobre o vínculo entre religião e família, a autora observa que “os indivíduos, organizações, movimentos políticos e tendências sociais orientados para fora do modelo familiar (homossexuais, feministas etc.) seriam perniciosos e perigosos para a própria ordem social” (MACHADO, 1996, p. 35). A preservação desse modelo familiar é um dos seus principais objetivos, resultando também no âmbito político, por meio de parlamentares pertencentes a RCC, como veremos no último capítulo.

---

<sup>118</sup> Ministério para as Famílias. RCC Brasil. [www.rccbrasil.org.br](http://www.rccbrasil.org.br). Acesso em: 09 fev. 2016.

<sup>119</sup> Documento de Aparecida, 2007, n. 116, p. 65.

### 3.1.1. Os símbolos nos grupos carismáticos

Além das pregações, orações e cânticos que compõem o ritual desse grupo de oração carismático, há uma diversidade de símbolos que também contribuem para a compreensão desse segmento do catolicismo.

Em uma reunião do grupo de oração, o tema pregado por um servo foi sobre a alegria. Essa era uma característica que deveria fazer parte de todo cristão, segundo ele. Ao final, foi colocada uma grande cesta na frente do salão. Os presentes foram convidados a chegar ao redor dela e “depositar” suas angústias, tristezas e frustrações. A maioria dos participantes aderiu ao apelo do jovem pregador, ficando ao redor da cesta por alguns instantes, refletindo, orando, com as mãos erguidas sobre ela.

Em outra ocasião, o tema foi “desperta, tu que dormes”, baseado no texto de Filipenses 5.14. Dormir significava afastar-se de Deus. “Muitos que estavam aqui conosco, de repente, dormiu”, disse o pregador. “Ou você acorda ou é engolido pelo mundo”, advertiu o jovem. “É hora de acordar”, concluiu.

Ao final dessa reunião, com música tocando ao fundo e um período de oração, cada pessoa presente foi convidada a ir à frente, uma por vez, onde havia uma bacia com água. As mãos eram lavadas e logo depois uma senhora com uma toalha as enxugavam. Posteriormente, um homem ou uma mulher abraçava o fiel, de acordo com o sexo de cada um, dizendo sobre sua importância para Deus. Enquanto isso, o líder anunciava: “você vai voltar para o seu lugar. O lugar é o mesmo, no entanto, a pessoa será outra”. Continuava o líder: “num gesto profético, a sujeira vai ficar aí [na água]”.

A cesta de plástico ou a bacia com água reforçam a doutrina carismática de transformação do indivíduo diante de Deus. Tornar-se alegre ou ter os pecados perdoados, diante desses dois casos acima descritos, aponta os caminhos que o fiel deve percorrer, especialmente no convívio da Renovação Carismática, demonstrando com isso a capacidade de estabelecer formas de comportamento dos fieis.

Embora a missa seja valorizada e sempre solicitada a participação dos membros do grupo, a Renovação assume por si só a tarefa de levar o indivíduo a experimentar a nova vida no Espírito Santo. O testemunho de um dos líderes do Anjo da Paz sobre sua ida para a RCC demonstra isso: “tinha sede de alguma coisa, queria algo mais”, compartilhou certo dia. Apenas ir à missa não era suficiente para o jovem, que

encontrou na Renovação Carismática aquilo que lhe faltava, segundo seu testemunho no grupo de oração.

Se na missa há seus próprios símbolos, devidamente administrados pelo padre, na maioria das vezes, a RCC também lança mão dos seus, dando-lhe legitimidade e sentido diante do fiel em sua relação com o sagrado. Assim, seus símbolos, mais populares e muitas vezes lembrando aqueles usados no pentecostalismo, contribuem para a compreensão de sua mensagem por parte dos fieis. Juntamente com as pregações, testemunhos, orações, cânticos e até mesmo momentos de descontração, os símbolos presentes no cotidiano dos grupos de oração torna-se um importante elemento na manutenção desse segmento católico.

### 3.1.2. O envolvimento sociopolítico

Uma das primeiras pesquisas sociológicas sobre a Renovação Carismática no Brasil, realizada no final da década de 1970, por Pedro Ribeiro de Oliveira (1978), traz algumas contribuições importantes sobre a RCC e sua relação com a participação social e/ou política. Por meio de pesquisa quantitativa, aplicada a diversos grupos na época, constata o sociólogo que 47,3% daqueles que responderam o questionário afirmaram não possuir engajamento social, enquanto 17,8% declaram possuir engajamento social, especificando tal comportamento, geralmente de maneira assistencialista, como o trabalho com dependentes químicos.

Sobre isso, Reginaldo Prandi considera que “o primeiro objetivo da vida carismática é a renovação interior, e qualquer atuação no campo social deve ser resultado do amadurecimento interior e individual” (PRANDI, 1998, p. 171).

Em outro texto, o cientista social discute como segmentos religiosos percebem o mundo e as possíveis rejeições ao mesmo. Observando as CEBs, por exemplo, há a negação do mundo na maneira como é apresentado, propondo-se a transforma-lo. No caso da Renovação Carismática, semelhante ao pentecostalismo, “é uma religião que rejeita o mundo, mas não pretende transforma-lo. Ao contrário, ele prega a retirada do fiel para o interior da comunidade de culto, identificando o resto como território do demônio” (PRANDI, 1992, p. 86).

Ainda, de acordo com Prandi, na analogia feita com o pentecostalismo, compreende a proposta de construção de um novo mundo sob o paradigma religioso,

cristão, “onde não há lugar para o outro, o diferente, o plural” (PRANDI, 1992, p. 86)<sup>120</sup>. O processo de mudança social, nessa perspectiva, deve acontecer “a partir de transformação na espiritualidade de cada um. Tais transformações devem resultar em mudanças na vida família e depois, lentamente, em mudanças no interior de toda a sociedade. Esta é a fórmula tradicional: primeiro mudar o indivíduo, e então a sociedade por força mudará” (PRANDI, 1998, p. 171).

Nessa mesma direção, Pedro Ribeiro de Oliveira observa nos textos da RCC que “a atuação no campo social e político deve ser uma decorrência da renovação interior, que é a primeira não só cronologicamente como também a primeira em ordem de importância” (OLIVEIRA, 1978, p. 37).

O sentido contido na mensagem da Renovação Carismática demonstra a preocupação “com a preservação da família e seu desinteresse pelo que se passa na sociedade. Qualquer mudança social é sempre concebida como projeto de moralização, de uma moral do indivíduo, do sexo e das relações mais internas da vida familiar” (PRANDI, 1998, p. 171).

Para Oliveira, a partir de textos oficiais da RCC, a “ênfase na interioridade do reavivamento religioso não exclui, teoricamente, um impulso no sentido da ação social” (OLIVEIRA, 1978, p. 36). Constata este autor, na perspectiva das lideranças desse movimento, um profundo vínculo entre a vida espiritual e o engajamento social.

Nas palavras de dom Cipriano Chagas, um dos primeiros organizadores da RCC no Brasil e fundador da Comunidade de Aliança Emanuel, no Rio de Janeiro<sup>121</sup>, Oliveira destaca que “seria pois um engano caracterizar a Renovação Carismática meramente como uma renovação de um relacionamento pessoal individual com Deus. É isto primeiramente, sem dúvida, mas ao mesmo tempo é uma renovação da comunidade cristã, uma edificação do corpo de Cristo” (OLIVEIRA, 1978, p. 36).

---

<sup>120</sup> Um caso emblemático possibilita compreender essa questão: a Comissão Especial do Estatuto da Família, na Câmara dos Deputados, aprovou em setembro de 2015 o Projeto de Lei 6583/13, sendo Diego Garcia (PHS-PR), da Renovação Carismática, o relator do projeto. Nesse projeto, o núcleo familiar é composto por homem e mulher, ou ainda, um dos pais e o(s) filho(s). Todos os demais agrupamentos familiares, como pessoas do mesmo sexo, netos criados por avós etc. são excluídos do texto. Embora busque legitimação na Constituição Brasileira, percebe-se que sua defesa de tal estatuto está amparado, sobretudo, sob o viés religioso, visto que a bancada evangélica, juntamente com integrantes católicos na Câmara dos Deputados, se uniram em torno da aprovação do projeto. E mais, com o resultado de sua aprovação, essa ala cristã no Congresso comemorou com gritos e aplausos, além de postagens nas redes sociais, demonstrando o sentimento de uma grande conquista.

<sup>121</sup> Para maiores informações sobre essa comunidade ligada à Renovação Carismática, consultar o site: [www.comunidadeemanuel.org.br](http://www.comunidadeemanuel.org.br). Acesso em: 04 jan. 2016.

Ainda de acordo com Pedro Ribeiro de Oliveira (1978), na concepção do monge beneditino Cipriano Chagas, os grupos de oração são casos particulares que, após um processo de amadurecimento, tornam-se importantes instrumentos de transformação social. Oliveira, no entanto, contesta tais prerrogativas, afirmando, por meio dos dados levantados em sua pesquisa, que o engajamento social na Renovação é bem restrito, principalmente no âmbito dos membros; entre os dirigentes a proporção é um pouco maior (OLIVEIRA, 1978)<sup>122</sup>.

Júlia Miranda em sua pesquisa sobre a Renovação Carismática, segue o mesmo viés de Pedro Ribeiro de Oliveira:

A inserção social dos grupos carismáticos é, na esmagadora maioria dos casos, de natureza assistencialista, embora haja experiências de organização popular para atuação de populações carentes em mutirões e manifestações reivindicativas, criação de cooperativas e projetos de formação pedagógica e profissional. Mas esses são ainda casos isolados (MIRANDA, 1999, p. 52).

Sobre o envolvimento da Renovação Carismática na participação política, Emerson Sena da Silveira (2008) observa dois momentos distintos que explicam esses números da pesquisa de Pedro Ribeiro de Oliveira (1978), cuja demonstração de retirada da vida política é nítida. O primeiro momento, entre as décadas de 1970 - época da implantação da Renovação no Brasil - e 1990, “a RCC permaneceu alheia aos movimentos políticos, dizendo-se espiritual, com uma finalidade principal, que seria renovar o homem e a igreja, trazendo uma ‘experiência pessoal’ do amor de Deus por meio do exercício dos chamados ‘dons carismáticos’” (SILVEIRA, 2008, p. 56). Nesse período, diversas pesquisas foram desenvolvidas, constatando o afastamento do religioso da esfera política, conforme demonstra Oliveira (1978).

O segundo período da RCC no Brasil abordado por Emerson Silveira (2008) se desenvolve a partir da transição do século XX para o XXI, a partir da reorganização da Renovação Carismática, bem como sua centralização e acentuado grau de burocratização. Assim, tal movimento “passou a engajar-se na arena política formal, num movimento similar ao que lançava os evangélicos em candidaturas vitoriosas no Legislativo, cuja estrutura era lastreada em uma rede de vínculos com os meios de

---

<sup>122</sup> Nos dados analisados por Oliveira (1978), percebe-se o seguinte sobre os carismáticos que possuem engajamento social: 13,8% dos membros e 28,6% dos dirigentes.

comunicação (redes de TV e rádio), estratégias de marketing e negócios empresariais” (SILVEIRA, 2008, p. 57).

Ainda, segundo o antropólogo, a atuação social e política da RCC, a partir desse momento de sua reestruturação no final do século XX, vincula-se a uma interpretação fundamentada em textos bíblicos e nas visualizações<sup>123</sup>. Assim, Emerson Silveira questiona se a partir desse momento de mudanças na RCC haveria a formulação de um projeto político nesse segmento do catolicismo. O mesmo autor afirma que, na verdade, “a atuação política dos carismáticos não teria como objetivo formar um partido próprio, mas inserir os leigos no mundo da política, construindo o mito e a utopia da ‘civilização do amor’, expressão usada por sacerdotes e leigos ligados ao movimento ao se referirem a um projeto de ‘reforma moral’ da sociedade” (SILVEIRA, 2008, p. 57).

A inserção no mundo da política, seja partidária ou não, está mediada pela ação do Espírito Santo, e, portanto, da própria Igreja e sua visão de mundo. Em entrevista, o padre Eduardo Dougherty, um dos precursores do movimento no Brasil, demonstra essa questão: “Deus realmente está derramando o Espírito Santo sobre o seu povo. E há uma carência de Deus. E nós temos que lutar pelos pobres, temos que ter ação social, mas todos movidos pelo Espírito Santo, não é?” (CARRANZA, 1998a, p. 31).

Diante desse processo recente que a RCC vem trilhando em relação à política, Silveira chama a atenção para não cair no erro do desenvolvimento de pesquisas cuja interpretação da Renovação esteja posta em um único sentido, afirmando a existência de um caráter conservador e proselitista, abandonando, assim, uma abordagem mais ampla que contemple outras dimensões da relação desse movimento com a política. Para o autor, essa análise sumária “amputa diversas outras formas de compreender o fenômeno” (SILVEIRA, 2008, p. 57).

Dessa forma, percebe-se que na Renovação teve em seu início uma postura de afastamento das questões políticas, especialmente partidárias, mudando seu posicionamento na virada do último século XX para o XXI, ocupando hoje diversas cadeiras no quadro do legislativo no Brasil. Sua atenção se voltou a tal ponto às questões políticas, sejam partidárias ou não, que foi formulado o *Ministério de fé e política*.

---

<sup>123</sup> Entre os vários dons carismáticos, a visualização é uma espécie de percepção sobre determinado assunto, conduzido pelo Espírito Santo, do qual o homem não é capaz de compreender por si mesmo. De acordo com Silveira (2008), a visualização é concedida em momentos de orações.

No grupo de oração Anjos da Paz, na paróquia dos Migrantes, evidencia-se as análises de Oliveira (1978) e Miranda (1999). Em entrevista, sobre participação social e política, um coordenador comentou:

A gente está inserido na comunidade, então a gente tem uma questão assim, nós temos que trabalhar na comunidade pra tentar mudar essa realidade, nossa comunidade tem drogados, tem violência, então a gente busca... eu acredito que Deus pode transformar todas as realidades. [...] Claro que a questão social é muito importante e a gente tem que se adequar, eu vejo a necessidade do nosso grupo assim, atender essas realidades sociais. A gente tem algumas atividades como *campanha do agasalho*, mas a gente poderia fazer mais, a questão da *doação de sangue* eu vejo que a gente poderia fazer, a gente podia fazer uma ajuda para a comunidade, um *dia da bondade* assim, enquanto grupo assim, eu vejo como uma necessidade, às vezes a gente acaba não conseguindo colocar em prática, mas é algo que a gente tem que priorizar, que a gente tem que ter a oração e ação, a gente faz, mas a gente poderia fazer mais<sup>124</sup>.

Houve há alguns anos no Jd. Novo Bandeirantes, onde está localizada a paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, a duplicação da PR-445. A pista simples não era suficiente para suportar o grande fluxo de veículos que trafegam na rodovia, inclusive veículos pesados. Havia ainda o agravante de ser perímetro urbano, motivo para a causa de muitos acidentes no local. Antes da duplicação, no entanto, como forma mais imediata de solucionar o problema, foi instalado alguns semáforos, buscando melhorar o trânsito na rodovia, trazendo maior segurança para a população.

A paróquia dos Migrantes teve um papel importante nesse processo de enfrentamento. O padre Altair e o padre Dirceu estiveram atuantes, em contato com políticos locais.

Algum tempo depois da instalação dos semáforos, iniciou o processo de duplicação da PR-445 pelo governo estadual. Na parte da rodovia onde cruza o bairro seria construído um elevado, separando-o ao meio. Dessa forma, de um lado não seria possível visualizar o outro. Novamente houve a intervenção de lideranças da comunidade. Como resultado, ao contrário de se construir o elevado, foi feito um rebaixamento da pista e uma passarela cruzando a rodovia, devidamente sinalizada, podendo ser utilizada tanto por veículos como por pedestres. Assim, a rodovia hoje continua no mesmo nivelamento do bairro após sua ampliação.

---

<sup>124</sup> Entrevista 07022016 – folha 3 – grifos meus.

Esses dois enfrentamentos, do semáforo e da duplicação da rodovia, sem dividir o bairro, foi lembrado pelo coordenador do Anjos da Paz: “Teve uma questão na paróquia de lutar pelo semáforo, tinha muitas mortes, a comunidade sempre teve algumas atividades de lutar, e conseguimos as coisas, né, colocar uma passarela que não ia ter, então teve abaixo-assinado, então a nossa comunidade, graças a Deus, tem muito essa visão social”<sup>125</sup>. A participação política do grupo, assim, está submetida a outras lideranças. Questionado sobre quem conduziu os enfrentamentos diante do poder público, o líder respondeu: “Geralmente é o padre Altair, o pessoal do CPP, a gente está junto, mas a gente poderia ter assim, mais ações paralelas a isso”<sup>126</sup>.

Demonstra-se dessa forma, o interesse do movimento carismático pelos problemas sociais vivenciados pela comunidade. No entanto, há certa dependência no direcionamento das ações. Nesses casos, juntam-se a outros grupos da paróquia, concedendo também sua contribuição. Sobre isso, o padre Altair expressou sua opinião: “Eu costumo dizer que a maior parte dos membros da Renovação Carismática eles se entendem, se sentem muito felizes como membro da igreja, mas quando fala que a igreja tem que atuar no social eles se sentem um pouco imaturos pra isso, não tem formação suficiente pra isso”<sup>127</sup>. Há, portanto, certa dependência do pároco ou outras lideranças locais na busca por solução de problemas sociais vivenciados pela comunidade. A autonomia que possuem na organização e condução do grupo de oração diminui diante dos problemas sociais e nos processos de enfrentamento.

### 3.1.3. Lavando a bandeira do Brasil

No Encontro Nacional de Formação (ENF) de 2016, realizado no mês de janeiro em Aparecida - SP, ocorreu um fato importante que contribui para a análise da prática política da RCC: dom Albano, bispo emérito de Londrina, um dos palestrantes daquela ocasião, em posse da bandeira brasileira, mergulhou-a várias vezes em uma bandeja contendo água, enquanto a líder nacional da RCC, Katia Zavaris, orava pelo país.

No mês seguinte, ocorreu na Arquidiocese de Londrina a Formação Arquidiocesana de Ministérios (FAM), que é uma maneira de retransmitir todas as orientações dadas no Encontro Nacional para as lideranças locais. Esse evento ocorreu

---

<sup>125</sup> Entrevista 07022016 – folha 3.

<sup>126</sup> Entrevista 07022016 – folha 3.

<sup>127</sup> Entrevista 27052015 – folha 6.

em um grande ginásio de um grupo religioso católico. Contou com a presença de mais de 2.500 pessoas, em sua maioria servos de diversos grupos de oração das cidades que compõem a Arquidiocese de Londrina.

Dom Albano ficou responsável pela pregação na parte da manhã. No final, o bispo emérito de Londrina lembrou o gesto simbólico realizado no mês anterior em Aparecida. Com a bandeira do Brasil em sua mão, disse: “o rio Amazonas é pouco para lavar o Brasil”. Dito isso, a líder estadual da RCC, Maria Ivone, iniciou sua oração, com forte voz, pelas autoridades brasileiras. Pediu para Deus “lavar a herança de corrupção, de fraude, de falcatuas”. Sua oração prosseguiu: “Que tudo isso seja passado a limpo no Brasil. As mãos que fizeram isso sejam lavadas, purificadas. Que apresentemos a ti um novo Brasil”.

A intercessão da líder estadual continuou: “Que caia por terra toda tendência ao jeitinho, à corrupção. Que se levantem autoridades novas, que os anjos do Senhor acampem ao redor do Brasil”, concluiu Maria Ivone. Durante a oração, o ginásio foi tomado por um som que misturava as várias orações que eram feitas pelos presentes. Muitos também oravam em línguas nesse momento. Com mãos levantadas na direção do palco onde se encontrava dom Albano e Maria Ivone, os carismáticos presentes confirmavam a oração, confiantes nas transformações políticas por intermédio das intercessões.

Importante notar que em ambos os casos, tanto no ENF quanto no FAM, o gesto de lavar a bandeira foi feito durante a pregação para o público geral. Não foi um evento específico do Ministério de fé e política, por exemplo. Isso demonstra que questões políticas, em contextos mais críticos, são abordadas em momentos indistintos. O problema da corrupção na Petrobras, por meio das investigações da Lava Jato, veiculados frequentemente na mídia, trazendo à opinião pública sentimento de indignação, juntamente com outros fatos anteriores, como o mensalão, também amplamente divulgado nos meios de comunicação, contribuiu para o ato da “lavagem da bandeira” do Brasil.

A abordagem política pela RCC ocorre, assim, a partir de momentos específicos, de acordo com circunstâncias sociopolíticas próprias, especialmente aquelas abordadas nos meios de comunicação de massa. Problemas sociais não veiculados nessas mídias não recebem a mesma atenção no cotidiano da RCC. Ou seja, a visão sociopolítica

construída pela Renovação está diretamente associada ao imaginário construído pela mídia nacional.

Além disso, não há espaços para o aprofundamento do tema e a participação dos fieis. O assunto é tratado verticalmente pelas lideranças, sem a possibilidade de um debate mais amplo e participativo. A visão dos principais líderes é retransmitida aos demais, sem promover meios para a reflexão e a devida contribuição de outros integrantes da Renovação Carismática.

### **3.2. O grupo de oração Caminhando com Maria**

Há na Arquidiocese de Londrina um grupo de oração da RCC denominado *Caminhando com Maria*, com 24 anos de existência. Iniciou com reuniões de algumas senhoras no período da tarde. Localizado na paróquia dos Sagrados Corações, região central da cidade, contribuiu, com o passar do tempo, para que o número de fieis fosse aumentando, transferindo assim as reuniões para o período da noite, com intuito de atender a nova demanda que estava em crescimento.

Por ser o grupo mais expressivo da Arquidiocese de Londrina, sua análise será contemplada neste trabalho, por ressaltar elementos presentes na RCC, mas que nem sempre são percebidos em grupos menores, como o Anjos da Paz, da paróquia Nossa Senhora dos Migrantes.

Há nesse grupo aproximadamente cem servos. Diferentemente dos demais grupos de oração, em que os servos normalmente são oriundos da própria paróquia, no Caminhando com Maria há servos de diversas paróquias da Arquidiocese de Londrina, conforme percebi em conversas com alguns deles. Muitos deixam de participar de grupos de orações de suas paróquias locais para poder trabalhar no Caminhando com Maria.



Foto 3: Parte externa da paróquia dos Sagrados Corações em um encontro do grupo de oração Caminhando com Maria. (Foto disponibilizada em uma rede social do próprio grupo).

Semelhante caso é visto também com os fieis que semanalmente participam desse grupo, deixando suas paróquias e grupos de oração correspondentes para participar na segunda-feira do Caminhando com Maria. Junto a isso, há também a participação de pessoas de outras religiões, especialmente das igrejas pentecostais. Houve em um desses encontros, espaço cedido para o testemunho de “uma irmã de outra igreja”<sup>128</sup> sobre seu filho que estava sendo humilhado.

Dessa maneira, o Caminhando com Maria se demonstra um grupo com proporções diferenciadas dos demais da Arquidiocese, atraindo a atenção de muitas pessoas. Basta uma breve passagem pelo local na segunda-feira à noite para perceber a força provocada pelo evento, diferente de qualquer outra programação da paróquia Sagrados Corações, inclusive a missa do domingo, considerada o principal encontro de qualquer igreja Católica.

---

<sup>128</sup> Na maneira como essa “irmã” foi apresentada no grupo de oração, demonstrava pertencer a alguma igreja evangélica.



Foto 4: Visão externa da paróquia dos Sagrados Corações durante o grupo de oração Caminhando com Maria. (Foto disponibilizada em uma rede social do próprio grupo).

Devido ao intenso movimento e ao som alto, não demorou muito para chamar a atenção dos vizinhos, rendendo algumas reclamações. Tal fato foi visto como forma de perseguição ao trabalho do grupo. Uma liderança viu esses “ataques” como resultado do importante serviço espiritual prestado pelo Caminhando com Maria. O diabo, insatisfeito, foi o responsável pelo surgimento dessas circunstâncias que visavam desestabilizar o movimento. No entanto, por precaução, sugeriu a líder em tom de brincadeira: “vamos gritar baixo”. Com os punhos erguidos, a plateia correspondeu ao seu pedido. O som alto deu lugar às gesticulações. No entanto, não demorou muito para retornar as músicas, coreografias, entusiasmo, além do alto som produzido pela multidão naquele recinto.

Por haver um número maior de servos que no Anjos da Paz, no grupo de oração Caminhando com Maria há maior presença dos ministérios da RCC. Assim, percebe-se novos elementos, como profecias<sup>129</sup>, visualizações<sup>130</sup>, discernimentos etc. que não são tão evidentes no grupo Anjos da Paz, no Jd. Novo Bandeirantes.

---

<sup>129</sup> “O seu filho está saindo das drogas; sua casa está sendo restaurada; o seu matrimônio está sendo restaurado”. Gravação 20042015. Havia também profecias sobre pessoas que teriam filho. Em uma ocasião, várias profecias foram feitas: “não está no plano de Deus esse aborto; o Senhor diz para um

O testemunho é um momento que normalmente está inserido nas programações do Caminhando com Maria. É o espaço onde fieis compartilham experiências de milagres ou bênçãos alcançadas, sendo aplaudidos pela multidão ao final de cada fala. Presenciei casos de pessoas relatando a aprovação no exame de CNH, chamada para posse após aprovação em concurso público, restauração no casamento após grande período de crise, aquisição de imóvel, resposta à oração de uma mãe pedindo que o filho deixasse as drogas etc.

Sobre os testemunhos, Julia Miranda lembra que eles “reforçam a fé dos membros da RCC, consolidam a união do grupo e representam uma eficiente forma de proselitismo dirigida aos que acorrem pela primeira vez a esses eventos” (MIRANDA, 1999, p. 63).

Esse é um dos momentos de maior emoção, por parte daqueles que sobem ao altar para apresentar seus testemunhos pessoais, bem como das lideranças do Caminhando com Maria e, sobretudo, dos fieis presentes nos encontros, que ouvem atentamente os relatos apresentados ao microfone. A relação entre o fiel e a figura de Deus é percebida por meio das bênçãos e milagres alcançados. Em caso de problemas mais difíceis, como a cura de doenças graves, o choro é comum, seguido de muitos aplausos. Assim, além de desenvolver o sentimento de reconhecimento individual dentro da coletividade, os testemunhos ajudam também a alimentar a autoestima dos participantes, conforme destaca Júlia Miranda (1999). Já Lévi-Strauss (1975) ao tratar da eficácia simbólica afirma que a cura traz benefícios ao indivíduo, enquanto a crença na cura segurança à coletividade.

A cura física ganha ênfase nos encontros carismáticos. Além dos testemunhos e das pregações, as músicas também conferem destaque a essa questão: “se queres podes curar / se queres podes curar / se queres podes curar cada um de nós”. Essa música foi cantada na maioria das reuniões que participei, geralmente no encerramento do

---

homem adúltero que essa não é a vontade de Deus para sua vida, a felicidade está em fazer a vontade de Deus; a propina não faz parte da vontade de Deus; o Senhor me mostra muitas pessoas fazendo jogo do bicho, da loteria. Não faz parte do plano de Deus o jogo; o Senhor fala de uma mulher que está num relacionamento adúltero. O Senhor tema pessoa certa; o Senhor me mostra uma ferida na boca do estômago e diz que é necessário continuar o tratamento”. Gravação 23022015. Em alguns momentos, profecia e revelação se misturavam.

<sup>130</sup> Em uma novena da justiça, a líder disse: “tenho visualização de justiça acontecendo na nossa vida”. Gravação 20042015. Houve também visualização de pássaros saindo das gaiolas: “é libertação saindo do meio de nós”. Gravação 09022015. Em outro encontro, dizia: “tenho uma revelação de uma casa, se vende ou não. Vejo um alicerce mal feito. Ele quer te dar uma casa estruturada. Ele diz pra esperar mais um pouco”. Gravação 23022015.

encontro, em meio a orações por cura divina, enquanto muitos iam à frente do salão para receber orações e milagres.

Nos grupos de oração, conforme observa Reginaldo Prandi, “busca-se a cura para todos os males. O milagre é sempre prometido e sempre iminente. Como entre os pentecostais, o poder de cura é um dom muito valorizado e talvez um dos atributos doutrinários do catolicismo carismático” (PRANDI, 1998, p. 63). Para esse cientista social, o aspecto da cura é um dos fatores que tem atraído de volta para a Igreja Católica um número significativo de fieis.

Flávio Sofiati (2011) ao pesquisar o grupo de oração Novo Pentecostes em Araraquara-SP, percebe que além de ser um espaço que abriga um público essencialmente juvenil, há um diferencial que é a proposta de cura, contribuindo significativamente para a expansão do grupo na diocese de São Carlos. Claudinei, coordenador desse grupo, é o jovem mais conhecido da região, por conta de seus dons curativos, como observa o sociólogo.

O trabalho de campo no grupo de oração Caminhando com Maria, bem como no Anjos da Paz, permitiu observar que o processo de cura potencializa o desenvolvimento de um caráter individualista no fiel católico: é um momento entre o homem e Deus apenas. Palavras como: “coloque a mão sobre o seu coração” ou “estenda as mãos em direção a sua casa”, possibilita perceber tal característica. No grupo Caminhando com Maria, ao mesmo tempo em que há uma grande quantidade de fieis reunidos no mesmo lugar, há também uma separação nas buscas individuais que são desenvolvidas por cada participante, perdendo de vista o sentido da coletividade.

No caso do Caminhando com Maria isso é ainda mais evidente, por ser um grupo com frequência média de 1.500 participantes semanalmente. Há uma forte rotatividade de fieis, embora há aqueles que são assíduos, buscando sentar-se, inclusive, nos mesmos lugares a cada encontro. Mesmo assim, há um pequeno desenvolvimento de relacionamentos no grupo. Conheci pessoas que, embora frequente há algum tempo o grupo, não possuía contato com outros participantes. Há também pequenos grupos de amigos que se encontram, mas o contato se restringe sempre a essas mesmas pessoas<sup>131</sup>.

Já no Anjos da Paz, por ser um grupo com média de 50 participantes, o convívio entre eles é mais intenso. Todos se conhecem. No entanto, nos encontros é comum ouvir

---

<sup>131</sup> Um jovem de 21 anos ao ser indagado se conhecia muitas pessoas no grupo Caminhando com Maria, respondeu: “não, a gente vem em família mesmo. Eu, minha mãe, minha irmã. Vem também minha tia, meu tio, tem vez que vem meu primo, minha avó...”. Entrevista 04052015.

o líder dizer: "esqueça a pessoa que está ao seu lado e fale com Deus...". O processo de busca por milagres ou curas físico-espirituais, portanto, não são desenvolvidas coletivamente. Ao contrário, cada um é responsável pelo seu próprio sucesso em suas buscas espirituais no movimento carismático. Quanto ao fracasso<sup>132</sup> pode-se dizer o mesmo.

Há também, momentos em que se pede para abraçar a pessoa ao lado, dar as mãos, orar com o "vizinho" etc. Nesse sentido, abre-se espaço para uma atuação menos individualista, embora continue a ressaltar os problemas individuais, como cura física, problemas financeiros, além do renovo espiritual. A coletividade, mesmo nesses casos, continua sendo deixada de lado, na relação com o sagrado na Renovação Carismática Católica.

### 3.2.1. A novena "Em busca de justiça" e a Campanha da Fraternidade de 2015

Na pesquisa de campo nesses dois grupos carismáticos, um aspecto que se revela com frequência na relação entre religião e política é o destaque para o primeiro. Ou seja, os problemas sociais são interpelados e sanados pela própria esfera do sagrado, como já foi destacado. Isso explica a formulação de diversos momentos de orações, jejuns, novenas, como forma de intervenção na história. Um exemplo foi a novena "Em busca de justiça", feita no grupo de oração Caminhando com Maria, na paróquia dos Sagrados Corações, região central de Londrina.

Novena é um ciclo de nove encontros, podendo ser diários, semanais ou mensais, sobre um tema distinto, envolvendo orações, reflexões, pregações etc. Nesse caso, o grupo Caminhando com Maria elaborou essa novena, em nove segundas-feiras consecutivas, entre os meses março e maio de 2015. Houve alguns pregadores de outras cidades em alguns desses encontros, enquanto em outros, Jéssica, a principal líder do grupo, ficou responsável pela pregação.

Na mesma época da novena, por ser quaresma, estava sendo divulgada a Campanha da Fraternidade de 2015, cujo tema era "Igreja e sociedade". Um dos objetivos da Campanha era o levantamento de assinaturas para o abaixo-assinado que propunha a reforma política no país, parceria feita entre CNBB e OAB, além de várias

---

<sup>132</sup> O fracasso pode ser considerado como o pecado, a frieza espiritual ou até mesmo o abandono do grupo de oração. É considerado, portanto, como um acontecimento individual, ou seja, a responsabilidade é da própria pessoa que "fracassou".

outras entidades<sup>133</sup>. Tal proposta vinha na mesma direção de vários movimentos sociais, religiosos e partidários; nesse último, destaca-se o PT, que também vinha desenvolvendo proposta de reforma política semelhante, também por meio da coleta de assinaturas em todo o país.

Pouco se falou da Campanha da Fraternidade na novena, bem como da proposta em coletar assinaturas para a reforma política. Na primeira noite, no final do encontro, quando as pessoas já se preparavam para voltar para suas casas, a dirigente lembrou rapidamente: “quem trouxe o título de eleitor não se esqueça de assinar esse papel na saída”. Sem dar muitas explicações sobre esse “papel”, nem seu vínculo com a Campanha da Fraternidade, demonstrou seguir uma recomendação do pároco apenas, sem, contudo, apresentar maiores informações. Sobre o fato de trabalhar o tema da Campanha da Fraternidade, uma líder do Caminhando com Maria afirmou ser algo frequente no grupo de oração: “Até porque é uma exigência da própria igreja, que a gente [RCC] trabalhe junto, na obediência, mesmo pensamento, nós somos muito obedientes ao nosso pároco”<sup>134</sup>, fez questão de ressaltar.

Uma líder de outro grupo de oração, também da região central de Londrina, seguiu a mesma direção sobre a adesão à Campanha da Fraternidade: “a gente sempre está em linha com o que a igreja pede, aquilo que a paróquia fala. Como nós estamos inseridos dentro da paróquia inclusive a gente acaba participando dentro das atividades da paróquia”<sup>135</sup>.

Em entrevista, uma das lideranças do grupo de oração Caminhando com Maria comentou sobre a Campanha da Fraternidade de 2015: “como ainda não começou, eu não fiquei muito a par, mas vou dizer pra você uma coisa que eu acho que a gente precisa trabalhar dentro dessa questão da sociedade, a questão de trabalhar a vida... é... a corrupção dentro da sociedade”<sup>136</sup>.

O objetivo expressa-se o mesmo da CNBB e OAB: a diminuição da corrupção. Essas entidades, no entanto, desenvolveram um projeto de reforma política que seria encaminhado à Brasília, juntamente com as assinaturas coletadas. Já na Renovação, o caminho proposto foi o da fé. O pregador que abriu a Novena da justiça, exclamou:

---

<sup>133</sup> Um dos objetivos dessa proposta de reforma era o fim do financiamento privado de campanhas eleitorais e maior participação feminina na política.

<sup>134</sup> Entrevista 23012015 – folha 3.

<sup>135</sup> Entrevista 13062015 – folha 2.

<sup>136</sup> Entrevista 23012015 – folha 3.

“vamos buscar a justiça de Deus com toda nossa força. Se o homem não conseguir, Deus fará justiça”.

Foi também abordado um aspecto mais individual pelo pregador da Renovação: “eu quero justiça, mas eu quero ser justo”. Assim, o fim do problema da corrupção, por exemplo, pode ser percebido a partir de decisões pessoais e sua relação com a religião<sup>137</sup>.

O resultado da corrupção, na visão da RCC, afeta mais a Deus que ao próximo. Em um momento de oração na novena, uma líder pediu: “Eu me arrependo das vezes que não fui justo conforme tua palavra exige. Peço suas misericórdias. Sobre meus pecados injustos... vem em socorro da minha vida”. Na continuidade da oração, a ação divina também ganha contornos individuais: “Jesus, eu vos peço a tua justiça sobre as causas em que *tenho* sido derrotado. Olhe para *minha família*, para *minha vida*. Desfaça toda injustiça que acontece, amém”.

A Campanha da Fraternidade, assim, recebeu uma interpretação sob o viés assistencialista. Sobre isso, uma liderança de um grupo de oração da Catedral de Londrina comentou:

A gente já tem isso como uma constante. A gente tem o ministério de promoção humana que a gente faz um trabalho voluntariado, às vezes a gente ajuda os Vicentinos com alimentos, a gente tem também o ministério de promoção humana que justamente faz um trabalho específico com creches ajudando ali as crianças, em festas, em comemorações, às vezes até em alimentos como também a gente ajuda muito a casa do Pão da Vida, que é uma entidade mantida pela prefeitura também, mas que também a gente ajuda com doações, com alimentos, com roupas e tudo então tem a casa feminina e a casa masculina e de tempos em tempos a gente ia fazer evangelização, estar com eles, são pessoas muito... eles não tem nada, o único abrigo que eles tem é lá, então a gente tem bastante isso, e também as próprias pessoas do grupo muitas vezes pessoas que estão passando necessidade mas aí a gente ajuda sem aparecer e sem expor as pessoas. Então aquelas pessoas que precisam de ajuda são ajudadas dentro do grupo<sup>138</sup>.

---

<sup>137</sup> “Eu acho que a gente precisava dentro da nossa sociedade em todos os âmbitos trabalhar mais essa questão de quebrar um pouquinho da corrupção, pelo menos é o meu olhar, de tornar o cristão menos corrupto, sabe, mesmo corrupto no trabalho. Não adianta falar que é só político não. Todos nós temos oportunidades na vida. Então, todo cristão precisava trabalhar um pouco mais essa índole, ser mais gente boa um pouco”. Entrevista 23012015 – folha 3.

<sup>138</sup> Entrevista 13062015 – folha 2.

Nesse sentido, as propostas da Campanha da Fraternidade já eram entendidas como contempladas no cotidiano desse grupo de oração, por meio do voluntarismo, parceria com os vicentinos<sup>139</sup>, instituições de caridade etc.

A percepção dos fieis sobre os eventos formulados no grupo de oração Caminhando com Maria é muito diversificada. Um jovem de 21 anos, frequentador assíduo do grupo, que participou da novena sobre justiça, falou sobre sua impressão nessas semanas: “acho que sempre traz muita fé. A gente vai se alimentando e tomando coragem para seguir e buscando justiça, tudo que a gente precisa”<sup>140</sup>. Continuou o jovem sobre sua experiência na novena: “até então eu não tenho nada na justiça, pra desenrolar, né? Então umas seis semanas eu fiz certinho, mas nos últimos já comecei a esquecer, chegou compromisso, então...”<sup>141</sup>. Assim, o jovem percebe a justiça sob o viés jurídico.

Para uma mulher de 35 anos, sempre frequente no Caminhando com Maria, em preparação para se tornar serva, revelou sua participação na novena: “pra Deus nada é impossível. Todas as coisas que eu busco eu alcanço. Muita gente diz que não é pela fé, porque a gente se dedica mais quando precisa, mas eu acredito que é pelo poder de Deus”<sup>142</sup>. Além disso, revelou satisfeita sua experiência nos nove encontros sobre justiça: “parei de fumar”.

Apesar do evento possuir duração significativa de nove semanas, alguns servos do Caminhando com Maria demonstravam certo desconhecimento. Um servo de 27 anos, afirmou: “não tive conhecimento disso. Não foi passado nada. A gente não tava sabendo, não”<sup>143</sup>. Outro servo de 67 anos, também revelou não saber da novena nem do que se tratava.

A Campanha da Fraternidade entre os participantes do Caminhando com Maria também revelou certo desconhecimento: “Direitinho eu não sei. Eu não frequento muito as missas. Eu venho mais na segunda-feira”<sup>144</sup>, disse um jovem.

A mulher em preparação para se tornar serva, disse: “Olha, ainda não tomei conhecimento da Campanha. Bem da verdade eu não me intrometo em certos assuntos.

---

<sup>139</sup> Os vicentinos são grupos organizados dentro da Igreja Católica. Trabalham com ajuda às pessoas de baixa renda, como distribuição de cestas básicas e até mesmo ajuda em construção e/ou reforma habitacional.

<sup>140</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

<sup>141</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

<sup>142</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

<sup>143</sup> Entrevista 11052015 – folha 2.

<sup>144</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

Eu não me aprofundo em certos assuntos da igreja”. Continuou a carismática: “Sou católica praticante, mas nem tudo estou de acordo. Eu não me meto na Campanha, isso está certo ou não está certo, porque a igreja ainda se mistura muito com a política. Bom, a igreja é política, né?”<sup>145</sup>.

Indagado sobre a Campanha da Fraternidade, um servo respondeu: “posso passar em branco? Juro que não sei. Juro que não me liguei. Essa Campanha da Fraternidade na verdade são poucos que se envolvem”. Continuou: “poucos que participam, que colaboram. Mas sei lá, sou meio desconfiado com tudo”<sup>146</sup>, referindo-se à arrecadação financeira que é realizada no encerramento da Campanha. Já outro lembrou que foi solicitado para trazer o título eleitoral, mas não sabia informar maiores detalhes<sup>147</sup>.

Se para alguns fiéis a Campanha da Fraternidade de 2015 era uma oportunidade de desenvolver ações concretas no âmbito social, especialmente com a coleta de assinaturas, para outros, embora um evento organizado pela CNBB, órgão nacional da Igreja Católica, o evento não recebeu a mesma atenção, chegando a ser despercebida por muitos.

No caso do Caminhando com Maria, a novena “Em busca de Justiça” recebeu maior atenção por parte das lideranças. No entanto, embora houvesse certa aproximação com os objetivos da Campanha da Fraternidade, os contornos espirituais ganharam maior espaço. Muitos fiéis presentes nos encontros da novena, desenvolveram interpretações distintas do evento, embora alguns nem tomaram conhecimento da novena, mesmo participando da programação. Para esses últimos, estar no Caminhando com Maria não está associado à novena. Participar do maior grupo de oração de Londrina torna-se o principal objetivo.

Dessa maneira, na Renovação Carismática na Arquidiocese de Londrina, especialmente no grupo de oração Caminhando com Maria, percebe-se o interesse por questões políticas. No entanto, a questão é tratada de maneira restrita, sem aprofundamento do tema ou mesmo um espaço mais adequado para isso. As questões políticas estão submetidas a um conjunto maior de práticas, onde é valorizado o âmbito espiritual. Dessa forma, o aspecto político quando tratado, pode chegar a ser despercebido pela maioria dos carismáticos.

---

<sup>145</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

<sup>146</sup> Entrevista 11052015 – folha 1.

<sup>147</sup> Era necessário o número do título de eleitor no abaixo-assinado proposto pela CNBB/OAB propondo a reforma política no Brasil.

### 3.2.2. Fé na política

A abordagem sobre política na RCC, em síntese, remete-se à questão partidária. Sobre isso, Júlia Miranda avalia que a descrença na política é unanimidade na Renovação. “Vale destacar que ela é reduzida, por quase todos, à dimensão partidária e, mais especificamente, ao período eleitoral” (MIRANDA, 1999, p. 80).

Assim, no grupo de oração Caminhando com Maria, é percebido o descrédito na política: “eu botava uma fé danada no Kireff<sup>148</sup>, só que ele não governa sozinho. É uma podridão, se ele não entrar no esquema, não consegue nada. É uma troca de favores. O nosso governo pisou na bola muito feio. Então falar em política machuca a gente. A gente não vê uma luz no túnel”<sup>149</sup>.

Alguns escândalos de ordem moral, também contribuem para o afastamento da política por parte de alguns fieis. Exemplo disso foi um caso de pedofilia envolvendo um vereador que pertencia a esse grupo de oração: “o M. C., pedófilo. Era do ministério de eucaristia. Então, até dentro da igreja tem maus políticos. O próprio padre falava pra gente: esses são os candidatos da comunidade, eu não garanto ninguém. Pesquisem a vida deles e votem se quiser. Foi escolhido dois da comunidade e um já sujo”<sup>150</sup>, lamentou um servo.

A corrupção também é um tema muito frequente na fala de alguns carismáticos, refletindo a maneira como os meios de comunicação abordam o assunto: “Eu acho que precisa ser feita alguma coisa, muito rápido. Porque na realidade, quem planeja tudo não aparece: é o Lula. Ninguém fala dele, ninguém pega ele. Eu gostaria... meu sonho seria ver o Lula preso<sup>151</sup>”. Indagado sobre o envolvimento do ex-presidente do PT em casos de corrupção, prontamente afirmou: “ele é o líder. Ele que comanda. Manda prender, manda soltar”. O *impeachment* da presidente Dilma Rousseff também foi lembrado pelo servo de 67 anos: “Tomara Deus... vamos orar muito para que aconteça”<sup>152</sup>. Em um evento carismático, o conferencista indagou: “quem aqui o PT não prejudicou?”. A

---

<sup>148</sup> Alexandre Kireff (PSD) é o atual prefeito de Londrina, cumprindo seu primeiro mandato (2012 - 2016). Optou por não participar das eleições municipais de 2016, apoiando o candidato pelo PSDB. No entanto, foi eleito Marcelo Belinati (PP), em primeiro turno.

<sup>149</sup> Entrevista 11052015 – folha 2.

<sup>150</sup> Entrevista 11052015 – folha 2.

<sup>151</sup> Entrevista 11052015 – folha 2.

<sup>152</sup> Entrevista 11052015 – folha 2.

maioria respondeu acenando positivamente. Assim, não apenas os dois últimos presidentes eleitos democraticamente eram alvos de críticas, mas também o partido do qual são filiados.

Os impostos e a questão da previdência foram lembrados por outro carismático, de 54 anos: “a situação política atual em certas horas tá uma vergonha, que a gente paga imposto, trabalha a vida toda pagando INSS pra aposentar e na hora de aposentar a Dilma vem com essas ideias dela de esticar muito, a gente paga demais e é difícil de aposentar”<sup>153</sup>.

Continuou o fiel expondo sua compreensão sobre o assunto:

certas pessoas que tão guardadas atrás da cadeia, fica a vida toda presa, solta, volta, amanhã se aposenta por idade e nós que tem que trabalhar não tem tanto valor e o pessoal do presidiário ganha um salário mesmo fechado lá que é nós que temos que... além de gastar com comida, com tantas coisas, com eles ainda, diz que ganham um salário por ter família aqui fora. E daí, isso a gente, sei lá, a gente fica chateado, né?<sup>154</sup>

Outro fiel, de 33 anos, percebia a situação política no Brasil como “péssima, principalmente os impostos. Tudo disparou, né? Bem diferente dos países lá fora”<sup>155</sup>. Um jovem de 27 anos também demonstrava certo descrédito na política: “É uma vergonha, né? A gente acaba sendo enganado mas nós próprios deixa isso acontecer, porque eles só são assim porque a gente deixa, né? A gente não é de acordo mas, como não é de acordo se a gente colocou os políticos lá, então o país está de mal a pior e tende a piorar”<sup>156</sup>.

A jovem carismática em preparação para se tornar serva, também demonstrou certo descrédito na política: “um caos, uma desorganização. Um querendo mais que o outro; não tem respeito do cidadão com o cidadão. Não tem respeito político e cidadão e nem cidadão com o político. O cidadão vai e vota sem consciência. O político faz tudo o que ele quer para o bem próprio. Não vejo nenhum benefício. Parece o apocalipse”<sup>157</sup>. Outro jovem lamentou: “tá feia a coisa. Muita roubalheira, muita falta de educação”<sup>158</sup>.

Uma liderança de outro grupo de oração da RCC de Londrina, de 49 anos, também revelou sua percepção política:

---

<sup>153</sup> Entrevista 15062015 – folha 2.

<sup>154</sup> Entrevista 15062015 – folha 2.

<sup>155</sup> Entrevista 11052015 – folha 1.

<sup>156</sup> Entrevista 15062015 – folha 1.

<sup>157</sup> Entrevista 04052015 – folha 2.

<sup>158</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

eu vejo um momento crítico mas que não é de agora. O que a gente tem vivido o que tem aparecido, era uma coisa que todos nós já sabíamos que estava acontecendo, a própria corrupção, a própria crise. O mundo político hoje, Brasil, está muito deficiente. Precisa de pessoas assim com muito boa vontade mas também com muita disposição de se doar para poder consertar alguma coisa. Por um outro lado, eu vejo que hoje, principalmente pessoas de dentro da igreja, tem se mobilizado a estar também dentro da política, porque a Renovação tem o ministério de fé e política. E a gente tem o Tio Douglas que hoje é nosso vereador, a gente tem o deputado estadual que é o Evandro Araújo, a gente tem deputados federais que hoje nos representam dentro do congresso, então não adianta ficar de fora do que está acontecendo, a gente precisa por pessoas de Deus, homens de Deus, que possam nos representar junto ao congresso e pela luz do Espírito Santo possam mudar alguma coisa, porque do jeito que tá não dá pra continuar. Nós vamos sim passar por momentos de crise, crise financeira, uma recessão muito grande, mas, eu tenho esperança que o Brasil vai concertar. Essa é a minha esperança. Porque eu tenho filhos e eu preciso desejar isso para o futuro dos meus filhos<sup>159</sup>.

O descrédito na política, além do pouco interesse, se intensifica na medida em que escândalos são noticiados nos meios de comunicação. A religião recebe, assim, a missão de restabelecer a ordem provocada pelos maus políticos. A oração torna-se uma das principais estratégias.

No entanto, tal descrédito no âmbito político diminuiu a medida que a Renovação passa a ocupar esse espaço na sociedade, outrora desprezado. De acordo com Brenda Carranza (1998b), o empreendimento da RCC em se lançar na política passou a ocorrer a partir do final da década de 1970, com a eleição de Osmar Pereira para deputado federal por Minas Gerais.

Assim, a ocupação de espaços políticos por membros da Renovação contribui para sua revitalização, culminando com o estabelecimento de um país melhor, segundo sua maneira de compreensão; na atualidade, seria um país menos corrupto. Dessa forma, a RCC se lança além das campanhas de oração em prol de uma sociedade melhor, ao apoiar e incentivar a entrada de carismáticos na política, trazendo novas expectativas para quem não via mais saída nesse segmento social.

Isso pode ser também percebido na fala de Maria Ivone, coordenadora da RCC na Arquidiocese na época, em um vídeo postado em uma rede social da Internet em maio de 2015:

---

<sup>159</sup> Entrevista 13062015 – folha 3.

estamos aqui na nossa assembleia, juntamente com os irmãos que vieram do ministério de Fé e Política do estado, juntamente com aqueles que estão postulando o mandato. [...] Queremos pessoas que nos representem, represente nossas ideias, aquilo que somos e aquilo que pensamos. Nós precisamos colocar a nossa confiança, além de colocá-la no Senhor, nos dois nomes: Evandro Araújo para deputado estadual. O número dele é 20720. E também colocar o Diego. O número do Diego é 3131. Amados, temos muitas vagas na Câmara Federal, temos muitas vagas na Assembleia Legislativa. E evidentemente que tem outras pessoas também escolhidas por Deus, mas nós da Renovação fizemos a escolha de Deus, também, que é sobre o Evandro e sobre o Diego Garcia. Estamos pedindo a sua oração, o seu trabalho nessa reta final é muito importante. Não podemos deixar esses momentos passarem despercebidos. É a decisão, não só para o nosso movimento, mas para o nosso país, para o nosso estado. Vamos clamar a graça do Espírito Santo e nos mover a não só dar o nosso voto, mas também o nosso empenho, nosso trabalho e principalmente nossa oração. Contamos com todos vocês, contamos com toda essa força carismática que tem a nossa Arquidiocese e vamos, como disse aos meninos, vamos contar tudo isso no dia 6 de outubro, porque no dia 5 nós já fizemos a nossa escolha. Amém?<sup>160</sup>.

A fala dessa líder, atualmente coordenadora do movimento no estado do Paraná, revela a importância da RCC estar representada em espaços políticos, mais do que a própria Igreja Católica. Afinal, se no catolicismo existe uma gama de interesses e visões de mundo distintas, na Renovação essas diferenças tendem a atenuar. Assim, mesmo que essas lideranças se identifiquem enquanto católicas, suas ações se manifestam mais claramente segundo os interesses do movimento carismático. Dessa maneira, o esforço do movimento carismático se espalha pelo campo da política cada vez mais. No caso da campanha de ambos os candidatos, para deputado estadual e deputado federal, houve êxito, sendo ambos eleitos. É comprovado, assim, o sucesso que o movimento carismático vem tendo na eleição de candidatos, especialmente a cargos do legislativo no país.

Em um texto postado em uma rede social da Internet, por uma líder do grupo de oração Caminhando com Maria, após o resultado do segundo turno das eleições presidenciais de 2014, também revela a apropriação do campo político pelo religioso na Renovação Carismática:

agora a Presidente reeleita [Dilma Rousseff] diz que vai combater a corrupção. Eu penso que isso é determinante. Afinal ela não ganhou por uma diferença enorme, portanto é preciso REpensar, já que foi REeleita.

---

<sup>160</sup> Página do Ministério de Fé e Política – RCC Londrina. [www.facebook.com](http://www.facebook.com). Acesso em: 14 maio 2015.

Precisamos entender que dar condições para casa, comida, educação é obrigação do governo e não mérito. Claro que se observarmos o passado veremos que outros também erraram, mas foram punidos... vejam Collor por exemplo ou em outros casos não foram reeleitos. Isso é justiça. Vamos orar a Deus e pedir que realmente as promessas de mudanças aconteçam e que possamos ser exemplo de justiça, respeito e honestidade<sup>161</sup>.

Verifica-se, portanto, o descrédito por parte dos carismáticos sobre a política, especialmente a partidária. Mas, ao contrário de haver a retirada do campo político, há, em sentido contrário, o apoio e engajamento dos fieis para que candidatos do movimento possam ocupar esses espaços outrora negados. Assim, a mudança política passa pela intervenção da RCC, seja por meio de orações, seja por meio do preenchimento de vagas no legislativo<sup>162</sup>, resultando em uma atuação parlamentar alinhada com a doutrina carismática.

### **3.3. Renovação Carismática: antiestrutura do catolicismo?**

Em relação ao catolicismo tradicional a Renovação Carismática se apresenta enquanto antiestrutura, ao observar suas reuniões, encontros, grupos de oração etc. Não é sem razão a sua rejeição por parte do clero em suas igrejas. Jéssica, uma das líderes do Caminhando com Maria, percebe que em algumas paróquias a RCC é rejeitada. Indagada sobre o motivo, a carismática imagina ser “por conta das revelações, das curas que são proclamadas e acho que isso meche um pouquinho, acham que isso pode ser exibicionismo, sensacionalismo, talvez até exista, um pouco...”<sup>163</sup>.

Formulada dentro das estruturas eclesiais, no entanto, a RCC tem em seu cotidiano uma prática essencialmente diversa daquilo que se encontra nas missas semanais: algo mais formal e de contrição do espírito. No grupo Caminhando com Maria, que acontece toda segunda-feira às 20 horas, percebe-se isso. No mesmo dia, às 18:30

---

<sup>161</sup> Página pessoal de uma líder carismática. [www.facebook.com](http://www.facebook.com). Acesso em: 27 out. 2014.

<sup>162</sup> Após comprovado êxito em eleições para vagas no legislativo, a RCC tem investido também para cargos do executivo. Isso pode ser percebido no Paraná nas eleições municipais de 2016, quando o deputado estadual Diego Garcia (PHS) viajou por várias cidades do norte pioneiro realizando campanhas políticas junto a candidatos à prefeitura dessas cidades. Reunia-se a militância do movimento e os encontros eram disponibilizados em redes sociais da Internet. Assim, se o alvo inicial da RCC eram cargos do legislativo, atualmente, após a eleição de vários carismáticos nos últimos anos, o foco também tem sido cargos do executivo.

<sup>163</sup> Entrevista 23012015 – folha 5.

horas, ocorre a celebração de uma missa pelo pároco, vigário paroquial ou até mesmo por outro membro do clero de passagem pela cidade.

Diversas vezes cheguei mais cedo na paróquia dos Sagrados Corações para acompanhar a celebração dessa missa. Normalmente há uma participação pequena, em torno de umas duzentas pessoas, em geral adultos e, em especial, idosos. Com duração de aproximadamente meia hora, a missa possui um tom tradicional na homilia, nos cantos, nas rezas. Há também a presença de alguns jovens. Esses, no entanto, além de participar da missa, ficam para o grupo de oração que ocorre em seguida. Dessa maneira, é uma forma de garantir um melhor lugar, algo que é difícil de acontecer depois das 19:30 horas. Nesse horário, meia hora antes do início do grupo de oração, os bancos já estão completamente tomados e as cadeiras colocadas no átrio, na parte externa do templo, já contando com um número significativo de fieis, à espera do início da reunião. Há também jovens, no período da missa, que ficam do lado de fora, nas escadarias da igreja, conversando, esperando algum amigo, ou até mesmo lanchando. Afinal, por ocorrer em uma paróquia central, muitos vêm direto do trabalho para participar do grupo de oração. Dessa forma, no período da missa das 18:30 horas, pode ser um momento com diversos sentidos para quem chega mais cedo para participar do Caminhando com Maria.

Se na missa há uma frequência média de duzentos fieis, no grupo de oração esse número aumenta para 1.500. Quando há a presença de pregadores conhecidos entre os carismáticos, geralmente com dons de cura e libertação, esse número chega perto dos dois mil. Há também a transmissão ao vivo pela Internet, com aproximadamente cem pessoas acompanhando. Esses fieis que assistem geralmente estão no trabalho ou então moram fora de Londrina. Nesse caso, há participação desde pessoas que vivem em cidades próximas, como Cambé, até mesmo de outros países, como Inglaterra e Estados Unidos. Na página onde o encontro é transmitido, há espaço para pedidos de oração, testemunhos e compartilhamento de experiências pessoais<sup>164</sup>.

A quantidade de pessoas que o Caminhando com Maria atrai ao templo da Sagrados Corações é um indício importante de que na Renovação há a oferta de elementos não encontrados no catolicismo oficial. Sobre o fato do número de fieis ser maior no grupo de oração do que na missa das 18:30 horas, Jéssica alega que é por

---

<sup>164</sup> Nesse *chat*, uma espécie de sala de bate-papo, é semelhante ao que ocorre na programação do grupo. Fieis compartilham testemunhos e pedidos de oração. Há um(a) servo(a) mediador(a) que se encarrega de interagir com os internautas.

ocorrer em dia de semana: “A missa, que é obrigatória, que a igreja pede, é a missa do final de semana, de sábado ou de domingo. Uma missa de segunda-feira é uma missa a mais, que o cristão vai”<sup>165</sup>. No entanto, sobre as missas do final de semana, a líder informa que “a presença é bem maior”. Mesmo assim, “não chega a do grupo de oração, nem de longe”<sup>166</sup>, afirma a líder carismática.

A líder tenta explicar tal discrepância nos números: “o grupo de oração é um, a missa no final de semana nós temos em três horários, se dividem as pessoas. E a característica do nosso grupo de oração não é atender somente os paroquianos. Vem gente de todos os lugares”. Continuou a líder: “Nós não temos ali um número expressivo de paroquianos. Dentro do grupo de oração vem gente até de outra cidade, cidades vizinhas, eles fazem caravanas e vem para o grupo, então ali não é o compromisso da missa, por isso a gente vê essa diferença”<sup>167</sup>.

O tom informal marca os encontros em quase todo o tempo, de início ao fim. Somente quando a imagem de Cristo é apresentada, no final da programação, vem a lembrança de algo mais formal, como na missa. Fora isso, o período das músicas, dos testemunhos e até mesmo da pregação, a maneira de comunicação entre lideranças e o fiel é desenvolvida sob um tom de descontração. O fiel é completamente envolvido no desenrolar das atividades, além de se sentir parte daquele agrupamento, embora conheça poucas pessoas mais profundamente naquele lugar<sup>168</sup>.

As músicas é outro atrativo no grupo de oração Caminhando com Maria. Diferente das missas, há a presença de instrumentos como: guitarra, violão elétrico, bateria, teclado e contrabaixo, além de um número considerado de *back vocals*, que faz da música um período em que o fiel mais recatado consegue se sentir a vontade, envolvendo-se nas danças e gesticulações que são desenvolvidas nesse período. Não apenas os instrumentos, mas as músicas apresentadas, seguem o que a RCC tem de mais novo no ramo musical. Se no início do movimento, com o padre Marcelo Rossi, havia muitas regravações de cantores evangélicos, agora há uma produção ascendente de músicas do próprio movimento carismático. Sobre isso, Jéssica comenta: “Ah, a música, eu vou falar pra você... a música faz eu entender a palavra de Deus. Eu acho que quando

---

<sup>165</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

<sup>166</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

<sup>167</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

<sup>168</sup> No retorno do período de férias, no primeiro encontro de 2015, a Jéssica abriu a reunião: “sinto falta de vocês. Como se fizesse parte da mesma família. Fico feliz com a vida de vocês. Quero profetizar que nesse ano de 2015 o medo não tome conta de sua vida. Coragem!”.

você canta, você começa a cantar e dentro das letras das músicas católicas, as letras saem muito de dentro da Bíblia”<sup>169</sup>.

O próprio grupo Caminhando com Maria já tem suas próprias músicas: “nós temos um CD gravado e um dia Deus pediu para eu sentar, pegar um monte de Bíblia que eu tenho de várias edições e eu escrevi algumas músicas [...] e essas músicas viraram canções. Nós conseguimos gravar um CD, em três meses, músicas nossas”<sup>170</sup>, revelou exitosa. Mesmo assim, é comum a apresentação de músicas de outros grupos da RCC, como da Canção Nova, do padre Jonas Abib e do padre Fabio de Melo. Já as músicas de cantores evangélicos quase não utilizam, demonstrando o avanço da RCC no campo musical.

Em entrevistas com os fieis do Caminhando com Maria, muitos alegaram ser a música um dos elementos marcantes no grupo. É o momento em que se percebe as expressões corporais, desprendidas do rigor formal católico tradicional. As pessoas podem pular, aplaudir, dançar, gritar, rir, abraçar umas às outras, interpretar alguns passos ensinados de improviso pela Jéssica etc. A música, no entanto, também leva o fiel à reflexão sobre sua vida espiritual, sobre o objetivo da mensagem pregada e até mesmo na expectativa de obtenção de alguma benção ou milagre divino.

Algumas músicas apresentadas no grupo de oração lembram bastante a melodia de músicas “profanas”, revestidas, no entanto, de letra e sentido religioso. Junto a isso, as danças ensinadas e rapidamente assimiladas pela multidão, facilitam sua aprendizagem e aceitação pelo grupo. Nisso é demonstrado profunda diferença das músicas cantadas nas missas e da pouca gesticulação dos fieis, chegando, no máximo, ao ato de bater palmas enquanto se canta uma música um pouco mais ritmada. As expressões, ainda assim, são muito comedidas durante a missa. Na Renovação, ao contrário, a música é um espaço onde as gesticulações, gritos e danças recebem formas das mais distintas, dando maior liberdade ao fiel em sua prática religiosa.

Diante disso, a faixa etária da juventude é a mais atraída nesses grupos de oração, ocorrendo um retorno expressivo de um segmento do catolicismo que pouco se via nas missas. Isso explica, por exemplo, a aceitação da Renovação Carismática em paróquias onde o padre não é adepto do movimento, como é o caso da paróquia Sagrados Corações, bem como da paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, onde o padre Altair tem

---

<sup>169</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

<sup>170</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

posicionamentos alinhados à Teologia da Libertação. Mesmo assim, nessas paróquias os encontros carismáticos não são restringidos pelo clero.

Complementando a parte da música, as pregações também conseguem prender a atenção do fiel. Utilizando linguagem popular, a comunicação é feita sem o uso de conceitos teológicos muitas vezes difíceis para a maioria das pessoas. Assim, aquele que ouve se sente parte daquilo que está sendo ensinado. Em um encontro no Anjos da Paz, na paróquia dos Migrantes, em época de carnaval, um dos líderes demonstrou certa indignação com a encenação de Maria “saindo de um caldeirão” por uma escola de samba carioca: “imagine você, se alguém fala mal de sua mãe. Pode dizer o que quiser, mas não fale mal de minha mãe! Foi assim que senti quando vi a reportagem. Foi uma blasfêmia contra a mãe da Igreja”.

O tom descontraído também marca a maioria das pregações realizada pelos leigos, líderes dos grupos de oração. Isso é ainda mais evidente quando o líder se revela carismático, como é o caso da Jéssica, no Caminhando com Maria<sup>171</sup>. Por ser professora da rede pública estadual, acostumada com a prática da comunicação, tem bastante facilidade em se expressar em público, cativando os participantes. Quando é outra pessoa a usar o microfone, a diminuição do entusiasmo dos fieis é perceptível. Embora ela não seja a coordenadora do grupo de oração, a condução da programação é feita, em geral, por ela de início ao fim. No período em que estive realizando a pesquisa de campo, a coordenadora nunca se apresentou publicamente.

No Anjo da paz, tal fato também se revela. A coordenação foi trocada no início de 2016. No entanto, o líder que coordenou o grupo nos últimos quatro anos, tem uma participação significativa nos encontros. O atual coordenador se limita a dar algum aviso no final ou algo parecido. Assim, a utilização de pessoas com maior facilidade de se expressar publicamente é frequente nesses dois grupos de oração que pesquisei, ainda que não sejam os atuais coordenadores.

Além disso, os temas das pregações recebem certa autonomia por parte das lideranças, diferentemente das missas, que seguem um roteiro, cujo texto bíblico já é preestabelecido. Embora cada padre desenvolva sua própria abordagem da leitura bíblica definida pela CNBB, o certo é que essas passagens não podem sofrer alterações

---

<sup>171</sup> Nessa frase o termo carismático diz respeito ao conceito de Weber sobre a dominação carismática e não ao movimento carismático católico: “o carisma pode ser, e naturalmente é, em regra, qualitativamente singular, e por isso determina-se por fatores internos e não por ordens externas o limite qualitativo da missão e do poder de seu portador” (WEBER, 1999, p. 234).

na liturgia diária. Na Renovação, ao contrário, os textos das pregações são escolhidos por suas próprias lideranças, sem seguir um roteiro predeterminado. Abre assim, espaço para tratar de assuntos específicos do movimento, pelos quais há maior identificação.

Soma-se a isso o fato da possibilidade na elaboração de seminários, campanhas e novenas, trabalhando temas e textos selecionados intencionalmente para essas ocasiões. É o caso da novena “Em busca de Justiça”, no Caminhando com Maria. Diversas campanhas também foram realizadas pelo grupo durante a pesquisa: “revolução em Cristo”, “cerco de Jericó”, “tríduo do impossível” etc.

A autonomia na escolha dos próprios versículos bíblicos pela RCC nos grupos de oração demonstra a forma de sua inserção no catolicismo. Ou seja, escolher o que se lê é fazer desse espaço algo singular em relação ao contexto maior da Igreja Católica. Segundo a Jéssica, o momento mais importante no grupo é a “ministração da palavra”.

... eu vejo que a gente tem um jeito de pregar muito diferente, como eu disse pra você, na alegria, no fervor. Então a Maria Ivone que é hoje a nossa coordenadora da Arquidiocese, um dia ela disse para mim assim: “Jéssica, é muito difícil pregar no seu grupo”. Porque Maria Ivone? “Porque aqui os fieis interagem com a gente no olhar. Eles olham pra gente e eles bebem junto, você não pega fiel disperso”. Porque eles já estão acostumados com meu jeito que a todo momento eu falo: “olha na bolota dos meus olhos, gente” pra prender a atenção. Então eles estão acostumados a prestar a atenção na palavra<sup>172</sup>.

Continua a líder do Caminhando com Maria:

Mas o fiel vem, eu acho que é uma grande dificuldade da nossa sociedade hoje é no setor emocional. Por isso que a gente tem que tomar cuidado com os exageros. Mas depois que a gente ministra a palavra, a gente pratica a *Lectio Divina*, que é a leitura orante. A gente transforma aquela palavra que foi ministrada em oração. Então se eu preguei que o mar se abriu para eu passar em pé enxuto, na oração eu vou usar essa passagem bíblica e eu vou pedir que o mar se abra sobre a vida, sobre a família, então esse lado que a sociedade está muito doente emocional com problemas dentro de casa, problemas de relacionamento, problemas financeiros e que invade quando ele encontra alguém que ora pra ele com amor, que é um fator determinante que eu falo pra você do grupo de oração, ele se entrega, ele abre o coração e aquela palavra realmente se transforma numa faca afiada que invade a alma, invade o coração e que transforma a vida da pessoa<sup>173</sup>.

---

<sup>172</sup> Entrevista 23012015 – folha 5.

<sup>173</sup> Entrevista 23012015 – folha 6.

A escolha dos textos bíblicos que são refletidos nos grupos de oração, são, em geral, relacionados aos problemas individuais enfrentados pelo fiel, trazendo novas esperanças para os frequentadores. Os testemunhos, analisados anteriormente, demonstram como essas experiências ocorrem na vida do católico carismático.

A singularidade da Renovação na Igreja Católica, podendo ser percebida como antiestrutura, também está presente nas interpretações do religioso que frequenta esses encontros. Para um jovem de 27 anos, recém chegado ao Caminhando com Maria, o que o levou ao grupo foi “a fé, a oração, que é mais forte que uma missa”<sup>174</sup>. Continuou o jovem: “a missa ela tem a mesma energia só que aqui o grupo de oração traz uma coisa, um foco maior, né? Você vem aqui, parece que é mais protegido, vamos dizer, né? Você está orando especificamente para isso”<sup>175</sup>.

Ainda segundo o mesmo jovem, esse caráter que distingue a Renovação no âmbito do catolicismo foi responsável pelo seu retorno à vida religiosa: “Você vem aqui, tem alguma coisa que você não está sentindo bem pessoalmente e acaba vindo aqui para melhorar nesse aspecto. Então isso é uma coisa que faz muito bem pra gente, né, então é uma coisa que tá fazendo nós mesmos voltar, eu e minha namorada”<sup>176</sup>, concluiu.

O movimento carismático na Sagrados Corações rompe com a ideia de territorialidade, em que o fiel normalmente frequenta a paróquia do bairro ou região onde reside. No grupo de oração Caminhando com Maria, além de contar com pessoas que moram no centro da cidade, onde está localizada, há a participação de fieis de várias regiões de Londrina, inclusive de outras cidades próximas. Em um encontro, havia cerca de dez jovens de Sertanópolis, cidade localizada a 40 quilômetros de Londrina. Se a concepção de paróquia é estabelecida a partir da hierarquia católica, figurando o clero como elemento central, na Renovação Carismática as lideranças leigas assumem esse lugar de importância nas práticas religiosas cotidianas.

Há também casos de pessoas de outras paróquias que não frequentam as missas semanais, mas estão sempre presentes no grupo de oração da Sagrados Corações: “Eu não frequento muito as missas. Eu venho mais na segunda-feira. Tiro o dia para isso”<sup>177</sup>, afirmou um jovem. Embora haja sempre o cuidado das lideranças em incentivar a participação nas missas, e de fato, os servos seguem essa determinação, ocupando várias

---

<sup>174</sup> Entrevista 15062015 – folha 1.

<sup>175</sup> Entrevista 15062015 – folha 1.

<sup>176</sup> Entrevista 15062015 – folha 1.

<sup>177</sup> Entrevista 04052015 – folha 1.

funções na administração do serviço religioso oficial, para o carismático comum nem sempre essa percepção ocorre, fazendo muitas vezes a opção pelo grupo de oração em detrimento da missa.

Além dos cuidados pela hierarquia da Igreja nos documentos oficiais<sup>178</sup>, percebi no processo da pesquisa de campo, tanto da parte do clero, quanto de leigos, a preocupação de uma ruptura na estrutura católica. Um líder do Anjos da Paz comentou sobre a preocupação do padre Altair em ver a RCC se transformar em “igrejinhas” na comunidade. Para o jovem carismático, “a nossa visão é bem diferente, somos um grupo, temos a missão de evangelizar de uma forma diferente, com o carisma da Renovação Carismática, mas nós estamos inseridos na comunidade. Nós não somos nada além disso”. Continuou o jovem: “nós temos pessoas que trabalham na missa, ministros da eucaristia, então a gente tá junto na comunidade, não é nada paralelo, a gente é algo pra somar na comunidade, não pra dividir”<sup>179</sup>, concluiu.

Assim, se não há a intenção de separação pelos carismáticos da Igreja Católica, ao apresentar-se como uma antiestrutura, há, contudo, um sentimento de complementação de um modelo que há décadas vem sofrendo declínio, segundo os últimos censos do IBGE<sup>180</sup>. Certo líder declarou no grupo de oração no Anjo da Paz que “tinha sede de alguma coisa, queria algo mais”, em relação ao catolicismo oficial. Para o jovem, apenas ir à missa no domingo não estava sendo suficiente. Após aceitar um dos vários convites para conhecer a Renovação, embora com relutância, conheceu o grupo, tornando-se assíduo nas atividades e vindo a ocupar posteriormente cargos de liderança no movimento.

Ao completar espaços em que a estrutura do catolicismo não consegue preencher, a RCC a reforça, ao fazer em seu cotidiano que o fiel assuma os preceitos da Igreja, qual seja, da crença em Jesus Cristo. Nesse sentido, os símbolos utilizados nos grupos de oração remetem ao catolicismo oficial. Em um encontro do Anjos da Paz, iniciou-se com a entrada da imagem da Mãe Rainha, momento sublime e de contrição vivenciados pelos carismáticos presentes. Assim, a “mãe da Igreja” torna-se também “mãe” do grupo de oração.

---

<sup>178</sup> O documento da CNBB nº 53 sobre a Renovação Carismática Católica demonstra certa preocupação com certos posicionamentos do movimento carismático em relação à doutrina católica.

<sup>179</sup> Entrevista 07022016 – folha 3.

<sup>180</sup> Segundo pesquisas do IBGE, em 1970 havia no Brasil 91,8% de católicos; em 1980 passou para 89%; em 1990 representavam 82,96% da população; em 2000 reduziu para 73,6%; no último censo realizado em 2010 o número passou para 64,6%.

O dízimo, embora não seja tanto propagado como em algumas igrejas evangélicas<sup>181</sup>, foi abordado algumas vezes no grupo de oração Caminhando com Maria: “Às vezes queremos tanto justiça mas não somos justos com Deus. Deus me questionou porque não devolvia a benção que ele me dava. Foi então que passei a dar o dízimo”. Continuou a exortar sobre a importância do dízimo: “A nossa fé passa pelo bolso. Não se paga o dízimo, não é um carnê das casas Bahia, é uma devolução, é devolver a benção que ele nos dá”<sup>182</sup>, concluiu uma das lideranças do grupo de oração.

Ao abordar a prática da entrega do dízimo na Renovação, diante de um público de quase duas mil pessoas, de várias paróquias da Arquidiocese, o discurso reforça os objetivos da hierarquia da Igreja Católica, que também incentiva tal prática, por motivos de sua manutenção.

Outro momento importante nesse grupo de oração é o momento de exposição de Cristo, por um servo, diácono ou até mesmo por algum padre quando presente nos encontros. Os aplausos da multidão, por alguns segundos, demonstra sua afeição à figura de Cristo. Sobretudo quando o ostensório<sup>183</sup> religioso é levado ao redor do templo, aproximando-se dos fieis, cria-se certo alvoroço, em que todos querem tocar no tecido que o envolve. Assim, aproximar-se de Cristo passa necessariamente pela administração dos serviços oferecidos pela Igreja.

A participação na Renovação pode ser percebida como um processo liminar, em que o religioso desloca-se de um cotidiano cujo envolvimento com os postulados católicos é pequeno para uma nova fase em que a participação no grupo de oração torna-se intensa, com grande possibilidade de frequência nas missas semanais, ocupando até mesmo cargos de liderança em sua paróquia. Na pesquisa, percebi muitos carismáticos envolvidos em diversos serviços, pastorais e ministérios de sua paróquia.

Assim define uma das lideranças do Anjos da Paz: “tudo que nós fazemos, todo nosso trabalho, é uma forma de atrair as pessoas para a Igreja”, resumiu o jovem sobre o objetivo da Renovação Carismática.

---

<sup>181</sup> Destaca-se especialmente as neopentecostais, como Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Renascer em Cristo. O artigo de Ari Pedro Oro aborda esse tema. Ver: Neopentecostalismo: dinheiro e magia. *Ilha*, v. 3, n. 1, 2001.

<sup>182</sup> Gravação 07032016 – folha 2.

<sup>183</sup> Denominado também de custódia, é utilizado para a benção do santíssimo sacramento. A hóstia, colocada nesse utensílio e os raios que partem dela, representa a luz de Cristo espalhada por todo o mundo.

Jéssica, do Caminhando com Maria, também define sua experiência de reaproximação da Igreja Católica, via Renovação, usando o ditado popular: “quem não vai a Deus por amor, vai pela dor”. Para ela, a perda de um parente foi o motivo de sua aproximação da RCC. “Eu primeiro fiz um tríduo de oração, com outro grupo da mesma paróquia chamado Frutos da Paz; depois eu passei a servir também, só que num grupo de jovens, e eu já estava casada não me adequei à linguagem, então logo mudei de grupo de oração e fui para o Caminhando com Maria, onde estou há 18 anos”<sup>184</sup>. Além da participação nesse grupo de oração, também é ministra da eucaristia em sua paróquia atualmente.

A Renovação Carismática, dessa forma, tem contribuído significativamente para ampliar os quadros de serviço na Igreja Católica. Assim fala um líder do grupo Anjos da Paz, que ajuda na área da música, mesmo quando é um evento do qual não se identifica, como a missa Afro: “eu venho, monto o som, faço a parte de acolher”<sup>185</sup>. Ou seja, mesmo não participando no momento dessa celebração, alinhada à Teologia da Libertação, o jovem carismático contribui com a montagem do som. Outro carismático do mesmo grupo de oração, um dos participantes mais antigos, também serve como ministro da eucaristia na paróquia dos Migrantes.

Verifica-se na análise da RCC na Arquidiocese de Londrina, especialmente nas paróquias dos Migrantes e Sagrados Corações, onde realizei o trabalho de campo, o que Victor Turner (2008) concebe por antiestrutura; algo positivo, bem como o próprio conceito de estrutura, pilar da antropologia social britânica. Um elemento integrador a partir de perspectivas não convencionais do cotidiano católico oficial.

O conceito de liminaridade, usado por Turner para aprofundar a discussão acerca da antiestrutura, é assim, percebida no movimento carismático: “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimoniais” (TURNER, 1974, p. 117).

A RCC ocupa, portanto, esse papel de liminaridade, ficando entre o pentecostalismo evangélico e o catolicismo oficial: “eu acho que a gente tem muita [relação com o pentecostalismo]”, afirmou Jéssica. Continua a líder do Caminhando com Maria: “a Renovação Carismática é bastante pentecostal, no sentido dessa alegria, desse louvor. Eu só penso que eles sejam um pouquinho exagerados, mas isso é uma opinião

---

<sup>184</sup> Entrevista 23012015 – folha 1.

<sup>185</sup> Entrevista 07022016 – folha 2.

minha”<sup>186</sup>. A adoração à Maria talvez seja o ponto destoante em relação ao pentecostalismo. No mais, a glossolalia, dons de cura, revelação e profecia, além das músicas, orações e pregações, são pontos comuns entre ambas vertentes religiosas. A adoração à Maria, a obediência ao clero (padres, bispos e o papa) e a veneração aos santos, remetem ao catolicismo oficial. Se este último tem enfrentado dificuldades em relação ao processo de manutenção e atração dos fies, a Renovação Carismática se demonstra uma nova possibilidade de cumprir tal tarefa, utilizando algumas estratégias do grupo religioso que mais têm crescido no país: o pentecostalismo evangélico.

O aspecto político recebe espaço significativo nesse segmento do catolicismo, especialmente no sentido partidário, em época de eleições. Por um lado, demonstram certo descrédito principalmente por causa da corrupção, mas, ao mesmo tempo, percebem possibilidades de transformação desse aspecto com a eleição de candidatos carismáticos. Assim, não apenas a corrupção será enfrentada, mas tantos outros elementos de ordem moral serão combatidos na esfera política, como o aborto, a legalização da maconha, a composição familiar, a questão de gênero no currículo escolar etc. Por fim, mesmo contando com a presença de carismáticos na política brasileira, em quantidade cada vez maior, o êxito nas transformações sociais que julgam necessárias passa pelo viés da oração e na mudança do indivíduo, que repercutirá, posteriormente, na sociedade.

---

<sup>186</sup> Entrevista 23012015 – folha 4.

#### 4. A QUESTÃO RACIAL NO CATOLICISMO LONDRINENSE

Neste capítulo analiso em dois eventos na Arquidiocese de Londrina algumas maneiras como a questão racial é abordada por membros do clero e leigos: a) a missa afro, celebrada semestralmente na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes e b) a celebração Zumbi dos Palmares, realizada anualmente e presidida pelo padre Dirceu, atualmente em uma quadra poliesportiva do bairro Jardim Maracanã, próxima à capela Santa Helena, na Área Pastoral, uma das quais é responsável.

A abordagem sobre a questão racial no catolicismo está de certa maneira associada às lutas formuladas pelo movimento negro no Brasil. Nesse sentido, a influência da Teologia da Libertação nessa proposta de vivência religiosa é percebida, pois “todos os movimentos sociais, incluído o dos negros, lutam pela justiça social e por uma redistribuição equitativa do produto coletivo” (MUNANGA, 2006, p. 13). A formulação desses rituais, portanto, pode ser percebida como extensão do movimento negro nos quadros do catolicismo brasileiro, o que exige dos atores sociais certa habilidade na organização e articulação desses eventos religiosos, por não contar com apoio expressivo das hierarquias católicas, bem como dos fiéis de forma geral, muitas vezes resistentes a tais eventos.

Esses rituais analisados expressam a tentativa de desenvolver entre os fiéis católicos a conscientização da importância do negro na formação da sociedade brasileira a partir de sua trajetória histórica, desde o início da escravidão. Nesse sentido, assim como os movimentos negros trabalham na construção dessa reflexão, ambos eventos pesquisados possuem algumas características em comum, como a análise de

seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada” (MUNANGA, 2006, p. 14).

De acordo com o antropólogo de origem africana, Kabemgele Munanga, “essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente” (MUNANGA, 2006, p. 14). Se no âmbito do movimento negro a tarefa tem exigido inúmeros esforços, como reconhece o antropólogo, no sentido de conseguir ampla mobilização da população negra, no caso do catolicismo de libertação, que busca

refletir e conscientizar os fiéis sobre esses mesmos elementos, percebe-se também algumas dificuldades encontradas nos eventos estudados neste capítulo.

Um dos problemas encontrados pelo movimento negro e, portanto, também por esses eventos católicos, estão associados à ideologia racial de branqueamento entre o final do século XIX e meados do século XX, como destaca Munanga: “Apesar do processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços” (MUNANGA, 2006, p. 16). Isso, para o autor, prejudica qualquer forma de desenvolvimento da identidade negra, pois existe o desejo de alcançar a identidade branca, apresentada como superior pelas elites brasileiras. Assim, Kabemgele Munanga (2006) afirma que as dificuldades da mobilização dos negros estão ligadas ao fato de ainda hoje não conseguir superar totalmente os efeitos resultantes do processo de eugenia no país.

Não obstante a isso, a insistência na formulação de frentes de lutas no movimento negro demonstra certa esperança de superação dos resquícios que tal ideologia deixou no Brasil, e que ainda possui força. No caso de setores do catolicismo, que busca problematizar a questão racial, isso também se aplica, tornando assim uma forma de resistência na atualidade na luta contra o racismo, bem como uma extensão do movimento negro nos quadros da instituição católica, especialmente setores que se orientam pelo viés da Teologia da Libertação, onde é possível o desenvolvimento de ações que contribuam para a superação das discriminações raciais.

#### **4.1. A Igreja Católica e o negro**

Há na história da população negra no Brasil algumas relações com a religião católica. O processo de escravização de homens e mulheres oriundos do continente africano contou, em grande medida, com o apoio da Igreja, sendo esta uma das partes beneficiadas por meio dessa forma de exploração da força de trabalho que vigorou por mais de três séculos em solo brasileiro. Utilizados no trabalho agrícola, especialmente na atividade açucareira, uma das mais importantes atividades econômicas no início da colonização, eram também destinados ao trabalho doméstico, nas casas dos senhores europeus.

A relação casa-grande e senzala, da qual Gilberto Freyre analisa em sua obra mais conhecida, ou seja, o local de trabalho e local de “descanso”, foi marcada por profundas diferenças que se perpetuaram ao longo do período de escravidão e, mesmo após o seu fim em 1888, ainda persistem por meio das desigualdades raciais na sociedade brasileira, como pode ser percebido em diversas pesquisas no âmbito das ciências sociais<sup>187</sup>.

Ana Lúcia Valente ao refletir sobre o posicionamento da Igreja Católica no período da escravidão, afirma que embora “o tráfico negreiro fosse algo institucionalizado e inevitável, por mais que sua prática suscitasse perplexidade, alguns teólogos acabaram por aconselhar a ‘fechar os olhos’. Era uma forma de legitimação pela omissão” (VALENTE, 1994, p. 31).

Tal omissão não se caracterizou apenas pelo fato da não interferência da Igreja Católica na rotina do tráfico negreiro. Além desse fato, que por si só já é um dado relevante, diversas congregações possuíam escravos em seus domínios, conforme destaca Hugo Fragoso: “os escravos negros das ordens religiosas eram considerados sob certos aspectos como ‘bens eclesiásticos’” (FRAGOSO, 1992, p. 160).

O autor continua ao afirmar ser importante a pesquisa aos livros de receitas e despesas dos conventos da época para essa constatação: “Os escravos negros comprados ou vendidos figuram ao lado das compras ou vendas de carne, peixe, sabão, farinha, cavalos e bois” (FRAGOSO, 1992, p. 160). Assim, sob o discurso de “direito de propriedade”, era legitimado o domínio da população negra por uma minoria branca, conforme destaca o autor.

Joaquim Nabuco, importante pensador social brasileiro que viveu em meados do século XIX e início do século XX, presenciando, portanto, parte do período da escravidão e as primeiras décadas após a sua abolição em 1888, critica a ausência da Igreja Católica no processo de libertação do negro sob o jugo do sistema escravocrata:

Em outros países, a propaganda da emancipação foi um movimento religioso, pregada do púlpito, sustentado com fervor pelas diferentes igrejas e comunhões religiosas. Entre nós, entretanto, o movimento abolicionista nada deve à Igreja; pelo contrário, a posse de homens e

---

<sup>187</sup> Florestan Fernandes, por exemplo, ao estudar o negro em São Paulo, percebeu inúmeras dificuldades existentes nessa população no processo de integração em uma sociedade em que a cor branca possuía certas vantagens. Ver: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branco e negro em São Paulo*. 2ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1959. Além de Florestan Fernandes, outros autores também desenvolveram pesquisas sob a mesma temática, como: Darcy Ribeiro, Guerreiro Ramos e Octavio Ianni.

mulheres pelos conventos e por todo o clero secular desmoralizou inteiramente o sentimento religioso. A deserção, pelo nosso clero, do posto que o Evangelho lhe marcou foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhes o cativo, e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre tentou, nunca, impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime religioso das senzalas. A Igreja Católica, apesar do seu imenso poderio em um país ainda em grande parte fanatizado por ela, nunca elevou a voz em favor da emancipação (NABUCO, 2000, p. 35, 36).

Outra forma de compreender a contribuição do catolicismo na legitimação do sistema escravocrata é o batismo. Enquanto prática de inserção de uma pessoa à religião cristã, o batismo também passou a ser um mecanismo obrigatório em que o negro era conduzido ao trabalho escravo<sup>188</sup>. Isso poderia ser feito antes de sua embarcação, ainda no continente africano, ou após sua chegada ao Brasil (VALENTE, 1994).

José Oscar Beozzo acentua o fato, ao declarar que “não eram raros os *batismos de escravos adultos*, numa data em que o tráfico já estava abolido há dois ou mais anos” (BEOZZO, 1992, p. 272 – grifos do autor). Segundo Beozzo, 1852 é uma data comumente aceita como definitiva em relação ao fim do tráfico negreiro no Brasil. No entanto, documentos pesquisados pelo autor provam a prática de batismos de escravos no ano de 1861, revelando a existência de “desembarques clandestinos ou ainda um relaxamento nas prescrições religiosas” (BEOZZO, 1992, p. 272). A condescendência da Igreja Católica à escravidão, portanto, ultrapassou os limites “legais” em determinados momentos.

De acordo com Ana Lúcia Valente, o papel desempenhado pela Igreja “permaneceu inalterado durante praticamente todo o período de controle português. Mesmo que tentativas houvesse, como a publicação das Constituições para garantir ao escravo tratamento melhor, elas se perderam no contexto da colonização” (VALENTE, 1994, p. 53). Somente a partir de meados do século XIX é que haverá mudanças mais significativas.

O regime do padroado foi fundamental para o desenvolvimento dessa perspectiva católica em relação ao negro escravizado. Thales de Azevedo define de forma resumida o padroado a partir da concepção de Sérgio Buarque de Holanda: “o padroado consistia praticamente no controle das nomeações de autoridades eclesiásticas pelo Estado e na administração pelo último das finanças da Igreja” (AZEVEDO, 1978, p. 81).

---

<sup>188</sup> Thales de Azevedo (1978) também destaca a realização do batismo em massa de índios, decorrente da obrigatoriedade de aceitação da religião católica, de forma espontânea ou coercitiva.

Thales de Azevedo destaca, dessa forma, que no período colonial, “a Igreja confunde-se ou se integra com o Estado, jungida ao padroado muito estreitamente. É, nos dois primeiros séculos, uma Igreja portuguesa transplantada e, unicamente de um ponto de vista ideal, adaptada ao novo meio” (AZEVEDO, 1978, p. 85).

Ao analisar os últimos anos do período Brasil Império, Beozzo destaca o papel da Igreja vinculado a uma estrutura maior, da qual sua contribuição se limitava às questões espirituais. Para esse autor, as bases sociais onde se assentava o Império eram a coroa, a escravidão e a grande propriedade territorial: “Se examinarmos a posição da Igreja dentro deste contexto veremos que ela constituiu a base espiritual do todo e que viveu intimamente entrelaçada a estas três instituições. Foi o cimento moral que deu consistência à aliança entre os três elementos” (BEOZZO, 1992, p. 274).

A relação da Igreja com esses três segmentos podem ser explicados da seguinte maneira:

À coroa, ela esteve unida pelo regime do *padroado* e ao Estado pelo fato de ser sua *religião oficial*, sendo os seus ministros, funcionários do império, de quem recebiam subsistência. À *grande propriedade* delegou a Igreja a *tarefa pastoral de catequizar os escravos* e de organizar e animar sua vida religiosa. Ao mesmo tempo assentou a Igreja sua base material, sobretudo no caso das ordens, na posse e na exploração de grandes extensões de terra. Podia-se por acaso distinguir o engenho de um grande senhor do engenho dos carmelitas, beneditinos, mercedários ou jesuítas? Nos dois a mesma base (a grande propriedade), a mesma produção (o açúcar para o mercado externo), e o mesmo regime de trabalho (centenas de negros escravos sob as ordens de feitores) (BEOZZO, 1992, p. 274 – grifos do autor).

A partir de meados do século XIX, paulatinamente setores da Igreja Católica começaram a se sensibilizar acerca da situação dos escravos, devendo-se a isso determinados fatos históricos, como a lei antitráfico de 1850 e a lei do Ventre Livre de 1871 (VALENTE, 1994). Embora não houvesse uma posição oficial da Igreja na época, as ordens religiosas tomaram a iniciativa da libertação de seus escravos: “os beneditinos foram os primeiros a libertar seus escravos, já em 1871. A partir dessa época, os franciscanos, carmelitas, seguidos de outras Ordens, foram, paulatinamente, libertando seus escravos” (VALENTE, 1994, p. 54).

Isso não significa, no entanto, que a Igreja oficial tivesse assumido esse mesmo posicionamento, conforme abordam Ana Lúcia Valente (1994) e Oscar Beozzo (1992). Para esse último autor, “sem deduzir que a Igreja oficial não estivesse intimamente de

acordo com a abolição da escravatura, sua participação no movimento que a partir de 1879 até 1888 vai empolgar o país é feita de *distância e quase indiferença*, até o momento das pastorais de 1887” (BEOZZO, 1992, p. 278 – grifos do autor). Não contando com o apoio da Igreja, restou o engajamento de movimentos isolados, que embora existissem de longa data, caíram, porém, “mais ou menos no vazio, por falta de oportunidade histórica ou por não estarem articulados com um movimento social” (BEOZZO, 1992, p. 279).

Em relação à religiosidade negra no período da escravidão, a Igreja Católica desenvolveu uma postura complacente, ao aceitar certos ritos e práticas religiosas em troca da permanência nos quadros institucionais. Com o advento da República em 1889 e a separação entre religião e Estado em 1890, além do fim da escravidão ocorrido em 1888, a Igreja passou a tratar essa questão de outra maneira, atuando por meio da “purificação” das práticas religiosas formuladas pela população negra (VALENTE, 1994). Como resultado do processo de romanização, afirma a antropóloga, “foi a recusa por parte do catolicismo oficial do valor religioso de rituais como as danças e cortejos de negros” (VALENTE, 1994, p. 58).

Tendo em vista como os elementos da cultura africana foram tratados pela Igreja Católica, a abordagem da questão racial em seu interior pode ser percebida como um dos resultados das reflexões alinhadas junto à Teologia da Libertação nas últimas décadas. Nesse sentido, o Concílio do Vaticano II, ocorrido entre 1962 e 1965, deixou algumas marcas. Se por um lado ele foi uma forma de “autocrítica” da instituição em relação às mudanças que ocorriam no interior da sociedade moderna capitalista, por outro, ele pode ser entendido como uma forma de reverter perdas quantitativas em seus quadros, afinal, com a formulação de novas religiões, comprometia-se a hegemonia católica, especialmente nos meios populares (VALENTE, 1994).

Ana Lúcia Valente (1994) também destaca que o Concílio Vaticano II, ao reconhecer a importância da fraternidade no mundo, contribuiu para o desenvolvimento de ações ecumênicas entre outras religiões, que já estava em processo de organização, como por exemplo, a criação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em 1948<sup>189</sup>. No Concílio Vaticano II, entretanto, foi ampliado o conceito de ecumenismo, alcançando outras religiões não-cristãs, como budismo, hinduísmo e islamismo.

---

<sup>189</sup> O CMI é o principal órgão ecumênico na atualidade, congregando 348 igrejas. Para maiores informações, ver o endereço eletrônico: [www.oikoumene.org](http://www.oikoumene.org). Acesso em: 21 jul. 2016.

O apoio às ideias ecumênicas no interior da Igreja Católica, no entanto, parece “neutralizar o avanço catequético dos protestantes, discriminados antes do Vaticano, em proveito próprio. Estava em jogo a manutenção e/ou conquista do mercado religioso. Com a proposta ecumênica manipulada no discurso eclesial, preservou-se a face da harmonia, a face exterior da conversão” (VALENTE, 1994, p. 74).

Embora o Vaticano II tenha recebido diversas interpretações e, entre elas, a manutenção da hegemonia católica, percebe-se também nos países do hemisfério sul, em processo de desenvolvimento em relação aos do norte, o desenvolvimento de atuações de âmbito político, tendo como evidência o seu contexto local (VALENTE, 1994).

Apesar de haver na Teologia da Libertação a problematização e elaboração de práticas religiosas a partir de situações sociais de um contexto próprio, especialmente o latino-americano, a questão racial recebeu abordagem de certa forma tardia. Assim, Ana Lúcia Valente (1994) destaca o encontro entre teólogos negros estadunidenses com teólogos da libertação na Conferência de Detroit sobre a teologia nas Américas em 1975. A cientista social conclui que “para alguns teólogos negros, os teólogos latinos, ao realizarem sua análise social segundo o marxismo, enfatizavam a contradição de classe; mas pareciam demasiado hostis a qualquer outra contradição, isto é, raça e sexo” (VALENTE, 1994, p. 90).

Demonstra assim, que as reflexões desenvolvidas no âmbito dos movimentos ligados à Teologia da Libertação não é construído de forma homogênea. Ao contrário, é um processo lento que, apesar de contar com alguns documentos oficiais, como o do Vaticano II e o de Medellín, se depara com rupturas institucionais e até mesmo internas, revelando um processo de amadurecimento e de compreensão social mais ampla que as verificadas apenas no campo econômico. É certo que no contexto latino-americano as desigualdades sociais se evidenciavam de forma muito clara nesse sentido; porém, outros elementos também importantes começaram a complementar o que se via no viés econômico, nesse caso, a questão racial.

A isso também percebe que na Teologia da Libertação não existe um modelo de atuação fixo. Há, ao contrário, uma construção diversificada quanto às formas de intervenção a partir da reflexão social sob a contribuição do campo religioso cristão. Os problemas ligados à questão racial, dessa forma, embora seja algo presente há bastante tempo na constituição da sociedade brasileira, visto ser o último país a abolir a

escravidão, sua adesão nos quadros da Teologia da Libertação demorou certo tempo para ser assimilada.

#### **4.2. O negro em Londrina**

A história do negro em Londrina assemelha-se, de certa forma, a alguns aspectos ocorridos em outras cidades brasileiras: a invisibilidade do negro como forma de branqueamento da população (SILVA, 2008b). Assim, a presença do negro é ocultada na história oficial. De acordo com a socióloga Maria Nilza da Silva, “a história oficial da cidade de Londrina, não menciona a presença da população negra no processo de colonização” (SILVA, 2008a, p. 4).

Em uma coletânea de textos organizados pelo sociólogo Fabio Lanza<sup>190</sup>, a presença negra em Londrina é descrita dessa maneira:

A versão oficial da história de Londrina, à qual temos acesso nos museus, livros e escolas, não valorizou a contribuição dos trabalhadores pioneiros e suas famílias. Eles não receberam destaque ou reconhecimento público, o que comumente acontece com as famílias daqueles que possuíam muitas terras e dinheiro, e que até hoje tem seus nomes louvados em praças, ruas e escolas. No caso das famílias negras, os trabalhadores e trabalhadoras também são anônimos e duplamente desprestigiados, porque eram explorados como mão de obra dentro da lógica econômica capitalista e também discriminados pelo preconceito racial presente na sociedade brasileira (LANZA, 2013, p. 20).

A formação de Londrina, no contexto da região norte do Paraná, realizada entre o final da década de 1920 e início de 1930, é resultado de uma recente colonização, “baseada em um empreendimento capitalista racional, com capital inglês associado ao capital nacional, comandado pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP” (ALMEIDA, 2009, p. 1).

Esse projeto colonizador da CTNP, com sede em Londrina, tornou-se “um empreendimento imobiliário dos mais lucrativos, atraindo migrantes nacionais e estrangeiros que buscavam terras férteis e baratas para o desenvolvimento da agricultura” (ALMEIDA, 2009, p. 1). Rapidamente Londrina transformou-se em um

---

<sup>190</sup> A coletânea foi produzida no âmbito do Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros – LEAFRO – da Universidade Estadual de Londrina. Além do sociólogo Fabio Lanza, o trabalho foi organizado pelos estudantes Alexandro Eleotério Pereira de Souza, Lais Celis Merissi e Larissa Mattos Diniz. A pesquisa contou com a participação de Fabrizia Christiane dos Santos, Márcia Tokita Figueiredo e Maria Gisele de Alencar.

importante polo econômico da região, com intenso processo de urbanização e a principal característica de prestação de serviços, conforme destaca Ana Maria Chiarotti de Almeida (2009).

Desde o início do processo de colonização até a década de 1960 o crescimento econômico e demográfico da região foi surpreendente, de acordo com Pedro Calil Padis (1970). Segundo o autor, houve um verdadeiro *rush* populacional nessa direção. Eram trabalhadores interessados na agricultura, especialmente na produção do café, atraídos pelo valor mais acessível dessas terras. “Esse fluxo era constituído principalmente de paulistas – ainda provindos das regiões de Campinas, São Carlos e Ribeirão Preto – e de mineiros, mas também, de migrantes vindos de outras partes do País – especialmente o Nordeste – e até de estrangeiros” (PADIS, 1981, p. 93).

A título de ilustração da diversidade étnica pela qual Londrina se desenvolveu, quinze anos após sua fundação, a cidade era formada em 1945 por pessoas de “trinta nacionalidades diferentes sendo 12,5 por cento italianos, 7 por cento japoneses, 6 por cento alemães, além de 42 por cento entre paulistas e mineiros” (PADIS, 1981, p. 93).

Dessa maneira, de acordo com Almeida, “foi assim que a região Norte do Paraná passou a ser denominada entre as décadas de 1940 e 1960 de ‘Eldorado’, ‘Terra de Canaã’ e a cidade de Londrina considerada ‘Capital Mundial do Café’” (ALMEIDA, 2009, p. 2).

A diversidade étnica presente na formação da cidade e a região norte do Paraná é, portanto, significativa. No entanto, a população negra, uma das integrantes nesse processo de construção de Londrina, é retirada intencionalmente da história oficial, dando lugar apenas à figura do imigrante europeu, silenciando a existência dessa população, juntamente com a indígena<sup>191</sup> (SILVA, 2008a).

Ana Maria Chiarotti de Almeida defende que há na história oficial e na memória sobre a cidade “um discurso apologético do papel da CTNP e dos ingleses na colonização e ocupação do território, emergindo como personagem principal a figura do ‘pioneiro’ – sentido atribuído para quem primeiro desbravou a mata virgem e transformou a terra bruta em ‘ouro verde’ (o café)” (ALMEIDA, 2009, p. 2). Sobre isso a socióloga continua sua análise:

---

<sup>191</sup> Nelson Dacio Tomazi (2000), em sua pesquisa sobre a região Norte do Paraná destaca que a presença de sociedades tribais nessas terras possui cerca de 7.000 anos.

Na realidade, existe uma tendência nas iniciativas oficiais de registro e preservação da memória local e regional em afirmar o mito fundador na região pela CTNP, reproduzindo um discurso que confere notabilidade à própria companhia e aos grupos hegemônicos do processo. Mais do que isso, ao reproduzir o discurso apologético e celebrativo da colonização reafirma-se o sentido épico e heroico do pioneiro, instaurando um processo de silenciamento de grupos e populações que também tiveram importância na ocupação da cidade e região, a exemplo dos trabalhadores urbanos e rurais – aqui incluída a população negra muito utilizada nas lavouras do café em outros Estados do Brasil que migraram para a região – os pequenos produtores de café, antigos migrantes estrangeiros e trabalhadores das fazendas de café de São Paulo e Minas Gerais e que, normalmente, são pouco lembrados pelo poder público em suas ações de registro da memória (ALMEIDA, 2009, p. 2, 3).

Enquanto a população negra é silenciada, outros grupos que também contribuíram para a formação da cidade ganham visibilidade na história bem como na vida cotidiana, ao observar os espaços públicos construídos com objetivo de homenageá-los<sup>192</sup>. Já para a população negra não há nenhum tipo de homenagem na cidade, o que é alvo de diversas críticas por parte do movimento negro que atua em Londrina.

O que se deseja evidenciar ou ocultar, lembrar ou esquecer, está presente nas relações de poder, fazendo com que a memória coletiva esteja em jogo de forma permanente, por diversos grupos, na luta por capital cultural e poder simbólico (ALMEIDA, 2009).

Maurice Halbwachs (2004) ao desenvolver o conceito de memória coletiva o faz a partir do viés metodológico formulado por Émile Durkheim, onde os fatos sociais devem ser tratados como coisa. Nessa tradição sociológica a “ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade, à estabilidade”

---

<sup>192</sup> Há em Londrina monumentos em homenagem a alguns grupos étnicos que contribuíram para a construção da cidade. Destaco alguns: 1) a praça da bandeira, da década de 1940, possui um formato que lembra a bandeira da Grã-Bretanha. Para alguns o desenho foi intencional, enquanto para outros, apenas seguiu a rota dos pedestres que a utilizavam em sentido transversal e diagonal; 2) a praça Tomi Nakagawa na região central, inaugurada em 2008, retrata o centenário da imigração japonesa; 3) a passarela inspirada na torre Big Ben construída na entrada da cidade pela BR-369, na região oeste, e inaugurada em 2014; 4) o shopping Boulevard, construído recentemente na região central. Sua decoração remete aos ingleses, com cabines telefônicas e manequins fardados tipicamente como policiais ingleses. Além desses, há também nomes de avenidas e parques com nomes de imigrantes ingleses que moraram em Londrina. É o caso do parque Arthur Thomas, região sul da cidade e uma movimentada avenida com o mesmo nome na zona oeste. Arthur Thomas, escocês, é considerado um dos fundadores de Londrina. Há também o colégio estadual Willie Davids, próximo ao centro da cidade. Willie Davids trabalhou na CTNP e também atuou na política como prefeito de Londrina entre 1935 e 1940. Embora tenha nascido em Campinas, seu pai era um engenheiro galês.

(POLLAK, 1989, p. 3). Assim, essa força atua em diferentes pontos de referência de forma a estruturar a memória do indivíduo àquelas da coletividade da qual pertence. Michael Pollak (1989) destaca como exemplo os monumentos, o patrimônio arquitetônico, as paisagens, datas comemorativas e personagens históricos, além das tradições, costumes, folclore, música e até mesmo a culinária.

Esses diferentes pontos de referência podem ser tomados como

indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais (POLLAK, 1989, p. 3).

Nessa corrente de pensamento a memória coletiva é percebida como única possível, além de carregar a ideia de nação e nacionalismo (POLLAK, 1989; TOMAZI, 2000), como expressão mais definida de sociedade. Nelson Dacio Tomazi ao pesquisar as histórias e fantasmagorias que permeiam a expressão “Norte do Paraná”<sup>193</sup>, afirma: “Transpondo este raciocínio para a análise regional poder-se-ia afirmar que, nesta perspectiva, há a construção de uma determinada memória histórica que visa a coesão social e basicamente a manutenção da situação vigente” (TOMAZI, 2000, p. 28).

De acordo com Tomazi (2000), a história escrita a partir de grupos dominantes se perpetua de forma homogênea, conforme o conceito de poder simbólico cunhado por Pierre Bourdieu: “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 1989, p. 11).

O cientista social francês, seguindo a tradição marxista, afirma que “as ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, 1989, p. 10). Assim, a história oficial de Londrina, ao silenciar a população negra, que também participou de sua construção, contribui para a formação

---

<sup>193</sup> “Histórias e fantasmagorias” é o subtítulo da obra de Tomazi (2000), denominada “Norte do Paraná”. O autor refere à História o modo como os homens produzem a sua existência, seu modo de vida, enquanto fantasmagoria seria a possibilidade da manipulação das lentes para alterar a imagem projetada, ou seja, a manipulação do real.

de sistemas simbólicos “que se constituem em verdadeiros instrumentos de legitimação da dominação” (TOMAZI, 2000, p. 29).

Bourdieu (1989) ressalta que a cultura dominante contribui de duas formas distintas: a) para a integração real da classe dirigente e b) para a desmobilização das classes dominadas, por meio da falsa consciência. Permite também para que haja a “legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções” (BOURDIEU, 1989, p. 10). Jacques Le Goff também percebe as relações de poder presentes na construção da memória coletiva: “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 2003, p. 422).

Assim, “os esquecimentos e silêncios da história podem nos dizer muito sobre como e de que forma a memória coletiva foi ou tem sido manipulada para atingir certos objetivos de classes e de grupos hegemônicos” (ALMEIDA, 2009, p. 3).

No entanto, se para Maurice Halbwachs (2004) a memória coletiva se assenta na perspectiva da estabilidade e coesão social, Michael Pollak (1989) destaca outro viés, onde existe o interesse pelos “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p. 4). Assim, a memória coletiva deixa de ser percebida de uma única maneira, tornando-se muitas memórias coletivas (TOMAZI, 2000).

Nessa concepção, ao privilegiar grupos excluídos, marginalizados e silenciados pela memória oficial, contribui para ressaltar e valorizar o que Pollak (1989) denomina de memórias subterrâneas que, “como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’” (POLLAK, 1989, p. 4), pensando enquanto memória nacional. No entanto, isso pode ser aplicado no contexto regional, como o norte do Paraná, que, a seu modo, desenvolveu uma memória coletiva “regional”, a partir da seleção de alguns grupos, em detrimento e silenciamento de outros, como a população negra estudada aqui.

Ao partir desse pressuposto, pode-se perceber o espaço social enquanto “campo de forças ou um conjunto de relações de poder, onde se trava a luta concorrencial entre os atores e grupos em torno de interesses específicos” (ALMEIDA, 1997, p. 83). Ao discutir Bourdieu, a socióloga defende que, da mesma forma como existe um jogo pela disputa dos bens econômicos, há também a configuração de forças no âmbito simbólico

que contribui para a determinação da posição social de grupos e classes, que para Almeida (1997) é a lógica da distinção.

Ao fazer essa abordagem, em que o espaço social é permeado por lutas entre diversos agentes e grupos sociais, não somente proporciona novas análises a partir de setores subalternizados e “esquecidos” no processo histórico de dominação, mas também contribui para o estabelecimento sistemático de suas ações, o que Ana Maria Chiarotti de Almeida denomina de *memória dos coadjuvantes*, “demonstrando as microrrelações e os espaços ‘intersticiais’ criados no cotidiano e relacionados a processos sociais mais amplos” (ALMEIDA, 2009, p. 4).

A análise da memória dos coadjuvantes proposto por Almeida, “privilegiando os sentidos do cotidiano é fundamental compreender a linguagem dos gestos e comportamentos mais simples e aparentemente banais, escutar seu silêncio e compreender sua complexidade” (ALMEIDA, 2009, p. 6). Continua a socióloga: “por exemplo, o grande silenciamento acerca dos negros na memória e história local e regional em documentos e mesmo em pesquisas e estudos acadêmicos” (ALMEIDA, 2009, p. 6).

Há, portanto, em Londrina, atores sociais que historicamente vêm buscando formas de romper com o discurso oficial de valorização do imigrante europeu branco que, por sua vez, gera o esquecimento e retirada dos negros da história da construção da cidade. Idalto José de Almeida (2004) em sua obra *Presença negra em Londrina*<sup>194</sup>, aborda desde a década de 1930, época da oficialização da cidade enquanto município, personagens e espaços voltados para os negros na cidade.

Nessa primeira década de formação da cidade, chegou à Londrina Manoel Cypriano, negro, oriundo de Campinas para trabalhar como motorista particular de Arthur Thomas<sup>195</sup>, pela Companhia de Terras Norte do Paraná e “aos poucos foi

---

<sup>194</sup> Idalto José de Almeida tem em sua trajetória história a participação em alguns movimentos sociais em Londrina, começando na Pastoral da Juventude, depois no movimento estudantil e por fim no movimento negro. Com formação em Administração Pública, Idalto elaborou este trabalho publicado em 2004 a partir de seu interesse e experiência no movimento negro na cidade por mais de duas décadas. Contem relatos e depoimentos de lideranças negras que participaram ativamente da história de Londrina, além de experiências das quais o próprio autor participou. É, portanto, uma fonte secundária sobre a discussão referente ao negro em Londrina, sendo, portanto, relevante para o propósito da discussão neste capítulo. Este livro teve o apoio da prefeitura de Londrina.

<sup>195</sup> Arthur Thomas nasceu na Escócia e chegou ao Brasil em 1924 com o objetivo de organizar uma empresa de capital inglês, que venho a ser a CTNP, sendo o seu diretor. Assim, é considerado um dos fundadores de Londrina. Seu nome está em um parque e em uma avenida da cidade. Sobre isso ver nota nº 197. Há também uma faculdade privada que leva seu nome.

escrevendo as primeiras linhas da história da presença negra na cidade” (ALMEIDA, 2004, p. 25).

Na época, por ser proibida a entrada de negros em clubes da cidade, como o Country, Manoel Cypriano foi um dos responsáveis pela criação de um espaço próprio para que o negro pudesse participar. Afinal, “enquanto a elite da sociedade londrinense constituía seus espaços sociais próprios, inclusive étnicos, grande parte da população via-se excluída, provocando uma demanda social reprimida, principalmente para a população afrodescendente” (ALMEIDA, 2004, p. 26).

De acordo com Idalto José de Almeida (2004), na década de 1940 em oposição ao “clube do Redondo”, pertencente à elite londrinense, Cypriano contribuiu para a formação do “clube do Quadrado”, com intuito de abrigar a população excluída desses espaços. Posteriormente passou a chamar-se Associação Princesa Isabel, sem a devida crítica ao processo de abolição da escravatura que contou amplamente com a participação da população negra.

Sem poder contar com sede própria, Cypriano utilizava sua própria casa para fazer as reuniões, além de bailes e festas. Em 1952 a Associação Princesa Isabel foi oficializada, com objetivo de desenvolver atuação em questões sociais e recreativas. Havia também uma espécie de ajuda mútua entre os participantes, como forma de resolver alguns problemas enfrentados pelos membros da entidade. Sobre isso, Almeida afirma: “se alguém precisava de ajuda por algum motivo de doença, ou mesmo para a compra de material escolar para os filhos, todos contribuíaam”. Continua o autor: “Além disso, frequentemente eram promovidas conferências para se debater as questões relacionadas ao racismo” (ALMEIDA, 2004, p. 26).

Assim, em decorrência do crescimento da população negra em Londrina e a demanda por espaços para atender a esse segmento que era excluído, resultou em 1956 na formulação da AROL – Associação de Recreação Operária Londrinense. Um clube como forma de desdobramento das organizações lideradas por Cypriano até então, como a Associação Princesa Isabel. Naquele momento já havia grupos com caráter étnico, como a AREL – Associação Recreativa e Esportiva de Londrina, que atendia aos imigrantes alemães e a ACEL – Associação Cultural e Esportiva de Londrina, frequentada por japoneses (ALMEIDA, 2004). Assim, a AROL foi presidida primeiramente por Cypriano, buscando atender a população negra, cuja entrada em outros clubes era proibida.

Sob a direção de Cypriano, seu principal líder, “a AROL começa abrangendo vários sindicatos, reunindo muitos afrodescendentes. Em seguida, a entidade recebeu a doação de 1.302,00 metros quadrados de terras da Prefeitura, terreno situado na rua Araguaia, Vila Nova, onde finalmente construiu sua sede, em madeira” (ALMEIDA, 2004, p. 69). De acordo com Almeida, as paredes da entidade eram decoradas com quadros de diversas lideranças negras.

Esse foi um importante momento em que a AROL se solidificou, ao mesmo tempo em que Manoel Cypriano também se tornava conhecido na cidade. “Quando Getúlio Vargas veio a Londrina, lá estava ele, lado a lado com o então presidente” (ALMEIDA, 2004, p. 70).

A maneira como a AROL ganhou notoriedade em Londrina está associada à intensidade com que Manoel Cypriano se empenhou nos assuntos de interesse da população negra, em busca de um espaço de encontros, lazer e até mesmo conscientização política, por meio das reflexões que eram formuladas contra o racismo.

A contribuição de Cypriano na formulação e liderança da AROL foi tão significativa que com a sua morte em agosto de 1964, as atividades da entidade foram afetadas e aos poucos começaram a arrefecer (SILVA, 2008b). As festas e eventos começaram a diminuir ao mesmo tempo em que o novo prefeito, Hosken de Novaes, foi aos poucos retirando o apoio da gestão anterior, de Antônio Fernandes Sobrinho, grande incentivador da AROL, segundo Almeida (2004). Além do mais, a Associação dependia de um dirigente que pudesse ter tempo suficiente para ficar à sua disposição, como fazia Cypriano. Com sua morte, não houve um sucessor com o mesmo perfil, sendo outro elemento que contribuiu para o seu fim.

Junto a isso, houve alguns fatores políticos que possibilitaram a agravação da crise da AROL. Com a ditadura militar instaurada em 1964 e as perseguições políticas refletiram na entidade que, por ser de operários, abrigava importantes lideranças políticas de esquerda, como Manoel Jacinto, comunista declarado.

“O golpe de misericórdia veio em 81, quando a Câmara de Vereadores revogou o decreto anterior e doou o terreno da sede, já então abandonada, para a Igreja Quadrangular” (ALMEIDA, 2004, p. 76), sob a promessa de que fosse construída nesse espaço uma creche, o que após mais de quatro anos isso não havia se efetivado. Sob a iminência de também perder o espaço, a igreja rapidamente demoliu a antiga sede de

madeira e “no local colocou alguns tijolos com a finalidade de justificar a construção de uma creche” (ALMEIDA, 2004, p. 76).

Assim, a história de Manoel Cypriano e da AROL se confundem no contexto da luta da população negra em Londrina, não somente contra o preconceito, mas também contra os processos de silenciamento que também estavam presentes na valorização de um grupo em seu detrimento.

No processo de organização de reflexões a favor dos negros em Londrina, no campo religioso se destaca Vilma Santos de Oliveira (1950 - 2013), ou dona Vilma, como era chamada. Sua inserção no candomblé deu-lhe o nome de Yá Mukumbi. Nascida em Jacarezinho, cidade a 155 quilômetros de Londrina, em julho de 1950, era negra e de família pobre, era filha de mãe paulista e pai mineiro, que vieram para o Paraná em busca de trabalho no setor açucareiro, forte na região naquela época. Perdeu o pai quando tinha apenas onze dias de vida, passando à mãe toda a responsabilidade de sua criação. Em 1951 muda-se para Londrina, a convite do tio Leodoro que contribuiu para o início da cidade, com a derrubada de árvores e vendas de lotes, assim como tantos outros negros (LANZA, 2013).

Seu contato com o movimento negro em Londrina iniciou logo cedo. A casa onde morava em Londrina ficava ao lado da AROL, além de que seu tio Leodoro, juntamente com Manoel Cypriano, contribuíram para a primeira organização de negros na cidade ainda em formação. Conforme observa Lanza (2013), ainda cedo iniciou sua militância política ao participar do movimento estudantil, frequentando as reuniões da União Londrinense de Estudantes Secundaristas – ULES. Por ser no período da ditadura militar, o tio, receoso sobre a possibilidade de haver retaliações, impediu sua participação de forma mais efetiva.

Adepta do Candomblé, dona Vilma teve contato, primeiramente, com o Espiritismo, por motivos de saúde na adolescência, passando posteriormente a frequentar a Umbanda. Depois, por intermédio de uma tia, conheceu o Candomblé, cuja identificação fez com que permanecesse nessa religião de matriz africana. Aos 26 anos tornou-se mãe de santo. Em Cambé construiu sua casa de Candomblé nomeada Ilé Ashé Ogum Mêge, construída na década de 1970, sendo uma das mais antigas da região. Nessa casa “são realizados vários projetos socioeducacionais e culturais, cujo principal objetivo é promover a cidadania e a preservação da cultura afro-brasileira, atingindo

principalmente os grupos populacionais marginalizados e discriminados” (LANZA, 2013, p. 30).

A trajetória de dona Vilma na religião do Candomblé confunde-se também com seu envolvimento político em Londrina, especialmente em assuntos relacionados à questão racial. Embora a AROL tenha fechado em 1981, foi importante em sua compreensão da situação do negro no Brasil. Isso se desenvolveu em sua Casa de Candomblé em Cambé, onde o engajamento em defesa da população negra era evidente. Dona Vilma participou primeiramente do grupo União e Consciência Negra e depois se juntou ao movimento negro de Londrina (LANZA, 2013).

Junto a isso, na década de 1980 deu outro passo que demonstra a proximidade em que religião e política foram elementos complementares em sua trajetória, ao filiar-se ao PT, lugar onde encontrou espaço para a ampliação de sua reflexão e engajamento em favor dos negros. Tudo isso fez com que dona Vilma, “a Mãe de Santo, conquistasse visibilidade e passasse a ser conhecida e respeitada pela sociedade londrinense envolvida com o debate político e racial” (LANZA, 2013, p. 32).

Dona Vilma também participou ativamente das discussões sobre ações afirmativas, especialmente com a implementação de cotas raciais na Universidade Estadual de Londrina, iniciado no vestibular de 2005 (SILVA, 2008b) e que tem permitido a inserção de estudantes no ensino superior público como forma de democratização da educação<sup>196</sup>. Até então, o público de estudantes da UEL era majoritariamente composto por brancos, sendo muitos oriundos de outros estados, sobretudo, São Paulo. “Algumas lideranças do Movimento Negro, como Vilma Santos de Oliveira [dona Vilma], além de reivindicar a adoção de vagas no vestibular da UEL, manifestavam preocupação diante da necessidade de garantir a permanência dos estudantes negros” (SILVA, 2008b, p. 5).

A abordagem de agremiações como a AROL e de atores como dona Vilma permite novas possibilidades de perceber o negro em Londrina que ultrapassem aquelas presentes na história oficial, nos museus, monumentos e espaços públicos. Outros atores também poderiam ser mencionados nesse sentido, como bem está documentado no trabalho de Idalto José de Almeida (2004), fonte secundária sobre o tema, entre outros

---

<sup>196</sup> O processo de implantação de cotas na UEL iniciou em 2002 por meio da iniciativa de lideranças do movimento negro em Londrina. A partir daí foram realizados diversos debates, além de uma audiência pública. Foi aprovada no dia 23 de julho de 2004, em votação no Conselho Universitário da UEL.

textos acadêmicos desenvolvido por professores e estudantes da UEL que têm empregado imenso fôlego no estudo das questões raciais na cidade.

Assim, com o estudo da missa afro e da celebração Zumbi dos Palmares nos próximos tópicos deste capítulo, ambos inseridos no viés da Teologia da Libertação, é possível destacar a continuidade desses processos de reflexão sobre o negro visto até aqui. Nesses rituais católicos analisados constata-se o desdobramento dessas ações de combate ao racismo e à discriminação do negro no Brasil e, sobretudo, em Londrina, local onde vivem os atores pesquisados. Para isso, a elaboração de práticas religiosas por meio da inculturação é percebida em ambos rituais.

### **4.3. A missa afro**

Na Arquidiocese de Londrina a missa afro é realizada apenas na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, do padre Altair, e na paróquia Santo Antônio, no Conjunto Cafezal, região sul da cidade, sob a liderança do padre Luciano, que também é o assessor da pastoral afro-brasileira na arquidiocese<sup>197</sup>. Negro, proveniente de Minas Gerais, esse padre está em Londrina há cerca de cinco anos. Em relação aos eventos religiosos que remetem à população negra, há alguns eventos ecumênicos com participação de padres, pastores e mães de santo, também de forma pontual.

Embora haja em Londrina uma população negra significativa, a pastoral afro está presente em poucas paróquias. Assim, percebe-se um esforço contínuo dessas lideranças no sentido de instituir a missa afro em outras paróquias da arquidiocese. Tal ação é vista com certo sentimento de frustração por esses agentes, ao perceber que a aceitação dessa pastoral é limitada. Em seus discursos, a crítica recai sobre os poucos padres negros que não aderem ao movimento: “mesmo padres negros não se assumem”, lamentou o assessor da pastoral afro-brasileira.

Por outro lado, junto com os padres Altair, Cristiano e Luciano, que são negros/pardos, há o padre Dirceu, branco e o precursor da missa afro na Arquidiocese, realizando sua primeira celebração em 1988, mesmo ano de sua ordenação. Além do padre Dirceu, há ainda um número considerável de leigos brancos que estão sempre presentes nessas missas.

---

<sup>197</sup> Na época em que a pesquisa estava sendo finalizada houve a adesão de mais um padre, da paróquia Nossa Senhora do Amparo, na zona leste de Londrina.

Dados do IBGE de 2010 apontam que em Londrina 26,07% da população é de afrodescendentes. Ou seja, a cada quatro habitantes, um é negro. No entanto, observando a questão territorial, a população negra possui maior concentração nas periferias da cidade, enquanto nas áreas centrais e periféricas/nobres<sup>198</sup> a população de cor branca é maior. Assim como em outras cidades brasileiras, “a população negra tem, historicamente, ocupado lugares discriminados e estigmatizados” (SILVA, 2008b, p. 2). De acordo com a socióloga que estuda questões raciais em Londrina, “a distribuição da população negra na cidade apresenta uma maior presença em territórios considerados discriminados, pobres e marginalizados ou de menor prestígio” (SILVA, 2008b, p. 3). Nesse sentido, as paróquias onde há a celebração da missa afro está diretamente associado a espaços onde a presença negra é maior. No entanto, nem toda paróquia localizada em regiões periféricas pobres realizam essa missa, sendo esses eventos alvo de discriminação nessas mesmas áreas, seja pelo clero ou por fieis.

Na paróquia dos Migrantes, local onde realizei a pesquisa de campo entre 2015 e 2016, a missa afro é realizada desde 1988<sup>199</sup>, ano em que a CNBB escolheu o tema “A fraternidade e o negro”. Adão, coordenador da pastoral afro nessa paróquia, é um líder muito atuante e responsável por sua realização. O padre Altair também demonstra apoio à realização dessa missa, não apenas oferecendo o espaço físico da paróquia, mas também participando ativamente em sua celebração. Nessas ocasiões, é um dos que utilizam roupas típicas da África. Enquanto padre, sua batina se distingue das demais missas, além de usar o *kufi*<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> Com a construção de vários condomínios horizontais de luxo em áreas periféricas de Londrina nos últimos anos, a questão centro/periferia como sinônimo de divisão de classes não pode ser utilizada atualmente. Há um deslocamento de famílias que viviam em bairros nobres mais centralizados para esses condomínios afastados, resultando na presença cada vez maior de famílias de classe média/alta em áreas “periféricas” da cidade. Se no passado o sentido de periferia se referia a espaços onde era abrigada a classe trabalhadora, hoje há cada vez mais a formação de uma periferia abastada. Esse fenômeno também tem ocorrido em outras cidades do Brasil. Teresa P. Caldeira analisa na cidade de São Paulo a construção dos “enclaves fortificados”, como os *shoppings* e condomínios. Para a autora, os enclaves são “propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem regras de inclusão e exclusão” (p. 258). Para aprofundar o assunto, ver: PEIRANO, Teresa P. do Rio. *Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

<sup>199</sup> O padre Dirceu foi o responsável pela formulação inicial dessa missa em 1988, época em que ele era o pároco da Nossa Senhora dos Migrantes. A missa tinha uma periodicidade anual. Atualmente é realizada semestralmente.

<sup>200</sup> O *kufi* é um adereço utilizado na cabeça. Ele não possui abas e normalmente possui várias cores. É símbolo de sabedoria na África, sendo utilizado por homens adultos.

Uma das missas em que participei, um dos primeiros aspectos percebidos foi a disposição dos bancos da paróquia. Nas missas semanais, eles ficam tradicionalmente enfileirados, em linha reta, como nas demais paróquias. Já na missa afro eles são colocados em forma circular, de forma que quem se assenta em um lado do templo pode visualizar aqueles que se encontram na outra extremidade.

Nesse dia, os bancos ficaram completamente tomados por fieis, maior parte da própria paróquia dos Migrantes. Havia também pessoas de outros lugares interessadas nesse evento católico. Pessoas de todas as idades e ambos os sexos estavam presentes. Sobre a cor da pele dos participantes havia certa diversidade, com pessoas brancas, pardas e pretas<sup>201</sup>. Ao contrário da expectativa, os participantes não eram estritamente negros.

Enquanto os fieis usavam roupas do cotidiano, como em qualquer outra missa, integrantes do clero presentes na missa, bem como demais lideranças da pastoral afro, trajavam roupas e adereços que buscavam lembrar o estilo africano, normalmente com cores diversificadas. Mesmo com alguns limites em alcançar tal objetivo, tal tentativa de aproximar das roupas africanas se opõe ao formalismo da Igreja Católica que utiliza cores específicas durante cada parte do ano litúrgico<sup>202</sup>. Essas cores são facilmente identificadas nas vestes litúrgicas. Assim, ao usar roupas coloridas, a simbologia associada a uma cor específica do calendário oficial católico é substituída por outra, multifacetada, alegre, sem vínculo com a proposta da Igreja. Ao utilizar roupas de diversas cores, tanto o clero, quanto alguns fieis, demonstra um aspecto autônomo em relação à tradição católica.

As músicas e danças também contribuíram significativamente para dar um tom afro à missa. Além dos instrumentos comumente usados nas missas, como violão e teclado, havia também vários instrumentos de percussão, como tambor e atabaque, que ajudavam a marcar o ritmo das músicas. Além disso, a alegria dos músicos e seu balanço ao ritmo das músicas tocadas, também diferenciavam das missas oficiais, onde os

---

<sup>201</sup> O IBGE adota como critério de classificação as seguintes categorias: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. A população negra é composta por pretos e pardos. A observação dos fieis presentes na missa afro, portanto, foi feita por meio da impressão fenotípica, baseada em categorias tradicionais, como observa Pierre Sanchis (2001).

<sup>202</sup> Há quatro cores principais que compõe o ano litúrgico: branco, vermelho, verde e roxo. O branco é utilizado na páscoa, natal etc. O vermelho na sexta-feira da paixão. O verde nos domingos do tempo comum e o roxo no advento e quaresma. Há também a cor preta, por exemplo, que significa o luto. Essas cores, no entanto, são vistas principalmente nos trajes do clero, não interferindo nas escolhas da roupa pelo fiel ao ir à missa.

responsáveis pela música se portam de forma bem comedida, sem muita expressividade, passando, até mesmo despercebidos em muitas ocasiões. O destaque dos músicos na missa afro é algo evidente, bem como a maneira como participam dela.



Foto 5: Grupo de músicos na missa afro - paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Maio 2016. (Arquivo pessoal).

De forma geral, as letras possuíam forte caráter político, problematizando a questão racial:

Eu vou tocar minha viola, eu sou um negro cantador  
O negro canta deita e rola, lá na senzala do Senhor.

*Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô  
Dança aí negro nagô, dança aí negro nagô.*

Tem que acabar com esta história de negro ser inferior  
O negro é gente e quer escola, quer dançar samba e ser doutor.

O negro mora em palafita, não é culpa dele não senhor  
A culpa é da abolição que veio e não o liberou.

Vou botar fogo no engenho aonde o negro apanhou

O negro é gente como o outro, quer ter carinho e ter amor<sup>203</sup>.

A oração do pai nosso, uma das mais conhecidas e utilizadas no cristianismo, ganhou uma versão diferente em uma das músicas tocadas durante a missa afro:

Pai nosso, dos pobres marginalizados  
Pai nosso, dos mártires, dos torturados.  
Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida,  
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida  
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão.  
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão.

Ô, o, o, o. Ô, o, o, o.

Queremos fazer Tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador  
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor.  
Pedimos-te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões.  
O pão que traz humanidade, que constrói o homem em vez de canhões.

Ô, o, o, o. Ô, o, o, o.

Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte,  
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é mais forte.  
Protege-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevaletidos  
Pai nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos.  
Pai nosso, revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos.

Ô, o, o, o. Ô, o, o, o.

Pai nosso, dos pobres marginalizados  
Pai nosso, dos mártires, dos torturados<sup>204</sup>.

Nesse canto, a questão racial não é evidenciada exclusivamente. A crítica recai sobre pessoas excluídas e marginalizadas socialmente. Os mártires, ou seja, os que lutam pela vida e pela justiça, e que de alguma forma são punidos por isso, recebem atenção principal. O negro, no entanto, pode ser percebido como parte desses grupos marginalizados e excluídos historicamente no Brasil. Os mártires do passado que lutaram pela liberdade e fim do sistema escravista, por exemplo, se tornam referências para os atores sociais do presente, devendo estes prosseguir na mesma causa.

Isso se ratifica na homilia feita pelo padre Cristiano<sup>205</sup> durante a missa afro na paróquia dos Migrantes: “Nós precisamos romper com esse império de morte, esse

---

<sup>203</sup> Música negro nagô. Autoria de PJ e Raiz.

<sup>204</sup> Música “Pai nosso dos mártires”. Autoria: Zé Vicente.

<sup>205</sup> Cristiano é um jovem padre negro, ordenado recentemente na Arquidiocese de Londrina. É também alinhado ao viés da Teologia da Libertação. Além de desenvolver atividades ligadas à questão racial,

império de preconceito, 300 anos de escravidão, 300 anos de sofrimento dos nossos negros. Já aconteceu a abolição de cor, mas nós precisamos da abolição do preconceito. Nós precisamos da abolição do racismo”<sup>206</sup>, reivindicou o jovem padre.

A figura do leigo ganha importância nessa missa. Se na homilia, ainda existe um viés hierárquico, onde o clero possui seu espaço assegurado, o leigo ocupa um papel secundário, mas não menos importante, ao poder contribuir em parte significativa da missa. A música é um exemplo disso: ela é espaço em que ecoa a voz do leigo atuante na pastoral afro. Cuidadosamente escolhidas, as letras dos cantos ajudam na reafirmação da homilia do clero e, em alguns casos, de forma muito peculiar, como percebido na música *Pai nosso dos mártires*, adaptação da oração do pai nosso, tradicional na Igreja Católica.

Em dois sentidos as músicas conseguem estabelecer um sentido de protesto na missa: a) por meio das letras contestatórias em relação ao pobre e excluído em geral, e ao negro em particular e b) no ritmo que remete às origens africanas daqueles que aqui chegaram para trabalhar sob o sistema da escravidão. As músicas tradicionais, que muitas vezes utilizam palavras em latim, em um ritmo moderado, influência da missa romana, são trocadas por um ritmo intenso, que leva todos a dançar, ainda que timidamente. Uma mulher presente pela primeira vez na missa afro, ao final disse: “gostei! Bem mais animada que nas demais [missas]”.

Em momentos específicos, um grupo de participantes entrava e saía, ao som de músicas em ritmo afro, dançando e cantando, ora com cestos de alimentos, contendo frutas, bolos e doces, ora com a Bíblia ou com a imagem de algum santo(a). Nesse sentido as mulheres se destacavam, sendo a maioria. Alguns poucos homens também ajudavam nesses momentos litúrgicos.

Em outro momento foi realizada uma encenação: grupos de três a quatro pessoas negras, a uma distância média entre eles, ficavam abraçados. Enquanto isso, algumas pessoas brancas e algumas carregando pequenos aparelhos de rádio circulavam entre os grupos de negros sem notar sua presença. Com isso denunciava a invisibilidade do negro pelos brancos e por setores da mídia brasileira. Em sua homilia, o padre Cristiano denunciou o papel subalterno que o negro teve no Brasil, desde a escravidão até os dias atuais.

---

também tem grupos de CEBs em sua paróquia localizada no União da Vitória, bairro de população pobre na periferia da zona sul de Londrina.

<sup>206</sup> Gravação 15112015 – folha 1.

A presença da mulher é significativa na pastoral afro da paróquia dos Migrantes. Exceto o seu coordenador, os demais participantes dessa pastoral são todas mulheres e negras, além de algumas pardas. Dessas, a maioria já são senhoras e avós, como pude perceber em suas conversas, quando era comum relatar casos de ordem familiar.



Foto 6: Missa afro – paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Nov. 2016. (Andreas Hofbauer).

A participação de mulheres em maior número do que a de homens em grupos de CEBs em Garanhuns - CE, recebeu atenção na pesquisa de Marjo de Theije (2002). De acordo com a antropóloga holandesa, a explicação para isso foi dada de forma unânime pelos homens daquela localidade, ao afirmar que “religião é coisa de mulher”. Isso reflete os ideais de gênero presentes na sociedade brasileira. Constatou a autora que a participação das mulheres não era apenas maior que a dos homens, mas havia uma multiplicidade de atuação dessas mulheres, que transcendia às CEBs. Atuavam em diversas pastorais e até mesmo em grupos de oração carismáticos.

Essa distinção de gênero era perceptível inclusive nas crianças. Relata a autora o caso de um menino de sete anos explicando o fato de não ir à missa por ser “coisa de mulher”, reforçando “a ideia de que o envolvimento com a religião não se encaixa com a imagem de masculinidade da sociedade brasileira. A imagem da feminilidade, por sua vez, está relacionada com atitudes e valores que podem ser associados às atividades religiosas” (THEIJE, 2002, p. 218).

Carol Drogus (1990) também identificou em alguns grupos de CEBs em São Paulo o mesmo fato. Constatou a autora que embora o discurso da Teologia da Libertação tenha conseguido mobilizar um número significativo de mulheres em torno das CEBs, há, no entanto, uma dificuldade em confrontar a ideia de que o papel central da mulher está no âmbito familiar.

No Brasil, bem como de forma geral na América Latina, a divisão entre masculino e feminino é reforçado por símbolos religiosos, como o marianismo, em que a veneração à Virgem Maria e a percepção de sua divindade, superioridade moral e força espiritual (DROGUS, 1990) é associado à mulher de forma geral.

Pode-se perceber, portanto, nas mulheres que participam da pastoral afro na Migrantes, algumas divergências. Ao mesmo tempo em que participam de uma pastoral que traz um elemento político em seus rituais, reproduzem as distinções de gênero das quais elas mesmas estão submetidas. É comum, portanto, ouvir nas reuniões a ideia da mulher na esfera privada do lar, ao falar dos filhos e netos ou mesmo demonstrar algumas preocupações com trabalhos domésticos.

Sobre a questão racial, embora haja um constante trabalho de orientação sobre a realidade de discriminação e preconceito do negro no Brasil, isso parece não ter entendimento entre o próprio grupo. Durante uma reunião da pastoral afro, ao surgir o assunto sobre a cor da pele e o cabelo crespo, uma senhora lamentou: “mas a gente nasceu assim, né, fazer o quê?”. Assim, a análise que Carol Drogus (1990) faz nas CEBs de São Paulo também pode ser percebida na paróquia dos Migrantes: a Teologia da Libertação, por meio da pastoral afro, consegue atrair para seus quadros fieis, sendo a maioria mulheres e negras. No entanto, há certa dificuldade em avançar nas propostas de transformação da realidade social, primeira do negro, que é o objetivo primeiro dessa pastoral, e posteriormente da mulher, cuja presença é majoritária nesse grupo católico.

Em uma reunião dessa pastoral da qual participei não havia nenhum jovem. Já na missa afro, sua principal forma de atuação na paróquia dos Migrantes, houve a presença de alguns jovens participando da liturgia. Nesse caso, o vínculo principal deles era com a Pastoral da Juventude, que via nesses momentos um espaço de ajuda, demonstrando assim certa identificação com a questão racial, bem como o desenvolvimento de uma religiosidade a partir das contribuições da Teologia da Libertação, que se entrelaçavam nessas ocasiões.

Na missa afro também houve ajuda de outros fieis que não fazem parte necessariamente dessa pastoral e sem a mesma afinidade ideológica. É o caso de uma católica, negra, que trabalha na pastoral da comunicação, além de ser ministra da eucaristia na Migrantes. Muito alegre e gentil, estava na entrada do templo, auxiliando naquilo que podia. Não era sua primeira participação na missa afro. Em edições anteriores, também esteve presente ajudando a pastoral na organização do evento. Segundo ela, ajuda sempre que é preciso, assim como os demais eventos que ocorrem na paróquia, organizados por outros grupos sem possuir vínculo com a Teologia da Libertação necessariamente.



Foto 7: Missa afro – paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Nov. 2016. (Andreas Hofbauer).

Em conversa informal se demonstrou interessada por política. Embora o interesse fosse meu em perceber a relação entre religião e política, partiu dela o assunto sobre política, especialmente o aspecto partidário. Revelou que se candidataria nas eleições de 2016 ao cargo de vereadora pelo PSDB, na cidade de Cambé. Embora fosse filiada a esse partido desde 2009, revelou identificar-se, na verdade, com o PMDB. Por razões particulares, acabou filiando-se ao PSDB.

Na época da pesquisa, dois fatos podem ser destacados em relação ao PMDB: o primeiro ocorreu no final de março de 2016, com o desligamento oficial da aliança com o PT. No encontro nacional do partido liderado pelo senador Romero Jucá (PMDB-RR), Eduardo Cunha (PMDB-RJ), presidente da Câmara dos Deputados na época, recebeu forte visibilidade, além dos gritos da plateia que dizia “Temer presidente”, embora ele

não estivesse presente nessa reunião do partido<sup>207</sup>. Assim, diante do processo pelo qual o PT teve sua imagem fragilizada<sup>208</sup>, o fim da aliança com o PMDB atraiu a atenção de parcela significativa da população que estava descontente.

Um segundo elemento também pode ser acrescentado: havia passado aproximadamente um mês a aprovação de abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, presidida por Eduardo Cunha. Os anseios pelo afastamento da presidente, por um número cada vez maior de pessoas, encontrou em Eduardo Cunha certa esperança no processo de mudança na política nacional. Assim, sua identificação ao PMDB parece ter sido desenvolvida a partir desse momento de efervescência política no país, onde esse partido se demonstrava capaz de enfrentar e conduzir as mudanças necessárias.

Tal posicionamento político, entre a filiação ao PSDB e identificação com o PMDB, embora uma fiel negra e participante das missas afro na paróquia dos Migrantes, demonstra que a compreensão dos objetivos propostos pela pastoral afro possui uma gama de interpretações por parte dos fieis que dela participam. O exemplo dessa mulher torna-se emblemático demonstrando que, ao fazer a opção política por esses dois partidos, parece não perceber que ambos não possuíram participação efetiva nas principais conquistas alcançadas pelo movimento negro no país, como o Estatuto da Igualdade Racial<sup>209</sup>, a lei de cotas nas universidades<sup>210</sup> e o Dia da Consciência Negra<sup>211</sup>.

---

<sup>207</sup> *E o PMDB abandonou o PT*. Carta Capital. 29 mar. 2016. [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Acesso em: 09 ago. 2016.

<sup>208</sup> O processo de fragilização do PT contou com apoio da grande mídia; de partidos políticos da oposição, como o PSDB e o DEM; e do judiciário, por meio da operação Lava Jato que concentrou os esforços nas investigações desse mesmo partido. A condução coercitiva do ex-presidente Lula no dia 04 de março de 2016, autorizada pelo juiz federal Sérgio Moro, como parte dessa operação, bem como a massificação dessa informação pelas principais mídias, televisiva e escrita, foi um exemplo do processo de fragilização do PT diante da opinião pública. Deysi Cioccarri (2016) analisou na editoria Poder, do jornal Folha de São Paulo, os últimos meses do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, de 15 de abril a 31 de agosto de 2016, quando o Senado aprovou definitivamente o seu afastamento. Para a cientista social, as informações chegam a todo tempo ao público não apenas pelos jornais e TV, mas também pelos novos equipamentos eletrônicos como *tablets*, *smartphones* e computadores com acesso à Internet. Assim, “a mídia possui a capacidade de formular as preocupações públicas” (CIOCCARI, 2016, p. 173). A definição da agenda política pelos meios de comunicação não afeta apenas o cidadão comum, que percebe a pauta mais importante do momento, mas também lideranças políticas que buscam responder a esses anseios. Conclui a autora que o editorial nos últimos meses do governo Dilma deixou claro ao público que seu *impeachment* era algo iminente. Somando-se a isso, tratou o “possível governo Temer” como um governo já estabelecido, antes mesmo da votação final no Senado.

<sup>209</sup> O ex-presidente Lula sancionou em julho de 2010 a lei 12.288: o Estatuto da Igualdade Racial. Já no Art. 1º, afirma: “Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. A lei possui 65 artigos, além de parágrafos e incisos. Para ser lida na íntegra, consultar: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em: 21 nov. 2016.

Nesse mesmo sentido, foi criada sob o governo Lula a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a lei 12.289/2010<sup>212</sup>. Esses avanços sociais em relação à questão étnico-racial podem ser percebidos como resultado dos esforços desenvolvidos por meio do movimento negro, ocorridos nos governos Lula e Dilma, ambos do PT.

Por outro lado, havia a presença de um vereador de Cambé filiado ao PT, mesmo não sendo negro. Ele é da paróquia Nossa Senhora de Fátima<sup>213</sup>. Seu vínculo à Teologia da Libertação se evidencia por possuir outras participações dentro do catolicismo, como é o caso da romaria da terra. Em sua página em uma rede social, fez algumas críticas ao PMDB na época da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, na Câmara dos Deputados em Brasília.

Dessa maneira, a questão partidária na missa afro demonstra algumas contradições entre os participantes, como descrito acima, indicando certas dificuldades que o clero enfrenta no processo de desenvolvimento de identidades progressistas entre os fiéis. Necessita, assim, certa complementaridade de outras instituições ou pastorais. No caso desse vereador, seu vínculo ao PT pode ser visto como esse elemento formador para além da missa afro. Alguns jovens da Pastoral da Juventude, com sua própria dinâmica religiosa, também proporciona a construção de uma visão de mundo progressista. Já os fiéis que não possuem outros vínculos nos quadros da Teologia da Libertação, demonstram possuir certa dificuldade em assimilar as propostas da missa

---

<sup>210</sup> A lei 12.711/2012 também conhecida como Lei de Cotas, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em agosto de 2012. A lei prevê a oferta de 50% das vagas de universidades e institutos federais para alunos que cursaram o ensino médio integralmente em escola pública e de baixa renda. Essas vagas são proporcionais ao número de pretos, pardos e indígenas referentes a cada estado brasileiro. Há também a lei 12.990/2014, em que 20% das vagas em concursos públicos federais são destinadas a candidatos negros. A lei 21.711 pode ser lida no endereço: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm). Já a lei 12.990 pode ser encontrada no endereço: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm). Acesso em: 21 nov. 2016.

<sup>211</sup> Além da instituição do Dia da Consciência Negra, a lei 10.639/2003 inclui na LDB 9.394 de 1996 a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar.

<sup>212</sup> A UNILAB possui atualmente dois *campus*: Redenção (Ceará) e São Francisco do Conde (Bahia). Tem como objetivo a integração entre docentes e discentes do Brasil e África lusófona. “A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional” (Art. 1º). A lei 12.289/2010 pode ser encontrada na íntegra no endereço: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm). Acesso em: 21 nov. 2016.

<sup>213</sup> Paróquia situada no Jardim Ana Rosa – Cambé, distante cerca de sete quilômetros do Jardim Novo Bandeirantes.

afro que se torna, assim, mais uma programação paroquial para esses fieis, muitos com certo olhar de curiosidade.

Em uma das primeiras missas da qual realizei a pesquisa de campo, além do padre Altair, pároco da Migrantes, a missa foi presidida pelo padre Luciano, assessor arquidiocesano da pastoral afro e o padre Cristiano, da paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro União da Vitória, região pobre e periférica de Londrina, onde há forte presença da população negra. O primeiro, pardo, e os dois últimos, negros.

Na última missa afro que acompanhei para esta pesquisa, em novembro de 2016, além dos três padres relatados acima, havia a presença do padre Dirceu, vigário paroquial, e do padre Antônio, da paróquia Nossa Senhora do Amparo, região leste de Londrina<sup>214</sup>.

Se a cor da pele dos fieis era, em geral, diversificada, a do clero, bem como dos organizadores da pastoral afro da paróquia é predominantemente parda/preta. O engajamento mais efetivo nessa pastoral está, portanto, associada à cor da pele. As experiências de preconceito e racismo que acomete o negro no Brasil contribuem, dessa forma, para a construção de um espaço no âmbito eclesial onde essas violências possam ser de alguma forma, refletidas e até mesmo enfrentadas. O padre Cristiano, no início de sua homilia em uma missa afro na Migrantes, declarou: “O nosso Brasil é branco, machista e cristão, infelizmente. Nós precisamos quebrar essa imagem”<sup>215</sup>. Dessa maneira, a compreensão do ser negro é percebida de forma distinta entre o clero e o leigo. No caso do clero, a negritude, enquanto identidade, remete a um espaço de luta dentro dos quadros da instituição católica, nesse caso, a pastoral afro. Já para parte dos leigos, o fato de ser negro não o leva necessariamente à participação nessa pastoral, podendo fazer outras escolhas, até mesmo simultâneas. Participar da missa afro, não é diferente de ser da pastoral da comunicação, da pastoral do dízimo ou ministro da eucaristia.

Percebe-se também que a participação do fiel negro é limitada na missa afro da paróquia dos Migrantes<sup>216</sup>. O mesmo pode ser pensado no clero arquidiocesano, onde há

---

<sup>214</sup> Padre Antônio atuava em Jacarezinho e está há um ano em Londrina. Com a sua chegada à cidade, a pastoral afro ganhou mais um sacerdote, sendo sua paróquia mais uma a sediar a missa afro.

<sup>215</sup> Gravação missa afro – 15112015, folha 1.

<sup>216</sup> “A pastoral afro [...] é uma pastoral que sofre né, ela tem poucos membros porque ela exige um grau de consciência muito forte, a sua própria identidade dentro da comunidade, ou seja, muitos negros não participam da pastoral afro por razões óbvias que nós sabemos, eles próprios sentem que se entrar na pastoral afro vou me tornar visível e é melhor ser invisível porque sendo invisível não sou criticado,

padres negros que não participam da missa afro, nem apoiam o desenvolvimento de uma pastoral afro em suas paróquias.

A missa afro, portanto, busca problematizar os preconceitos e desigualdades raciais no país sofridos pela população negra. Conscientizar o negro de sua história e situação de subserviência demonstra ser sua principal missão: “Poucos os padres negros e alguns que tem ainda não assumem a sua cor. Então nós precisamos dar visibilidade para o nosso negro. Como? A partir de nós mesmos. Usando a igreja para discutirmos essa questão do racismo, ascensão, inclusão, quebrando preconceito de muitos cristãos”<sup>217</sup>.

O padre Altair também vê na missa afro um dos principais instrumentos de contestação política no contexto de sua paróquia:

a pastoral afro vai trazer isso, elementos da cultura africana na liturgia, celebração, e ao mesmo tempo participar das políticas públicas de defesa e promoção dos direitos da pessoa, do negro, da pessoa como um todo, a gente sabe inclusive que o índice de mortalidade por exemplo entre os jovens, as próprias estatísticas mostram isso, nossos jovens e, jovens negros, morrem muito mais que jovens brancos, isso não por razões inúteis, mas por razões muito claras, né?<sup>218</sup>

Frente ao movimento negro que é mais amplo e que abarca diversos setores sociais, estabelecendo a crítica em relação ao preconceito, discriminação e violência, a missa afro desenvolve discussões semelhantes, porém, restrita ao âmbito da Igreja Católica. Pode ser percebida, assim, como uma extensão do movimento negro nos quadros do catolicismo. Amplia, por um lado, o alcance do movimento negro no Brasil; por outro, no entanto, restringe ao âmbito da religião católica, negando outras religiões<sup>219</sup> e segmentos da sociedade, que também estabelecem a mesma crítica sóciopolítica.

Gabriel dos Santos Filho percebe na pastoral afro-brasileira, por meio de suas pautas de reivindicações, similaridade com o movimento negro: “É com esta amplitude de visão que se pode considerar a Pastoral Afro como integrante do movimento negro,

---

porque nós temos uma tradição de racismo muito mascarada na cultura brasileira”. Entrevista 2705215 – folha 2.

<sup>217</sup> Gravação missa afro – 15112015, folha 1.

<sup>218</sup> Entrevista 27052015 – folha 2.

<sup>219</sup> O reconhecimento das religiões afro-brasileiras pode variar de acordo com a interpretação de cada agente e sua participação em eventos de cunho racial no catolicismo. Isso pode ser percebido ao comparar a missa afro com a celebração Zumbi dos Palmares, evento abordado no próximo tópico.

dado ser reconhecido que onde há negro militando, há movimento negro” (SANTOS FILHO, 2012, p. 70). Para o autor, a construção de identidades por meio de aspectos comuns é capaz de aglutinar os movimentos negros em torno dessa agenda.

Apesar de ser um movimento negro, como considera Santos Filho (2012) dentro do catolicismo, a realização da missa afro pela pastoral afro se limita a um viés paroquial, em última instância, estruturado pela instituição religiosa católica que a abriga. A presença dessa pastoral na Arquidiocese de Londrina pode ser vista nesse sentido: um espaço concedido a partir de determinadas condições. O próprio arcebispo, nesse caso, recebe uma imagem positiva por parte de algumas lideranças, por permitir a existência e desenvolvimento de práticas religiosas em torno do negro: “o arcebispo dá total apoio”, relatou um padre, apesar de dom Orlando não participar desses eventos.

Em uma publicação no jornal Folha de Londrina<sup>220</sup>, no dia 21 de novembro de 2015, o arcebispo de Londrina, dom Orlando Brandes, abordou a festa de Cristo Rei. A data ocorreu um dia após a comemoração do dia da consciência negra. No artigo o arcebispo exalta a importância e centralidade de Jesus no catolicismo, afinal, ele é “o rei dos pecadores, dos pobres, dos últimos, dos pequenos, dos que procuram a verdade”<sup>221</sup>. No final do artigo, após falar da criação, da manjedoura, da cruz e do sacrifício de Jesus, o arcebispo declarou: “Adorar Cristo Rei é antes de tudo servi-lo nos excluídos, empobrecidos, marginalizados. Longe de nós o racismo, a tortura, a fome, a prostituição que denigrem a dignidade da pessoa, templo do Espírito Santo”<sup>222</sup>. O racismo, além de ter sido mencionado apenas uma vez no fim do texto, foi colocado junto a outras questões, como tortura, fome e prostituição. Sua inserção pode ter sido em relação ao dia da consciência negra, no entanto, sem mencionar a data ou demonstrar qualquer sinal de apoio. Além disso, o termo “denigrem”, utilizado pelo bispo, expressa o ato de enegrecer, manchar ou infamar, segundo o dicionário Aurélio<sup>223</sup>. Se por um lado defende o fim do racismo, por outro, ao utilizar o termo “denigrir”, pode expressar segundo a interpretação que ser negro é algo ruim, termo pejorativo ou uma desqualificação.

No artigo, Dom Orlando demonstra a exaltação da figura de Jesus e sua importância para a religião católica, enquanto o negro recebe uma atenção mais discreta

---

<sup>220</sup> A Folha de Londrina é o principal jornal da cidade. Na coluna *Espaço Aberto* embora seja destinado ao público em geral, no período da pesquisa foram publicados diversos textos de dom Orlando, especialmente nos finais de semana.

<sup>221</sup> *Os tronos de Cristo Rei*. Folha de Londrina. Opinião, p. 2, 21 nov. 2015.

<sup>222</sup> *Os tronos de Cristo Rei*. Folha de Londrina. Opinião, p. 2, 21 nov. 2015.

<sup>223</sup> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

pelo principal líder da Arquidiocese de Londrina. Dessa forma, a concepção de alguns agentes negros que avaliam o bispo positivamente sobre o seu apoio à pastoral afro não se confirma por meio do artigo publicado na data seguinte ao dia da consciência negra. O apoio que percebem no bispo se caracteriza mais pela permissão em desenvolver trabalhos sob o viés da questão racial do que por uma atuação mais efetiva junto à pastoral afro, situação bem diferente do seu posicionamento diante de seus próprios projetos, cujo engajamento se torna mais evidente.

Apesar da pouca aceitação pela maioria do clero da Arquidiocese e mesmo por parte dos fieis da paróquia dos Migrantes, a missa afro vem aos poucos conquistando a simpatia de católicos<sup>224</sup>. No início provocou muitas críticas da comunidade, especialmente por desenvolver ritos parecidos aos das religiões afro-brasileiras, marcadas por inúmeros preconceitos no país. Assim, percebe-se que, se o objetivo é refletir sobre o problema do racismo e preconceito que recaem sobre o negro, parcialmente isso tem sido alcançado, por meio da realização dessas missas. O número de presentes nessa missa indica sua crescente aceitação na paróquia.

#### **4.4. A celebração Zumbi dos Palmares**

Em relação à problematização da questão racial na paróquia dos Migrantes, há outro evento realizado anualmente, geralmente no mês de novembro, por ocasião da data da consciência negra: a celebração<sup>225</sup> Zumbi dos Palmares<sup>226</sup>. Organizada inicialmente em forma de missa no final da década de 1980 pelo padre Dirceu, ela é realizada atualmente em uma quadra de esportes no bairro Jardim Maracanã, poucas quadras da capela Santa Helena, na área pastoral vinculada à paróquia dos Migrantes, liderada pelo próprio padre Dirceu.

Essa celebração está entrelaçada com a própria biografia do padre Dirceu, conforme o próprio sacerdote reconhece: “Em 1988 a Campanha da Fraternidade foi a

---

<sup>224</sup> Isso é constatado no início da homilia do padre Cristiano: “A missa afro na Nossa Senhora dos Migrantes já virou uma *tradição*, isso é bom porque eleva nossa autoestima, valoriza nossa etnia, a nossa cultura, a nossa cor, o nosso jeito de ser”. Grifos nossos. Gravação 15112015 – folha 1.

<sup>225</sup> A *celebração* difere-se da *missa* por não haver o momento da Eucaristia. Os demais elementos, no entanto, não há distinção. Ou seja, há a parte dos cânticos, rezas e a homilia. A maneira, no entanto, como esses elementos são desenvolvidos na Celebração Zumbi dos Palmares ganham características dos povos africanos, especialmente as roupas e danças, como veremos adiante.

<sup>226</sup> Zumbi viveu no século XVII, na região do estado de Alagoas. É considerado o maior líder do quilombo dos Palmares na luta dos negros contra a escravidão no Brasil. Foi capturado e morto em 1695, após ser traído por companheiros.

questão dos negros. Eu me ordenei em 88. Minha primeira Campanha da Fraternidade foi sobre os negros”<sup>227</sup>.

Ana Lúcia Valente (1994) destaca alguns elementos que contribuíram para a formulação dessa Campanha: o grupo Agente de Pastoral Negros (APN) criado em 1981, teve seu trabalho reconhecido rapidamente. Cinco anos depois, em 1986, em negociação com a CNBB, foi estabelecido o tema da Campanha de 1988: *A fraternidade e o negro*. No entanto, para a cientista social, pesou também o fato de que nesse mesmo ano completaria um século da abolição da escravatura no Brasil. Assim, apenas dois bispos, de quarenta e três, não aprovaram a proposta desse tema.

Não foi apenas o fato da ordenação do padre Dirceu coincidir com a Campanha da Fraternidade de 1988 que o levou à elaboração da celebração Zumbi dos Palmares:

Aqui em Londrina, eu era chegante no Novo Bandeirantes [paróquia dos Migrantes], mas já tinha um movimento popular que se chamava Zumbi dos Palmares. Inclusive chegamos a ter um bar em Londrina que chamou Zumbi dos Palmares<sup>228</sup>. [...] Mas a Campanha espraia, populariza, e meninas e meninos desse movimento, com a minha chegada, também me envolveram<sup>229</sup>.

Assim, antes da chegada do padre Dirceu em Londrina já havia um grupo organizado em torno da questão racial, importante no processo de elaboração de sua atuação no âmbito arquidiocesano em relação às questões raciais. Por já possuir afinidades e experiências religiosas no âmbito da Teologia da Libertação, além da demanda que havia na região, a sua aproximação com leigos que possuíam aproximação com o movimento negro contribuiu para o desenvolvimento de eventos religiosos relacionados ao tema.

Assim, em 1988, ano de sua ordenação, foi realizada a primeira missa de cunho racial em Londrina, em parceria com o movimento negro da época<sup>230</sup>. Em seus primeiros anos de celebração, entre 1988 e 1992, a missa foi realizada na paróquia dos Migrantes,

---

<sup>227</sup> Entrevista 26012016 – folha 9.

<sup>228</sup> O nome era *Bar Zumbi*. Ficava no centro de Londrina e era ponto de encontro plurirracial na década de 1980. O local era frequentado pelo Movimento de Consciência Negra além de integrantes da Pastoral da Juventude, Pastoral Operária, CPT, movimento estudantil, militantes do PT e alguns sindicalistas. Além da questão racial, o debate político em âmbito local, regional e nacional era frequente (ALMEIDA, 2004).

<sup>229</sup> Entrevista 26012016 – folha 9.

<sup>230</sup> “Eu tinha um movimento muito forte de negros aqui no Ana Eliza III e tinha um grupo de liderança negra aqui no Novo Bandeirantes. Fizemos a primeira missa negra do Zumbi dos Palmares, dentro do contexto da Campanha da Fraternidade. Então era a missa do Zumbi dos Palmares” (Entrevista 26012016 – folha 9).

onde o padre Dirceu era pároco nesse período. A proposta em desenvolver uma reflexão sobre o negro parece ter alcançado eficácia já nesses primeiros anos<sup>231</sup>.

Embora tendo iniciado como uma “missa Zumbi dos Palmares”, surgiu um embate na Arquidiocese em relação a esse tipo de celebração, o que levou o padre Dirceu buscar uma alternativa para continuar o projeto: “deixei de fazer missa em 95, por aí, quando começou a ter alguns problemas internos, o bispo começou a questionar a questão da liturgia, daí pra não conflitar, a missa, nós então vamos fazer a celebração Zumbi dos Palmares”<sup>232</sup>, lembrou o padre.

A celebração Zumbi dos Palmares, portanto, teve seu início como uma missa, com liturgia e rito amparados sob o viés do catolicismo oficial, mas, a partir do embate com o bispo da época, passou a ocupar um espaço secundário nos eventos oficiais da Igreja Católica ao deixar o *status* de “missa” e se tornar uma “celebração”, obtendo assim maior autonomia em seus objetivos: “aí a gente trocou de lá pra cá essa celebração mais aberta, mais eclética”<sup>233</sup>.

Dessa forma, a decisão do padre Dirceu em realizar a celebração Zumbi dos Palmares no lugar da missa, contribuiu para que houvesse maior aproximação com lideranças de religiões afro-brasileiras, fazendo também que a reflexão sobre o negro ganhasse dimensões para além do catolicismo oficial.

A participação de pessoas do candomblé, por exemplo, passou a fazer parte dessas celebrações: “já tivemos maior presença dos terreiros, né, hoje nós temos menos presença, mas eu acho que essa menor presença do pessoal da linha do candomblé não quer dizer que as nossas celebrações são menos ecléticas, né?”. Continua o padre Dirceu: “acho que elas são mais culturais, mais políticas do que católicas propriamente dito”<sup>234</sup>.

O rompimento com esse evento no formato de missa possui, assim, a intenção de desenvolver uma prática religiosa autônoma em relação à hierarquia católica, e também ecumênica, ao ceder espaço para manifestações religiosas de outros segmentos, especialmente de matriz afro-brasileira, já que o tema central está associado à memória de Zumbi dos Palmares e ao negro no contexto brasileiro.

---

<sup>231</sup> “Isso potencializou muito aqui esse conceito do debate da discriminação racial e de uma outra forma, a valorização dos negros. Ana Eliza, por exemplo, acho que foi o auge, tinha muitas meninas lá, naquele período já começaram a perceber a beleza da negritude então elas incorporaram essa situação, né, esse desafio” (Entrevista 26012016 – folha 9).

<sup>232</sup> Entrevista 26012016 – folha 10.

<sup>233</sup> Entrevista 26012016 – folha 10.

<sup>234</sup> Entrevista 26012016 – folha 10.

Embora a missa afro e a celebração Zumbi dos Palmares se estabeleçam no viés da Teologia da Libertação, há uma distinção entre ambas, na concepção do padre Dirceu:

a missa da pastoral afro está dentro de um estratégia da pastoral, um entendimento litúrgico, o nosso nós não temos preocupação inclusive liturgicamente propriamente dito, né? É claro que ela tem um rito litúrgico, sempre tem a palavra, essa reflexão mais de uma fonte de uma espiritualidade cristã, mas ela não tem essa pretensão de, por assim dizer, pastoral<sup>235</sup>.

Ao observar a celebração Zumbi dos Palmares, nos permite compreender como o viés político é desenvolvido nesse ritual. O desenvolvimento do trabalho etnográfico é útil nessa tentativa de identificar a relação entre religião e política nesse evento católico, cujos atores se identificam com alguns aspectos da Teologia da Libertação.

De forma geral, a celebração Zumbi dos Palmares possui em sua organização algumas semelhanças com a missa afro na paróquia dos Migrantes. A utilização de roupas, músicas e danças em estilo afro é um exemplo. Em duas celebrações das quais realizei a pesquisa de campo, em 2014 e 2015, encontrei fieis que também participam da missa afro na igreja matriz. Ou seja, participar de eventos que abordam a questão do negro se torna mais importante que a maneira como isso ocorre. Não foi possível perceber nenhum fiel que participasse apenas de um dos eventos em detrimento do outro.

O tema do qual discorre esses dois eventos parece atrair a atenção desses católicos que não fazem do lugar o elemento central de sua devoção. Seja na igreja matriz, seja na quadra de esportes de um bairro periférico, o interesse pela reflexão sobre o tema da raça e seus diversos desdobramentos no Brasil, ganham a centralidade desses atores religiosos, que buscam desenvolver no campo religioso católico um espaço legítimo de reflexão e de enfrentamento, ainda que se limite ao viés da religião apenas.

Embora o lugar receba uma posição secundária por parte dos fieis que participam desses eventos, a realização da celebração Zumbi dos Palmares no Jardim Maracanã, região marcada pelo problema da falta de habitação em Londrina. Área de propriedade particular, a partir de 1997 iniciou um processo de ocupação por cerca de cem famílias que viviam em um fundo de vale do Conjunto João Turquino, bairro vizinho. A motivação desse deslocamento não estava somente na possibilidade de obter um lote e,

---

<sup>235</sup> Entrevista 26012016 – folha 10.

futuramente a sua regularização pela prefeitura. Havia também alguns casos de famílias entrarem para a ocupação para fugir de problemas relacionados ao tráfico de drogas onde viviam (DORES, 2005).

Com a intensificação das ocupações dessa área, os proprietários a negociaram com a COHAB no final de 2000, iniciando o processo de regularização dos terrenos. Atualmente com infraestrutura melhor, ruas pavimentadas, transporte coletivo, saneamento básico, energia elétrica, escola pública, creche e um posto de saúde, além de pequenos comércios na Av. Maratona, principal avenida do bairro, a região possui hoje condições bem diferentes das vivenciadas no início de sua ocupação<sup>236</sup>. No entanto, o bairro é alvo de estigmas na atualidade<sup>237</sup>.

Erving Goffman, um dos principais cientistas sociais a desenvolver o conceito de estigma, descreve suas características: “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1980, p. 14). Os estigmas podem ser distinguidos de três maneiras, segundo o autor: pelo caráter físico, individual ou tribal, nesse último, envolvendo raça, nação ou religião. No caso do Jardim Maracanã o estigma ocorre a partir do processo de formação do bairro por ocupação de trabalhadores, enquanto outros bairros vizinhos foram construídos a partir de políticas públicas de habitação, portanto, sob a tutela do Estado.

Ao estabelecer quem são os normais, cujas ações correspondem às nossas expectativas, e os estigmatizados, que se encontram em situação oposta, resultará em diversas discriminações, afirma Goffman (1980).

A formação do Jardim Maracanã, portanto, ocorreu por meio de um processo de ocupação que resultou em algumas relações conflituosas por parte de moradores dos bairros vizinhos que foram constituídos de acordo com projetos habitacionais da prefeitura, que é o caso do bairro Avelino Vieira<sup>238</sup>.

---

<sup>236</sup> Na dissertação de Júlia Luciana Pereira das Dores (2005) é possível perceber por meio de diversas fotos as condições precárias de vida dos primeiros moradores do Jd. Maracanã nos primeiros anos.

<sup>237</sup> Na parte da homilia durante uma missa na capela Santa Helena, no Jd. Maracanã, o padre Dirceu reconheceu o estigma que o bairro recebe na cidade: “Qual é a imagem que o nosso bairro [Jd. Maracanã] tem dos outros? Que imagem o povo faz do nosso bairro? É a imagem de um bairro figurado, desfigurado ou transfigurado? Desfigurado, não é verdade? O povo fala que lá no Maracanã tem muita violência, e eles desfiguram a nossa imagem, não é isso? Na realidade é assim?” (Gravação 01032015).

<sup>238</sup> “O Avelino [Vieira] era um bairro isolado, mas ele tinha minimamente um *status* de bairro de trabalhadores vinculados à Londrina, era um conjunto habitacional. Com as ocupações aqui que

O processo histórico marcado por rivalidades na formação desses bairros que hoje fazem parte da área pastoral resultou em algumas dificuldades para o padre Dirceu integra-los na formação atual onde exerce seu trabalho. Como forma de tentar reverter esse quadro de rivalidades, o padre Dirceu tem utilizado o termo “rede de comunidades”, em que não faz distinção entre matriz e capela: “a concepção de rede é no sentido de não reproduzir a concepção paroquial, onde tem uma sede, onde tem a sede e as capelas, então aqui não tem sede e capelas, só comunidades, todas”<sup>239</sup>.

O padre Altair também confirma o mesmo propósito: “está fazendo um trabalho como estamos fazendo aqui na matriz, no entorno ele está fazendo lá também de formação de comunidades”. Continuou o pároco:

A camiseta das Missões Populares que nós acabamos de confeccionar já não traz o nome paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, mas Comunidade Nossa Senhora dos Migrantes, não por acaso, porque nós queremos aos poucos tirando o termo paróquia para a comunidade se sentir que é comunidade de comunidades. Não existe uma comunidade maior ou melhor que a outra. É um conjunto, é uma rede de fato, onde todos têm o mesmo valor e a mesma importância<sup>240</sup>.

As estruturas das capelas e o trabalho pastoral também são pensados no sentido de trazer unidade aos fieis, moradores desses bairros: “pelo menos nas urbanas, as quatro maiores, as mesmas estruturas... todas elas têm Conselho, praticamente o efetivo de celebrações é a mesma em todas elas, né, eu não celebro prioritariamente aqui, e lá porque é maior, não, é por igualdade. Por isso que a gente chama de rede, não existe um centro”<sup>241</sup>. Embora o seu escritório fique na capela Santa Helena, no Conjunto Maracanã, por residir há duas quadras, há o esforço em fazer reuniões de pastorais, festas e eventos nas outras capelas que também compõem a rede de comunidades Madre Leônia.

Além disso, a população em geral é de cor preta ou parda. Assim, o número de negros na celebração Zumbi dos Palmares no Jardim Maracanã se demonstra mais representativo do que os participantes da missa afro na igreja matriz da paróquia, no Jardim Novo Bandeirantes. Em um país onde ser negro possui implicações

---

ocorreram, isso aqui passou a ser em território de conflito e aí o Avelino entrou dentro desse território de conflito. Então o Avelino foi rebaixado enquanto conceito de bairro, como bairro perigoso” (Entrevista 26012016 – folha 7).

<sup>239</sup> Entrevista 26012016 – folha 7.

<sup>240</sup> Entrevista 27052015 – folha 3.

<sup>241</sup> Entrevista 26012016 – folha 7.

econômicas<sup>242</sup>, essa celebração consegue, portanto, atrair uma parcela de pessoas menos favorecidas economicamente e que enfrentam, no cotidiano, as mais diversas dificuldades, ora por ser de cor preta ou parda, ora por ser pobres e, portanto, impossibilitadas de usufruir inclusive de elementos básicos para subsistência, como acesso à saúde, educação, habitação, alimentação adequada etc.

Ao realizar a celebração Zumbi dos Palmares na quadra poliesportiva do Jardim Maracanã, a presença de negros é maior além de que boa parte dos fiéis parecem pertencer às capelas da área pastoral, das quais o padre Dirceu supervisiona. Nesse contexto, portanto, essa celebração demonstra possuir um caráter relevante em relação ao cotidiano que essas pessoas enfrentam. Embora nas missas semanais haja tentativas em problematizar a situação de exclusão que esses fiéis vivenciam, a celebração Zumbi dos Palmares recebe um caráter diferenciado, não rotineiro, embora realizada anualmente, que extrapola o contexto das missas semanais.

O espaço onde ocorre a celebração, a quadra poliesportiva, enfeitada e ornamentada para esse ritual, já possui alguns significados. Por se realizar em um espaço público, também utilizado para tantas outras atividades no cotidiano dessa comunidade, nessa ocasião transforma-se em um espaço religioso, mas, nem por isso, menos acessível aos moradores do bairro. O profano é, portanto, interpelado pelo sagrado, sem, contudo, instaurar alguma forma de dicotomia. Assim, percebe-se a atração desse evento na comunidade. Antes mesmo do início, já havia um número significativo de pessoas, ocupando as cadeiras que foram colocadas seguindo as linhas laterais da quadra, dos dois lados, ficando o centro para o uso das lideranças responsáveis pelo ritual. Na falta de cadeiras improvisadas na quadra, alguns procuravam outros lugares para assentar, até mesmo no chão ou no gramado, de onde era possível presenciar o evento.

Se alguns procuravam estar ali para participar desse momento singular na esfera do catolicismo, para outros, era oportunidade de participar de algo diferente no bairro, uma forma de aproveitar o tempo ocioso daquele sábado, ou até mesmo por simples curiosidade. Nesse caso, era comum perceber durante o andamento da celebração

---

<sup>242</sup> De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, publicada em janeiro de 2016, trabalhadores pretos/pardos ganhavam em 2015 cerca de 59,2% do rendimento dos trabalhadores brancos. A reportagem pode ser lida na íntegra: *O fosso entre brancos e negros no mercado de trabalho*. [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br). Acesso em: 05 dez. 2016.

algumas conversas e sorrisos entre pessoas conhecidas, sem muito se atentarem ao que estava ocorrendo.

Havia também a presença de pessoas de outras paróquias, até mesmo de cidades próximas à Londrina, que se identificam com a Teologia da Libertação e que, portanto, estar naquele evento reforçava esses vínculos, além de expressar uma maneira específica de vivenciar essa forma do catolicismo. Afinal, era um momento para reencontrar pessoas que compartilhavam do mesmo viés religioso e que, no cotidiano, não é possível se encontrar com frequência, pois, em alguns casos, estão vinculados a paróquias distintas. Esse era o caso de um fiel católico de Apucarana, cidade distante 60 quilômetros de Londrina, que, além de participar do evento, podia rever amigos, entre leigos e membros do clero, do qual convivia em época que residia em Londrina. Participar desse evento, assim, era também fortalecer os vínculos de amizade com pessoas que compartilham do mesmo viés da Teologia da Libertação.

A realização dessa celebração ocorre anualmente no final do mês de novembro, data significativa para o movimento negro: dia de reflexão sobre a vida de Zumbi dos Palmares e que resultou na oficialização dessa data com a instituição do dia da consciência negra no Brasil<sup>243</sup>. Assim, além do nome Zumbi dos Palmares, a celebração é realizada próxima à data de sua morte, fazendo dele o personagem principal do evento, demonstrando com isso a continuação da busca dos mesmos objetivos: a libertação do negro.

A parte litúrgica possui elementos semelhantes aos utilizados na missa afro, na igreja matriz, sendo a música um exemplo. Muitas músicas tocadas na celebração são também utilizadas na missa afro. A própria equipe de músicos era composta por pessoas que atuaram nos dois eventos. Nisso não se via qualquer forma de distinção entre ambos, cujo objetivo central era o desenvolvimento de uma prática religiosa a partir da reflexão sobre a questão racial. Além do mais, os ritmos, danças e toda forma de expressão corporal parecia se libertar de um aprisionamento decorrente do modelo religioso implantado pelo catolicismo no decorrer do processo de colonização europeu.

O fato de não ocorrer em espaço específico da Igreja, nem nos moldes de uma missa tradicional, a liberdade dos fieis nesse evento se demonstrou maior do que o

---

<sup>243</sup> O Dia Nacional da Consciência Negra é resultado do projeto de lei nº 10.639/2003, tendo o dia 20 de novembro escolhido como data comemorativa, em homenagem a morte de Zumbi dos Palmares no ano de 1695, em luta contra a escravidão no período do Brasil colônia. Em 2011 foi sancionado pela presidente Dilma Rousseff (PT) sob a lei 12.519/2011.

percebido na missa afro, na igreja matriz. Embora realizado próxima ao dia da consciência negra, a celebração Zumbi dos Palmares ultrapassa a questão propriamente da conscientização do fiel em relação ao negro no Brasil. Mais que isso, tornou-se um espaço de vivência de uma religiosidade identificada com as origens africanas. A participação em cada momento da celebração, composto por danças, encenações e ritmos musicais, era uma maneira de experimentar a fé católica a partir de elementos afros.

A exemplo da romaria da terra, a escolha dos santos por esses católicos é destacada. Já no início da celebração, um *banner* com a imagem de Zumbi dos Palmares foi hasteado em um local próximo ao centro onde o evento foi realizado. Ao contrário dos santos reverenciados no catolicismo, por meio de imagens colocadas em lugares importantes do templo, além de serem em sua maioria de cor branca, os fieis escolheram Zumbi dos Palmares como santo principal dessa celebração: homem negro e distante de ocupar qualquer altar na Igreja oficial.

Por não ser um santo tradicional da Igreja Católica, sem reconhecimento do Vaticano, evidenciar a figura de Zumbi dos Palmares demonstra assim uma maneira de inserir nessa devoção popular elementos excluídos do cotidiano católico. Demonstra também a reivindicação da participação dos leigos no processo de escolha de seus próprios santos. Ou seja, os santos podem ser escolhidos pelos fieis, ao contrário de apenas a Santa Sé possuir tal legitimidade. Esses atores religiosos, portanto, assumem a ideia de agência pensada por Sherry Ortner (2011) quando demonstram que não lhes cabe apenas reverenciar a entidade sagrada determinada pela hierarquia da igreja oficial, mas também participar dos processos de escolha. A condução desses agentes na celebração Zumbi dos Palmares revela a negação em submeter-se ao *hall* de santos respaldados pela hierarquia católica, inserindo, em contrapartida, um novo elemento a ser reverenciado, sob um viés político a partir de demandas sociais vividos ou combatidos por esses atores<sup>244</sup>.

A escolha de Zumbi dos Palmares pelos fieis como elemento central nesse evento, revela a inserção desses agentes em um viés de reflexão política, amparado por um

---

<sup>244</sup> Na celebração Zumbi dos Palmares nem todos são negros. Há também a presença de fieis brancos que atuam na luta contra o racismo e discriminação. É o caso do padre Dirceu, branco, descendente de italianos, mas que há décadas vêm realizando essa celebração. Outros católicos brancos também vêm trabalhando na organização desse evento em parceria com o padre Dirceu. Nesse caso, mesmo não sendo alvo de discriminações, participam de ações que possibilitem a superação desses problemas sociais.

sistema religioso. A utilização desse personagem histórico nas lutas raciais no Brasil demonstra a ideia de continuidade desse mesmo engajamento pelos fiéis. Assim, religião e política não são vistas como excludentes, mas complementares.

Em outro *banner*, um pouco menor, havia a imagem de Dandara, esposa de Zumbi dos Palmares<sup>245</sup>. Embora com menor reconhecimento que o marido, não deixou de ser homenageada na celebração. Assim, além da questão racial, também foi abordado no mesmo evento a questão de gênero, ainda que de maneira menos enfática. A lembrança de Dandara, mulher e negra, dois segmentos expressivos da desigualdade no Brasil<sup>246</sup>, expressou a importância da mulher nas lutas sociais, rompendo com a ideia de seu lugar no âmbito doméstico e, portanto, secundário na sociedade, conforme apontam Carol Drogus (1990) e Marjo de Theije (2002).

Outra mulher negra reverenciada no evento foi Ya Mukumbi<sup>247</sup>, importante líder religiosa do candomblé em Londrina. Sua foto exposta em outro *banner*, próximo ao de Dandara, simbolizava sua luta junto ao movimento negro local. O reconhecimento de Dandara e Ya Mukumbi na celebração demonstrava, portanto, que o embate político sobre a questão racial não se restringia a um tempo passado: deveria continuar enquanto houvesse a permanência do racismo e discriminação.

O fato de Ya Mukumbi ser do candomblé estabelece outro elemento importante nesse rito: o de pensar a relação entre religião e política para além de um segmento específica, nesse caso, o catolicismo. Ou seja, como pensar a questão racial em detrimento de religiões como o candomblé, diretamente vinculada à matriz afro? Nesse sentido, a celebração Zumbi dos Palmares aborda a questão racial por meio de elementos não encontrados na missa afro da igreja matriz no Jardim Novo Bandeirantes. Em alguns momentos, Ya Mukumbi recebeu atenção maior até mesmo que Zumbi ou

---

<sup>245</sup> Embora não exista muitos dados sobre a vida de Dandara, sabe-se que foi esposa de Zumbi, com quem teve três filhos. Morreu em 1694 ao suicidar-se para não retornar à condição de escrava. Em seu engajamento na luta contra a escravidão destacou-se juntamente ao lado de outros homens e mulheres na região de Alagoas, no século XVII.

<sup>246</sup> Na publicação de 2011 intitulada Retrato das desigualdades de gênero e raça, O IPEA fez o levantamento de dados importantes para analisar as diferenças envolvendo gênero e raça no Brasil. Por exemplo, em 2009, o relatório aponta que em média os negros possuíam salários de 55% em relação aos recebidos pelos brancos. Inserindo o critério de gênero, a mulher negra recebia em média 30,5% dos rendimentos dos homens brancos. Ser mulher e negra no Brasil, portanto, implica a inserção desse grupo em um processo de desigualdades significativa. Para conhecer o relatório na íntegra, ver: Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.]. 4 ed. Brasília: Ipea, 2011. [www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf](http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf). Acesso em: 23 out. 2016. Kia Lilly Caldwell (2000), nessa mesma direção, afirma que a opressão feminina não pode ser pensada de forma essencializada, partindo de um pressuposto hipotético de uma identidade feminina homogênea.

<sup>247</sup> Ver tópico 4.2: “O negro em Londrina”.

Dandara: “Nossa grande matriarca e lutadora de Londrina e região!”, rezou uma agente de pastoral. Se Zumbi dos Palmares estava distante histórica e geograficamente do contexto londrinense, dona Vilma podia assumir esse lugar, sem nenhuma objeção por parte dos fieis. Ou seja, o engajamento social de Ya Mukumbi era uma forma de continuação da luta de Zumbi dos Palmares, localizada no nordeste brasileiro do século XVII. Dessa forma, a maneira como essa líder do candomblé desenvolveu sua trajetória de vida em defesa da população negra, o mesmo engajamento também poderia ser assumido pelos presentes no evento, independente da opção religiosa de cada um.

Nesse ritual, a experiência do fiel não ocorreu a partir de expectativas individuais. Ao contrário, a maneira dos fieis expressarem sua crença religiosa era subsidiada pela reflexão sobre a questão racial que é, portanto, um problema social no país: “Zumbi, nos anima, nos encoraja a continuar a luta”, foi pedido em forma de prece. A intercessão feita a Zumbi, portanto, expressa o desejo de continuidade da luta do negro na atualidade. A identificação a esse personagem histórico e significativo para o movimento negro dispensou em boa parte da celebração qualquer outro santo do catolicismo oficial. Assim, Zumbi dos Palmares, Dandara e Ya Mukumbi ganharam centralidade nesse ritual.

A homilia também merece destaque. Enquanto a missa afro na paróquia dos Migrantes segue os textos prescritos pela CNBB da liturgia diária, na celebração Zumbi dos Palmares isso não ocorre. Não há as leituras tradicionais do Novo Testamento, dos Salmos e depois dos Evangelhos. O padre Dirceu, no momento da homilia, discorreu sobre um texto dos Evangelhos, provavelmente escolhido por ele próprio. Assim, a escolha do texto nessa celebração, desvinculado dos estabelecidos pela igreja oficial, permite abordar assuntos específicos, que de outra maneira seria mais difícil. Já na missa afro, na matriz, os textos lidos seguem o cronograma da CNBB, cabendo ao padre buscar associar a leitura com a reflexão sobre o negro. Nesse caso, percebe-se certo limite do preletor na abordagem da questão racial.

Nesse aspecto, duas questões são percebidas na celebração Zumbi dos Palmares: a) autonomia na realização do evento, inclusive na homilia, uma das partes mais importantes do catolicismo. Assim, possuir liberdade de escolha do texto no momento da homilia demonstra certa independência desses atores sociais em relação à Igreja Católica; b) ao utilizar a Bíblia, livro sagrado do cristianismo, o rito se torna vinculado à tradição cristã, mesmo buscando desenvolver um caráter ecumênico no sentido de

receber pessoas de outras religiões, bem como a escolha de santos não cristãos, como Ya Mukumbi.

Assim, o rompimento com a hierarquia católica ao realizar a celebração Zumbi dos Palmares é feito parcialmente. Mesmo em uma proporção maior do que o percebido na missa afro, há elementos estruturais do catolicismo que orientam as ações dos atores presentes nesse ritual.

Na homilia há espaço para abordar temas evitados na missa afro. Foi o caso da política partidária, algo que vem ganhando forte polarização nos últimos anos, especialmente com o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. A massificação do assunto pela mídia, com apoio de parte do judiciário, de grupos dirigentes<sup>248</sup> e de alguns partidos da oposição<sup>249</sup>, contribuiu para o seu desgaste e de seu partido, o PT, especialmente em relação à corrupção, motivo pelo qual levou milhares de manifestantes às ruas de várias cidades brasileiras. Tal investida alcançou não somente a classe média, mas os próprios trabalhadores pertencentes aos estratos menos favorecidos economicamente.

Assim, em um momento de sua homilia, o padre Dirceu questionou a quem interessava o afastamento da presidente Dilma. O próprio sacerdote respondeu afirmando que isso não era interessante para a classe trabalhadora. Fez questão de ressaltar também alguns direitos conquistados nos últimos anos, recomendando manter a resistência para que esses avanços não se perdessem. “Não podemos aceitar que nos empurrem para trás”, discursou o padre durante sua homilia. Usando uma linguagem popular, a homilia durou cerca de quinze minutos, abordando temas contemporâneos, nem sempre relacionados à questão racial.

Assim, a maior parte do tempo foi destinada às músicas, encenações e diversas falas dos agentes de pastoral, demonstrando a participação efetiva do leigo no evento. Embora o padre Dirceu sempre estivesse por perto ajudando e orientando os dirigentes, coube aos fieis a participação em praticamente todos os momentos do ritual. Isso explica o pouco tempo gasto na homilia para que outros momentos também pudessem ser

---

<sup>248</sup> A FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) atuou de forma significativa nesse processo, conseguindo agrupar em frente à sua sede na avenida Paulista milhares de pessoas a favor da saída da presidente Dilma Rousseff. Esses manifestantes levantaram acampamento com várias barracas na principal avenida de São Paulo, onde passaram vários dias.

<sup>249</sup> Especialmente DEM e PSDB, sendo este último partido derrotado no 2º turno das eleições presidenciais de 2014. Com a instauração do golpe, esses partidos tornaram-se situação, fazendo parte da base aliada de Michel Temer (PMDB-SP).

contemplados. Dessa maneira, o clero não era visto como o detentor do saber a ser transmitido aos fieis. Estes últimos, ao assumirem parte considerável do ritual, também demonstravam capacidade de dividir as responsabilidades com o padre.

Na celebração Zumbi dos Palmares revela um pouco do que se viu na romaria da terra, onde o padre Dirceu também é um dos organizadores. No lugar de longas falas e homilias, cansativas muitas vezes para o grande público, destina-se parte significativa do tempo para as encenações. Esses momentos, interpretados por agentes de pastorais ou mesmo por leigos sem tal vinculação pastoral, são um dos principais elementos de comunicação ou transmissão da mensagem, não ficando apenas com membros do clero essa tarefa.

Em uma das celebrações no Jd. Maracanã onde realizei pesquisa de campo, fui convidado a participar de uma dessas encenações, de última hora. Fiz o papel de um “senhor”, que portava junto à corrente de ferro, uma “escrava”. Juntamente com outros “senhores”, cada qual com seus “escravos”, desfilamos em volta do público presente, apresentando nossas “mercadorias”. Não foi necessário sermão para demonstrar a degradação humana presente no sistema escravista no Brasil.

Na paróquia dos Migrantes, portanto, a questão racial, como forma de desenvolvimento de uma religiosidade a partir da Teologia da Libertação, recebe formulações distintas. A missa afro na matriz, presidida pelo padre Altair, se concentra no mesmo espaço das missas oficiais, enquanto a celebração Zumbi dos Palmares, organizada pelo padre Dirceu, ocorre em uma quadra de esportes. Na pesquisa de campo realizada nesses dois rituais católicos, não percebi a presença do padre Altair na celebração do Jd. Maracanã, enquanto o padre Dirceu esteve presente uma das três vezes que acompanhei a missa afro na igreja matriz do Cj. Novo Bandeirantes.

Assim, dois padres alinhados à Teologia da Libertação e que trabalham na mesma paróquia, desenvolvem práticas distintas em relação à questão racial. Isso expressa a própria forma como a interpretação sobre essa corrente católica é aderida no cotidiano, em que temas afins recebem formas diferenciadas de enfrentamento. Já para os fieis leigos, parece não haver diferenças significativa entre ambos rituais. Celebrar sua fé a partir do elemento racial torna-se o mais importante. Sendo assim, participar desses dois rituais é motivo de bastante entusiasmo, mesmo porque, no âmbito dessa paróquia, não há outra ocasião em que a prática religiosa ganha contornos tão diferentes das demais missas que participam no cotidiano.

Os leigos também possuem importante participação no encerramento desses dois rituais. Embora não pareça ser um elemento que seja priorizado pelo clero, os fieis celebram com muita euforia a entrada de negra Mariama, ao som da música em ritmo afro:

Negra Mariama  
Negra Mariama, chama.

Negra Mariama chama para enfeitar  
O andor porta estandarte para ostentar  
A imagem Aparecida em nossa escravidão  
Com o rosto dos pequenos, cor de quem é irmão.

Negra Mariama  
Negra Mariama, chama.

Negra Mariama chama pra cantar  
Que Deus uniu os fracos pra se libertar  
E derrubou dos tronos os latifundiários  
Que escravizavam pra se regalar.

Negra Mariama  
Negra Mariama, chama.

Negra Mariama chama pra dançar  
Saravá esperança até o sol raiar  
No samba está presente o sangue derramado  
O grito e o silêncio dos martirizados

Negra Mariama  
Negra Mariama, chama.

Negra Mariama chama pra lutar  
Em nossos movimentos sem desanimar  
Levanta a cabeça dos espoliados  
Nossa companheira chama pra avançar

Negra Mariama  
Negra Mariama, chama<sup>250</sup>.

Como representação de Maria, importante divindade do catolicismo, a entrada da imagem de negra Mariama, rodeada por fieis cantando e dançando a música descrita acima, torna esse um dos momentos mais importantes da celebração. Junto a isso, demonstrou-se uma forma de retomar o aspecto católico desse evento. Se Zumbi dos

---

<sup>250</sup> Banda PJ e Raiz.

Palmares e Ya Mukumbi são referências para a luta racial sem o mesmo vínculo religioso, negra Mariama possui o mesmo significado, porém, no âmbito do catolicismo.

A reverência à Virgem Maria é, portanto, reelaborada por esses setores da Teologia da Libertação por meio de negra Mariama. Dessa forma, a “mãe de Deus” pode ser inserida juntamente com outras personagens que, embora externos à religião católica, também assumem a causa dos negros. Assim, a Igreja é envolvida nos processos de reflexão sobre o negro na sociedade brasileira.

Há, no entanto, alguns dilemas na celebração Zumbi dos Palmares ao promover a inculturação referente a aspectos das religiões de matrizes afro-brasileiras. Em uma celebração que participei no Jardim Maracanã, durante as músicas e danças, um homem de meia idade, pardo, demonstrou entrar em transe. Acompanhava os demais participantes que também dançavam e cantavam. Carregava uma bacia de barro, onde se queimava algum material, indicando alguma forma de oferenda. Destacou-se em relação aos demais, por sua expressão corporal, forma de dançar e viver aquele momento. Participou da dança em roda, onde o espaço da celebração era circundado várias vezes. De longe podia vê-lo, pois se diferenciava entre os demais participantes naquela noite de sábado.

Raymundo Maués (2003) distingue êxtase, transe e possessão ao estudar as técnicas corporais na Renovação Carismática em Belém – PA. Embora o autor perceba diferenças entre os três conceitos, afirma haver três significados relacionados entre eles, a saber: 1) sentido ligado a algum tipo de estado emocional; 2) alteração de estado relacionado a doenças psíquicas e 3) estado místico ou não, resultante de alguma influência exterior sobre o corpo do indivíduo. Assim, o fiel carismático ao buscar seu principal objetivo que é “a aproximação com o numinoso”, tem no êxtase o caminho necessário para essa experiência religiosa.

No âmbito do catolicismo, a possessão ou êxtase, pode ser vista como algo desejado, como a glossolalia na RCC. No entanto, pode aparecer também como algo a ser combatido, como a possessão por espírito. Essas “referências ao demônio ou a outros espíritos indicam que tal pessoa é um perigo para a sociedade” (MAUÉS, 2003, p. 19). O êxtase, dessa maneira, pode ser percebido como algo relacionado ao bem ou ao mal, segundo o antropólogo.

Lorenzo Macagno (2007) também analisa o transe, mas, diferentemente de Raymundo Maués, fez sua pesquisa em uma confraria de muçulmanos denominada

*Rifaiyya*, em Moçambique, na África. Segundo o antropólogo, esse grupo é formado por homens menos favorecidos em termos materiais, além de ocupar uma posição subalterna em relação à liderança religiosa. Assim, para muitos muçulmanos em posição hierárquica superior consideram que os participantes dessa confraria não possuem nenhuma ligação com o Islã, associando o seu ritual meramente a um tipo de folclore ou mesmo uma forma de diversão, sem relacionar-se a Maomé.

Ao estudar o transe e a possessão, o antropólogo constatou que, especialmente em culturas africanas onde há a existência do monoteísmo de cunho universalista, como o Cristianismo e o Islã, “tende a funcionar como sistemas relativamente autônomos e inseridos, preferencialmente, no seio de grupos dominados ou marginalizados em relação às hierarquias clericais” (MACAGNO, 2007, p. 104, 105).

Ao recorrer à obra de Ioan Lewis, *Êxtase religioso*, Macagno (2007) ressalta que o predomínio de mulheres e grupos discriminados em rituais de possessão constitui uma saída “simbólico-religiosa” para esses grupos socialmente excluídos. Assim, “os rituais seriam uma forma enviesada de inibir as pressões e os abusos sociais” (MACAGNO, 2007, p. 105).

Retomo a análise da celebração Zumbi dos Palmares. Em conversa informal, o padre Dirceu confirmou a ocorrência de transe naquela noite. Isso se coloca como elemento novo em relação à missa afro na paróquia dos Migrantes, onde os ritos do catolicismo ganham maior evidência. Para o padre, não há espaço para a ocorrência do transe na igreja matriz.

Embora sem receber muita atenção por parte dos demais presentes, o transe daquele homem demonstra uma maneira de grupos excluídos obter autonomia, como demonstra Lorenzo Macagno (2007). O autor, entretanto, não parte de uma análise funcionalista, “baseadas na transposição de uma razão instrumental unívoca do comportamento dos ‘oprimidos’ como se fossem eles os portadores inequívocos de uma resistência cultural consciente ou algo parecido” (MACAGNO, 2007, p. 106). Mesmo assim, destaca o fato dos participantes dessa confraria pertencerem aos grupos mais vulneráveis e miseráveis da Ilha de Moçambique. Sem mostrar preocupação com o processo de transe, quando interpelados, explicavam que “‘o fazem’, simplesmente, porque os antepassados também ‘o faziam’” (MACAGNO, 2007, p. 106).

Assim, em um momento da celebração Zumbi dos Palmares, no transe vivenciado por um participante, mesmo sem se dar conta plenamente de sua ação, houve a inserção

naquele ritual católico de um elemento religioso de matriz afro que, assim como o negro, é alvo de discriminação no Brasil. Embora um rito que remete à tradição africana, objeto da celebração, recebeu menos atenção em relação aos demais atos desenvolvidos naquela noite. O padre Dirceu questionado sobre o transe, declarou: “quando isso acontece, a gente deixa pra lá”.

Diante de um evento cuja finalidade era refletir sobre o preconceito contra os negros, cujo processo de exclusão remonta o início da escravidão no Brasil, o transe configurou-se como um espaço de enfrentamento da questão de forma mais autônoma do que nos demais momentos desenvolvidos naquele evento católico. Embora sem receber muita atenção pelos presentes, o homem não foi recriminado ou retirado do local da celebração.

Nesses dois rituais estudados em que há o esforço de inserir no interior do catolicismo a problemática do negro no Brasil, clero e leigos demonstraram por meio dessas práticas, aproximação com as propostas da Teologia da Libertação, cujo elemento central pode ser definido pela “opção preferencial pelos pobres”. Há, no entanto, a superação do viés econômico, clássico dessa vertente católica, abrindo espaço para outros enfoques, como o racial.

A valorização de uma “liturgia inculturada”, como destaca Andrea Damacena Martins, contribuiu para uma revisão e “alargamento temático” dessa proposta religiosa: “vai-se além dos elementos socioeconômicos e estruturais, e coloca-se maior espaço para diversidade cultural” (MARTINS, 2004, p. 219). Também de acordo com a autora, em seu estudo sobre alguns grupos de CEBs no Rio de Janeiro, a palavra falada cede espaço para as músicas, cantos e danças.

Após o estudo sobre esses rituais católicos na Arquidiocese de Londrina, passamos a analisar no capítulo seguinte a relação entre religião e política na Câmara Municipal de Londrina, onde a atuação de dois vereadores contribuirá para ampliar a compreensão sobre a esfera política na Teologia da Libertação e na Renovação Carismática Católica.

## 5. PERFORMANCE NA CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA

Neste capítulo a análise é realizada a partir da Câmara Municipal de Londrina e não mais da paróquia dos Migrantes e do grupo carismático Caminhando com Maria, *locus* do desenvolvimento desta pesquisa nos capítulos anteriores. Afinal, a Câmara pode ser percebida como um importante elemento de análise na relação entre religião e política. Embora seja um espaço eminentemente político, também abarca subjetividades dos vereadores eleitos, sendo a religião um desses elementos presentes a uma parcela significativa desses parlamentares. Alguns fazem questão de demonstrar o seu pertencimento religioso. Em uma pesquisa rápida pelo *site* da Câmara<sup>251</sup>, é possível verificar a identidade religiosa de alguns, bem como o papel da religião em sua trajetória de vida.

A denominada “bancada evangélica” talvez seja a expressão mais clara atualmente no Brasil ao tratar do aspecto religião e política no legislativo. Em âmbito federal, no Congresso Nacional em Brasília, sua expressão é a mais significativa, o que tem resultado na produção de diversos trabalhos científicos. As demais esferas do legislativo – estadual e municipal – apesar de diminuir sua expressividade, não perdem, no entanto, as possibilidades de atuação desses parlamentares, ainda que em menor proporção. Muitas vezes, inclusive, discussões travadas em Brasília são reproduzidas nos estados e municípios, tendo a religião como princípio norteador da tomada de decisão no campo político.

Embora o termo “bancada evangélica” seja frequentemente utilizado, inclusive pelos meios de comunicação, oficialmente é denominada de Frente Parlamentar Evangélica (FPE), instaurada em 18 de setembro de 2003, no Congresso Nacional. Tatiane dos Santos Duarte (2012) ressalta a diferença: enquanto bancada representa um agrupamento partidário, a “frente parlamentar” possui um aspecto mais plural, abrangendo políticos de diferentes siglas, mas que possuem as mesmas causas em comum, normalmente associados à temas envolvendo a família e a moral. No trabalho de campo de Tatiane Duarte realizado em 2010, no Congresso Nacional, a pesquisadora percebeu que a maior concentração de deputados evangélicos está na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), especialmente porque é nela que se “aprecia e vota propostas que tratam de conteúdos como família, sexualidade, corpo, pessoa, vida e

---

<sup>251</sup> O endereço eletrônico da Câmara Municipal de Londrina é: [www.cml.pr.gov.br](http://www.cml.pr.gov.br).

morte, nascimento e óbitos. Tais temas são de grande importância para a FPE” (DUARTE, 2012, p. 56).

Assim, a Frente Parlamentar Evangélica, ou “bancada evangélica”, além de abrigar políticos de diversos partidos, dialoga também com deputados de outras religiões cristãs, normalmente católicos. Como exemplo de sua atuação, o Estatuto da Família aprovado em 2015 teve a participação em conjunto de deputados evangélicos e católicos da FPE, demonstrando sua coesão diante de determinados assuntos no Congresso Nacional.

Guardadas as devidas proporções em relação ao Congresso Nacional, busca-se perceber como vereadores desenvolvem suas ações a partir de sua inserção no campo religioso na Câmara Municipal de Londrina. Dos 19 vereadores que compõe o legislativo londrinense, o presente capítulo analisa especialmente dois parlamentares: Douglas Carvalho Pereira (PTB) e Lenir de Assis (PT), sendo o primeiro ligado à Renovação Carismática, e a segunda à Teologia da Libertação. Embora o contexto paroquial não seja o foco neste capítulo, a pertença religiosa desses parlamentares permitirá analisar a relação desses dois setores do catolicismo e a política.

Victor Turner, ao analisar o conflito que envolveu Thomas Becket, arcebispo da Cantuária e Henrique II, rei da Inglaterra, no século XII, culminando com o assassinato de Becket por cavaleiros reais, demonstra como apenas dois atores contém em suas ações e discursos questões que envolvem significados muito mais abrangentes:

O encontro de Northampton não estava preocupado em resolver os problemas de um punhado de aldeias, ou mesmo de toda uma chefia. Nas suas entranhas, fervilhavam as tensões da estrutura europeia em mutação, e a forma e o conteúdo do seu discurso vinham de muitos séculos de debate letrado. *Embora fossem poucos, os atores suas interações lhes permitiam apenas superficialmente uma análise em pequena escala, pois cada homem lá presente representava muitas pessoas, relacionamentos, interesses coletivos e objetivos institucionais.* Figuras representativas desse tipo precisam pesar cuidadosamente suas palavras, ponderar cursos de ação e, às vezes, escolher o silêncio judicioso em detrimento das palavras mais adequadas (TURNER, 2008, p. 65 – grifos meus).

Portanto, estudar os discursos, decisões, posicionamentos, de apenas dois vereadores em Londrina, nos permite perceber questões mais amplas, que envolvem além do campo político, também o religioso. Embora ambos demonstrem-se católicos, a atuação desses parlamentares ajudará a perceber pontos em comum ou mesmo

conflitantes que envolvem esses dois setores do catolicismo analisados neste trabalho. Além dos dois vereadores selecionados neste capítulo, em certas ocasiões a Câmara Municipal também recebeu outros atores sociais ligados à Arquidiocese de Londrina, como padres, agentes de pastorais e até mesmo o bispo emérito, contribuindo, dessa forma, para a análise da relação entre religião e política.

John Dawsey, em sua análise sobre estruturas sociais, sob o viés da antropologia social britânica, percebidas “como conjuntos de relações sociais empiricamente observáveis – estão carregadas de tensões. Em determinados instantes, tensões se afluam. [...] Irrompem substratos mais fundos do universo social e simbólico. As relações sociais iluminam-se a partir de fontes de luz subterrâneas” (DAWSEY, 2005, p. 165).

A abordagem do drama social por Victor Turner permite compreender esses dias na Câmara Municipal de Londrina. Tal conceito faz uso de uma terminologia teatral “para descrever desarmonias ou situações de crise” (TURNER, 1986, p. 74, tradução livre). Richard Schechner ao refletir sobre esse conceito elaborado por Turner, afirma: “Essas situações – argumentos, combates, ritos de passagem – são profundamente dramáticos por participantes não apenas fazem coisas, eles tentam mostrar a outros o que eles estão fazendo” (SCHECHNER apud TURNER, 1986, p. 74, tradução livre). A ação, portanto, está condicionada à expectativa do público.

Victor Turner, ao pensar no drama social como elemento que rompe com o viés estático da estrutura, destaca que “o conflito parece fazer com que os aspectos fundamentais da sociedade, normalmente encobertos pelos costumes e hábitos do trato diário, ganhem uma assustadora proeminência” (TURNER, 2008, p. 31). Continua o antropólogo britânico: “Dramas sociais são, portanto, unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito” (TURNER, 2008, p. 33). Passamos, assim, a apresentar os vereadores selecionados nesta pesquisa.

### **5.1. Douglas Carvalho Pereira – Tio Douglas**

Em sua primeira legislatura, Tio Douglas (PTB) obteve 1.962 votos na eleição de 2012, ficando como primeiro suplente na coligação PTB/DEM/PRB<sup>252</sup>. Por impedimento do titular da vaga, veio a ocupar essa cadeira na Câmara Municipal de Londrina.

---

<sup>252</sup> Câmara Municipal de Londrina. <http://www.cml.pr.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2015.

Tio Douglas é vinculado à paróquia dos Sagrados Corações, localizada em uma região central da cidade, onde foi realizada parte da pesquisa de campo neste estudo. Nela, faz parte do Encontro de Casais com Cristo (ECC) e do grupo de oração Caminhando com Maria, da Renovação Carismática, analisado no capítulo 3. O Caminhando com Maria é o maior grupo de oração da Arquidiocese de Londrina, com frequência média de 1.500 fieis semanalmente. Reúnem-se toda segunda-feira, às 20 horas, com aproximadamente uma hora e meia de duração. O número de fieis é tão expressivo que o templo não suporta a todos, ficando uma parte considerável no saguão que dá acesso ao santuário. Não raras vezes, o próprio saguão também fica repleto de fieis, obrigando aos que por último chegam a ficar nas escadarias que antecedem o saguão. Nesse caso, tanto os que se encontram no saguão ou nas escadarias, podem acompanhar a programação por um telão instalado na parte externa do templo. Mesmo em dias frios, a frequência é a mesma, ainda que seja preciso ficar do lado de fora.

Nesse grupo de oração, há uma participação significativa de católicos oriundos de outras paróquias, tanto os servos quanto os frequentadores. No processo da pesquisa de campo, especialmente nas conversas informais e entrevistas abertas, encontrei com frequência, fieis procedentes de outras paróquias, de bairros distantes, até mesmo de outras cidades vizinhas, que deixam de participar do grupo de oração de suas paróquias locais para estar no Caminhando com Maria. Esse não é o caso do Tio Douglas, cujo vínculo é dessa própria paróquia.

Pertencente à Renovação Carismática e por participar do maior grupo de oração da Arquidiocese, parcela significativa de seus votos pode ter procedência desse grupo de oração carismático, bem como de outros grupos de oração da região de Londrina, conforme o próprio vereador reconhece em entrevista: “... dinheiro mesmo a gente não tinha de campanha. A gente teve um pouco de apoio na ocasião do pessoal da Renovação, que eu tenho que falar, e dos amigos, né, teve muitos amigos que nos ajudaram...”<sup>253</sup>.

Sua entrada para a vida política não está vinculada a um histórico de envolvimento em lutas, movimentos sociais ou ideologias partidárias. O próprio nome usado na campanha, e pelo qual é conhecido, “Tio Douglas”, faz referência à sua atividade profissional relacionada à organização de festas infantis na cidade de

---

<sup>253</sup> Entrevista 17082015 – folha 2.

Londrina. Também é formado em Educação Física pela Unopar<sup>254</sup>. O seu vínculo ao PTB é resultado de questões mais pragmáticas que ideológicas, não possuindo, portanto, relações históricas com o partido<sup>255</sup>.

Esse fato pode ser compreendido a partir da observação da maneira como a RCC tem lidado com a política partidária. Por exemplo, os candidatos eleitos ao legislativo a nível municipal, estadual e federal, na região norte do Paraná, apoiados pela Renovação Carismática, são de partidos diferentes: Tio Douglas, vereador em Londrina (PTB), Evandro Araújo, deputado estadual (PSC) e Diego Garcia, deputado federal (PHS). A afinidade partidária e ideológica, bem como a filiação de carismáticos, portanto, não ocupa lugar proeminente na relação entre RCC e política. O compromisso com o estatuto do ministério Fé e Política e os pressupostos religiosos desse movimento recebem maior evidência<sup>256</sup>.

Em alguns casos surgem situações de embaraço. Na eleição de 2014, havia o candidato a deputado federal Diego Garcia (PHS) da Renovação, e outro buscando sua reeleição, Alex Canziani (PTB), do mesmo partido de Tio Douglas, proporcionando certo conflito ao vereador londrinense: apoiar o candidato da RCC ou o da mesma sigla partidária? A saída para esse tipo de situação seria a RCC criar seu próprio partido político, segundo o petebista. Por hora, “em relação aos partidos políticos, a RCC não opta por um em particular, mas se insere em diversos” (SILVEIRA, 2008, p. 70). Assim, a filiação em partidos cujo viés ideológico é diversificado, não impede que, uma vez eleitos, haja uma atuação conjunta a favor de questões morais, alinhadas à doutrina oficial católica.

---

<sup>254</sup> Universidade Norte do Paraná. Instituição do ramo privado e uma das pioneiras do ensino o à distância. No final de 2011 a compra da Unopar pela Kroton Educacional no valor de R\$ 1,3 bilhão, foi o maior valor pago a uma empresa londrinense até então. Além da Unopar, a Kroton é proprietária de várias outras instituições de ensino superior.

<sup>255</sup> “Eu fui no PT, eu queria ser candidato, em 2011 fui no PT, não me receberam [...]. Fui no PDT, deixei uma carta de punho dizendo que eu queria muito me filiar, fui três vezes no PV, não me deram resposta, aí eu fui no PTB [...]. Então foi o partido em que fui acolhido” (Entrevista 17082015 – folha 2).

<sup>256</sup> “Olha, a Renovação nunca colocou empecilho. Ela sempre acolheu todos... das pessoas que faziam parte de um grupo. Então você participa como servo dentro de um grupo, você tem essa vontade, né, se coloca a disposição, se coloca em oração e... tanto é que pra vereador tinha eu e o Marquinhos, da zona norte, e era do PSC também, era de outro partido, mas eram dois que participavam da Renovação” (Entrevista 17082015 – folha 2).

## 5.2. Lenir de Assis

Em seu segundo mandato consecutivo na Câmara Municipal de Londrina, Lenir de Assis obteve 4.017 votos nas eleições de 2012 e 2.392 votos em 2008. Ligada às Comunidades Eclesiais de Base, onde exerceu assessoria a partir de 1986, a petista tem formação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina, com presença em diversos movimentos sociais, antes mesmo de se tornar vereadora. Pertence à paróquia Nossa Senhora do Carmo, na região sul de Londrina. Filiada ao Partido dos Trabalhadores desde 2000, veio a candidatar-se ao legislativo pela primeira vez no ano de 2008, quando foi eleita para o seu primeiro mandato entre 2009 e 2012.

Lenir de Assis foi a segunda candidata mais votada na eleição de 2012, perdendo apenas para Marcos Belinati (PROS), com 7.081 votos. Isso se explica em parte, por Londrina, em sua história política, ser marcada pela atuação do ex-prefeito Antonio Belinati<sup>257</sup>, que obteve três mandatos na cidade, conquistando grande número de simpatizantes, por meio de políticas populistas. Por isso, a família Belinati, ainda hoje, possui capital político expressivo em Londrina, devido ao carisma e atuação política desenvolvida pelo ex-prefeito, fazendo dele um ícone na região, apesar de escândalos ligados à corrupção<sup>258</sup>. Além de Marcos Belinati como vereador em Londrina, a família Belinati conta com uma vaga na Câmara dos Deputados, por meio de Marcelo Belinati (PP), sendo este eleito em 2016 para prefeitura de Londrina, em primeiro turno.

O bom desempenho de Lenir de Assis na eleição de 2012 pode ser percebido por meio de sua trajetória política e religiosa, da qual faz parte. Embora grupos ligados à Teologia da Libertação tenham perdido força nas últimas décadas, em parte pela ascensão dos grupos carismáticos, Lenir de Assis ainda que vinculada a esse setor do catolicismo com menor expressão atualmente, consegue se projetar em outros espaços sociais nem sempre marcados pela religião, pelo menos a católica. Exemplo disso é seu apoio aos movimentos negro, feminista, estudantil, trabalhista entre outros.

Sua atuação política hoje na Câmara Municipal, portanto, demonstra sua trajetória religiosa vinculada à Teologia da Libertação, cuja crítica se concentra nos

---

<sup>257</sup> Antonio Belinati foi prefeito em Londrina nos anos 1977-1982; 1989-1992; 1997-2000. Venceu novamente a eleição de 2008, mas teve sua candidatura cassada pela Justiça Eleitoral.

<sup>258</sup> Quando se conversa sobre política com londrinenses, é comum ouvir muitos justificarem seu voto e apoio a Antonio Belinati por meio da expressão: “ele rouba, mas faz”.

aspectos sociais da sociedade moderna capitalista, em especial no continente latino-americano, com objetivo de transformação sob um aspecto estrutural.

Tendo em vista a vivência religiosa desses dois vereadores de Londrina, darei destaque a dois eventos ocorridos em 2015, na Câmara Municipal, e que nos permite perceber como a prática política pode ser interpelada pela vivência religiosa, produzindo resultados diversos e muitas vezes opostos. Para isso, o presente estudo se apoia no que Clifford Geertz (2014) denomina de discurso social, podendo ser compreendido por meio de palavras e/ou ações. Nesse sentido, Júlia Miranda também aborda os sentidos encontrados no discurso:

Chamo de discurso não qualquer fragmento de linguagem, mas toda combinação de gestos, palavras (escritas ou não) e imagens que implicam uma ação, que diz alguma coisa sobre algo e que é reconhecida como portadora de sentido no interior de uma comunidade de linguagem (MIRANDA, 1999, p. 30).

As contribuições de Victor Turner sobre performance, também são importantes nesta análise. Performance, conforme Dawsey (2005) observa, refere-se ao momento da expressão, no sentido de completar uma experiência.

### **5.3. A Audiência Pública – Campanha da Fraternidade de 2015**

A Igreja Católica por meio da CNBB realiza anualmente a Campanha da Fraternidade, no período da Quaresma, com o objetivo de levar os fieis a refletirem sobre determinados assuntos contemporâneos, geralmente de cunho social. Em 2015 o tema da Campanha foi “Fraternidade: Igreja e Sociedade” e o lema “Eu vim para servir”. Diante de algumas atuações mais radicais do papa Francisco em relação à instituição católica<sup>259</sup>, eleito em 2013, sendo o primeiro papa latino-americano e que tem agradado a setores da esquerda católica, percebe-se nisso algumas motivações na escolha do tema da Campanha desse ano. Isso se evidencia no cartaz de divulgação oficial da CNBB, em uma foto que Francisco se encontra ajoelhado, beijando os pés de um homem, provavelmente em uma cerimônia de lava-pés, tradicional na Igreja Católica.

---

<sup>259</sup> Um exemplo disso foi a beatificação de dom Oscar Romero, em maio desse ano, após 35 anos de seu assassinato em El Salvador. Um dos ícones da Teologia da Libertação na América Latina, além da atenção aos pobres, criticou duramente o golpe militar em seu país, bem como a violência que se seguiu, resultando em seu assassinato.

Após a Quaresma, período em que a Campanha é amplamente divulgada nas missas e eventos paroquiais, convocou-se uma Audiência Pública na Câmara Municipal pela vereadora Lenir de Assis, com intuito de discutir e refletir sobre a Campanha da Fraternidade e sua aplicabilidade no contexto da Arquidiocese de Londrina. Realizada no dia 22 de abril de 2015, no salão principal da Câmara Municipal, o evento contou com a presença de várias lideranças católicas entre sacerdotes e irmãs, além de leigos e alguns vereadores da cidade, entre eles o Tio Douglas.

Na abertura da Audiência, Lenir de Assis demonstrou sua percepção sobre a maneira como a Campanha da Fraternidade deveria ser desenvolvida na cidade:

O objetivo dessa noite é discutir a Campanha da Fraternidade no contexto das políticas públicas municipais, uma vez também que este ano em nossa Arquidiocese foi deliberado como um dos gestos concretos a ampliação e a participação das pastorais, dos movimentos, de leigas e leigos como um todo, dos conselhos municipais e este ano nós temos várias conferências municipais, também a participação nos conselhos e também nos apropriarmos e participarmos do debate sobre a proposta da reforma política proposta pela CNBB, OAB e outras entidades<sup>260</sup>.

Nesse trecho da abertura proferida por Lenir de Assis, podem ser divididos em dois momentos. Primeiramente, a vereadora petista destaca a importância da participação política dos fieis, ligados às pastorais e movimentos da Igreja Católica. O leigo é inserido no campo político, ganhando um papel de protagonista social, ocupando espaços na política municipal, com objetivo de alcançar transformações na sociedade.

Na Teologia da Libertação os leigos obtiveram visibilidade nos grupos católicos, especialmente nas Comunidades Eclesiais de Base, onde eram os principais atores sociais (MACEDO, 1986; THEIJE, 2002). Mesmo havendo a supervisão clerical nas CEBs, quando existia, era sob o viés do assessoramento, onde as ingerências não são tão explícitas. Nas décadas de 1970 e 1980, momento auge desses movimentos católicos, muitos avanços sociais foram obtidos, ou, pelo menos, foi feito o enfrentamento e cobranças ao poder público. Em Londrina, algumas CEBs organizadas na região norte da cidade, cuja infraestrutura era precária, especialmente saneamento, energia elétrica e transporte coletivo, várias cobranças e reivindicações foram feitas, chegando ao ponto do enfrentamento com a polícia. Nesse sentido, Lenir de Assis demonstra seu apoio e incentivo à democracia participativa, necessária às conquistas e avanços sociais.

---

<sup>260</sup> Gravação 22042015 – folha 1. O vídeo da Audiência Pública está disponível no site da Câmara Municipal de Londrina, no endereço: [www.cml.pr.gov.br](http://www.cml.pr.gov.br). Acesso em: 27 jun. 2015.

Um segundo aspecto percebido em seu discurso de abertura é a defesa da proposta da reforma política elaborada pela CNBB, OAB e mais de cem entidades. Mesmo sendo do Partido dos Trabalhadores, que também lançou uma proposta própria de reforma política, Lenir de Assis faz menção à proposta da CNBB, embora ambas possuam certa semelhança<sup>261</sup>. Independente disso, sua concepção e prática política não está dissociada de sua pertença religiosa católica, pelo menos no que diz respeito à proposta da reforma política. Junto a isso, o fato de estar em um ambiente, embora público, cercado por lideranças e fieis católicos, a defesa da proposta da CNBB/OAB e não do seu partido político se fez destacar.

O vereador Tio Douglas, em sua saudação, explicita seu vínculo com a Igreja Católica e a RCC:

muito feliz estar aqui honrando até mesmo a nossa igreja, tem aqui o meu pároco, padre César, da paróquia que eu participo, juntamente com o ECC [Encontro de Casais com Cristo], o [grupo de oração] Caminhando com Maria [...] e fico muito feliz de poder estar participando aqui como vereador entro na discussão [...] e estamos aqui para somar.<sup>262</sup>

Em outro momento o vereador petebista argumentou:

eu gostaria de destacar dentro da Igreja Católica um exemplo pra todos nós que são os Vicentinos que com o pouco de união que eles fazem, fazem muito, então que possamos deixar isso, essa ideia pra vocês, que juntamente com a vereadora Lenir, fazer não só essa audiência mas sair daqui com um grupo, formar um grupo da sociedade que possa discutir os recursos da nossa cidade para que possamos ampliar o que é o servir<sup>263</sup>.

A percepção política e sua prática são vinculadas aos Vicentinos, grupo formado por leigos católicos com característica assistencialista, por intermédio da distribuição de cestas básicas, remédios, construção ou reformas de casas populares etc. Além disso, as mudanças sociais, na percepção do vereador, passam por intermédio de recursos financeiros pertencentes ao município, sendo este o responsável por sua administração e distribuição adequada de recursos públicos<sup>264</sup>.

---

<sup>261</sup> Os principais objetivos de reforma política estabelecido tanto pelo PT como pela CNBB/OAB são: o fim do financiamento privado de campanha e a paridade de gênero em todas as instâncias da política no país.

<sup>262</sup> Gravação 22042015 – folha 1.

<sup>263</sup> Gravação 22042015 – folha 3.

<sup>264</sup> “... a sociedade não cobra, não faz um trabalho junto com as empresas para que possamos juntos deixar esse dinheiro aqui, deixar esse recurso aqui na nossa cidade”. Gravação 22042015 – folha 3.

Em momento posterior da Audiência Pública, o padre Dirceu, vigário na paróquia dos Migrantes, um dos nomes mais envolvidos na formulação de práticas religiosas alinhadas no viés da Teologia da Libertação na Arquidiocese, demonstrou certa rejeição a tal posicionamento do vereador Tio Douglas:

É claro que as igrejas elas supriram essa dificuldade, essa necessidade, essa capenguisse do Estado brasileiro, então as igrejas nasceram, contribuíram a partir de várias iniciativas, como já foi mencionado os vicentinos, as santas casas, escolas para crianças, creches [...]. Mas pra dizer que as igrejas elas contribuem de fato e muito nas questões sociais, não só da assistência, mas principalmente das mudanças. O desafio está nas mudanças estruturais da sociedade, né?<sup>265</sup>

A compreensão que esses atores religiosos fazem do tema da Campanha da Fraternidade, relacionado à “Igreja e sociedade”, são distintas e podem ser percebidas a partir da vivência que cada um tem de sua inserção no campo religioso. Assim, a “sociedade” é interpretada a partir do que é “igreja”, ou seja, do sentido desenvolvido a partir da pertença religiosa do indivíduo. Nesse sentido, Brenda Carranza afirma que é no campo político “onde se encontram as maiores divergências entre a teologia da libertação e esse movimento [RCC]” (CARRANZA, 1998b, p. 53).

Nessa audiência pública, portanto, percebeu-se o posicionamento antagônico de atores alinhados à Teologia da Libertação, como a vereadora Lenir de Assis e o padre Dirceu, e aos que se vinculam à RCC, nesse caso o vereador Tio Douglas. O tema da Campanha da Fraternidade, “Igreja e sociedade”, foi interpretado de formas distintas, sendo a adesão de cada um a diferentes setores do catolicismo, importante no resultado de seus posicionamentos naquela noite.

#### **5.4. O Plano Municipal de Educação e a questão de gênero**

Outro momento que possibilita analisar a atuação dos vereadores Lenir de Assis e Tio Douglas, foi a Reunião Conjunta da Comissão de Educação, Cultura e Desporto e da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente, no dia 15 de junho de 2015, na Câmara de Vereadores. Com a presença de representantes de vários segmentos da sociedade, como movimento LGBT, movimento negro, PRÓ-VIDA<sup>266</sup>, lideranças da Igreja

---

<sup>265</sup> Gravação 22042015 – folhas 3, 4.

<sup>266</sup> A PRÓ-VIDA é uma instituição de cunho filosófico, fundada pelo médico Celso Charuri em 1979, na cidade de São Paulo. Demonstra possuir alguns valores religiosos, colocando-se contra o aborto, a

Católica, ONGs etc., as galerias da Casa tomadas por pessoas de diversos segmentos sociais, com posicionamentos a favor ou contrários ao Plano Municipal de Educação – PME, momento que se seguiu no dia seguinte, 16 de junho, durante a 36ª Sessão Ordinária. O clima entre vereadores e cidadãos presentes já indicava o maior embate que viria no dia seguinte, onde seria votado em plenária. No dia 15 apenas vereadores membros das comissões de Justiça e de Educação puderam dar seu parecer sobre o projeto 75/2015, relacionado ao Plano Municipal de Educação.

#### 5.4.1. O Projeto de Lei 75/2015

De origem do Executivo Municipal, o Projeto de Lei 75/2015 tem por finalidade “adequar o Plano Municipal de Educação (PME), instituído pela Lei Municipal nº 11.043, de 6 de outubro de 2010, às diretrizes, metas e estratégias previstas no Plano Nacional de Educação (PNE), em conformidade com a Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014”<sup>267</sup>.

O Plano Municipal de Educação é resultado do Plano Nacional de Educação – PNE, aprovado em junho de 2014 na Câmara dos Deputados em Brasília, após mais de três anos de discussões, em que foram estabelecidas vinte metas para todos os níveis da educação brasileira para serem alcançados até o ano de 2024. Alguns de seus objetivos são: erradicação do analfabetismo, educação de tempo integral, qualificação e valorização dos professores, ampliação do investimento público, aumento do número de vagas nas universidades etc.

No entanto, nesse processo de discussão do PNE, questões como a promoção da igualdade de gênero, discussões sobre diversidade e sexualidade foram rejeitadas no Congresso, especialmente por grupos religiosos sob a alegação de que a família brasileira seria prejudicada com a inclusão da “ideologia de gênero” nos currículos.

Assim, no ano de 2015, estados e municípios ficaram responsáveis pela elaboração de seus planos de educação, a partir do PNE. Com a participação da sociedade e levando em consideração as realidades de cada estado e município, esses planos foram sendo debatidos, em datas específicas. O não cumprimento acarretaria, por

---

homossexualidade e o divórcio. Defende a família tradicional e a propriedade privada. Maiores informações ver o site: [www.provida.org.br](http://www.provida.org.br).

<sup>267</sup> Câmara Municipal de Londrina. Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente – Comissão de Educação, Cultura e Desporto. 15 jun. 2015.

exemplo, na perda de recursos públicos na área da educação. Em Londrina, no final de abril de 2015, foram realizadas duas Audiências Públicas, em que o Plano Municipal foi debatido com a comunidade, ambas no final daquele mês.

#### 5.4.2. O dia 15 de junho: início do debate

A Reunião Conjunta do dia 15 de junho, embora com as galerias praticamente vazias, e com o quadro de vereadores incompleto, anunciava o que viria no dia seguinte. Mesmo sendo lembrado frequentemente por alguns vereadores presentes de que o Plano Municipal de Educação era um projeto muito mais amplo do que estava em debate, as discussões concentraram-se na retirada ou não do termo gênero do PME. Embora o projeto possuísse mais de cem páginas, a questão sobre gênero tornou a única parte abordada na ocasião.

Antes de entrar na discussão do projeto de lei 75/2015, sobre o Plano Municipal, foi debatido o projeto 55/2015, de autoria do vereador Roque Neto (PR), instituindo o dia do conselheiro tutelar. Todos os presentes foram unânimes e elogiaram o projeto, bem como a iniciativa do referido vereador. Sem demora e longos debates, passou-se ao projeto 75/2015, que era o que havia levado alguns manifestantes à Câmara naquele dia. Antes da fala dos vereadores, as lideranças de diversos movimentos sociais e segmentos da sociedade civil tiveram dois minutos para se pronunciar sobre o projeto, como determina o regimento da Casa. Para alguns do movimento LGBT e movimento negro, retirar o termo gênero, juntamente com as questões de raça e etnia, era um retrocesso no processo educacional. Outros, mais exaltados, alegaram a sensação de viver no período da Idade Média.

Lideranças do Provida, bem como membros do clero católico, rebateram as críticas: “não somos contra os homossexuais, somos contra a ideia”. Já outro afirmou: “essa ideologia é oriunda das lideranças revolucionárias, de partidos de esquerda, de partidos que pregam o comunismo”. Outra participante também se manifestou: “eu também faço parte desse grupo [Provida] que tem como objetivo estudar a cultura da morte. Nós não somos contra nenhum grupo que se autodenomina minoria. Nós não viemos aqui combater pessoas, mas apenas ideias e essas ideias estão sim distorcidas, mas não por nós”. Segundo a líder, essas ideias “nivelam a todos por baixo”. Emocionada,

também fez questão de ressaltar: “Nós não estamos contra vocês. Nós estamos lutando por vocês!”, concluiu.

Um líder da comunidade LGBT rebateu: “nosso papel aqui dentro de Londrina nós trabalhamos para somar e para desconstruir os estigmas que nós temos que levar conosco porque vocês se negam a abordar determinados temas a partir da escola”. Continuando, desabafou: “um ser humano não é feito apenas de inteligência, também é feito de sexualidade e se a educação não trabalha isso, então nós temos pessoas pela metade”.

Já outro presente na reunião criticou o projeto 55/2015 aprovado anteriormente: “vocês estavam falando aqui sobre o dia do conselheiro tutelar. Eu acho incrível, só que vocês tiram as ferramentas do conselheiro tutelar quando ele tem que intervir numa casa onde tem crianças sendo abusadas[...] é simplesmente contraditório. Vocês falam de uma coisa e tiram o direito de outra”.

Outra pessoa que participava das discussões, afirmou: “estou estranhando há muito tempo nesse país que o Estado laico de direito não existe mais entre nós. Existe o Estado teocrático de direito”. Já um padre da Arquidiocese sugeriu retirar a palavra gênero da pauta, até que o debate amadurecesse, afinal, a sociedade não estava preparada para essa discussão, em sua opinião.

Uma liderança do movimento negro também discursou: “o não reconhecimento da questão de gênero, das questões étnico-raciais, da questão de religiosidade, tirar as palavras-chaves eu acredito que elas são tendenciosas”. Prosseguiu a líder: “Londrina ela tem uma característica de ser de vanguarda, nós temos a comunidade LGBT que faz um trabalho espetacular, temos a comunidade negra que construiu essa cidade...”.

Em sua concepção, retirar o termo gênero do PME é devido à “pressão da comunidade religiosa; acho que nem todos são cristãos, mas a gente deve ser respeitado na sua diversidade. Eu gostaria muito que o Provida, todos os pastores que tivessem aqui, eles tivessem o mínimo de consideração por nós e aceitasse que estivesse escrito no papel, que a gente pudesse fazer parte dentro do currículo da grade curricular, que a gente tivesse nossas diretrizes respeitadas, que foi isso que a gente trabalhou durante muitos anos”.

A situação gerou forte tensão entre os presentes a ponto de uma vereadora, favorável às discussões de gênero no ambiente escolar, reclamar que havia sido chamada nos bastidores de “anticristo”. Exaltada, afirmou ser filha de comunistas e, nem

por isso, era menos cristã que qualquer outro ali presente. Além disso, reclamou que estava sendo pressionada por alguns presentes em relação ao seu posicionamento diante do Projeto de Lei. Naqueles dias houve também diversas ligações telefônicas nos gabinetes com ameaças às duas vereadoras que defendiam a inclusão de gênero: Elza Correia (PMDB) e Lenir de Assis, contribuindo para aumentar ainda mais o ambiente de tensão na Câmara Municipal.

As falas desses atores sociais, seus posicionamentos e ideologias, nos permite perceber como o clima foi se intensificando a medida que discursos eram proferidos, contribuindo para o surgimento de um cenário cheio de tensões, em que os vereadores se posicionariam logo a seguir. Embora alguns tenham procurado apaziguar a situação de conflito que se instaurou, não foi suficiente a tentativa diante da complexidade do assunto, bem como sua importância na visão de mundo antagônica entre os presentes.

Assim, a reunião seguiu-se com o discurso e voto dos vereadores membros das comissões de Educação, Cultura e Desporto e da Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Tio Douglas na época era o presidente desta última Comissão, e Lenir de Assis a vice-presidente. Portanto, ambos deveriam publicamente apresentar o seu voto sobre o PME, além de outros vereadores dessas comissões. O voto, portanto, como forma de posicionamento, pode ser entendido como um elemento composto por diversos significados, sentidos e ideologias.

Após quase uma hora de debates entre os participantes da reunião, e tendo o clima já se elevado por vários desentendimentos sobre o PME, Tio Douglas foi o primeiro vereador a expor o voto, visto ser ele o relator. Em um breve discurso, deixou seu parecer: “é, eu respeito... nunca deixei de respeitar as pessoas em si. [...] No meu ponto de vista eu sou contrário a esse projeto... eu não comungo com a fala do gênero... sou... isso... eu vou votar contra o Plano e peço para retirar a palavra gênero. Se retirar a palavra, aí tudo bem, tá?”<sup>268</sup>.

No ato do voto havia um significado relevante, envolvendo interesses de diversos organismos sociais, entre eles setores da Igreja Católica, bem como lideranças de algumas igrejas evangélicas da cidade. Ambos os seguimentos cristãos protocolaram documentos com posicionamentos sobre o Plano Municipal, como forma de pressão. Além dos documentos, a presença de lideranças religiosas na Câmara nesses dias expressa uma situação incomum, que não faz parte do cotidiano. O lugar do político,

---

<sup>268</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

naquele instante, passou também a ser o local do religioso; o profano foi interpelado pelo sagrado. Campos distintos e antagônicos que, no entanto, se entrecruzam em determinadas circunstâncias, nesse caso, com a possibilidade de perder espaços na sociedade, em especial, no ambiente escolar, visto o currículo ser objeto de poder<sup>269</sup>. Nesse intuito, o parlamentar torna-se um importante aliado na tentativa de alcançar seus objetivos sagrados, por meio do campo político. Por ser o sagrado e o profano, gêneros separados e antagônicos (DURKHEIM, 1989), não significa necessariamente que não haja formas de passagem entre ambos. “A passagem implica, para o ser ou para o objeto que a realiza, uma verdadeira metamorfose e múltiplas precauções” (HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009, p. 183).

Posteriormente, Lenir de Assis, em um discurso mais prolongado, aborda primeiro a importância sobre o debate do PME, bem como sua amplitude. No entanto, usa a maior parte do tempo para esclarecer o conceito de gênero, colocando diante do público seu pertencimento religioso: “Na questão do gênero, já mencionei outras vezes, sou uma pessoa que desde muito menina milito na Igreja Católica, nas pastorais sociais, nas CEBs, e a gente sempre discutiu a questão de gênero”<sup>270</sup>.

Lenir de Assis continuou sua exposição sobre o entendimento do gênero a partir de sua experiência religiosa: “Pra mim quando a gente discute gênero, inclusive na igreja, eu tô discutindo uma questão subjetiva desde o nascimento, da educação das crianças, na questão subjetiva entre homens e mulheres. Quem é maior na sociedade: é o homem ou a mulher?”<sup>271</sup>.

A lei do feminicídio, sancionada pela presidente Dilma Rousseff em março de 2015, também foi inserida em sua fala, em uma demonstração de conquista, além da pertença partidária: “nós lutamos durante 30 anos até onde me incluo, tenho 45 anos, mas desde 12, 13, 15, a gente luta sabe pelo quê? Pra que fosse um crime hediondo o crime contra a matança das mulheres”<sup>272</sup>.

Em um dos momentos mais dramáticos, Lenir de Assis exclamou: “Porque as mulheres são assassinadas hoje? É porque são mulheres. Quem apanha na violência

---

<sup>269</sup> Michael Apple, importante teórico sobre o papel do currículo na educação, defende que o currículo não é algo dado, com disciplinas que devem ser cumpridas em sala de aula. Mais que isso, ele deve ser analisado sob um viés mais amplo, em que grupos expressam sua ideologia dominante, contribuindo para a manutenção hegemônica. Para aprofundamento da discussão, ver: APLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>270</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

<sup>271</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

<sup>272</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

doméstica são as mulheres. [...] os índices, os números, apontam que a violência doméstica é sobre as mulheres. Isso é gênero!”<sup>273</sup>. Aproveitou também para criticar uma rede de prostituição infantil descoberta em Londrina pelo Ministério Público, cuja maioria dos envolvidos eram fiscais da Receita Estadual<sup>274</sup>. Assim, as meninas são sempre as mais prejudicadas, constatou a petista.

Fez questão de ressaltar o conceito de gênero, pivô da polêmica que antecedeu a fala dos vereadores: “Quando eu defino gênero eu defino as condições entre homens e mulheres na sociedade, no dia a dia, das condições de igualdade de participar de um trabalho. Hoje a gente celebra as mulheres trabalhando na construção civil; o debate de gênero não permitia. Era só os homens”<sup>275</sup>.

A parlamentar petista também criticou o número reduzido de mulheres na política, incluindo em seu discurso a divisão sexual nos ministérios da própria Igreja Católica: “No mundo da política então, sempre foi reservado aos homens. E eu nem vou discutir a questão religiosa que também passa por uma questão de gênero, em especial na minha igreja, e eu nem vou questionar isso aqui agora”<sup>276</sup>.

Esclareceu também a diferença entre gênero e afetividade: “a questão que nós temos que distinguir aqui, e aí não vi proposta nisso, nós estamos pegando a palavra gênero e falando de gênero e discutindo a prática afetiva sexual [...]. Mas a gente tá usando a palavra gênero que é uma coisa pra debater a prática afetiva-sexual, são questões completamente diferentes no meu ponto de vista”<sup>277</sup>.

A maneira como o debate estava ocorrendo, misturando o conceito de gênero com a prática afetiva, preocupou a vereadora: “aí eu vejo de fato reduzir, enfim, o risco da gente perder uma luta histórica”<sup>278</sup>. Com semblante consternado, criticou também a retirada do termo etnia do documento: “Agora, retirar a palavra gênero e junto a palavra etnia, meu Deus, aí não é só contra homens e mulheres e a questão da igualdade que estou sendo contra: estou sendo contra negros, etnia...”<sup>279</sup>.

---

<sup>273</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

<sup>274</sup> A denominada Operação Publicano, que investiga diversos casos de corrupção na Receita Estadual do Paraná, também revelou que parte desses homens indiciados, participava de uma rede de prostituição envolvendo diversas adolescentes em Londrina.

<sup>275</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

<sup>276</sup> Gravação 15062015 – folha 1.

<sup>277</sup> Gravação 15062015 – folhas 1, 2.

<sup>278</sup> Gravação 15062015 – folha 2.

<sup>279</sup> Gravação 15062015 – folha 2.

No final, com semblante de decepção, Lenir de Assis declarou o seu voto: “Eu não assino o parecer do vereador Tio Douglas. Obrigada”<sup>280</sup>. Na reunião da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, na mesma data, a parlamentar petista já havia apresentado seu voto em separado, conforme consta em documento da Câmara Municipal:

Esta vereadora acolhe o Parecer da Assessoria Técnico-Legislativa desta Casa e se manifesta favoravelmente ao projeto de lei, porém apresentará Emendas à matéria conceituando o termo “Gênero” e propondo a instituição de um Fórum Permanente sobre as questões raça/etnia, sexo, gênero e religião com representação da sociedade civil organizada e do Poder Público<sup>281</sup>.

Dois vereadores declaradamente católicos, pertencentes a correntes distintas e que em um momento de tensão na Câmara, diante de um público agitado, revelou-se divergências e distanciamentos entre ambos. Um dia conturbado, com discussão de temas polêmicos, que revelou diferenças entre ambos os vereadores que em situações mais favoráveis não seriam evidenciadas publicamente. O dia 15, no entanto, foi apenas o prenúncio do que viria no dia seguinte.

#### 5.4.3. A Sessão do dia 16 de junho

No segundo dia de debates, dia 16 de junho, ocorreu a 36ª Sessão Ordinária da Câmara. No caso de Londrina, como em outras cidades e estados brasileiros, inclusive na Assembleia Legislativa do Paraná, o debate sobre o Plano de Educação foi acalorado, com a participação de um grande número de pessoas nas galerias acompanhando as discussões, com muitas faixas, bandeiras, cartazes, além de muito barulho como forma de protesto. Havia bandeiras de grupos ligados a políticos, como “mulheres do PSOL”, e algumas com críticas religiosas: “fundamentalismo religioso, não passará”. Outra dizia: “eu pareço suspeito? Diga não ao racismo”. Em outro cartaz estava escrito: “Estado laico já”. Havia também vários segmentos do cristianismo, especialmente evangélicos e católicos. Um pouco mais comedidos, exibiam vários cartazes pretos nas galerias:

---

<sup>280</sup> Gravação 15062015 – folha 2.

<sup>281</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente – Comissão de Educação, Cultura e Desporto. Parecer ao Projeto de Lei nº 75/2015. 15 jun. 2015. [www.cml.pr.gov.br](http://www.cml.pr.gov.br). Acesso em: 21 jan. 2016.

“gênero não”. Um cartaz improvisado escrito manualmente, em tom provocativo, dizia: “gênero sim”.

Já no início da Sessão, antes mesmo do Plano Municipal de Educação ser discutido, já havia dificuldades nos primeiros pronunciamentos, levando o presidente do legislativo, professor Fabinho (PPS), a pedir o silêncio dos manifestantes: “queria pedir, por favor, todos aqui presentes são bem vindos, aliás, convidamos para que venham sempre a essa casa, essa casa fica muito mais alegre e movimentada quando estão todos aqui, mas eu pediria quem está no plenário, quem está aqui em baixo, assessoria, todos, por favor, garantissem a fala dos vereadores”. Várias outras vezes foi preciso parar o andamento dos trabalhos para pedir silêncio ao público presente.

Por razões técnicas, foi preciso paralisar a sessão, atrasando em mais de duas horas o seu retorno. Com a demora, o tempo foi utilizado informalmente por um grupo de jovens que se manifestava nas galerias contrariamente à retirada do termo gênero do Plano Municipal, cantando: “a nossa luta é todo dia, contra machismo, racismo e homofobia”. E depois, em coro, gritavam: “gênero sim!”. Outro manifestante “lembrou” os vereadores que 2016 será ano eleitoral. Um jovem gritava: “Jesus, cura a homofobia”, enquanto outros respondiam: “amém!”. Continuava ele: “Jesus, liberta da pedofilia”, e outros respondiam uníssonos: “amém!”, como forma de provocação aos grupos religiosos presentes. Foi também uma forma de acusar o sucessivo número de casos de padres envolvidos com a prática da pedofilia.

Também nesse período de paralisação, em alta voz, um jovem manifestante resolveu proferir um discurso aos presentes: “Aqui em Londrina nós temos duas igrejas progressistas, igrejas que aceitam todas as pessoas, inclusive homossexuais. Nós temos muitos padres com uma leitura progressista. [...] A igreja de Londrina não é uma igreja retrógrada; ela tem pessoas retrógradas. Londrina não é uma cidade conservadora; ela tem pessoas conservadoras”. Ou seja, ser católico pode implicar o desenvolvimento de diversos sentidos e interpretações de mundo, no discurso do jovem.

Alguns gritavam: “Estado laico! Londrina laica!” e também: “procurem saber o que é Estado laico quando sair daqui”. Manifestações contrárias à retirada do termo gênero do PME foram feitas. Entre elas, um “beijo gay” nas galerias levou à suspensão e até ameaça da retirada dos manifestantes. Depois de alguns minutos, a sessão prosseguiu, apesar das diversas manifestações dos dois lados.

Ao reiniciar a sessão, Elza Correa (PMDB), única vereadora a se posicionar juntamente com Lenir de Assis, disse: “a vereadora Elza Correa e a vereadora Lenir de Assis por não concordarem com a retirada e supressão de alguns artigos importantes nesse Plano Municipal, nós fizemos emendas para voltar essas palavras. Nós sabemos que o parecer foi contrário, mas nós temos que marcar nossa posição política”.

Entre religiosos, lideranças evangélicas e católicas estiveram presentes. Os evangélicos, por haver uma gama de vertentes denominacionais, o Conselho de Pastores é o órgão que tenta agregar os interesses da maior parte delas. Assim, o seu presidente esteve participando da Sessão, demonstrando com isso o interesse dos evangélicos nesse debate. De igual forma, havia também a presença de lideranças católicas, sobretudo o bispo emérito de Londrina, dom Albano, além de outros padres.

Como em Brasília e outras capitais, a ênfase nas questões de gênero no Plano de Educação em Londrina ganhou destaque, concentrando-se os vereadores e participantes presentes na defesa ou ataque da temática, embora o Plano Municipal continha outros temas relevantes e que poderiam ser discutidos, como havia ressaltado alguns presentes no dia anterior.

Um vereador falou sobre a importância de se aprovar o Plano, até porque haveria corte de verbas públicas caso isso não acontecesse, mas ressaltou a importância da continuidade das discussões no futuro. Tentou explicar que o PME não continha nenhum termo sobre ideologia de gênero. No entanto, concordou com a fala de um padre no dia anterior, de que a sociedade não estava madura ainda sobre o entendimento do termo gênero, e que, portanto, fosse melhor que suprimisse nesse momento. A pertença religiosa desse vereador a uma igreja evangélica da cidade talvez explique tal posicionamento.

Lenir de Assis seguiu com a palavra. Expôs que também era contrária a ideologia de gênero, termo que estava sendo criticado pelos manifestantes ligados ao cristianismo. No entanto, ressaltou que o projeto não estava tratando de ideologia de gênero, mas apenas de gênero: “Compreende-se o conceito de gênero como determinante de um processo de busca de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres que contribuíram para uma cultura de paz”<sup>282</sup>, afirmou.

A vereadora petista continuou, demonstrando a história de sua luta, e a ligação desta com seu pertencimento religioso: “Me desculpe, mas é isso que eu aprendi na

---

<sup>282</sup> Gravação 16062015 – folha 1.

minha igreja, e na minha luta nos movimentos sociais, na minha luta na política. O que nós estamos discutindo no PME não é ideologia de gênero”. O posicionamento da vereadora ultrapassou o uso do microfone, protocolando quatro emendas ao Projeto de Lei, mas todas foram rejeitadas em uma das Comissões, resultando em sua insatisfação diante do resultado<sup>283</sup>. Na apreciação das emendas no plenário, Lenir de Assis e Elza Correa ficaram sozinhas. Tornaram-se “voto vencido”.

Sobre as emendas apresentadas pela vereadora petista, outra parlamentar logo em seguida afirmou ser uma manobra para viabilizar a permanência do termo gênero no Projeto de Lei, gerando assim um clima ainda mais tenso no plenário da Câmara. Exaltada, aproveitou para se posicionar diante da discussão, ao afirmar também ser cristã e que respeitava a todos, inclusive aos homossexuais. Continuou ela: “a diversidade é muito diferente dessa que nós ouvimos falar aí. A diversidade é a multiplicidade da vida e não é a aceitação do pecado. É a beleza das diferenças que nós temos e que devem ser vividas com santidade, com decência e com honestidade. Esse é meu entendimento”. Tal pronunciamento provocou muitas vaias, especialmente de pessoas ligadas ao movimento LGBT. Mas também houve aqueles que aprovaram, aplaudindo a parlamentar.

Alguns vereadores também foram se manifestando, demonstrando sua opinião e voto sobre o projeto. A cada um que falava, gerava aplausos de um grupo e vaias de outro, mostrando o acirramento de posições, tanto dos manifestantes quanto dos próprios vereadores. Muitos parlamentares preferiram não se pronunciar, ficando em silêncio ou até mesmo cedendo seu tempo para outro parlamentar cujo raciocínio ainda não havia sido concluído, sinal de gentileza, mas, no entanto, se demonstrava muito mais uma forma de não se posicionar publicamente sobre o tema, diante de tantas pessoas presentes. Ocultar uma posição naquele momento seria uma forma de preservação política.

---

<sup>283</sup> Lenir de Assis propôs quatro emendas no dia 15/06: nº 7, 8, 9 e 10, sendo que as de número 8 e 9 foram feitas em conjunto com a vereadora Elza Correa. Essas emendas tratam de assegurar políticas públicas para crianças indígenas, de baixa renda, negras, com deficiência e em situações de vulnerabilidade. As emendas 8 e 9 buscam conceituar a palavra gênero: “A palavra **“gênero”** é considerada aqui como uma construção sociocultural onde os papéis de homens e mulheres são historicamente definidos. Compreende-se o conceito **“gênero”** como determinante no processo de busca de uma sociedade igualitária entre homens e mulheres, contribuindo para a cultura de paz, excluindo dessa forma, os **Conceitos** de **“ideologia de gênero”** (grifos originais). CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Emenda ao projeto de lei nº 75/2015. 15 de junho de 2015. [www.cml.pr.gov.br](http://www.cml.pr.gov.br). Acesso em: 21 jan. 2016.

O discurso de Lenir de Assis buscava problematizar o debate: “nesse momento não estamos debatendo uma palavra, estamos debatendo lutas, histórias, que contribuíram para inclusão das pessoas”<sup>284</sup>. Criticou também a maneira como o Projeto estava sendo aprovado, pois afetava diversos grupos, além da questão de gênero: “outras emendas que houve o parecer contrário é a questão de políticas para os pobres de baixa renda, para a questão indígena, são questões diferentes que também recebeu parecer contrário”<sup>285</sup>.

Em um dos momentos em que mais foi aplaudida, Lenir de Assis apresentou sua pertença religiosa e objetivos políticos: “como cristã, como católica que sou, não dispensando as outras religiões, quero o caminho da paz, quero o caminho da inclusão, quero o caminho da solidariedade, quero o caminho do respeito. Chega de desigualdade, chega de racismo, chega de machismo, chega de homofobia!”<sup>286</sup>.

A vereadora petista distinguiu “ideologia de gênero”, cerne de todo o debate, do termo “gênero”, do qual realmente trata o Plano de Educação, segundo ela.

Uma das emendas que eu coloquei juntamente com a vereadora Elza [Correia, do PMDB] e que teve o parecer contrário foi justamente considerando e dizendo que nós não queremos e não aceitamos o conceito de ideologia de gênero, afirmando que nesse projeto não se fala em ideologia de gênero, que é uma outra situação, mas colocando aqui que a palavra gênero é considerada como uma construção sociocultural onde os papéis de homens e mulheres são historicamente definidos<sup>287</sup>.

Ao fim de seu discurso, Lenir de Assis expos sua trajetória político-religiosa novamente: “É difícil entender o posicionamento, mas essa é a posição que a gente tem e que graças a Deus eu aprendi isso dentro da minha igreja e na minha militância ao longo da minha vida”<sup>288</sup>, concluiu.

O seu pertencimento à Igreja Católica e sua inserção na militância política, desde os movimentos sociais até a filiação partidária junto ao PT em 2000 e, posteriormente uma cadeira no legislativo local a partir de 2009, demonstram estarem imbricados, fazendo parte de um mesmo processo. Tal posicionamento nesses dois dias de discussão do PME permite compreender que sua atuação política, embora esteja envolvida por elementos religiosos do catolicismo, do qual sempre se referiu, não está a serviço deste,

---

<sup>284</sup> Gravação 16062015 – folha 1, 2.

<sup>285</sup> Gravação 16062015 – folha 2.

<sup>286</sup> Gravação 16062015 – folha 2.

<sup>287</sup> Gravação 16062015 – folha 1.

<sup>288</sup> Gravação 16062015 – folha 2.

como se percebe na Frente Parlamentar Evangélica, cujo objetivo último é o de defender valores morais ensinados no cristianismo em detrimento de várias demandas envolvendo movimentos populares, conforme destaca Brenda Carranza (1998b).

Outro pesquisador das ciências sociais, Reginaldo Prandi (1992), ao abordar as religiões pentecostais, afirma sua rejeição ao mundo, mas sem pretensões de transforma-lo; insere o fiel dentro da comunidade religiosa, sagrada, entendendo o que fica do lado de fora é mal e, portanto, do âmbito profano. De acordo com Prandi, o pentecostalismo

propõe a construção de um outro mundo inteiramente evangélico, onde não há lugar para o outro, o diferente, o plural. Sendo o mundo mal, dele deve a religião tirar todo o proveito material que possa ser convertido em recursos para a expansão da religião. Tal missão, entretanto, é de exclusiva competência das lideranças que, também e especialmente, participam da vida político-partidária com o fim explícito de alcançar favores que beneficiem a religião (PRANDI, 1992, p. 86).

O posicionamento de Tio Douglas, ao contrário de Lenir de Assis, demonstra sua participação no legislativo local atrelado especificamente ao viés religioso. Em debates polêmicos, como o abordado neste estudo, prevalece o *ethos* religioso do político. Sob um breve discurso, com tom de voz moderado, medindo bem as palavras, fez uso do microfone:

Eu respeito o posicionamento das vereadoras [Lenir de Assis e Elza Correia] que já falaram referente ao projeto, mas não poderia deixar de me expressar como já me coloquei ontem na Comissão como presidente da Criança e do Adolescente que vou junto ao bispo, à sociedade, a ideologia que... estou contra, vou dizer também não ao gênero, porque vejo que o projeto deveria ter uma audiência pública na casa, o tempo que veio foi muito pouco, então o meu posicionamento é... agradeço a presença do padre Marcelo, padre Paulo, dom Albano e... estou com vocês. Obrigado<sup>289</sup>.

Na realização de entrevista em data posterior ao debate na Câmara Municipal, Tio Douglas reafirmou seu compromisso com a instituição católica, ainda que em um espaço público e frente a um assunto que diz respeito a uma coletividade maior que a comunidade cristã apenas: “Sempre que pode a gente vem contribuindo, e vem valorizar a família, né, teve aquela discussão bem polêmica na questão do gênero, mas minha formação católica, eu não tive como não honrar com a Igreja Católica”<sup>290</sup>.

---

<sup>289</sup> Gravação 16062015 – folha 2.

<sup>290</sup> Entrevista 17082015 – folha 1.

O vereador do PTB continua a explicação de seu posicionamento diante do PME: “eu acho que a família é algo de Deus, que Deus nos coloca esse desafio mesmo de poder zelar e preservar e cada um tem seu direito de vida de opção de vida, [...] mas eu não posso deixar de zelar pelo que eu vivo, que eu prezo pra família”<sup>291</sup>.

O desenvolvimento da prática política na RCC, voltada aos interesses e doutrina da Igreja Católica pode ser explicado por sua submissão à hierarquia católica<sup>292</sup>, fazendo com que seus valores institucionais sejam reproduzidos nas instâncias da política partidária, como nesse debate ocorrido na Câmara Municipal de Londrina em 2015.

Ainda que alguns membros do clero presentes na Câmara não fossem diretamente ligados à Renovação Carismática, obter apoio do político da RCC foi um caminho encontrado para alcançar os interesses de parte do clero católico local. Justifica e legitima, assim, a presença do sagrado no território político, também profano, em situações necessárias. O profano fica assim, a serviço do sagrado. O tempo da política ganha forma de serviço religioso, tornando assim possível a ligação entre esses dois lados opostos.

Por ser o primeiro mandato de Tio Douglas como vereador, é importante levar em consideração o fato de ampliar seu apoio junto a setores da Igreja Católica, como forma de aumentar seu capital político para uma possível candidatura na próxima eleição, em outubro de 2016. Assim, seu posicionamento nesses dias pode ser compreendido. Além do apoio católico, há a permanência nos quadros do Ministério de Fé e Política da Renovação Carismática, em que há determinações muito claras para a continuidade do apoio político. Assim, um voto favorável ao PME com o termo “gênero” incluso, poderia colocar em risco uma possível ajuda das lideranças católicas que acompanharam a votação, bem como da própria RCC, sendo esta última uma das responsáveis por sua eleição em 2012.

Diferente de Lenir de Assis, que já está no segundo mandato, e que pleiteou uma cadeira na Assembleia Legislativa do Paraná em 2014, sem êxito, no entanto. Ainda assim, foi a segunda candidata com maior número de votos na última eleição municipal de 2012, fato que demonstra estar em uma situação mais confortável e, portanto, possui maior autonomia em sua atuação como parlamentar. Romper publicamente com

---

<sup>291</sup> Entrevista 17082015 – folha 1.

<sup>292</sup> “... nós somos muito obedientes ao nosso pároco... eu acho isso fundamental que a gente não caminhe separado, sempre na obediência. [...] A gente precisa obedecer”. Entrevista 23012015 – folha 3. Entrevista com liderança de um dos mais expressivos grupos de oração da Arquidiocese de Londrina.

interesses da Igreja Católica local, conforme demonstrado anteriormente, representa também, nesse caso específico, alinhar-se ainda mais aos diversos movimentos sociais da esquerda na região. Demonstra, também, que seu partido, o PT, não perdeu sua identidade, como muito se critica ultimamente. Perder apoio de alas conservadoras do catolicismo talvez seja menos prejudicial em vista da sua ascensão em seu partido. Como afirmou um político: “ela votou com o partido, esse projeto vem lá de cima [Governo Federal]”. Além do mais, é uma forma reverter perdas que o PT vem tendo na cidade nos últimos anos<sup>293</sup>. Na própria Câmara Municipal, percebe-se as dificuldades do PT em eleger representantes. Lenir de Assis foi a única vereadora eleita por esta sigla em 2012. Partidos menores conseguiram maior representatividade, como o PTB e o PDT, com dois vereadores cada.

#### 5.4.4. As reuniões na Câmara Municipal como rituais performáticos

As contribuições de Victor Turner e Richard Schechener, sobre a performance, permitiram perceber como nesses dois dias de debates sobre o PME, os dois vereadores desenvolveram suas participações em uma das sessões mais conturbadas na Câmara de Londrina recentemente. Analisar as situações de tensão, e não as relações harmônicas, como propõe a antropologia social britânica, permite obter maior compreensão das relações sociais, que diante da falta de situações conflitantes, ou dos ruídos, conforme demonstra John Dawsey (2007), elementos importantes poderiam deixar de ser percebidos.

Nesse sentido, Dawsey também destaca que “por meio do processo de performance, o contido ou suprimido revela-se” (DAWSEY, 2007, p. 531, 532). Performance, lembra o antropólogo, está associada ao momento da expressão, ao completar uma experiência (DAWSEY, 2007).

Associado à performance estão os rituais, no sentido proposto por Mariza Peirano (2003). Afinal, os rituais não fazem parte apenas às sociedades históricas, pré-

---

<sup>293</sup> Na eleição presidencial de 2014, no 1º turno em Londrina, Aécio Neves obteve 61,53% dos votos, Marina Silva 17,45% e Dilma Rousseff 15,87%. No 2º turno Aécio obteve 77,64% dos votos, enquanto Dilma ficou com apenas 22,36% deles. Para governador, nesse mesmo ano em Londrina, Beto Richa (PSDB), eleito no 1º turno, obteve 79,05% dos votos, enquanto Gleisi Hoffmann (PT) obteve apenas 6,88% dos votos, perdendo para Roberto Requião (PMDB) com 11,69%. Na eleição municipal de 2012, a candidata petista, Márcia Lopes, obteve 14,08% dos votos, ficando em terceiro lugar, não indo para o segundo turno. Marcelo Belinati (PP) obteve 45,39% e Alexandre Kireff (PSD) ficou com 25,27% dos votos, sendo este último o candidato eleito em segundo turno. [www.tse.jus.br](http://www.tse.jus.br). Acesso em: 20 jan. 2016.

industriais, ou indígenas, das quais surgiram as primeiras produções antropológicas/etnográficas, especialmente com Malinowski, nas ilhas Trobriand, mas podem ser pensados nas sociedades modernas, industriais, como a própria autora exemplifica: em uma final de copa do mundo, um casamento, uma formatura, a posse de um presidente da República, ou seja, eventos especiais sob o ponto de vista nativo e, portanto, não cotidianos.

Peirano também considera o fato dos rituais não estar necessariamente associados ao caráter religioso, como Turner o concebeu inicialmente (PEIRANO, 2003). Ao contrário, os rituais podem estar presentes em diversos eventos, como aqueles descritos no parágrafo anterior. É certo que na religião há uma gama de manifestações compreendidas enquanto rito, no entanto, a sua análise não se restringe à religião apenas. A própria política e suas diversas formas de manifestação têm sido pensadas enquanto rituais em pesquisas mais recentes (BARREIRA, 1998; CHAVES, 2000; BORGES, 2003).

Embora as sessões em qualquer câmara de vereadores seja um evento cotidiano e, portanto, repetitivo, no caso de Londrina com a frequência de duas vezes por semana, esses dias de discussões se destacaram em relação às demais, por alguns motivos: a) o número expressivo de participantes, especialmente no dia 16 de junho, quando normalmente há uma presença tímida nas galerias; b) a formação de grupos com interesses opostos pressionando os parlamentares, além da expectativa quanto ao voto e o posicionamento de cada um deles e, por fim, o resultado final; c) o comportamentos e discursos ásperos, quando costumeiramente é usado trato mais cordial; d) a presença de sujeitos que ocupam determinadas posições influentes na sociedade, como padres, pastores, bispos, professores, representantes de movimentos sociais etc. Houve, inclusive, certa aproximação entre evangélicos e católicos, algo pouco frequente no cotidiano desses segmentos do cristianismo.

A abordagem dos rituais normalmente se associam a “momentos pelo comportamento solene, caracterizado pelo controle explícito da palavra, dos gestos e vestimentas, como ocorre nos funerais e alguns ofícios cívicos e religiosos” (DAMATTA, 1997, p. 48). Um ambiente, portanto, estruturado, com regras determinadas, bem como um comportamento esperado. No entanto, também pode ser interpelado pelo inesperado, pelo informal, pela festa, pelo “carnaval” (DAMATTA, 1997). As provocações das galerias, as manifestações, faixas e bandeiras, gritos e cantos, bem como o “beijo

gay”, deram uma nova configuração a esse ritual. Sem perder a importância do evento, que seria a de estruturar a educação municipal pelos próximos dez anos, havia também o sentido da festa, da diversão, e vez ou outra, até um sorriso no rosto de alguns frente a algum tipo de situação inusitada.

Todos esses elementos e os múltiplos interesses ali representados, no entanto, não foram produzidos apenas nesses dias na Câmara Municipal. Ao contrário, são lutas historicamente travadas, seja pela manutenção do *status quo*, seja por sua transformação. Nesse processo de afirmação e conquista de interesses, desenvolveram-se discursos, expressões faciais, gesticulações ou mesmo o silêncio. Assim, o ritual performático desenvolvido na Câmara, tornou-se parte de conflitos anteriores, de enfrentamentos e disputas pela ocupação de determinados espaços sociais.

Dessa maneira, pensar essas sessões na Câmara enquanto ritual demonstra-se um elemento importante de estudo, conforme Peirano o considera enquanto um “fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo” (PEIRANO, 2003, p. 8). Ou seja, elementos encontrados no ritual, segundo a antropóloga, também são percebidos no cotidiano. Assim, rituais “são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais” (PEIRANO, 2003, p. 8).

Após breve explanação histórica de como antropólogos desenvolveram concepções sobre rituais, Mariza Peirano conclui que o ritual, a partir de sua definição etnográfica, “tornou-se um fenômeno interessante para análise justamente porque, no longo processo de reflexão sobre suas características intrínsecas, reconheceu-se que ele tem o poder de ampliar, iluminar, realçar uma série de ideias e valores que, de outra forma, seriam difíceis de discernir” (PEIRANO, 2003, p. 30).

O debate ocorrido na Câmara Municipal de Londrina, enquanto um rito, permite compreender como sua condução foi feita a partir de elementos da vida cotidiana. Não foi em vão que despertou tanto interesse de diversos segmentos da sociedade, que passou ali várias horas acompanhando e participando da reunião. A atuação performática dos vereadores, em especial Tio Douglas e Lenir de Assis, cujo auge foi a apresentação do voto, embora já imaginado por um parcela significativa dos presentes, foi o momento em que se “completou a experiência” de ambos nessa ocasião. Dessa forma, como demonstra Victor Turner (2008) sobre o Concílio de Northampton, a Sessão

na Câmara Municipal não estava em jogo apenas o Plano Municipal de Educação referente a Londrina, mas tensões e disputas em todo o país, onde a pertença religiosa tem sido relevante nos posicionamentos dos atores sociais. Nesse caso específico, a Renovação Carismática e a Teologia da Libertação demonstram-se eficazes na construção ideológica desses parlamentares analisados, resultando em ações distintas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizado na Arquidiocese de Londrina analisou a maneira como a esfera política se demonstrou no âmbito de dois setores do catolicismo: a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica. O estudo de alguns rituais formulados no interior desses segmentos contribuiu para o cumprimento do objetivo desta pesquisa. Afinal, a política, localizada na esfera do profano, se apresentou com maior intensidade em eventos situados enquanto antiestrutura do catolicismo. Nesses momentos diferenciados e não rotineiros em relação às práticas religiosas tradicionais, abriu-se espaço para a presença de assuntos e ideias suprimidas no cotidiano, em especial as missas dominicais, onde o sagrado vinculado às estruturas oficiais são centrais.

Os conceitos de liminaridade e *communitas*, de Victor Turner, contribuíram na análise dos eventos selecionados, marcados pela perspectiva antiestrutural, devido à construção de práticas que não são hegemônicas no cotidiano da Igreja Católica e, portanto, se encontram em uma situação de conflito em relação à religião oficial. Isso não significa, entretanto, que estejam dissociadas institucionalmente. Assim, ao focar esses eventos situados como antiestrutura do catolicismo, abrem-se diversos caminhos para a compreensão de sua própria estrutura.

A abordagem da prática discutida por Sherry Ortner também foi importante no desenvolvimento deste trabalho. Ao fazer a mediação entre estrutura e agência, a antropóloga estadunidense destaca a figura do ator social como aquele que age a partir de aspectos subjetivos sem, contudo, desconsiderar a presença de forças sociais presentes na estrutura, condicionando sua ação. A formulação, adesão e participação nesses eventos permitiu compreender como os interesses desses atores católicos se relacionam com aqueles presentes na hierarquia católica.

Além da Arquidiocese de Londrina, foi feita a análise desses dois segmentos católicos na Câmara Municipal de Londrina, na legislatura 2013 – 2016, onde dois vereadores se identificavam a cada um desses setores: Douglas Carvalho Pereira (PTB) ligado à RCC, e Lenir de Assis (PT) vinculada à Teologia da Libertação. Por ser a Câmara Municipal um espaço singular relacionado à política, foi importante perceber como a adesão religiosa se efetivou nos posicionamentos desses vereadores, especialmente na discussão do Plano Municipal de Educação, em que a discordância entre ambos foi demonstrada.

Verificou-se existir na paróquia dos Migrantes algumas divergências entre os dois segmentos católicos, em alguns momentos de forma mais explícita, enquanto em outros, de maneira sutil. A esfera política demonstrou ser um dos principais elementos que diferenciou esses setores católicos. Embora considerada relevante em ambos os movimentos, a análise de alguns rituais revelou haver diferenças significativas na compreensão dos atores pesquisados sobre a realidade social.

No âmbito da Teologia da Libertação foi analisada a romaria da terra, a missa afro e a celebração Zumbi dos Palmares. A participação do fiel nesses rituais demonstrou que a presença de elementos políticos nesses eventos assemelhava, em muitos casos, aos seus ideais. A religião se tornou dessa maneira uma forma de transformação social, aproximando-se dos movimentos sociais e partidos políticos progressistas que possuem enfrentamentos semelhantes. O fiel foi percebido como agente principal desse processo, enquanto a esfera do sagrado não recebeu a mesma evidência. Embora os rituais fossem desenvolvidos no viés da religião católica, as possibilidades de alcançar as mudanças sociais recaíram sobre o engajamento dos fieis em sua vida cotidiana.

Nesses eventos houve diversas críticas aos problemas sociais presentes na atualidade, como o uso inadequado da terra e das águas, a monocultura, a degradação ambiental, o desemprego no campo, o racismo e a discriminação. Isso se tornou possível por desenvolver-se fora do tradicional cotidiano católico, sobretudo as missas semanais, previamente formatadas pelas hierarquias superiores, em que o sagrado é considerado o principal elemento. Dessa maneira, a formulação desses rituais por leigos e alguns membros do clero permitiu a reflexão sobre problemas sociais presentes na vida diária do fiel e que podem ser por ele enfrentados. Nesses eventos houve a presença de pessoas de outras religiões ou sem religião, além de militantes de partidos políticos ou movimentos sociais, não necessariamente vinculados à Igreja Católica. Demonstrou-se, dessa forma, que mesmo desenvolvidos na esfera religiosa, o profano foi o elemento central que aglutinou tal diversidade de pessoas em torno desses rituais, compartilhando dos mesmos ideais políticos contidos em seus símbolos.

Nesses eventos analisados não houve a presença de carismáticos do grupo de oração da igreja matriz, por motivos diversos: no caso da romaria da terra foi a distância; já na missa afro foi a não identificação com essa temática. Nesses dias era comum a participação do grupo de oração em eventos da RCC em outras paróquias.

O padre Dirceu não poupou críticas ao golpe de 2016 que impôs a saída da presidente Dilma. Seja em suas homilias durante as missas, seja nos rituais organizados por ele, especialmente na celebração Zumbi dos Palmares, o vigário tentou levar de várias formas os fieis refletirem sobre as motivações contidas nesse processo de afastamento da presidente petista, denunciando parte da mídia por seu envolvimento. Já o padre Altair, um pouco mais comedido, não manifestou claramente sua posição nas missas em que estive presente na igreja matriz.

No entanto, entre os leigos o assunto foi recebido de maneira diversificada. Enquanto alguns seguiam a postura crítica do padre Dirceu, outros faziam brincadeiras com o governo petista, ou demonstravam insegurança no voto a candidatos do PT em época de eleição. Houve também aqueles que não demonstraram interesse pelo assunto, importando-se mais com as atividades da paróquia.

Nos grupos de oração Anjos da Paz e Caminhando com Maria, a crítica ao governo Dilma, bem como o apoio ao seu afastamento foi demonstrado. Lideranças, assim como frequentadores, expressaram de várias maneiras tal posicionamento: nas redes sociais, publicamente ao microfone, em conversas informais, percebeu-se a atenção que a política recebeu nesses dois anos de pesquisa. Após o afastamento definitivo da presidente Dilma Rousseff, o ímpeto político pareceu arrefecer-se.

Nesses grupos de oração da RCC muitos problemas sociais foram destacados pelos participantes. As possibilidades de enfrentamento, no entanto, ocorreram a partir de elementos sagrados contidos em seus ritos: as orações, as novenas, a fé e o envolvimento nos grupos. Essas foram algumas formas de buscar as mudanças sociais consideradas necessárias. O afastamento de Dilma Rousseff da presidência, por exemplo, foi motivo de oração por um fiel carismático. Além dessas atividades religiosas frequentes nos dois grupos carismáticos, houve também o episódio da lavagem da bandeira do Brasil com água, seguida por intensas orações, inclusive em outras línguas. Demonstrou, dessa forma, a importância de práticas localizadas na esfera do sagrado no processo de intervenção da vida cotidiana e, portanto, profana.

Não obstante às divergências no campo político, no viés religioso houve tentativas do clero em aproximar esses dois setores na agenda da paróquia dos Migrantes, sobretudo na igreja matriz, onde há a presença do grupo carismático Anjos da Paz. A formação de seis grupos de reflexão recentemente é um exemplo disso.

Divididos em áreas específicas da paróquia, buscou alcançar a todos, independente do pertencimento a algum segmento específico do catolicismo.

A organização das Santas Missões Populares, principal projeto do arcebispo de Londrina é outro exemplo. Há considerável esforço na igreja matriz em colaborar com essa iniciativa de dom Orlando Brandes. Em um boletim da paróquia, o padre Altair escreveu sobre as Santas Missões: “vamos poder resgatar aquela animação que se perdeu com o passar do tempo, e ir até as casas das pessoas para fazer orações, conhecer melhor o nosso vizinho ou vizinha, que na maioria das vezes nem sabemos o nome, e quem dirá se estão precisando de nossa ajuda...”<sup>294</sup>. Já na capela Santa Helena, na área pastoral, não percebi nenhuma referência ao projeto. Foi dada mais atenção à romaria da terra, celebração das águas, celebração Zumbi dos Palmares, entre outros. Foi demonstrado dessa maneira que a adesão à Teologia da Libertação ocorreu de diferentes maneiras, como se pode notar na atuação desses dois sacerdotes católicos.

A RCC na Arquidiocese não se demonstrou alheia à política. Ao contrário, vem seguindo a tendência do movimento nacional, que nos últimos anos têm ampliado sua participação nesse campo, elegendo considerável número de candidatos ao legislativo em todo o país. Após eleitos, atuam em grande medida sob os interesses do movimento carismático e também da Igreja Católica, como demonstrou o vereador Douglas Carvalho na Câmara Municipal de Londrina.

A participação na política institucional permite, dessa maneira, estender o campo de atuação da Renovação concentrando-se em determinados temas polêmicos, como: aborto, composição familiar, o termo gênero no currículo escolar, entre outros. Quando debatidos pelo legislativo, conseguem atrair número expressivo de fiéis demonstrando seu posicionamento, além de pressionar parlamentares contrários a seus interesses. Já os demais assuntos que não são centrais para o movimento deixam de receber a mesma importância.

A política na RCC possui um viés partidário, embora não exista uma legenda que consiga aglutinar o movimento. Políticos da RCC espriam-se em diversos partidos, como: PHS, PSDB, PTB, PSC, PSB, PROS etc. Dessa forma, o período eleitoral é o momento em que a política se evidencia. O campo político recebe em grande medida um viés de conservação de práticas valorizadas pela Igreja Católica. A política se torna dessa maneira um componente importante em suas aspirações religiosas, respaldadas por

---

<sup>294</sup> Informativo Migrantes. Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, ano IV, n. XLVII, nov. 2015.

meio das orações e da fé. Ao Estado é incorporado o máximo possível da compreensão de mundo desenvolvida na esfera religiosa. Embora seja um espaço laico, a missão evangelizadora prevalece, sob o intuito de estender uma pauta específica à diversidade de grupos e interesses presentes na sociedade moderna.

Já nos eventos estudados sob o viés da Teologia da Libertação a política é compreendida como forma primeira de transformação social. A política partidária é valorizada e o período das eleições também ganha destaque. No entanto, é ressaltada a prática política do cotidiano, em que cada fiel deve se envolver. Não há uma vinculação direta entre a política e a vida religiosa, como percebido na RCC. No âmbito do legislativo, pode ocorrer até mesmo a defesa de ideias contrárias às propagadas por membros do clero, como visto no debate sobre gênero na Câmara Municipal de Londrina, em que a vereadora Lenir de Assis (PT) assumiu uma posição oposta aos interesses do clero naquela ocasião. Nesse segmento do catolicismo a política é vista como elemento principal onde os problemas sociais são enfrentados.

No campo partidário o PT continua sendo um meio de ligação a setores progressistas da Igreja Católica, semelhante à década de 1980, período de sua fundação. Há nos rituais alinhados à Teologia da Libertação católicos com filiação a esse partido, ou, que de certa forma compartilham dos mesmos objetivos. Esses eventos permitem que os problemas sociais sejam refletidos no âmbito do catolicismo, embora haja diversas formas de compreensão por parte dos fieis. Mesmo com novos partidos ganhando evidência no cenário político nacional, como o PSOL<sup>295</sup>, o PT continua a ser o partido que recebe a preferência de alguns católicos alinhados à Teologia da Libertação.

Já na Renovação Carismática os partidos políticos não ocupam um papel ideológico que contribua com a prática política. Ao contrário, são meios legais que concedem ao candidato carismático a possibilidade de ocupar uma cadeira nas instâncias do legislativo. Assim, com a legitimidade do voto, abrem-se caminhos para a defesa de seus valores, que se assemelham aos do movimento carismático, sem haver, contudo, algum tipo de identificação ideológica dos partidos políticos.

---

<sup>295</sup> Criado em 2005 por dissidentes do PT, o Partido Socialismo e Liberdade vem ganhando notoriedade na esquerda brasileira. Nas eleições de 2016 conseguiu eleger vereadores em todas as regiões do país, além de dois prefeitos no interior do Rio Grande do Norte. Jean Wyllys, Chico Alencar e Luiza Erundina, por exemplo, vêm se destacando na Câmara dos Deputados. Recentemente, a disputa em segundo turno no Rio de Janeiro, segunda maior cidade do Brasil, entre Marcelo Crivella (PRB) e Marcelo Freixo (PSOL), também contribuiu para colocar o partido em evidência, embora sem êxito nesse pleito.

Os leigos ocupam um importante papel em ambos os setores do catolicismo. Parte significativa das tarefas fica sob sua responsabilidade. Embora haja a presença de membros do clero nesses rituais, o leigo ganha proeminência. Em suas ações é possível perceber como a mensagem dos padres Altair e Dirceu, alinhados à Teologia da Libertação, chegam até eles. A escolha de qual rito participar demonstra isso. Há aqui três possibilidades: a) o fiel que adere aos eventos inspirados na Teologia da Libertação procura corresponder à mensagem presente em seus símbolos que busca, em última instância, a transformação social; b) o fiel que adere ao grupo de oração carismático como alternativa a essas práticas religiosas propostas por esses dois padres. Nesse caso, a transformação social não antecede a transformação do indivíduo; e c) o fiel que transita entre vários setores na paróquia, afinal, tudo o que é de Deus é bom (THEIJE, 2002).

Ao analisar alguns rituais ligados à Renovação Carismática e à Teologia da Libertação, ambos percebidos como antiestrutura do catolicismo, foi possível compreender como nesses momentos em que fieis ocupam papéis transitórios, fora das posições fixas encontradas em sua estrutura, como a dimensão política se revela. Nesse caso, a ruptura é maior nos rituais ligados à Teologia da Libertação, visto que na RCC há o reforço dos santos oficiais, da hierarquia e dos interesses da Igreja Católica.

A abordagem da prática, conforme compreendida por Sherry Ortner, lança luz às ações dos indivíduos estudados nesta pesquisa. Ao definir em qual ritual participar esses fieis conduzem suas escolhas apesar da presença de elementos coercitivos presentes na estrutura, buscando conciliar seus interesses subjetivos com aqueles presentes no cotidiano da paróquia. Nesse ínterim, a dimensão política e, portanto, profana, se manifesta tornando um importante elemento de distinção desses dois setores católicos.

Na paróquia dos Migrantes a missa semanal é o espaço onde abriga fieis desses dois segmentos do catolicismo, muitas vezes desenvolvendo atividades conjuntas em alguma programação especial. Entretanto, nos eventos formulados por cada um deles ocorre significativa separação dos fieis, sendo a dimensão política o elemento central nesse processo de construção de práticas religiosas distintas.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Liturgia como prática dos pés. A Romaria da Terra no Paraná: reapropriação de ritos litúrgicos na busca e libertação dos espaços da vida. *Estudos teológicos*, São Leopoldo, ano 42, n. 3, 2002. p. 52 - 69.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de. *A Morada do Vale: sociabilidade e representações; um estudo sobre as famílias do Heimtal*. Londrina: EDUEL, 1997.

\_\_\_\_\_. *Memória e identidade da população afro-brasileira em Londrina-PR*. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. 28 a 31 de julho de 2009. Rio de Janeiro. p. 1-16.

ALMEIDA, Antônio Alves de. A mística na luta pela terra. *Revista NERA*, ano 8, n. 7, jul./dez. 2005. p. 22-34.

ALMEIDA, Idalto José de. *Presença negra em Londrina: história da caminhada de um povo*. Londrina: Atrito Art, 2004.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. *História & Ensino*. Londrina, n. 01, 1995, p. 69 - 82.

AZEVEDO, Thales de. *Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia*. São Paulo: Ática, 1978.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Chuva de papéis: ritos e símbolos de companhias eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja na crise final do Império (1875-1888). In: BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja no Brasil – Segunda Época – Século XIX*. Tomo II/2. 3 ed. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1992. p. 255-307.

BOFF, Clodovis. Carismáticos e libertadores na Igreja. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 60, n. 237, 2000, p. 36-53.

BORGES, Antonádia Monteiro. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11 ed. Campinas: Papyrus, 2011.

BRAGA, Antônio Mendes Costa. A subida do horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 15, n. 25, p. 197-214, jan./jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Entre o Piauí e São Paulo: dádiva, ser parente e reciprocidade entre migrantes do sudoeste piauiense, Brasil. In: *Processos migratórios no Estado de São Paulo*.

BAENINGER, Rosana; DEDECCA, Claudio (org.). Campinas: Núcleo de Estudos de População – NEPO/Unicamp, 2013. p. 309 - 324.

BROWN, Peter. *The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000, p. 1-18.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. 1998a. 260 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

\_\_\_\_\_. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. In: ANJOS, Márcio Fabri dos (Org.). *Sob o fogo do espírito*. São Paulo: Paulinas, 1998b.

CHAVES, Christine de Alencar. *A marcha nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CIOCCARI, Deysi. A queda: os últimos meses de Dilma Rousseff pelas páginas do jornal Folha de S. Paulo. *Revista Alterjor*. Ano 07, v. 02, edição 14, São Paulo, jul./dez. 2016.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAWSEY, John. Sismologia da performance: ritual, drama e *play* na teoria antropológica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2007, v. 50, n<sup>o</sup> 2, p. 527-570.

\_\_\_\_\_. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de campo*. n. 13, 2005. p. 163-176.

DORES, Júlia Luciana Pereira das. *Exclusão Social, Políticas Públicas e Representações Sociais na cidade de Londrina – PR: um olhar sobre o Assentamento Urbano Jardim Maracanã*. 2005. 211 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia – FCT/UNESP, Presidente Prudente.

DROGUS, Carol Ann. Reconstructing the Feminine: Women in São Paulo's CEBs. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 71, p. 63-74, jul./set. 1990.

DUARTE, Tatiane dos Santos. A participação da Frente Parlamentar Evangélica no legislativo brasileiro: ação política e (in)vocação religiosa. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 14, n. 17, p.53-76, jul./dez. 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAGA, Nilson Cesar; LUDKA, Vanessa Maria. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. Anais XII Coloquio Internacional de Geocrítica. Bogotá, 2012.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado liberal. In: BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja no Brasil – Segunda Época – Século XIX*. Tomo II/2. 3 ed. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1992. p. 141-253.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 2003, v. 46, n. 2. p. 445-476.

GONÇALVES, Rafael Bruno. A candidatura de pastor Everaldo nas eleições presidenciais de 2014 e as metamorfoses do discurso político evangélico. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 16, n. 27, p. 323-348, jan./jun. 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. *Rever (eletr.)*, nº 2, 2005, São Paulo, p. 87-107.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 14: p. 173-194, jun. 2000.

LANZA, Fabio [et al]. *Yá Mukumby: a vida de Vilma Santos de Oliveira*. 2 ed. Londrina: UEL, 2013.

LAZZARIN, Katiúscia Maria. Lendo o Contestado: discurso e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado (1915-1960). *Esboços*, v. 11, n. 12, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MACAGNO, Lorenzo. Islã, transe e liminaridade. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2007, v. 50, nº 1, p. 85 - 123.

MACEDO, Carmen Cinira. *Tempo de gênese: o povo das Comunidades Eclesiais de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado. *Topoi*, v. 12, n. 22, 2011, p. 178-186.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 44, mar. 1996, p. 24-44.

MARIZ, Cecília L. Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da igreja? *Civitas*, v. 3, nº 1, Porto Alegre, jun. 2003, p. 169-186.

MARTINS, Andrea Damacena. *Experiências religiosas – um estudo sobre mística e autonomia nos discursos e práticas de católicos da libertação e católicos carismáticos*. 2004. 249 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Bailando como Senhor: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2003, v. 46, nº 1, p. 9 - 40.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDINA, C. A. de; OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Autoridade e participação*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: CERIS, 1973.

MENEZES, Celso Vianna Bezerra de. *Religiões e práticas religiosas na região do Contestado (SC): os herdeiros de um mundo reencantado*. 2009. 123 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MONTERO, Paula. Magia, racionalidade e sujeitos políticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 26, ano 9, out. 1994. p. 72-90.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social: introdução às suas técnicas*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro [et al]. *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica, interpretações teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (orgs.). *Conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 19-44.

\_\_\_\_\_. Teoria na Antropologia desde os anos 60. *Mana*, 17(2), 2011, p. 419-466.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito: ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos*. Revista de Antropologia Social. v. 7, n. 2, p. 9-16, 2006.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRANDI, Reginaldo. Perto da magia, longe da política: derivações do encantamento no mundo desencantado. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 34, nov. 1992, p. 81-91.

\_\_\_\_\_. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. *Perto da religião, perto da política: a participação do catolicismo carismático através da instituição, candidaturas e mídia nas eleições de 2010*. 2014. 233 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). UFJF. Juiz de Fora.

REIS, Marcos Vinícius de Freitas. *Política e religião: participação política dos católicos carismáticos do Brasil*. 2016. 174 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Educação e Ciências Humanas. UFSCar. São Carlos.

SANCHIS, Pierre. Culto e cultura, liturgia e afirmação étnica: a vivência da “missa afro” no Brasil. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Fieis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 147-180.

\_\_\_\_\_. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciências Sociais e religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. 2006.

SANTOS FILHO, Gabriel dos. *O catolicismo brasileiro e a construção de identidades negras na contemporaneidade: um olhar socioantropológico sobre a Pastoral Afro-Brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2012.

SERBIN, Kenneth P. Dom Hélder Câmara: o pai do catolicismo progressista brasileiro. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 93, fev. 2009.

SILVA, Maria Nilza da. O lugar da população negra numa cidade brasileira: Londrina espaço de segregação e resistência. VI Congresso Português de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa. Junho de 2008a. p. 1-8.

\_\_\_\_\_. O negro em Londrina: da presença pioneira negada à fragilidade das ações afirmativas na UEL. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 82, mar. 2008b.

SILVEIRA, Emerson Jose Sena da. Terços, “Santinhos” e Versículos: a relação entre Católicos Carismáticos e a Política. *Rever*, São Paulo, v. 8, p. 54-74, mar. 2008.

SOFIATI, Flávio Munhoz. O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação. *Tempo Social, revista de Sociologia da USP*, v.25, n. 1, junho/2013, p. 215-234.

\_\_\_\_\_. Religião e juventude: os novos carismáticos. Aparecida: Ideias & Letras; São Paulo: Fapesp, 2011.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As CEBs vão bem, obrigado. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*. v. 60, n. 237, p. 55-110, 2000.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismos e memória no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 9-30, junho 2004.

\_\_\_\_\_. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes; CID, 1996.

THEIJE, Marjo de. *Tudo o que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: FNIJ; Massangana, 2002.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

TOURAINÉ, Alain. *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

\_\_\_\_\_. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *The anthropology of performance*. New York: PAI Publication, 1986.

VALCARENGHI, Alexandre Roberto. A dimensão geográfica das romarias da terra do Paraná. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Unioeste, Francisco Beltrão.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. *O negro e a Igreja Católica: o espaço concedido, um espaço reivindicado*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1994.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica: algumas observações. *Estudos Avançados*, 18 (52), 2004.

VILLALOBOS, Jorge Ulises Guerra; ROSSATO, Geovanio. A Comissão Pastoral da Terra (CPT): notas da sua atuação no estado do Paraná. *Boletim de Geografia*, Maringá, v. 14, nº 01, p. 19-32, 1996.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 2. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

### **Sites consultados:**

[www.arqlondrina.com.br](http://www.arqlondrina.com.br). Acesso em: 28 fev. 2014.

[www.catolicas.org.br](http://www.catolicas.org.br). Acesso em: 14 dez. 2015.

[www.cml.pr.gov.br](http://www.cml.pr.gov.br). Acesso em: 10 ago. 2015.

[www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br). Acesso em: 28 fev. 2014.

[www.londrina.pr.gov.br](http://www.londrina.pr.gov.br). Acesso em: 10 ago. 2015.

[www.rccbrasil.org.br](http://www.rccbrasil.org.br). Acesso em: 15 maio 2015.

<http://agnusdei.50webs.com/oprcc0.htm>. Acesso em: 18 nov. 2015. Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. CNBB. 27/11/1994.

### **Entrevistas com roteiro semiestruturado:**

Altair Manieri. 27 maio 2015. Entrevista realizada na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Cambé-PR.

Dirceu Luiz Fumagalli. 26 jan. 2016. Entrevista realizada na capela Santa Helena.

Douglas Carvalho Pereira. 17 ago. 2015. Entrevista realizada em seu gabinete na Câmara Municipal de Londrina.

Jéssica Elizabeth Gonçalves Pieri. 23 jan. 2015. Entrevista realizada no Colégio Barão do Rio Branco – Londrina-PR.

J. I. O. 07 fev. 2016. Entrevista realizada na paróquia Nossa Senhora dos Migrantes. Cambé-PR.

K. G. 13 jun. 2015. Entrevista realizada na paróquia Sagrado Coração de Jesus (Catedral Metropolitana de Londrina).

**Documentos:**

*Informativo Migrantes*. Paróquia Nossa Senhora dos Migrantes, ano IV, nº XLVII, nov. 2015.

*Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Documentos da CNBB. nº 53. Paulinas: São Paulo, 2013.

## APÊNDICE

### História da Romaria da Terra do Paraná.

Romaria da Terra do Paraná	Cidade	Ano	Lema
1ª	Guaíra	1985	Do Senhor é a terra e tudo que nela existe.
2ª	Laranjeiras do Sul	1986	E Deus acampou entre os pobres da terra.
3ª	Lapa	1987	Pequenos unidos, cidadãos da terra e do reino.
4ª	São João do Ivaí	1988	O clamor dos assalariados penetra até os ouvidos de Deus.
5ª	Medianeira	1989	Terra partilhada, terra produtiva, povo organizado, povo libertado.
6ª	Coronel Vivida	1990	Meu povo habitará a terra, plantará e comerá seus frutos.
7ª	Ibema	1991	500 anos lutando pela terra e resistindo pela vida.
8ª	Florestópolis	1992	Terra e trabalho, direito de todos, conquista-los é um dever.
9ª	Pinhão	1994	Tomem posse da terra e habitem nela.
10ª	Três Barras do Paraná	1995	Águas para vida e não para morte.
11ª	Janiópolis	1996	Nos campos do Senhor gritam por justiça e valor.
12ª	Rio Bonito do Iguçu	1997	Libertar a terra, promover a vida.
13ª	Paranacity	1998	Terra libertada, fruto partilhado, povo feliz.
14ª	Rebouças	1999	Produzir o alimento sagrado e viver em comunhão.
15ª	Curitiba	2000	Promover a vida no campo sem dívidas.
16ª	São Jerônimo da Serra	2001	Terra livre, água corrente, trazem vida pra gente.
17ª	Palmeira	2002	Resistindo e semeando, a vida recriando.
18ª	Guaíra	2003	Bendita água que gera a luta do povo por terra.
19ª	Cruz Machado	2004	Creio na semente, promessa de Deus, patrimônio da gente.
20ª	São Pedro do Ivaí	2005	Ai dos que profanam a terra. Felizes os que cultivam a vida.
21ª	Tamarana	2006	Sem fome e opressão. A aliança com os pobres é libertação.
22ª	Francisco Beltrão	2007	Na luta da terra fazemos mudanças. Conosco caminha o Deus da aliança.

23 <sup>a</sup>	Querência do Norte	2008	Rompendo as cercas da opressão, por justiça, terra e pão.
24 <sup>a</sup>	Marilândia do Sul	2009	Direito a alimentação saudável.
25 <sup>a</sup>	Adrianópolis	2010	Quilombo: resistência de um povo, território de vida.
26 <sup>a</sup>	Mandirituba	2012	Diversidade camponesa cuida da terra, promove a vida.
27 <sup>a</sup>	Faxinal	2013	“Juventude do campo: exige mudança, justiça, direito e semeia a esperança.
28 <sup>a</sup>	Congonhinhas	2014	Às sombras dos eucaliptos choramos a saudade dos tempos de fartura.
29 <sup>a</sup> (23 <sup>a</sup> Romaria da Terra e da Água de SC).	Timbó Grande - SC	2015	Redutos de resistência, esperança e encantamento da vida.